



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Percepção de Clientes sobre Terapia Familiar com Equipe Reflexiva

Amanda Guedes Bueno

Brasília/DF – Agosto/2018



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Percepção de Clientes sobre Terapia Familiar com Equipe Reflexiva

Amanda Guedes Bueno

Orientadora: Profa. Dra. Isabela Machado da Silva

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília

Brasília/DF – Agosto/2018

Terapia Familiar com Equipe Reflexiva

Banca Examinadora

Presidente:

Profa. Dra. Isabela Machado da Silva

PPGpsiCC/IP/UnB

Membros:

Prof. Dr. Emerson F. Rasesa

Universidade Federal de Uberlândia

Profa. Dra. Silvia. R. M. Lordello Borba Santos

Universidade de Brasília

Suplente:

Prof. Dr. Wladimir Porreca

Universidade de Brasília

Agradecimentos

Eu gostaria de agradecer a todos aqueles que de alguma maneira, de forma direta ou indireta, contribuíram para o desenvolvimento e a conclusão deste projeto de dois anos, que foi o mestrado. Agradeço à todo o Grupo de Supervisão e Atendimento em Terapia Familiar Sistêmica, do qual faço parte, por terem me ajudado e apoiado. Especificamente, à Izabella, Larissa, Letícia e Hortência pelo carinho, e à Isadora por toda a dedicação e trabalho.

Agradeço a todos os professores e supervisores que me inspiraram de diferentes formas e em diferentes estágios da minha vida. À professora Tarsiana por me ensinar a amar a leitura e a escrita, ao professor Áderson por me apresentar e ensinar a pesquisar, ao meu supervisor Antônio por me ensinar, toda semana, um pouco mais sobre o atendimento clínico e à dedicação à nossa profissão. Principalmente, agradeço à professora Isabela, que mais que minha orientadora, se tornou um modelo de pessoa e profissional na qual desejo me espelhar.

Quero agradecer a todas as minhas amigas que estiveram ao meu lado durante esse período. Amigas essas que entraram no meu coração ainda no ensino fundamental, no ensino médio e até na graduação. Especificamente, gostaria de agradecer à minha melhor amiga e irmã de alma: sem você eu não teria conseguido.

Agradeço à minha família por ter torcido por mim. À minha avó Virgínia por sempre me amar e estar presente, à minha avó Elisabeth por ser um modelo de mulher profissional e avó amorosa e ao meu avô Rubens pelo carinho demonstrado de forma tranquila e calada, sendo sempre um exemplo na minha vida. Principalmente, agradeço aos meus pais por terem me suportado, amado, apoiado e exigido. Tudo o que eu sou e serei e tudo que eu conquistei e conquistarei é devido a vocês.

Também gostaria de agradecer àqueles que, por diferentes motivos, não puderam estar presentes e compartilhar esse momento. Todos vocês, de alguma forma, contribuíram para a

pessoa que eu sou hoje. Especialmente, à minha bisa Maria Tereza, sempre me mostrando a graça e o riso da vida e ao meu avô Francisco, quem me presenteou com um amor de vidas passadas.

Por fim, agradeço a todas as famílias participantes desse projeto por sua disponibilidade, coragem e disposição. Obrigada por nos permitir aprender com base em suas experiências e vivências.

“Se cheguei até aqui foi porque me apoiei no ombro dos gigantes” (Isaac Newton).

Resumo

Por meio de um estudo de casos múltiplos, buscou-se descrever o uso de equipe reflexiva em terapia familiar. Os membros de três famílias que se encontram em atendimento familiar com equipe reflexiva, em um serviço-escola localizado em Brasília, responderam a entrevistas individuais. Procedeu-se a uma análise temática e construíram-se quatro temas. (1) *Compreensão sobre o funcionamento da equipe reflexiva*: Os participantes destacaram a divisão da sessão em três momentos, tal como exposto na literatura: conversação entre terapeutas e clientes, intervenção da equipe e reflexão sobre a intervenção. (2) *Processo Terapêutico com equipe reflexiva*: As expectativas e o contato inicial dos familiares com a equipe foram negativos. No entanto, essas percepções sofreram modificações ao longo das sessões, o que parece sugerir que uma aliança foi desenvolvida não apenas com os coterapeutas, mas também com a equipe. O cuidado dos membros na forma de se expressar, sua empatia e o desenvolvimento de um contexto terapêutico percebido como seguro são fatores que se mostraram favorecedores da aliança terapêutica. Por outro lado, a pouca idade dos membros da equipe e o número de pessoas na sala surgiram como desafios a serem superados. (3) *Contribuições do uso da equipe reflexiva*: Os participantes relacionaram a contribuição da equipe à multiplicidade de perspectivas oferecidas. (4) *Desafios no uso da equipe reflexiva e sugestões para sua superação*: Entre os desafios específicos do uso da equipe, citaram-se as expectativas e o contato inicial, bem como o tempo escasso para as intervenções da equipe e a apresentação de reflexões consideradas inadequadas. Discutiu-se como fases centrífugas do ciclo de vida familiar e o tempo em terapia podem contribuir para o desenvolvimento da aliança terapêutica. Por fim, destaca-se a necessidade de flexibilização do uso da equipe diante da complexidade das questões que trazem as famílias à terapia.

Palavras-chave: equipe reflexiva, processos reflexivos, processo terapêutico, aliança terapêutica

Abstract

Through a case study, we sought to describe the use of reflective team in family therapy. The members of three families that were in family therapy with reflective team, in a university clinic located in Brasília, responded to individual interviews. We conducted a thematic analysis and built four themes. (1) *Understanding about the functioning of reflective team*: participants noted the division of the sessions in three moments, as presented in the literature: conversation between therapists and clients, team intervention and reflection about the intervention. (2) *Therapeutic Process with reflective team*: expectations and initial contact with the team were perceived as negative. However, these perceptions have been transformed over the course of the sessions, which seems to suggest that an alliance was developed not only with the cotherapists but also with the team. A care of the members of the team for how they express their thoughts, their perceived empathy and the development of a therapeutic context perceived as safe are factors that have favored the therapeutic alliance. On the other hand, the young age of team members and the number of people in session have emerged as challenges to be overcome. (3) *Contributions of the use of reflective team*: the participants related the contribution of the team to the multiplicity of perspectives offered. (4) *Challenges in the use of reflective team and suggestions for their overcoming*: among the challenges specific to the use of the team, participants have cited the expectations and the initial contact, as well as the scarce time for the interventions of the team and the presentation of thoughts considered inadequate. We discussed how centrifugal stages of the family life cycle and the time in therapy can contribute to the development of therapeutic alliance. Finally, we highlight the need for flexibility in the use of the team given the complexity of the issues that bring families to therapy.

Keywords: reflective team, reflexive processes, therapeutic process, therapeutic alliance

Sumário

Apresentação	1
Revisão da Literatura.....	4
A Terapia Familiar.....	4
O Trabalho em Equipe na Terapia Familiar	5
Os Processos Reflexivos de Tom Andersen	9
Estudos sobre o Uso da Equipe Reflexiva.....	13
A Aliança Terapêutica em Atendimentos de Família com Equipe Reflexiva	17
Justificativa.....	23
Objetivos.....	25
Objetivo Geral.....	25
Objetivos Específicos	25
Método.....	26
Participantes e Local de Realização do Estudo.....	26
Adequações do Método durante o Processo de Coleta de Dados	30
Análise de Dados	32
Considerações Éticas	33
Papel da Pesquisadora.....	34
Resultados.....	35
Eu como Pesquisadora	35
Caso 1 – Família Vieira	37
Compreensão sobre o Funcionamento da Equipe Reflexiva.....	37
Processo Terapêutico com Equipe Reflexiva.....	43
Contribuições do Uso da Equipe Reflexiva	56
Desafios no Uso da Equipe Reflexiva e Sugestões para sua Superação	64
Caso 2 – Família Fontes.....	76
Compreensão sobre o Funcionamento da Equipe Reflexiva.....	76
Processo Terapêutico com Equipe Reflexiva.....	79
Contribuições do Uso da Equipe Reflexiva	89
Desafios no Uso da Equipe Reflexiva e Sugestões para sua Superação	94
Caso 3 – Família Infante	97
Compreensão sobre o Funcionamento da Equipe Reflexiva.....	97
Processo Terapêutico com Equipe Reflexiva.....	101
Contribuições do Uso da Equipe Reflexiva	112

Desafios no Uso da Equipe Reflexiva e Sugestões para sua Superação	117
Discussão	130
Eu e a Discussão	130
Eu como pesquisadora.....	130
Impressões gerais sobre os casos	132
Compreensão sobre o Funcionamento da Equipe Reflexiva	136
Características do atendimento e da equipe	136
Dinâmica da terapia.....	137
Intervenção da equipe.....	141
Faltas e mudanças.....	144
Equipe reflexiva como um processo terapêutico.....	145
Processo Terapêutico com Equipe Reflexiva	146
Compreensão inicial do processo terapêutico	146
Percepção atual da equipe, seu uso e sua atuação	153
Aliança terapêutica.....	160
Contribuições do Uso da Equipe Reflexiva.....	174
Multiplicidade de olhares e percepções	174
Fala de conotação positiva	178
Função de suporte.....	180
Momentos de maior relevância	182
A equipe como uma nova forma de olhar para si e para a família.....	184
Desafios no Uso da Equipe Reflexiva e Sugestões para sua Superação.....	186
Dificuldades específicas da equipe	186
Dificuldades relacionadas ao atendimento familiar	193
Dificuldades relacionadas ao atendimento em serviço-escola	195
Sugestões.....	198
Considerações Finais	205
Referências	210
Anexo A.....	220
Anexo B.....	222

Apresentação

O trabalho em equipe em terapia familiar tem sido usado, cada vez mais, não apenas como técnica de intervenção, mas também como grupo de supervisão e como ferramenta de ensino. Como exemplo, podemos citar a supervisão em equipe, a coterapia e a equipe reflexiva. A supervisão pode ser definida como uma forma específica de treinamento, transmitindo conhecimentos, habilidades e atitudes. Ela implica no acompanhamento do trabalho do estagiário por um supervisor e outros estagiários ou profissionais. Esse é um processo relacional que permite não apenas o ensino de técnicas, mas também a compreensão e superação dos dilemas pessoais do próprio terapeuta (Anderson, Rigazio-DiGillio, & Kunkler, 1995; Vidal, 2006). Já a coterapia é a presença de dois terapeutas em atendimento de casal, família ou grupo. O trabalho em conjunto é capaz de oferecer mais recursos para o tratamento e reduz a carga de trabalho dos terapeutas. Assim, esse modelo vem sendo usado tanto como ferramenta de treinamento como modalidade de tratamento (Clark, Hinton, & Grames, 2015; Hendrix, Fournier & Briggs, 2001).

Outro exemplo desse tipo de trabalho, que vem adquirindo popularidade e visibilidade, é a equipe reflexiva utilizada por Tom Andersen (1991; Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Moran et al., 1995; Pender & Stinchfield, 2012). Nessa prática, enquanto o atendimento é conduzido pelos terapeutas, uma equipe o acompanha em silêncio, estando presente na própria sala de atendimento ou por meio de espelho unidirecional. Em dado momento, os terapeutas, ou a própria família, convidam a equipe a se manifestar. Espera-se que essa intervenção amplie a atuação dos terapeutas ao oferecer novos olhares acerca dos fenômenos ocorridos em sessão; e que os clientes, enquanto escutam a equipe, consigam perceber os problemas relatados de forma diferente – por escutá-los a partir de novas perspectivas.

Essa prática, segundo alguns autores (Andersen, 1991; Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Pender & Stinchfield, 2012), pode ser descrita como pós-moderna. Andersen (1991) afirma que suas ideias valorizam a linguagem e os relacionamentos na construção do conhecimento. O terapeuta, nesse caso, seria aquele que se baseia na compreensão de diversas pessoas – sua, dos clientes e da equipe – sobre a realidade. Assim, é possível considerar variados pontos de vista para a descrição do problema e para a construção das possibilidades de mudança (Andersen, 1991; Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Pender & Stinchfield, 2012).

Foi a partir da minha experiência clínica que desenvolvi o interesse por investigar como os clientes percebem o uso da equipe reflexiva no seu processo terapêutico. Eu, ainda aluna de graduação, ingressei no grupo de atendimento em terapia individual, conjugal e familiar sistêmica coordenado pela Profa. Dra. Isabela Machado da Silva, sendo esse meu primeiro estágio na área clínica. A equipe, desconhecida para mim até então – sendo que sequer me foi apresentada nas aulas de terapia conjugal e familiar – foi vista com grande estranhamento. Minha ideia de atendimento clínico, até aquele momento, constituía-se pela clássica terapia individual. Não apenas atender famílias, mas atendê-las em coterapia e com uma equipe presente na sala, foi considerado por mim como algo absurdo. Minha experiência no grupo, no entanto, me fez perceber as vantagens desse modelo, tanto para mim, como estudante, como para os clientes. Essa percepção, no entanto, era minha, nunca tendo questionado como as famílias percebiam isso. Assim, minha permanência no grupo de atendimento e supervisão, como psicóloga-voluntária, e o uso da equipe reflexiva em minha prática clínica me fizeram buscar a academia em busca de “respostas”.

O presente trabalho está dividido em capítulos. O primeiro apresentará uma revisão da literatura sobre o tema, abordando questões como o desenvolvimento da terapia familiar e sua aplicação no Brasil; usos da equipe na terapia familiar; os processos reflexivos de Tom Andersen; estudos sobre a equipe reflexiva e o desenvolvimento e manutenção da aliança

terapêutica nesse modelo de atendimento. O segundo capítulo apresentará as justificativas acadêmicas e sociais do trabalho, bem como seus objetivos gerais e específicos. O capítulo sobre o método descreverá os participantes e o local de realização do estudo; seu delineamento e procedimentos; os procedimentos de análise de dados; as considerações éticas; e, por fim, falarei sobre meu papel como pesquisadora neste trabalho. No capítulo sobre os resultados, farei um breve relato da minha experiência durante a coleta de dados e serão apresentadas e descritas as três famílias participantes da pesquisa. Os dados de cada uma delas serão apresentados em quatro temas: (a) compreensão sobre o funcionamento da equipe reflexiva; (b) processo terapêutico com equipe reflexiva; (c) contribuições do uso da equipe reflexiva e (d) desafios no uso da equipe reflexiva e sugestões para sua superação. No capítulo seguinte, serão apresentados e desenvolvidos os quatro temas citados e seus subtemas, além do quinto tema: eu e a discussão. Por fim, nas considerações finais, os principais resultados serão revistos, descreverei as contribuições deste trabalho para meu desenvolvimento pessoal e profissional, além de pontuar suas limitações e sugerir possíveis estudos futuros.

Revisão da Literatura

A Terapia Familiar

A terapia familiar, prática desenvolvida com a participação de profissionais de diversas áreas de conhecimento, tais como antropólogos, psiquiatras e especialistas em comunicação, despontou nos anos 1950 em locais como Estados Unidos e Milão, na Itália. Sua chegada ao Brasil ocorreu apenas nos anos 1970. Essa prática originou-se com a inclusão de famílias nos tratamentos de populações clínicas que não pareciam se beneficiar com terapias convencionais, como clientes psicóticos e adolescentes ditos “delinquentes”. Dessa forma, o indivíduo passou a ser compreendido por suas relações e contextos, em uma base inter-relacional (Grandesso, 2008; Prati, 2009).

No seu início, os pressupostos epistemológicos da terapia familiar baseavam-se nos pressupostos modernos de uma ciência empirista: a simplicidade, a objetividade e a estabilidade. Esse período, hoje definido como Cibernética de Primeira Ordem, influenciou a prática e a postura do terapeuta em atendimento. O pensamento moderno propunha que a realidade externa é universal, podendo ser acessada e representada de forma objetiva e única. Com base nisso, o terapeuta seria capaz de acessar essa realidade única, buscando a funcionalidade dos sintomas e intervindo ativamente na família. Neutro e objetivo, ele é considerado um observador externo, não influenciável, um especialista capaz de definir e intervir nos problemas do cliente (Grandesso, 2008; Prati, 2009; Vasconcellos, 2012).

Posteriormente, o questionamento dessa postura neutra e objetiva relacionou-se ao desenvolvimento de outra fase da terapia familiar: a Cibernética de Segunda Ordem. Essa fase caracteriza-se por um processo de reavaliação das práticas adotadas, seguindo um movimento das ciências em geral, o pós-modernismo. A realidade aqui apresentada é múltipla, cada pessoa, norteadas por suas experiências e individualidade, constrói formas diferentes de acessá-la. A prática terapêutica passa a valorizar a linguagem e o significado, destacando as diversas

perspectivas existentes além da apresentada pelo terapeuta. O profissional não é mais considerado especialista e o atendimento passa a ser colaborativo, baseando-se em um diálogo terapeuta-clientes que permite a co-construção e o desenvolvimento de novas realidades (Grandesso, 2008; Prati, 2009; Vasconcellos, 2012).

No Brasil, a configuração teórica da terapia familiar assume certas especificidades. Prati (2009), em estudo sobre o tema, identificou a utilização de uma abordagem integrativa e adaptativa pelos terapeutas nacionais. Segundo ela, eles desenvolvem sua própria atuação considerando diferentes modelos terapêuticos como possíveis recursos a serem utilizados, quando necessário. De forma geral, no entanto, ela percebeu que os conceitos de escolas mais tradicionais permanecem orientando suas construções de hipóteses e que conceitos pós-modernos definem suas posturas em atendimento. Assim, a diversidade teórica, a flexibilidade e o foco maior nas técnicas do que nas teorias para o sucesso terapêutico acabam por caracterizar a terapia familiar brasileira.

O Trabalho em Equipe na Terapia Familiar

O trabalho em equipe é uma característica essencial da terapia familiar. Ele tem sido usado, cada vez mais, não apenas como técnica de intervenção, mas também como grupo de supervisão e como ferramenta de ensino (Brown, 1992; Clarke & Rowan, 2009; Nichols & Schwartz, 1995/1998; Willott, Hatton, & Oyeboode, 2012). Segundo Nichols e Schwartz (1995/1998), o uso de grupos, seja de coterapia ou de uma equipe de observadores, faz-se importante em um contexto familiar, caracterizado por diversas e complexas interações, no qual pode haver tentativas de alianças e coalisões com o terapeuta. Um dos traços mais marcantes do trabalho em equipe, segundo Brown (1992), é a mistura de características de intervenção terapêutica e de supervisão em grupo. Geralmente, envolve a presença de um supervisor e um grupo, que assistem e debatem uma sessão atrás do espelho unidirecional, e um terapeuta e uma família, que permanecem do outro lado do espelho, em atendimento.

Diversos são os modelos de terapia familiar que utilizam o trabalho em equipe. Segundo Clarke e Rowan (2009), as escolas tradicionais são caracterizadas pelo uso de equipes focadas em técnica e em pressupostos modernos, no qual o terapeuta é considerado o especialista. Como exemplo, pode-se citar o uso de equipes para treinamento em terapia pela escola estrutural e para observação e intervenção nas escolas estratégica e de Milão. Por outro lado, modelos descritos como mais recentes, influenciados pelo pós-modernismo, têm equipes marcadas pela colaboração e pela busca de uma relação terapeuta-cliente não hierárquica, como é o caso da equipe proposta por Tom Andersen (Nichols & Schwartz, 1995/1998).

O uso da supervisão ao vivo como método de formação é característico da escola estrutural de Minuchin. O treinamento de um profissional em psicoterapia, para Minuchin e Fishman (2004), deve contar com o uso de espelho unidirecional e a presença de um grupo, de cinco a oito aspirantes, a cargo de um supervisor. A formação, segundo eles, é composta por duas fases: observação e prática. Na primeira, o supervisor, em sessão ao vivo, ensina seu estilo terapêutico, enquanto a equipe observa por trás do espelho. Mediante a observação dos chamados especialistas, seus membros são movidos a examinar sua própria prática. A segunda fase de formação consiste na supervisão ao vivo de sessões de terapia conduzidas pelos alunos. Agora, o supervisor e o grupo, atrás do espelho, observam e discutem o colega que está trabalhando com a família. A qualquer momento a sessão pode ser interrompida por necessidade de intervenção do supervisor, seja por telefone ou presencialmente. À medida que o terapeuta ganha perícia, as formas mais diretas de intervenção reduzem até que ocorram apenas antes e após o atendimento. A ideia, segundo os autores, é que a observação possibilite que os alunos possam acompanhar várias famílias, inteirando-se das dificuldades e soluções de seus colegas.

A escola estratégica é considerada a pioneira na abordagem de equipe à psicoterapia, tendo o Projeto de Terapia Breve (*The Brief Therapy Project*) do Ackerman Institute a colocado diretamente envolvida no processo terapêutico (Brown, 1992; Nichols & Schwartz, 1995/1998;

Papp, 1980). Segundo Papp (1980), um grupo de profissionais era utilizado como um coro grego, ressaltando as intervenções do terapeuta. As mensagens da equipe eram utilizadas para apoiar, confrontar, confundir e provocar a família, sem a necessidade de que o terapeuta concordasse ou não com o que era expresso. Seus integrantes eram descritos como *experts*, com o intuito de investi-los de autoridade perante os clientes. Geralmente, eles permaneciam em outra sala, observando atrás do espelho unidirecional, enquanto a sessão transcorria normalmente. A qualquer momento, o grupo ou o próprio terapeuta poderiam interromper o atendimento para este se consultar com seus integrantes em outra sala. Em seguida, o profissional deveria retornar com um comunicado escrito pela equipe para lê-lo e entregá-lo à família, encerrando o atendimento sem qualquer discussão sobre o tema (Brown, 1992).

Outro exemplo desse trabalho em terapia familiar é o do Grupo de Milão. Da mesma forma que a estratégica, essa escola não desenvolvia as discussões entre equipe e terapeuta em frente à família, utilizava o espelho unidirecional e dava liberdade para que seus integrantes interrompessem o atendimento quando considerassem necessário (Guimarães, 2006; Nichols & Schwartz, 1995/1998; Relvas, 1996). A equipe de Milão, no entanto, diferencia-se em objetivo e funcionamento.

Especificamente, essa equipe é usada como recurso dos coterapeutas, que buscam sua perspectiva e conselho para desenvolver uma intervenção final. A ideia é que eles interajam de forma não hierárquica e busquem um consenso. O papel do terapeuta, aqui, é transmitir o que foi discutido para a família, agindo como uma extensão do grupo perante ela. Outra diferença é a quantidade de vezes que o terapeuta e a equipe se reúnem para falar sobre o caso. Além do encontro durante o atendimento, essa equipe se caracteriza por discussões antes e após a sessão, respectivamente, para formular hipóteses e para analisar os efeitos da intervenção e planejar a sessão subsequente (Guimarães, 2006; Nichols & Schwartz, 1995/1998; Relvas, 1996).

Princípios fundamentais para a condução desses atendimentos foram elaborados por Selvini, Boscolo, Cecchin e Prata (1980): hipotetização, circularidade e neutralidade. Segundo Guimarães (2006), a formulação de hipóteses sistêmicas é crucial para o início e o desenvolvimento de todo o processo. Elas estabelecem um ponto de partida para a investigação dos terapeutas sobre a família, não possuindo valor de verdade. A circularidade permite que o terapeuta seja capaz de pontuar as questões e os recursos dos clientes, já que o questionamento circular caracteriza-se por cada familiar ser convidado a dizer como vê a relação entre outros dois, na sua presença. A neutralidade, por sua vez, baseia-se no entendimento de que a eficácia do terapeuta está relacionada à sua capacidade de se manter objetivo. Isso permite que ele mantenha uma posição hierarquicamente superior aos clientes, sem implicações autoritárias¹ (Guimarães, 2006; Relvas, 1996; Selvini et al., 1980).

Assim como as escolas tradicionais citadas, o uso de trabalho em equipe também pode ser observado em modelos de atendimentos descritos como pós-modernos. Tom Andersen, por exemplo, desenvolveu os Processos Reflexivos, baseado no trabalho do Grupo de Milão e do *Ackerman Institute* (Andersen, 1987, 1991). A equipe reflexiva se diferencia, no entanto, ao permitir que a família assista diretamente às discussões e desacordos de seus integrantes sobre o atendimento. Essas discussões são espontâneas e proporcionam múltiplas perspectivas sobre uma mesma questão, não tendo por objetivo testar hipóteses previamente definidas. Assim, opõe-se à ideia de que a realidade externa é universal e passível de apreensão e representação objetivas. Outra diferença é a oportunidade dada aos clientes de discutirem, ainda na sessão, as

¹ Boscolo e Bertrando (2005) assinalam que a neutralidade foi um dos mais criticados conceitos da Escola de Milão. Os autores destacam que o conceito, tal como proposto nos anos 1970, tornou-se inviável no contexto da Cibernética de Segunda Ordem, em que não seria mais possível falar em uma separação entre observador e observado, ou seja, em uma total objetividade. A partir dessa reformulação, a neutralidade suporia simplesmente a tentativa de não privilegiar uma visão sobre as demais, de forma que, para evitar uma compreensão equivocada do conceito, os autores sugerem que se fale em uma postura de curiosidade do terapeuta ou em uma tendência à neutralidade.

reflexões elaboradas pela equipe. A terapia, nesse caso, é um processo de colaboração entre terapeutas-família-equipe, no qual os familiares são fundamentais para a descrição do problema e a construção das possibilidades de mudança (Andersen, 1987; Brown, 1992; Brownlee, Vis, & McKenna, 2009; Clarke & Rowan, 2009; Fiorini, Guisso, & Crepaldi, 2017; Mitchell, Rhodes, Wallis, & Wilson, 2014; Pender & Stinchfield, 2012; Relvas, 1996; Silva, n.d.).

Os Processos Reflexivos de Tom Andersen

Os Processos Reflexivos foram desenvolvido por Tom Andersen e aplicados em um atendimento familiar pela primeira vez em 1985, na Noruega. Andersen (1991) acreditava que algumas famílias se mostravam “paralisadas” durante o processo terapêutico, ou seja, possuíam dificuldade para encontrar outras alternativas para mudar a situação na qual se encontravam. A partir dessa ideia, ele passou a questionar se seria útil a elas observarem a maneira como os terapeutas e a equipe – que, até então, acompanhava o atendimento via espelho unidirecional ou por meio de relatos dos terapeutas durante as supervisões – trabalhavam tentando encontrar contribuições e alternativas para o processo terapêutico.

Duas pessoas influenciaram o trabalho de Andersen (1987, 1991): Gregory Bateson e Humberto Maturana. Segundo ele, ambos afirmam que é a imagem que uma pessoa faz do mundo que será a base para sua atitude perante ele. Apesar de as pessoas experienciarem “o mesmo mundo”, cada um de nós irá desenvolver uma imagem diferente sobre ele. Isso destaca a ideia de que a descrição da realidade é múltipla e polivocal, em oposição a uma realidade universal e única. Dessa forma, qualquer descrição ou explicação é dependente do observador e cada um que descrever a mesma situação apresentará uma versão diferente. Cada versão será única, não havendo nenhuma descrição melhor do que a outra, sendo todas válidas.

A partir dessas ideias, Andersen (1991) desenvolveu a prática da Equipe Reflexiva. Nessa prática, enquanto o atendimento é conduzido pelos terapeutas, uma equipe o acompanha em silêncio, estando presente na própria sala ou por meio do espelho unidirecional. A equipe

se encontra, então, na chamada posição reflexiva, ou seja, observará e escutará a interação família-terapeutas. Isso possibilitará que ela fique atenta a suas percepções sobre o que ocorre no sistema, bem como levantar hipóteses que possam ajudar a ampliar as possibilidades de atuação dos terapeutas e da família. Em dado momento, as posições se invertem e os terapeutas e a família passam a ocupar a posição reflexiva, enquanto a equipe apresenta novas perguntas, descrições e entendimentos. Espera-se que, nesse momento, a família e os terapeutas possam refletir sobre os conteúdos que lhes são apresentados sem a obrigação de responder aos mesmos – o que lhes permitiria uma escuta mais livre (Andersen, 1991; Rasera & Japur, 2004).

Pode-se destacar a existência de dois sistemas nesse processo: o sistema entrevistador e a equipe reflexiva. O primeiro é composto pelo sistema paralisado – membros da família nuclear e/ou extensa – e os terapeutas. Já a equipe reflexiva é, geralmente, composta por três membros, podendo haver variações. Não há uma única maneira de organizar a equipe reflexiva. Existem vários formatos, dependendo do ambiente e das famílias. No entanto, existem duas formas mais comuns de como a equipe pode se apresentar: a equipe pode dividir a mesma sala que o sistema entrevistador ou seus membros podem se sentar por trás do espelho unidirecional. Neste caso, ou os dois grupos trocam de salas quando a equipe reflexiva falar ou, caso haja recursos – como microfones e alto-falantes em ambos os ambientes –, inverte-se a luz e o som durante as trocas (Andersen, 1991; Rasera & Japur, 2004).

De forma geral, essa prática pode ser dividida em três momentos específicos. O primeiro é aquele em que a equipe reflexiva está na posição de escuta. Os terapeutas conduzem a conversa com a família com total independência da equipe, sendo autônomos para decidirem o que e de que forma será abordado. Enquanto isso, a equipe estará escutando silenciosamente a conversa, sem fazer interrupções ou sugestões. Os membros não falam entre si, mas cada um deles reflete sobre suas próprias ideias e se questiona de uma forma inquisitiva sobre o que está sendo discutido à sua frente (Andersen, 1987, 1991; Rasera & Japur, 2004).

O segundo momento é aquele no qual o sistema entrevistador assume a posição de escuta. Essa troca de posições pode ocorrer de duas formas: os terapeutas ou a família podem requisitar as ideias da equipe reflexiva ou os membros da equipe podem comunicar que têm ideias a propor. Normalmente, ocorrem de uma a duas trocas por sessão; no entanto, a troca pode não acontecer ou ocorrer até quatro vezes. Também cabe destacar que, caso a equipe esteja na mesma sala onde se encontra o sistema paralisado, é necessário que os terapeutas anunciem a troca, avisando que seus membros irão iniciar a reflexão. Nesse momento, a equipe reflexiva conversa, entre si, sobre suas ideias e perguntas a respeito das questões verbais e não-verbais que surgiram durante o atendimento.

O que se busca são as diversas descrições e distinções geradas por um diálogo entre os membros; ou seja, busca-se uma multiplicidade de ideias, não um consenso fechado para orientar a família ou impor algum sentido específico. A equipe fala, entre cinco e dez minutos, olhando uns para os outros e não se dirigindo aos membros do sistema paralisado. Enquanto isso, os terapeutas têm a possibilidade de refletir sobre o que foi discutido até então, nunca interrompendo a discussão – a não ser em casos em que se identifique que as reflexões se tornaram insuportáveis para a família (Andersen, 1987, 1991; Rasesa & Japur, 2004).

O último momento é quando a equipe reflexiva volta à sua posição de escuta. Os terapeutas conversam entre si sobre as ideias que tiveram enquanto escutavam as reflexões e investigam com a família suas respectivas impressões e opiniões sobre o que foi dito.

Os Processos Reflexivos são baseados na colaboração entre a família e a equipe de profissionais, construindo novos significados a partir dessa relação. As conversas terapêuticas propostas a partir desse modelo promovem diálogos internos e externos. A posição de escuta permite que a equipe reflexiva esteja imersa em um diálogo interno. Os membros da equipe, nesse momento, podem construir os seus significados e sentidos diante das situações mencionadas durante a sessão. O mesmo ocorre quando a família e os terapeutas se encontram

na posição de escuta. O objetivo aqui é estimular a construção de novas descrições dos problemas a partir dessa troca de posições e de diálogos que estimulem diversos pontos de vista (Andersen, 1991; Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Grandesso, 2008; Rasera & Japur, 2004).

Dessa forma, fica claro como a apresentação de pontos de vista diversos faz a diferença em processos reflexivos. Contudo, a forma como esse conteúdo é apresentado possui igual importância. Andersen (1987, 1991) destaca que, apesar de não existirem muitas regras a serem seguidas pela equipe reflexiva, quatro delas são de grande importância: (a) a equipe reflexiva deve respeitar a necessidade de uma família de preservar sua integridade, sendo sensível a seus sinais, observando se as ideias discutidas são incomuns a ela a ponto de contribuírem para uma nova reflexão, mas não a ponto de agredi-la ou ser incompreensível; (b) a equipe deve trazer em suas reflexões certa incerteza e especulação, ou seja, a ideia é abrir novas possibilidades sobre as quais a família possa refletir e não impor um ponto de vista; (c) não se deve refletir sobre algo que pertença a outro contexto que não o do atual atendimento. É importante se referir às questões discutidas durante a sessão. Isso faz com que as colocações da equipe façam sentido para a família e estejam contextualizadas; e (d) não se deve interpretar negativamente os conteúdos ou comportamentos apresentados. A equipe reflexiva deve sempre ressaltar e estimular as potencialidades da família. Isso facilita a vinculação entre eles e evita que os membros da equipe sejam vistos como críticos ou juízes (Andersen, 1987, 1991; Moran et al., 1995).

Por fim, vale apontar que os Processos Reflexivos, segundo o próprio Andersen (1987, 1991), não devem ser considerados um método ou até mesmo uma abordagem, mas uma maneira de pensar. Segundo Rasera e Japur (2004), sua contribuição está mais relacionada ao processo psicoterápico, a uma forma específica de se intervir baseada em desenvolvimentos teóricos de vários outros autores. Essa forma de intervir e pensar em psicoterapia permite a construção de uma relação entre clientes e profissionais, não mais marcada por uma hierarquia

unidirecional, mas por uma relação de igualdade. O cliente passa a ser considerado o especialista de sua vida, enquanto o terapeuta deixa de assumir o papel daquele que controla o processo psicoterápico, sendo considerado apenas uma das partes do processo. O terapeuta cria um espaço de construção de novas ideias, baseando-se em uma atitude de curiosidade genuína sobre seus clientes, resultando em uma exploração conjunta e no codesenvolvimento de novas possibilidades para o sistema paralisado (Andersen, 1987, 1991; Anderson & Goolishian, 1993; Grandesso, 2008; Rasera & Japur, 2004).

Estudos sobre o Uso da Equipe Reflexiva

Destaca-se como estudos internacionais vêm analisando e descrevendo o uso da equipe reflexiva em contextos de psicoterapia (Brown, 1992; Brownlee et al., 2009; Chang, 2010; Egeli, Brar, Larsen, & Yohani, 2014a, 2014b; Garrido-Fernández, Marcos-Sierra, López-Jiménez, & Alda, 2017; Griffith et al., 1992; Jenkins, 1996; Parker & O'Reilly, 2013; Pender & Stinchfield, 2012, 2014; Smith, Sells, & Clevenger, 1994; Smith, Winton, & Yoshioka, 1992; Smith, Yoshioka, & Winton, 1993; Sparks, Ariel, Coffey, & Tabachnik, 2011; Willott et al., 2012). Da mesma forma que Fiorini et al. (2017), em sua revisão integrativa da literatura, observamos que a grande maioria dos artigos encontrados apresentaram delineamento qualitativo: estudos de caso, pesquisas etnográficas e revisões da literatura. Apenas Garrido-Fernández et al. (2017), Griffith et al. (1992) e Jenkins (1996) apresentaram delineamentos quantitativos, sendo o estudo de Smith et al. (1994) o único a utilizar um método misto. Segundo Fiorini et al. (2017), o predomínio desse delineamento pode estar relacionado a dois fatores: à equipe reflexiva ainda ser um fenômeno pouco estudado, necessitando de investigação exploratória, e ao fato de seus pressupostos epistemológicos serem coerentes com a abordagem qualitativa.

Tais estudos trouxeram perspectivas dos terapeutas (Jenkins, 1996; Parker & O'Reilly, 2013; Silva, n.d.; Smith et al., 1992; Sparks et al., 2011), dos clientes (Brown, 1992; Egeli et

al., 2014a, 2014b; Garrido-Fernández et al., 2017; Griffith et al., 1992; Pender & Stinchfield, 2014; Smith et al., 1993; Williams & Auburn, 2016) e de ambos (Smith et al., 1994) sobre o uso da equipe. Eles ressaltam, de forma geral, como esse modelo proporciona desenvolvimento e discussão de múltiplas perspectivas sobre um problema, o que amplia a forma de perceber e lidar com as situações trazidas.

Os participantes das pesquisas sobre a percepção de clientes sobre a equipe reflexiva, em sua maioria, iniciaram atendimento nessa modalidade concomitantemente ao início do estudo. A coleta de dados, dessa forma, ocorreu nos estágios iniciais do processo terapêutico. Já as equipes utilizadas se destacaram por serem constituídas por profissionais formados (Brown, 1992; Egeli et al., 2014a, 2014b; Garrido-Fernández et al., 2017; Pender & Stinchfield, 2014; Smith et al., 1994; Smith et al., 1993). Dos estudos citados, apenas dois (Garrido-Fernández et al., 2017; Williams & Auburn, 2016) não utilizaram o espelho unidirecional nos atendimentos, ou seja, o mesmo ambiente foi partilhado pelo sistema entrevistador e a equipe. Brown (1992), em sua tese de doutorado, comparou o uso da equipe reflexiva em sessões com e sem espelho unidirecional. Atendimentos com tal barreira permitiram que clientes permanecessem concentrados e não se sentissem expostos, mesmo que não poder ver e conhecer seus integrantes tenha sido considerado uma desvantagem. Apesar de gerar embaraço, dividir a sala com a equipe permitiu que os clientes observassem, e não tivessem que imaginar, as reações e ações de seus integrantes. Algo considerado uma vantagem por eles.

Processos desenvolvidos na equipe reflexiva, bem como seu uso em determinados contextos, também foram temas de algumas pesquisas. Autores como Parker e O'Reilly (2013), Sparks et al. (2011) e Williams e Auburn (2016) abordaram aspectos específicos desse fenômeno. Parker e O'Reilly (2013), por exemplo, descrevem os desafios envolvidos na interrupção da conversa terapêutica, para consultar com a equipe, e sua posterior retomada, agora incorporando as reflexões trazidas. Já Sparks et al. (2011) focaram no desenvolvimento

da discussão da equipe. Eles enfatizam como seus integrantes podem apresentar reflexões coerentes e significativas para os clientes, mesmo com perspectivas distintas. Outro exemplo é o estudo de Williams e Auburn (2016). Nele, os autores descreveram o uso da equipe como uma fonte de construção e reforço de conotação positiva. A equipe também foi abordada como método de ensino da prática de psicoterapia familiar. Estudos a têm apontado como uma forma de aprendizagem colaborativa que oferece ao aluno um ambiente seguro para se desenvolver (Davis, 2012; Harrawood, Parmanand, & Wilde, 2011; Heffron, Reynolds, & Talbot, 2016).

Autores também têm aplicado esse modelo de atendimento em contextos variados. Faddis e Cobb (2016) e Garrido-Fernández et al. (2017) utilizam terapia familiar com equipe reflexiva no contexto do uso de drogas por adolescentes. Ambas as pesquisas, no entanto, não utilizam a equipe em sua forma tradicional. A primeira discute sua aplicação em um programa de tratamento residencial e de cuidados comportamentais ao ar livre (*residential treatment and outdoor behavioral healthcare*), seus integrantes variam e ela pode ser constituída pelos familiares do adolescente, seus colegas, funcionários e psicólogos do programa. Já na segunda, a equipe é utilizada em atendimentos em um grupo composto por diversas famílias. Já Anslow (2013), Fry (2012), Griffith et al. (1992) e Moran et al. (1995) abordaram o uso da equipe, respectivamente, com clientes adultos com dificuldade de aprendizagem, em sessões únicas, com clientes com sintomas somáticos e em atendimentos individuais. Todos os estudos pontuaram os benefícios do uso dessa ferramenta, destacando suas características colaborativas e de ênfase positiva, que permitem refletir e solidificar novas percepções em um ambiente acolhedor.

No Brasil, encontramos apenas sete pesquisas sobre equipe reflexiva (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Fiorini et al., 2017; Labs & Grandesso, 2017; Netto, 2007; Pires, Messina, Costa, Azambuja, & Mendes, 2007; Silva, n.d.; Vidal, 2006). Todas apresentam delineamento qualitativo. Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015), por meio de análise temática de

entrevistas individuais, descreveram a percepção de sete clientes atendidos em terapia familiar com equipe, em serviço-escola, sobre seu processo terapêutico. O tempo em atendimento nessa modalidade variou de dois a doze meses, sendo que três dos participantes já não se encontravam em tratamento no momento da coleta de dados. Vidal (2006), por outro lado analisou o uso da equipe de Tom Andersen em um caso de psicoterapia individual. A autora descreveu o uso e os efeitos dessa técnica familiar em um contexto diferente, ao utilizar o grupo de supervisão do atendimento como equipe reflexiva.

Outros dois estudos foram os de Fiorini et al. (2017) e Labs e Grandesso (2017). O primeiro consiste em uma revisão integrativa da literatura, realizada por meio de coletas de estudos nacionais e internacionais sobre o tema. Já o artigo de Labs e Grandesso (2017) compartilha reflexões a partir de uma investigação sobre a possibilidade de uso de processos reflexivos para terapeutas que trabalham sozinhos, sem a participação de equipes. Para isso, foram feitas entrevistas de base dialógica com terapeutas que trabalham nesse formato.

Os trabalhos de Netto (2007), Pires et al. (2007) e Silva (n.d.), apesar de se caracterizarem como pesquisas brasileiras sobre o uso de equipe reflexiva, devem ser destacados por sua aproximação com a realidade e a prática clínica, mesmo não apresentando o mesmo rigor de pesquisas acadêmicas. Netto (2007) e Pires et al. (2007) são estudos baseados em relatos de experiência. O primeiro apresenta a teoria que sustenta a utilização dessa ferramenta, enquanto o outro aborda as possibilidades e os limites da manutenção da equipe em consultórios particulares. Já o apresentado por Silva (n.d.) é um trabalho de conclusão de curso de especialização, que tenta descrever o que, na presença da equipe, gera mudanças no sistema família e equipe terapêutica. Para isso, foram realizadas entrevistas com profissionais que trabalham com equipe, não tendo sido especificado o tipo de análise utilizada.

Por fim, é clara a necessidade do desenvolvimento de mais pesquisas sobre equipe reflexiva em psicoterapia, principalmente de delineamento quantitativo. Devido à prevalência

de descrições sobre seu uso no início da psicoterapia e de profissionais formados como seus integrantes, atrás de espelhos unidirecionais, notamos a importância de analisá-la em diferentes momentos do processo terapêutico, com a presença, na sala, de estudantes como seus membros. Além disso, a efetividade da equipe, de forma geral e em contextos específicos, e quando seu uso é mais apropriado, ainda são questões pouco discutidas (Brown, 1992; Brownlee et al., 2009; Parker & O'Reilly, 2013; Pender & Stinchfield, 2012, 2014; Willott et al., 2012). Da mesma forma que Fiorini et al. (2017), também se consideram necessários novos estudos sobre esse tema na realidade brasileira, abordando suas especificidades socioculturais e contextuais.

A Aliança Terapêutica em Atendimentos de Família com Equipe Reflexiva

A aliança terapêutica tem sido apontada por diversos autores (Escudero Carranza, 2009; Felício, 2013; Honda & Yoshida, 2013; Macedo, 2013; Sprenkle, Davis, & Lebow, 2009) como um fator comum psicoterápico, ou seja, um aspecto que contribui para mudança, presente em grande parte das orientações e modalidades de terapia. Especificamente, Honda e Yoshida (2013) afirmam que a qualidade da relação entre terapeuta e cliente é, atualmente, o fator comum mais estudado por pesquisadores.

Estudos consideram a chamada aliança terapêutica um elemento fundamental para o engajamento e a eficácia da psicoterapia, estando relacionada ao processo de mudança em vários tipos e modalidades de tratamento (Abreu, 2013; Bordin, 1979; Escudero, Friedlander, Varela, & Abascal, 2008; Escudero Carranza, 2009; Felício, 2013; Honda & Yoshida, 2013; Karam, Sprenkle, & Davis, 2015; Macedo, 2013; Moreira, 2013; Sprenkle et al., 2009). Sprenkle et al. (2009) destacam sua natureza colaborativa. Segundo eles, a aliança é interacional e sistêmica, podendo ser influenciada por habilidades e características do terapeuta, como também por fatores do próprio cliente.

Essa relação é um aspecto do processo terapêutico que tem sido amplamente abordado por diversas teorias ao longo da história (Escudero Carranza, 2009; Macedo, 2013). Segundo

Honda e Yoshida (2013), não há uma definição consensual para o conceito de aliança terapêutica, por vezes, sendo utilizado como sinônimo de aliança de trabalho e aliança de ajuda. No entanto, apesar de não haver uma definição única, é possível descrever tal conceito em termos gerais. Bordin (1979) foi apontado como um dos primeiros a descrever tais termos (Escudero Carranza, 2009; Macedo, 2013). Segundo ele, a aliança pode ser definida por três dimensões interdependentes: a concordância sobre os objetivos da psicoterapia, entre o cliente e o terapeuta; um acordo referente às tarefas necessárias para os atingir e a ligação afetiva entre eles.

A aliança terapêutica assume especificidades em terapia conjugal e familiar, mesmo partilhando diversos aspectos e características com as alianças desenvolvidas em terapia individual. Esse contexto é caracterizado por múltiplos clientes e, conseqüentemente, torna-se necessário o desenvolvimento e o equilíbrio de múltiplas alianças simultâneas (Sprenkle et al., 2009). Apesar de um fenômeno complexo e importante, a aliança terapêutica em terapia familiar e conjugal não tem recebido a mesma atenção teórica e empírica da aliança tradicional (Abreu, 2013; Friedlander, Escudero, Heatherington, & Diamond, 2011; Macedo, 2013; Pinosof, Zinbarg, & Knobloch-Fedders, 2008; Rait, 2000). No entanto, a relação terapeuta-cliente nesse tipo de terapia é indicada por Friedlander et al. (2011) e Rait (2000) como um fator crucial para o processo e a efetividade do atendimento.

Nesse contexto, William Pinosof foi apontado, em diversos estudos (Abreu, 2013; Escudero Carranza, 2009; Macedo, 2013; Rait, 2000), como um dos primeiros autores a desenvolver e investigar a aliança em terapia familiar. Pinosof et al. (2008) descreveram um modelo de aliança integrativo que compreende duas dimensões: conteúdo e sistema interpessoal. A primeira é baseada na já citada teoria de Bordin (1979), sendo composta por: objetivos, tarefas e laços afetivos. Já a dimensão interpessoal possui quatro fatores que perpassam os conteúdos: a relação individual, entre um membro da família e o terapeuta; a

relação entre o “outro” (familiar ou subsistema) e o terapeuta; a relação do terapeuta com a família como um todo; e a relação intrassistema, ou seja, a relação entre os indivíduos e os subsistemas de uma mesma unidade, seja familiar ou terapêutica (Escudero Carranza, 2009; Karam et al., 2015; Pinsof et al., 2008). Segundo Escudero Carranza (2009), esse modelo introduziu novos conceitos: não apenas o de alianças intrassistema, como também o de causalidade recíproca. Esse último enfatiza a aliança terapêutica familiar como um fenômeno maior e mais complexo do que a descrição de cada interação individual dos membros da família com o terapeuta, já que tais relações se afetam e influenciam entre si (Macedo, 2013).

O desenvolvimento e a manutenção de alianças em terapia conjunta, segundo Rait (2000), possuem características específicas, como a aliança terapêutica expandida e a necessidade de adaptação às influências exercidas pela unidade familiar. O atendimento nesse contexto se diferencia de modelos nos quais a relação é baseada na interação diádica e bidirecional, entre um terapeuta e um cliente, devido ao número e à diversidade de pessoas presentes na sessão (Escudero et al., 2008; Macedo, 2013; Sprenkle et al., 2009).

O psicólogo deve desenvolver, nesse caso, diferentes alianças, não apenas com todos os membros da família, mas também com seus subsistemas e a família como um todo. Cada qual com níveis de comprometimento, expectativas, objetivos, personalidades e em etapas desenvolvimentais diversas e, por vezes, conflitantes (Abreu, 2013; Escudero et al., 2008; Escudero Carranza, 2009; Knerr et al., 2011; Macedo, 2013; Moreira, 2013; Rait, 2000). Esse aspecto, segundo Escudero Carranza (2009), contribui para a ocorrência do fenômeno denominado aliança cindida, ou seja, quando um ou alguns familiares relatam ter um maior vínculo emocional com o psicólogo que os outros. Tal fenômeno pode variar de uma simples diferença – algo natural considerando que diferentes pessoas desenvolvem diferentes interações – até um tipo severo, no qual clientes cultivam relações opostas e conflitantes com o terapeuta (Abreu, 2013; Macedo, 2013).

As relações multidimensionais desse formato de atendimento são produtoras e produtos da interação terapeuta-cliente-subsistema-família. Mesmas as trocas entre o terapeuta e apenas um membro da família são diretamente influenciadas pela percepção do cliente das outras alianças terapêuticas (Abreu, 2013; Escudero et al., 2008; Friedlander et al., 2011; Rait, 2000). Da mesma forma, o contexto, a colaboração e a dinâmica intrafamiliar são aspectos relevantes para a manutenção e o desenvolvimento da aliança (Abreu, 2013; Escudero et al., 2008; Escudero Carranza, 2009; Friedlander et al., 2011; Macedo, 2013).

As características específicas das alianças terapêuticas, desse formato de atendimento, também foram abordadas por um grupo de pesquisadores espanhóis e norte-americanos que, posteriormente, desenvolveram um modelo de avaliação desse fenômeno (Escudero Carranza, 2009; Friedlander et al., 2006), chamado Sistema de Observação de Alianças Terapêuticas Familiares (*System for Observing Family Therapy Alliances* [SOFTA]). Essa forma de compreensão da aliança, em terapia familiar, organiza-se em quatro dimensões, duas delas comuns a qualquer modalidade de psicoterapia, previamente definidas por Bordin (1979). As dimensões “Envolvimento no processo terapêutico” e “Conexão emocional”, são, respectivamente, aspectos relativos à colaboração e negociação entre o terapeuta e os clientes sobre os objetivos e tarefas da terapia, bem como o vínculo emocional entre eles. Enquanto que as dimensões “Segurança” e “Sentimento de partilha de objetivos na família” refletem as especificidades desse contexto (Abreu, 2013; Escudero Carranza, 2009; Friedlander et al., 2006; Macedo, 2013).

O consenso familiar sobre os objetivos da terapia foi um aspecto destacado por Knerr et al. (2011) e Sprenkle et al. (2009). Segundo eles, a aliança terapêutica, mais que um laço emocional entre terapeuta e clientes, baseia-se na partilha de objetivos e tarefas do atendimento pela família. Isso, no entanto, pode se tornar difícil devido ao número e à diversidade de pessoas presentes na sessão (Escudero et al., 2008; Macedo, 2013). Da mesma forma, estudos

descrevem a importância de os clientes se sentirem seguros durante o processo terapêutico familiar, um aspecto também necessário em atendimentos individuais, mas que se torna essencial nesse formato (Escudero et al., 2008; Escudero Carranza, 2009; Friedlander et al., 2011; Macedo, 2013; Rait, 2000). Segundo esses autores, o sentimento de segurança pode se tornar um desafio em um ambiente em que os clientes necessitam explorar questões delicadas e íntimas, gerenciar conflitos e se arriscar em frente a outros familiares.

A aliança terapêutica em terapia familiar com equipe reflexiva foi abordada por Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015) e Chang (2010) em seus estudos qualitativos sobre o uso da equipe. Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015) tinham por objetivo compreender os sentidos produzidos por familiares sobre seu processo terapêutico – atendimento familiar baseado em pressupostos construcionistas sociais. Por meio da análise das entrevistas individuais dos clientes, foram construídas algumas categorias temáticas, entre elas, a relação com a equipe de terapeutas. Segundo as autoras, seus participantes, inicialmente, recearam ser julgados e analisados, devido ao número de terapeutas na sessão. Apesar dessa insegurança inicial, porém, a presença da equipe também foi descrita como um fator de conforto e segurança, ao trazer esperança aos clientes sobre seu atendimento.

Já Chang (2010), em uma revisão da literatura, descreveu o histórico, o desenvolvimento e os atuais usos e achados sobre a equipe reflexiva. Em sua pesquisa, foram encontrados apenas dois estudos² que, especificamente, avaliaram a influência do uso da equipe para o tratamento e a aliança terapêutica, não encontrando nenhum efeito relevante. No entanto, o autor destaca, com base em diversos estudos, que fatores relacionais parecem ser um dos maiores contribuidores para a efetividade da equipe. Segundo ele, clientes apreciam a possibilidade de conhecer seus integrantes e observar o desenvolvimento de suas reflexões, ressaltando sua acessibilidade e transparência. Da mesma forma, desatenção a fatores relacionais parecem

² Ambos os estudos citados por Chang (2010) são dissertações não disponíveis para acesso.

influenciar a percepção sobre a equipe: quando introduzida prematuramente na sessão, familiares são menos predispostos a escutá-la.

Assim como Chang (2010), apesar da falta de estudos específicos que abordem a aliança em atendimentos com equipe reflexiva, encontramos diversos outros (Brownlee et al., 2009; Egeli et al., 2014b; Griffith et al., 1992; Parker & O'Reilly, 2013; Smith et al., 1994) que descrevem como fatores relacionais podem influenciar a experiência de clientes nesse contexto. Parker e O'Reilly (2013), por exemplo, destacam o cuidado necessário para encerrar e reiniciar a conversa terapêutica, devido ao formato do atendimento exigir que o terapeuta faça uma pausa para consultar com a equipe. Segundo eles, interrupções abruptas podem fazer com que a família se sinta desvalorizada e não escutada, o que pode gerar ruptura terapêutica. Já Egeli et al. (2014b) descrevem experiências de vulnerabilidade, vivenciadas por clientes, relacionadas às expectativas e à primeira impressão de uma terapia com equipe. Enquanto Griffith et al. (1992) ressaltam seu uso como uma forma de criar um ambiente não ameaçador, seguro para clientes com sintomas somáticos.

Justificativa

A equipe reflexiva vem sendo usada como técnica de intervenção, grupo de supervisão e ferramenta de ensino, tanto no contexto clínico, como em contextos psicossociais (Martins, 2015) e educacionais (Resende, Oliveira, & Gomes, 2013). No contexto clínico, essa modalidade é caracterizada por seu amplo uso em cursos de graduação e formação em terapia familiar (Pender & Stinchfield, 2012, 2014), sendo abordada como um método de ensino da prática de psicoterapia familiar. Estudos a têm apontado como uma forma de aprendizagem colaborativa que oferece ao aluno um ambiente seguro para se desenvolver (Davis, 2012; Harrawood et al., 2011; Heffron et al., 2016). No entanto, no Brasil, encontramos apenas sete pesquisas sobre o uso da equipe reflexiva (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Fiorini et al., 2017; Labs & Grandesso, 2017; Netto, 2007; Pires et al., 2007; Silva, n.d.; Vidal, 2006), de forma que, assim como Fiorini et al. (2017), consideramos necessários novos estudos sobre esse tema na realidade brasileira. Esses estudos possibilitarão uma melhor compreensão das implicações e adaptações necessárias a esse modelo, de acordo com as especificidades socioculturais e contextuais da população brasileira.

Além disso, é possível identificar lacunas sobre o tema, mesmo quando se consideram estudos internacionais. Os participantes das pesquisas acerca da percepção de clientes sobre a equipe reflexiva, em sua maioria, iniciaram atendimento nessa modalidade concomitantemente ao início do estudo. A coleta de dados, dessa forma, ocorreu nos estágios iniciais do processo terapêutico. Já as equipes utilizadas se destacaram por serem constituídas por profissionais formados e por utilizarem o espelho unidirecional (Brown, 1992; Egeli et al., 2014a, 2014b; Garrido-Fernández et al., 2017; Pender & Stinchfield, 2014; Smith et al., 1994; Smith et al., 1993). O estudo de Brown (1992) sugere que o uso do espelho unidirecional ou a presença da equipe no mesmo ambiente contribuem para que a família experiencie de forma distinta o processo terapêutico. Devido à prevalência de descrições sobre seu uso no início da psicoterapia

e de profissionais formados como seus integrantes, atrás de espelhos unidirecionais, notamos a necessidade de estudar o uso da equipe reflexiva em diferentes momentos do processo terapêutico, com a presença, na sala, de estudantes como seus membros.

No Brasil, devido ao alto custo financeiro, o uso da equipe reflexiva ocorre, predominantemente, em contextos institucionais e de ensino (Labs & Grandesso, 2017). Dessa forma, sendo essa a realidade nacional, destaca-se a importância de realizar pesquisas sobre o uso da equipe em serviços-escola, com estagiários-psicólogos como seus integrantes. Esses estudos contribuiriam tanto para a qualificação dos atendimentos oferecidos nesses locais, como para a reflexão acerca dos métodos de formação.

A pesquisa qualitativa, segundo Silverstein, Auerbach e Levant (2006), é particularmente adequada para melhorar a prática clínica, pois gera uma rica descrição dos contextos locais e das experiências subjetivas. Dessa forma, pode ser usada para melhorar a prática clínica e também gerar conhecimento sobre o processo dos serviços psicológicos. O desenvolvimento de pesquisas qualitativas sobre equipe reflexiva possibilita que terapeutas possuam um melhor entendimento sobre a aplicação e viabilidade desse modelo. Além disso, treinamentos, supervisões e psicoterapias poderiam ser aperfeiçoadas para um melhor atendimento. A pesquisa científica é uma ferramenta que permite e amplia a relação entre os princípios, a teoria e a prática terapêutica, servindo, muitas vezes, como guia para a atividade clínica (Pender & Stinchfield, 2012, 2014; Willotta et al., 2012).

Objetivos

Objetivo Geral

O objetivo deste estudo é descrever, com base na fala de clientes, o uso de equipe reflexiva em terapia familiar.

Objetivos Específicos

- Descrever as especificidades, vantagens e desvantagens, do uso de equipe reflexiva;
- Descrever mudanças na percepção dos clientes sobre a equipe reflexiva;
- Descrever como os clientes percebem o desenvolvimento de sua relação com os membros da equipe reflexiva;
- Descrever fatores podem ajudar a compreender a forma como os clientes percebem e se relacionam com a equipe reflexiva.

Método

Participantes e Local de Realização do Estudo

No segundo semestre de 2015, foi implementado no serviço-escola da Universidade de Brasília (UnB), o chamado Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (CAEP), o projeto de Atendimento em terapia individual, conjugal e familiar sistêmica coordenado pela Profa. Dra. Isabela Machado da Silva. Além da professora supervisora, participam desse projeto estagiários do curso de Psicologia da UnB, alunos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da UnB, psicólogos voluntários e psicólogos concursados como técnicos e alocados no CAEP. Todos os integrantes desse projeto atuam como terapeutas e/ou integrantes da equipe reflexiva.

As famílias atendidas nesse grupo são, em sua maioria, de nível socioeconômico médio ou baixo. Elas chegam ao projeto por meio de encaminhamentos de outros grupos que atuam no CAEP ou após se interessarem pela modalidade de atendimento familiar ao ligarem para agendar triagem na instituição. De forma geral, os atendimentos são realizados em frequência quinzenal e têm a duração de uma hora, embora essas questões possam ser alteradas de acordo com as necessidades identificadas nas famílias. Os atendimentos são conduzidos por uma dupla de coterapeutas e acompanhados por uma equipe composta por três a cinco integrantes, que permanecem na sala de atendimento durante toda a sua duração. Além disso, o grupo, terapeutas e equipe, reúnem-se por trinta minutos antes e após o encerramento da sessão, para a discussão do caso e seu planejamento. A modalidade de atendimento é explicada já na triagem ou por contato telefônico prévio – em casos de encaminhamento. Busca-se explicar à família a função da equipe e sua dinâmica na sessão, incluindo que seus integrantes não irão interagir, olhar e falar diretamente com eles. Essa explicação é retomada na primeira sessão. Em casos extraordinários, se a família não tiver recebido qualquer descrição do modelo utilizado antes do primeiro atendimento, a equipe reflexiva entrará na sala apenas após a concordância dos

clientes. Apesar desse atendimento ser familiar, podem ocorrer sessões individuais ou com determinados subsistemas familiares, em decorrência de contexto e necessidade específicos. Esses atendimentos, geralmente, duram uma hora e contam com a presença dos coterapeutas e da equipe.

Os integrantes da equipe, alunos de graduação e profissionais formados, ao ingressarem nesse projeto de atendimento, comprometem-se a permanecer por um ano. Nesse período, espera-se que eles integrem diferentes equipes por um semestre, para depois atuarem como coterapeutas. Cada família possui coterapeutas e uma equipe distinta. Mudanças de membros tendem a ocorrer a cada semestre, devido à conclusão do curso pelos alunos ou por necessidades particulares. Os coterapeutas são preferencialmente substituídos por integrantes da equipe que já acompanhavam a família no semestre anterior. Os terapeutas são orientados a informar as famílias sobre qualquer alteração no grupo terapêutico ou sobre a ocorrência de faltas, que devem ser avisadas e justificadas aos clientes.

A equipe é chamada a intervir pelos coterapeutas, sendo esse momento informado verbalmente à família. Geralmente, a fala da equipe ocorre nos trinta minutos finais do atendimento e dura, no máximo, dez minutos. No entanto, a quantidade de intervenções da equipe, quando ocorrem e sua duração variam de acordo com as necessidades apresentadas na sessão. Apesar de seus integrantes serem orientados a não interagir, olhar e falar diretamente com os familiares, pode haver exceções, como em casos de acolhimento e risco dos clientes.

Todas as famílias que são ou foram atendidas no projeto e cujos membros encontram-se na adolescência ou na idade adulta foram convidadas a participar de uma pesquisa que teve como objetivo investigar a visão dos clientes sobre o desenvolvimento do processo terapêutico, bem como sobre o uso da coterapia e da equipe reflexiva. Para esta dissertação, selecionamos três famílias a partir do critério de heterogeneidade definido por Patton (2002), que se caracteriza por casos que se mostram diversos quanto a determinados fatores, mas que possuem

uma experiência em comum. Segundo o autor, esse tipo de critério oferece dois tipos de resultados: (a) a identificação de temas considerados centrais ao fenômeno estudado, por se mostrarem presentes em casos diversificados e (b) a compreensão de especificidades de cada caso que apresentam aspectos que podem ser relevantes para esse fenômeno.

Dessa forma, foram selecionadas três famílias que tinham por experiência comum compartilhada estarem em atendimento no CAEP, na modalidade de Terapia Familiar Sistêmica com equipe reflexiva, no momento da coleta de dados. Todos seus membros participantes são adultos ou adolescentes, não sendo o foco deste trabalho abordar as especificidades do uso da equipe em terapia familiar com crianças. Consequentemente, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), os participantes selecionados têm idade acima de doze anos (Lei nº. 8069, 1990). No que se refere à heterogeneidade entre eles, buscaram-se famílias em diferentes etapas do ciclo de vida familiar (Carter & McGoldrick, 1995) e em diferentes momentos do processo terapêutico. Esses fatores, segundo pesquisas como as de Felício (2013) e Smith et al. (1994), são importantes e podem influenciar o processo terapêutico, o que permitiria que as percepções sobre o uso da equipe reflexiva fossem feitas em e sobre momentos diversos. Na Tabela 1, serão apresentadas informações gerais de cada caso. Descrições detalhadas de cada família – Família Vieira, Família Fontes e Família Infante – e seus membros serão apresentadas na seção “Resultados”, com o objetivo de facilitar e tornar a leitura dos casos mais fluída.

	Caso 1 Família Vieira	Caso 2 Família Fontes	Caso 3 Família Infante
Classe socioeconômica	Classe média	Classe trabalhadora	Classe média
Ciclo de Vida Familiar	Família com adolescente e jovem adulto	Família com adolescente	Família com filho pequeno
Membros da Família	Casal Amália e Héctor e filhos Inês e Miguel	Casal Francine e Luis e filho Arthur	Casal separado Helena e Alberto e filho

Tempo em atendimento familiar com equipe reflexiva	14 meses	10 meses	5 meses
Quem participa dos atendimentos	Todos os membros	Todos os membros	Apenas os pais
Composição da Equipe Reflexiva	Todos os integrantes são do sexo feminino	Possui um integrante do sexo masculino	Todos os integrantes são do sexo feminino

Tabela 1

Apresentação dos casos**Delineamento e Procedimentos**

Realizou-se um estudo de casos múltiplos (Yin, 2009). Foram analisados três casos de diferentes famílias que foram atendidas na modalidade de Terapia Familiar Sistêmica com equipe reflexiva no CAEP. Este estudo é parte de um projeto maior que investiga a perspectiva das famílias atendidas pelo grupo no que se refere ao uso da equipe reflexiva, à coterapia e ao desenvolvimento do seu processo terapêutico.

Os terapeutas comunicaram às famílias que atendem sobre a realização da pesquisa e sobre o iminente contato das pesquisadoras, como forma de se preservar o vínculo entre eles e os clientes. Os terapeutas foram orientados a esclarecer aos familiares que a participação na pesquisa é livre e que a recusa em participar bem como a interrupção na participação não trariam qualquer prejuízo a seu atendimento psicoterápico na instituição. Os terapeutas comunicaram as pesquisadoras quando essas informações foram apresentadas a cada família. A partir desse momento, iniciou-se a realização de contato telefônico com os responsáveis pelos atendimentos, indicados nos prontuários, e apresentou-se o convite formal para participação na pesquisa. No contato telefônico, foram agendados dias e horários com cada membro das famílias que se dispuseram a participar.

Como parte do projeto maior, realizaram-se entrevistas coletivas e individuais. No entanto, para esta pesquisa, foram utilizadas apenas entrevistas individuais semiestruturadas.

Estas valorizaram as possíveis diferenças entre os relatos de cada membro da família sobre a equipe reflexiva e seguiram o roteiro apresentado no Anexo B. O roteiro foi elaborado a partir do artigo de Smith e Winton (1993), da revisão da literatura sobre o tema, bem como da experiência das pesquisadoras com o uso da equipe reflexiva. As questões abordadas foram o processo do grupo reflexivo, as vantagens e desvantagens identificadas, modificações, opiniões e sentimentos iniciais e atuais sobre o grupo, diferença de papéis entre terapeutas e equipe reflexiva, entre outras.

As entrevistas ocorreram no CAEP ou na residência dos participantes, conforme lhes foi mais conveniente, sendo gravadas em áudio e posteriormente transcritas para análise. Os arquivos de áudio referentes às entrevistas foram armazenados em computador protegido por senha situado na sala da Profa. Dra. Isabela Machado da Silva, no Instituto de Psicologia da UnB. Após seis anos, os arquivos serão deletados, permanecendo arquivadas apenas as análises realizadas, com codificação que impeça a identificação dos participantes. As entrevistas utilizadas neste estudo foram conduzidas por mim e, no seu início, foi retomado o objetivo da pesquisa e entregue uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE; Anexo A) ao participante, procedendo-se à leitura oral do mesmo e à elucidação de possíveis dúvidas. Apenas ao se concluir essa etapa, iniciou-se a entrevista propriamente dita.

Adequações do Método durante o Processo de Coleta de Dados

Ao longo de todo o processo de coleta de dados, foram identificadas e realizadas alterações na aplicação e formulação das entrevistas, consideradas necessárias para a adaptação de tal ferramenta para as famílias. Todos os participantes apresentaram dificuldade em compreender e responder cinco perguntas específicas. Tais perguntas estavam relacionadas ao funcionamento e ao modo como a equipe reflexiva foi apresentada a eles; às expectativas iniciais e ao tipo de relação desenvolvida com seus integrantes; e à participação dos familiares em outras psicoterapias além da terapia familiar com equipe.

Essas questões foram repetidas e reformuladas para o melhor entendimento dos clientes. Por exemplo, na pergunta “*Você já participou de outras terapias além da terapia familiar com a equipe reflexiva?*” foi preciso especificar se os entrevistados já teriam feito psicoterapia individual ou até mesmo familiar sem equipe. Nas perguntas “*De que forma você foi apresentado à Equipe Reflexiva?*” e “*Que tipo de relação você tem com a Equipe Reflexiva?*” foi preciso fazer explicações mais detalhadas. No primeiro caso, foi pedido que os participantes lembrassem se e quais informações foram passadas sobre essa modalidade de atendimento. No segundo, foi descrito a que tipo de relação estávamos nos referindo:

Que tipo de relação você tem com a equipe reflexiva? Com aquela equipe lá do fundo né. No sentido assim, de como você se sente quando eles se colocam, quando eles falam né, como você se sente falando na frente deles, se tem confiança, se tem segurança, se tem um incômodo.

Já em “*Como a Equipe Reflexiva funciona?*”, foi preciso desenvolver perguntas complementares. Estas abordaram temas como o momento, a forma e o tempo de fala da equipe.

Duas novas perguntas também foram formuladas e incluídas nas entrevistas individuais. A primeira sobre as faltas e mudanças de integrantes da equipe reflexiva, enquanto a segunda questionou a existência de momentos nos quais a equipe fez intervenções descontextualizadas da situação familiar ou do atendimento dos clientes. Esta última foi integrada à entrevista de todos os participantes. Já a pergunta sobre mudança e falta foram incluídas apenas em entrevistas nas quais tais assuntos foram abordados de forma espontânea pelos entrevistados, com o objetivo de aprofundar esses temas. Todos os membros das famílias Vieira e Infante, e um da Família Fontes, responderam à essa pergunta.

Especificamente, foram feitas adaptações, além das citadas anteriormente, nas entrevistas individuais de todos os membros da Família Fontes. Logo no início, foi detectada a necessidade de explicar aos familiares ao que nos referíamos ao dizer “equipe reflexiva”. O

filho Arthur, já na primeira pergunta, admitiu não saber o que era essa equipe. Enquanto seus pais deram respostas vagas e gerais quando indagados especificamente sobre ela. Assim, em diferentes momentos das entrevistas, foi oferecida uma breve explicação. Além disso, o filho também apresentou dificuldade em compreender outras perguntas, além das citadas. Entre elas, questões sobre sua opinião atual sobre a equipe reflexiva, momentos marcantes envolvendo seus integrantes e o que aprendeu com eles. Da mesma forma, foram feitas reformulações em tais questões.

Análise de Dados

Os dados foram submetidos a uma análise temática (Braun & Clarke, 2006). Essa abordagem é utilizada e considerada, por diversas áreas, como um útil e flexível modelo de pesquisa qualitativa, apesar de não possuir uma definição conceitual única e raramente ser reconhecida em seu uso. Braun e Clarke (2006), no entanto, definem-na como um método para identificar, analisar e descrever padrões (temas) presentes em um conjunto de dados, em detalhes e complexidade. Tais temas se caracterizam por representar uma questão importante, em relação à pergunta da pesquisa, que perpassa os dados obtidos. Além disso, segundo as autoras, a análise temática pode se distinguir de acordo com o tipo indutivo ou teórico de análise escolhida (Braun & Clarke, 2006). O presente estudo se configura como uma análise predominantemente teórica, já que os temas foram definidos e guiados pelo roteiro de entrevista utilizado.

As etapas de análise foram as seguintes:

- Familiarização com as entrevistas, por meio de sua leitura repetida e cuidadosa;
- Agrupamento das entrevistas individuais em casos referentes a cada uma das três famílias;

- Agrupamento das respostas dos participantes de acordo com as perguntas de interesse a essa pesquisa;
- Estabelecimento de temas e reorganização dos conteúdos de acordo com os temas;
- Comparação entre as três famílias e seus membros, considerando-se suas semelhanças e particularidades no que se refere ao objetivo do estudo.

Considerações Éticas

Na elaboração desta pesquisa, buscamos atender aos princípios éticos postulados na Resolução CNS 516/16 (CONEP, 2016), que dispõe sobre as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Sendo assim, teve-se como meta proteger a privacidade dos participantes, bem como o respeito aos princípios da beneficência, da não maleficência e da autonomia.

Esta pesquisa tem como foco o processo terapêutico. A relação terapêutica é uma relação distinta daquelas observadas em outros contextos e caracteriza-se por diferenças de poder e especialização entre clientes e terapeutas. Deve-se atentar para que qualquer pesquisa realizada nesse contexto não potencialize a vulnerabilidade do cliente diante de seu terapeuta (Silverstein et al., 2006). Dessa forma, na presente pesquisa, a pesquisadora não entrevistou famílias das quais fosse terapeuta ou membro da equipe. Assim, buscou-se minimizar o desconforto e a sensação de questionamento que o cliente poderia sentir ao ser entrevistado por seu terapeuta ou por algum membro da equipe. Visou-se preservar o processo terapêutico dos clientes e sua relação com terapeutas e equipe. Ao serem entrevistados por seu terapeuta ou por um dos membros da equipe, o participante poderia se sentir constrangido a assinalar pontos considerados positivos e minimizar – ou mesmo omitir – pontos considerados negativos.

Na apresentação dos dados, foram adotadas precauções para que os participantes não fossem identificados. Foram utilizados nomes fictícios e omitidas características que permitissem identificar os participantes.

Para evitar que os resultados deste estudo exerçam qualquer efeito adverso sobre o atendimento prestado às famílias, antes da defesa da dissertação, a professora supervisora trabalhou os dados obtidos, como um todo – sem identificar os participantes –, junto aos terapeutas e membros das equipes reflexivas. Foram abordados os sentimentos despertados por esses resultados bem como estratégias para manejá-los. Dessa forma, buscou-se trabalhar os sentimentos dos terapeutas e dos membros da equipe deixando-se claro que o estudo não tinha o objetivo de avaliar os profissionais, mas a abordagem terapêutica e a forma como a mesma é utilizada.

Por fim, serão realizados seminários com os membros do grupo de atendimento para discussão dos resultados e elaboração de estratégias que visem à sua utilização no aprimoramento do atendimento prestado. Também será realizado contato telefônico com as famílias para verificar se eles gostariam de ter acesso aos resultados da pesquisa e, em caso positivo, envio de um folder explicativo apresentando as publicações derivadas, os principais resultados obtidos e as medidas tomadas para aprimoramento do atendimento prestado às famílias atendidas no CAEP.

Papel da Pesquisadora

Eu, como pesquisadora e terapeuta construcionista social, valorizo a multiplicidade de olhares sobre um tema, considerando a realidade um constructo influenciado por diversos fatores. Minhas características pessoais, minha história e experiências são fundamentais para o papel acadêmico que desenvolvo. Desse modo, busquei integrar neste estudo minha participação como co-construtora dos dados obtidos e das análises desenvolvidas. A denominada autorreflexão (Morrow, 2005; Silverstein et al., 2006) é apontada como algo importante para a pesquisa qualitativa, visando revelar os vieses e a interação dinâmica pesquisador-participante.

Resultados

Neste capítulo, eu farei um breve relato da minha experiência durante a coleta de dados e serão apresentadas e descritas as três famílias participantes da pesquisa: Caso 1 – Família Vieira, Caso 2 – Família Fontes e Caso 3 – Família Infante. Os dados de cada uma delas, obtidos por meio de entrevistas individuais com seus membros, serão apresentados em quatro temas: (a) compreensão sobre o funcionamento da equipe reflexiva; (b) processo terapêutico com equipe reflexiva; (c) contribuições do uso da equipe reflexiva e (d) desafios no uso da equipe reflexiva e sugestões para sua superação.

Eu como Pesquisadora

Eu, ainda cursando a graduação em Psicologia na UnB, iniciei como estagiária no Grupo de Supervisão e Atendimento em Terapia Individual, Conjugal e Familiar Sistêmica, coordenado pela Profa. Dra. Isabela Machado da Silva. Como integrante, tive a oportunidade de acompanhar o início e o desenvolvimento de diversos casos, por meio de relatos de colegas nas supervisões em grupo. A partir de suas diversas perspectivas e considerando o método escolhido para coleta de dados, desenvolvi expectativas e pressuposições sobre cada membro das famílias que entrevistaria. Presumi que os participantes se sentiriam constrangidos ou inibidos durante a entrevista e que suas respostas, apesar de abordarem questões referentes à equipe reflexiva, fossem ser menos detalhadas e íntimas. Essas pré-suposições, em parte, confirmaram-se, porém, ao longo de todo o processo de coleta de dados, também foram questionadas e alteradas de acordo com meu contato pessoal com os participantes.

Desde meu primeiro contato com a Família Vieira, seus membros se mostraram muito interessados e dispostos a contribuir com a pesquisa. As entrevistas foram marcadas logo em minha primeira interação com cada um deles e ocorreram tanto no CAEP como na sua residência. Eles pareceram à vontade durante o processo, fazendo críticas e observações ao modelo de atendimento, como também tirando dúvidas sobre a equipe. A filha, inicialmente,

demonstrou nervosismo e timidez, mantendo pouco contato visual. Ao longo da entrevista, no entanto, pareceu estar mais confortável, entrando em assuntos mais pessoais e delicados. O pai, especificamente, foi aquele quem mais relatou suas experiências fora da terapia e, muitas vezes, considerou e supôs a opinião dos outros membros de sua família sobre uma determinada pergunta. Devido a isso, por vezes, sua fala se estendia muito, fora do tema, tornando sua entrevista longa. Já o filho foi objetivo – sem ser monossilábico – e, por vezes, engraçado em suas respostas. A mãe foi aquela com uma postura mais séria perante a entrevista desenvolvida.

As entrevistas da família Fontes também foram fáceis de serem marcadas, com seus membros demonstrando grande disponibilidade para a pesquisa. Todas ocorreram no CAEP. De forma geral, essa família pareceu ter dificuldade em elaborar críticas sobre a equipe e o atendimento, destacando sempre suas qualidades e contribuições. O filho pareceu tímido e retraído, no início, mas, ao longo da entrevista, pareceu estar mais confortável. O momento de maior descontração foi quando começou a falar de alguns de seus *hobbies*.

Por fim, a Família Infante foi a que tive maior dificuldade em entrar em contato. Apesar do difícil acesso, porém, eles se mostraram disponíveis e as entrevistas foram marcadas com facilidade a partir desse ponto. Elas ocorreram no CAEP e, durante o processo, os participantes demonstraram interesse e tiraram dúvidas sobre a equipe. O participante foi o mais retraído, com respostas que não ofereceram muitos detalhes. Ela, por outro lado, abordou temas particulares de sua terapia e vida particular, elaborando e contextualizando suas respostas. O que, ao final, tornou sua entrevista mais longa. Além disso, tendo conhecimento sobre as dificuldades iniciais desse caso, também me surpreendi com suas respostas, que destacaram tanto qualidades como desafios dessa abordagem terapêutica.

Caso 1 – Família Vieira

A família denominada Vieira é de classe média (*middle class*³; Tudge & Frizzo, 2002) e composta por quatro membros: mãe (Amália), pai (Héctor) e um casal de filhos (Inês e Miguel). Héctor tem 55 anos e é casado com Amália, de 50 anos. Seus filhos são Inês, uma adolescente de 17 anos, e Miguel de 22 anos. Exceto por Miguel, todos fizeram psicoterapia individual. O casal também já fez terapia conjugal. A família iniciou atendimento familiar com equipe reflexiva no segundo semestre de 2016 e, no momento da coleta de dados, estava há 14 meses em tratamento nessa abordagem. Héctor foi quem buscou pelo atendimento familiar no CAEP, por indicação de seu ex-psicoterapeuta – integrante da instituição. As demandas iniciais da família estavam relacionadas à interação intrafamiliar, especialmente entre os subsistemas dos pais e filhos. A equipe desse caso sofreu alterações a cada semestre, no entanto, um dos coterapeutas, um técnico-psicólogo da instituição, permanece desde o seu início. Atualmente, ela é composta apenas por mulheres e um dos terapeutas é do sexo masculino. Todos os membros participam das sessões de terapia familiar.

Compreensão sobre o Funcionamento da Equipe Reflexiva. Ao falar sobre o funcionamento da equipe reflexiva, todos os membros da família abordaram questões envolvendo sua fala, ou seja, o momento em que ela ocorre, seu conteúdo geral e sua duração. O conteúdo geral é caracterizado pelos membros como diferentes interpretações e percepções sobre o tema trabalhado em sessão e sobre os comportamentos e falas dos próprios membros da família:

³ O nível socioeconômico de Hollingshead (1975) é calculado a partir de quatro fatores: educação, ocupação, estado civil e sexo. O nível de ocupação, variando de 1 a 9, deve ser multiplicado por cinco e somado ao nível educacional, variando de 1 a 7, multiplicado por três. Dependendo do estado civil, o valor final deve ser somado e dividido pelo casal (Tudge & Frizzo, 2002). Optamos pelo uso do nível socioeconômico de Hollingshead como forma de limitar a apresentação de informações sobre cada família e, assim, proteger sua identidade.

Então, a gente tem várias interpretações, diferentes interpretações daquele tema que foi abordado e que foi trabalhado naquele dia (Amália); Eles [equipe] vão diretamente falar o que está acontecendo, o que eles perceberam na família, eles vão dar observações. Às vezes, na fala das pessoas da família, às vezes no jeito que interagiram ou interpretaram alguma informação (Miguel).

Além de perguntas para detalhar ou aprofundar um tema: *“Normalmente, elas [equipe] pegam pontos que a gente, alguém falou alguma coisa e não foi muito aprofundado... ou alguma coisa não fica claro para elas e elas perguntam pra gente dar uma aprofundada melhor, coisas assim.” (Inês).*

O momento de fala é relatado por Amália como o momento final do atendimento: *“Aí no final do trabalho, no final da sessão, os terapeutas que conduzem, eles se dirigem a equipe para ouvir qual foi a percepção deles com relação a sessão...”*. Miguel o descreve como os últimos dez minutos, já Héctor, como os últimos cinco. Inês, por sua vez, descreve-o como o momento em que os ânimos e as falas estão mais calmos: *“Normalmente, no final da sessão, quando a gente tá meio com os ânimos meio calmos, ninguém quer falar mais nada, não sei, aí o terapeuta B. vira e pergunta se elas [equipe] querem falar alguma coisa para, sobre algum ponto.”*.

Quanto à duração das falas, Inês diz que *“... depende do quanto que elas [equipe] querem falar, do quanto que elas anotaram e, às vezes, elas fazem perguntas pra gente, retomam algum outro ponto, então pode demorar mais tempo.”*. Já Miguel argumenta que o tempo de fala da equipe era de, aproximadamente, dez minutos. Porém, observou que ultimamente esse tempo está diminuindo.

O casal e o filho destacaram que, geralmente, a equipe reflexiva não se dirige diretamente aos membros da família no momento de sua fala:

Na maioria das vezes, elas [equipe] falam com os terapeutas o que elas perceberam com relação ao que foi conversado (...) Mas de uma maneira geral, eu nunca tinha pensado nisso, mas de uma maneira geral, eles não falam diretamente, só quem faz a interlocução direta conosco são os principais [coterapeutas], os outros, eles não participam do... eles ficam como ouvintes mesmo (Amália).

No entanto, Amália também relata que existem exceções: “... eles [equipe] só falam diretamente para nós, assim, quando eles têm alguma dúvida sobre alguma coisa que foi colocado, alguma coisa que foi abordada, aí eles pedem pra gente explicar melhor, como funcionou ou respondeu alguma pergunta.”. Em contradição ao relato dos outros familiares, Inês afirma que a equipe dirige sua fala diretamente à família:

Sim, normalmente elas [equipe] falam diretamente com a gente. Elas falam “Ah, aquilo que a Inês falou, aquilo que o Miguel falou, fiquei curiosa sobre aquilo que não sei quem falou”, aí é muito bom. (...) Sim, elas falam para a sala inteira, mas principalmente pra gente, elas focam na gente.

Outro aspecto sobre o funcionamento da equipe, narrado nas entrevistas de Héctor e os filhos, é o comportamento da equipe reflexiva antes, durante e após a sua intervenção. O pai narra o momento em que a família entra na sala de psicoterapia: “A equipe quebra essa tensão confraternizando com a chegada da família, eu não sei se isso é uma estratégia, mas parece muito boa...”. Já Miguel fala sobre os comportamentos anteriores à fala da equipe:

Eles [equipe] passam grande parte da entrevista em silêncio, da entrevista não, da sessão, em silêncio olhando os familiares, o grupo e ficam anotando. (...) É como se fossem duas sessões de psicólogos diferentes, só que primeiro a família fala tudo o que está acontecendo e depois a equipe fala o que a família falou, só que na visão de pessoas que estão estudando ou formadas, eu não sei como que é a equipe.

A intervenção, em si, também é descrita pelo pai e pelo filho. Miguel descreve uma troca de papéis que ocorre entre a equipe e a família:

... quando eles [equipe] têm que falar, que os terapeutas viram de costas, é como se a família fosse a equipe reflexiva. A gente só olha e observa o que eles estão falando e vê o que a gente consegue captar do que eles estão falando.

Héctor, referindo-se a esse momento, pontua:

Na hora da equipe falar, em que os terapeutas se viravam de costas, não tão completamente, enfim, mas eles se viravam e a equipe começava a interpretar ou comentar ou dar opiniões (...) ouvir as pessoas sem ter necessidade de reagir, foi muito interessante...

O momento após a fala da equipe é relatado por Inês. Ele é caracterizado como o período em que os coterapeutas perguntam se a família gostaria de comentar o que foi dito e indagado pelos membros da equipe.

Uma informação passada pelos participantes foi o número total de pessoas na sala, assim como a divisão entre coterapeutas e membros da equipe. É descrito pelo casal: “São dois terapeutas principais e são quatro ouvintes, então os terapeutas principais, eles conduzem o processo da sessão e os outros quatro, eles ficam acompanhando o processo.” (Amália).

As respostas do pai e da filha sobre o funcionamento da equipe focam em questões específicas que não são discutidas pelos outros membros da família, como o planejamento das sessões e a composição da equipe. Essas questões, no entanto, são baseadas em percepções suas, não sendo informações passadas pelos coterapeutas.

Héctor descreve como todo o processo psicoterapêutico, sua estrutura e objetivos, parecem ser construídos em conjunto com a equipe reflexiva:

Uma como paciente... que a forma com que as sessões são construídas e os objetivos das sessões são apresentados e são construídos conjuntamente com a participação da

equipe (...) ninguém me deu orientação sobre isso, quer dizer, o que a gente vê é que existe um ensaio, ou deve existir né e as pessoas [equipe] estão mais preparadas que a gente, porque elas já sabem o que vai ser introduzido naquela sessão.

Ele argumenta ter percebido uma diferença do comportamento da equipe em atendimentos nos quais era seguido um planejamento ou não:

... eu percebo isso, porque em algumas sessões que a minha família participou ninguém tava preparado, porque a coisa mudou de acordo com o que a gente trouxe e então a movimentação da equipe era diferente em sessões em que a gente entrava na onda ou em sessões que a gente derrubava o muro. (...) Isso acontecia, no meu ponto de vista, quando as coisas funcionavam como a sessão... de acordo com a previsão do que ia ser colocado naquele momento e, quando não, era quase um silêncio, as coisas iam se construindo na hora.

Já Inês destaca que a equipe reflexiva é composta por alunos que mudam a cada semestre, participando de um “rodízio para ter experiência com várias famílias diferentes, pra não ficar só em uma”. Quando indagada se essa informação foi passada pelos coterapeutas, ela afirmou ter sido uma generalização sua sobre a equipe. Já que essa explicação foi usada como justificativa quando houve uma alteração de coterapeutas.

A família fornece informações conflitantes quando fala sobre a questão de faltas de integrantes da equipe reflexiva. Não visão do filho:

Ocasionalmente, uma ou outra pessoa falta, mas, assim, uma pessoa falta uma semana, aí passa um tempo, outra pessoa falta, mas nunca é um negócio assim “sempre tem alguém faltando”, é só em caso muitos extremos, problemas familiares, doença. Então a equipe está sempre lá.

Além disso, afirma que as faltas, quando ocorrem, são sempre justificadas para a família. Por outro lado, Amália contradiz esse relato ao afirmar que, apesar de não serem frequentes, as

faltas da equipe nunca são justificadas a eles: *“Não foi nem dado satisfação. Normalmente, elas não faltam não. Nessa última equipe, na última sessão, teve uma menina que não foi e nessa penúltima equipe tinha uma que, às vezes, ela não ia. Mas, de uma maneira geral, nunca tinha falta não.”*

Eles, quando questionados sobre a questão de mudanças dos membros da equipe, durante e a cada semestre letivo, também apresentaram informações conflitantes. O filho, em sua resposta, é o único a dizer que as mudanças de integrantes são avisadas e justificadas para a família, enquanto que mãe e filha afirmam que isso não ocorre. Amália confirma que eles não recebem satisfações sobre a saída de integrantes da equipe. Isso é avisado apenas no dia da sessão em que tal alteração ocorre e é informado, de forma geral que, como o CAEP é uma clínica escola, os alunos mudam para obter experiências diversificadas:

Não, só no dia que a gente chega lá que tem gente diferente, aí eles informam para nós que como é uma escola, aquilo que eu te falei, como é uma escola, existe todos os alunos, parte dos alunos tem que passar por essa experiência, então a cada semestre a equipe muda...

Além disso, a participante relata que as possíveis mudanças de membros, ao longo do processo psicoterapêutico, não foram informadas no início. Isso apenas ocorreu quando a primeira alteração foi realizada: *“... e aí a gente só ficou sabendo que a equipe seria trocada, que aquela equipe não era fixa, quando terminou o semestre (...) e entraram uma ou duas alunas diferentes...”*

É interessante notar que, apesar das críticas que a família faz às mudanças dos membros da equipe, ainda é percebida uma sensação de continuidade ao tratamento. Mãe e filha comentam de forma positiva que as trocas dos terapeutas ocorrem por pessoas que compunham a equipe reflexiva: *“Mas o que eu acho bom é que pelo menos eles [coterapeutas] trocam por alguém que estava na equipe reflexiva, isso eu acho muito positivo. Porque seria muito*

estranho se eles trocassem e colocassem outra pessoa de fora.” (Inês). Já Héctor argumenta que o fato da equipe, apesar dos membros novos, ainda ter integrantes que permanecem desde o início do atendimento, lhe dá suporte: “... mas as outras pessoas são as pessoas que me acolheram né, eu sempre olho pra uma pessoa e a pessoa tá ali me vendo, vendo minha família passar por aquilo tudo. (...) De uma maneira geral, a equipe reflexiva me traz esse suporte...”.

Processo Terapêutico com Equipe Reflexiva. Os participantes relataram, de forma diversa e por vezes conflitante, como foram informados sobre a participação da equipe reflexiva no atendimento familiar. Alguns membros tiveram dificuldade em responder por dificuldade em se lembrar do momento pedido. Héctor narra como foi ele quem procurou o atendimento familiar no CAEP, por indicação de seu antigo psicoterapeuta. O casal descreve que seu primeiro contato foi apenas com o coterapeuta B., que explicou o tipo de atendimento que seria feito e a presença da equipe. Segundo o participante:

... o terapeuta B. me explicou isso direitinho de como ia funcionar. O B. até me explicou quem era a equipe, não nominalmente, mas “você vai estar vendo profissionais ou estudantes que estão preparados para isso”, aí ele me falou sobre sigilo, me falou sobre o comportamento das pessoas, como aquilo funcionava em termos da estrutura do grupo, de como eles iam escolher.

Ele também lembra de questionar se o fornecimento de tanta informação era necessário: “‘Pô eu nem precisava desse tanto de informação’, eu imaginei isso.” Já Amália, mesmo não tendo sido mencionada pelo marido nesse episódio, também parece descrever o momento anterior ao início dos atendimentos:

Na primeira sessão que fomos, acho que foi a entrevista inicial, que fomos eu e o Héctor somente e nós conversamos com o terapeuta B., na primeira, nós conversamos só com o B. e aí ele explicou para gente como seria a abordagem, como é que seria o tipo de terapia.

Héctor ainda relata um momento posterior no qual explicou, para os membros de sua família, sobre o tipo de atendimento que receberiam e a equipe. Ele acredita ter passado a eles uma impressão errônea do que iriam encontrar:

Você lembra que eu falei dos jalecos verdes na frente, ou brancos, sei lá. Eu acho que quando eu sentei com meu filho, minha filha e minha esposa, eles estavam esperando uma equipe superformal, pessoas de filme, de gravata, as meninas de jaleco com pranchetas e gravador e não sei o que, assim.

Ele próprio admite que teve uma percepção errada sobre o atendimento, mesmo recebendo todas as informações do coterapeuta: “*A falta de percepção, como eu te falei, foi minha, porque eu nunca tinha visto isso, eu não entendia o que tava acontecendo.*”. Segundo ele, sua percepção sobre a equipe, inicialmente, era o de uma equipe de crise; ou seja, atuante apenas nesses momentos: “*... eu vim com uma impressão errada de terapia de família, pra cá. (...) Porque eu vim pra cá, porque eu vim pensando o seguinte: minha família está passando por uma crise então eu vou pegar uma equipe de crise.*”.

Esse episódio também foi descrito pelo filho. Segundo Miguel, ele e a família estavam cientes sobre a presença da equipe reflexiva antes da primeira sessão. No entanto, mesmo com esse conhecimento, ele conta que a família se chocou com o número de pessoas no atendimento: “*Esse comunicado surgiu antes... tanto é que na primeira sessão todo mundo já sabia, todo mundo estava muito tenso, porque era um grupo muito grande de pessoas. Aí a gente entrou na sala e foi um choque assim.*”. Ainda sobre esse momento, Inês não o recorda. Segundo ela, ela apenas ficou ciente sobre a presença da equipe na primeira sessão, não tendo tido uma informação prévia sobre isso:

Não lembro, mas eu acredito que tenha sido na sessão, na primeira sessão. Mas possivelmente eles [coterapeutas] tenham falado, porque foi meu pai que arranjou toda

a terapia de família, possivelmente eles devem ter falado com o meu pai e ele esqueceu de passar pra mim, então eu não sei dessa parte.

A primeira sessão foi descrita por ambos os filhos. Segundo eles, nesse momento, a equipe reflexiva já se encontrava presente na sala e foi apresentada a eles. Ambos também relatam que os coterapeutas explicaram e deram informações sobre a equipe. As informações dadas foram sobre sua fala, sua função auxiliar e o fato dos seus membros serem alunos. Miguel conta que lhe foi informado que a equipe seria um auxílio para os coterapeutas:

Falaram que eles [equipe] eram um auxílio aos terapeutas, que eles estavam lá porque eles podiam enxergar coisas que os terapeutas não teriam visto ou refletir e pensar sobre pontos que talvez os terapeutas, no momento, que é normal, não tenham achado tão importantes.

Também relata o que foi dito sobre os possíveis benefícios que essa intervenção poderia ter para a família: “Às vezes, a visão deles, eles [equipe] puxam um gancho que é de grande importância para algum membro da família ou coisa do tipo e isso já gera um novo ponto para se discutir ou para você refletir.”. Inês recorda ter sido informada que a equipe eram alunos que iriam ajudar os terapeutas: “... elas [equipe] estariam lá como alunas, como se fosse um estágio, entre aspas, e que elas estariam lá para pegar detalhes para auxiliar os... e para, às vezes, tocar em assuntos que não foram tocados e coisas assim.”. Assim como Amália conta ter recebido informações que seus integrantes seriam alunos que, ao final da sessão, fariam suas percepções. Já o pai não recorda a primeira sessão, nem se a equipe estava presente: “Na primeira sessão familiar eu não sei. Eu não sei se a gente teve uma sessão só com os coterapeutas S. e B. ou só com o B. e depois com o time, eu não me lembro.”.

Quase toda a família, ao ser indagada sobre qual era sua expectativa sobre a relação que teriam com a equipe reflexiva, respondeu com uma opinião negativa. A mãe foi a única que alegou não ter criado expectativas: “Eu não sou uma pessoa assim de criar muitas expectativas

não...”. Já os outros membros responderam à pergunta descrevendo suas primeiras impressões e ideias de como seriam os atendimentos.

Miguel explicou que, inicialmente, enxergava a equipe como “*pilares atrás dos terapeutas*” que apenas faziam comentários ao final da sessão. Para ele, eles seriam “*comentaristas*” e sua intervenção irrelevante: “*Inicialmente, eu não achava tão importante, eu achava ‘Ah, comentarista, é legal e tudo mais, mas e aí?’*”. Inês disse creditar que o atendimento seria “*estranho*” e “*desconfortável*”. As falas da equipe não fariam sentido para a família e talvez fossem inapropriadas. A expectativa de Héctor era que as sessões seriam “*bagunçadas*”: “*... que eu falei: ‘Pô, se esse negócio [atendimento] for uma bagunça eu vou meter o pé na porta e vou sair’...*”. Ele pressupôs que a equipe atrapalharia sua fala e que eles poderiam anotar e rir do que fosse dito: “*Aah, eu achei que aquela porção de gente ia ficar falando e me atrapalhando a falar e ia anotar tudo e podiam rir do que eu tava falando...*”.

Em relação aos sentimentos e pensamentos iniciais sobre a equipe reflexiva, toda a família diz ter tido uma primeira impressão negativa. Eles utilizam palavras como “*choque*”, “*tenso*” e “*estranho*” para descrever esse momento. Amália, inclusive, disse não acreditar que o atendimento “*ia dar certo*”. Todos eles mencionam o número de profissionais como o responsável por essa impressão. Pai e filho relatam a sensação de estarem em desvantagem em relação aos psicólogos, como se tivessem que se defender: “*Sim... a equipe são dois profissionais na minha frente e quatro atrás né, e nós somos quatro, então a gente está em plena desvantagem.*” (Héctor); “*Porque as primeiras sessões você vai achar estranho porque, por exemplo, no caso a minha família são quatro pessoas e são quatro contra seis... Parece que vai estar todo mundo contra você se você não se sente seguro...*” (Miguel).

Héctor, além disso, detalha que devido à grande quantidade de pessoas na sala, imaginou que:

... deveria existir uma formalidade chata e careta [durante a sessão]. Que a gente deveria ter que falar coisas... “Eu tenho ensaiado meu discurso” (...) eu vim com uma impressão errada de terapia de família, pra cá. (...) Porque eu vim pra cá, porque eu vim pensando o seguinte: minha família está passando por uma crise então eu vou pegar uma equipe de crise.

Ainda em relação ao número de profissionais, foram pontuadas questões como sigilo e desconforto. Amália, por exemplo, diz ter se sentido assustada e que a sensação de falar sobre ela para tantas pessoas é invasiva: “... eu achei que a gente não ia ficar à vontade e no início (...) eu pensava que era meio invasivo, né? A gente ficar discutindo nossos problemas familiares com uma equipe de seis pessoas, são dez pessoas numa sessão.”. Já Miguel e Inês descrevem uma desconfiança inicial em partilhar informações com a equipe. Não havendo garantia de que eles não comentariam sobre a família: “... então eu fiquei com medo de ‘Ah, será que essas pessoas vão acabar deixando escapulir alguma coisa?! Falar alguma coisa da família, não sei o que’.” (Miguel). Inês complementa ao relatar receio sobre o que eles pensariam sobre ela.

Héctor e o filho também falam sobre a idade dos membros da equipe. Esse aspecto é principalmente destacado pelo pai. Ele se disse assustado com a pouca idade dos integrantes e que sua esposa comentou esse fato: “... Amália quando chegou em casa disse que: ‘Eu estou chocada. Como que os meus filhos vão ajudar meus filhos, essa garotada aí? Não vai rolar’.”. Héctor chegou a questionar a competência da terapia: “... será que esse pessoal [equipe] vai mexer em lugar errado? Vai piorar minha família? Aqui do jeito que a gente já tá eu não posso correr esse risco!”. Esse estranhamento, segundo ele, é devido às suas experiências anteriores em psicoterapia terem sido com profissionais mais velhos ou equivalentes com sua idade: “E quando eu olhei aquele time de pessoas na minha frente, eu falei: ‘Poxa. Todos os terapeutas que tive eram mais velhos do que eu, menos o M., mas ele é um ano mais novo que eu, ou dois anos, três, não sei’.”. Essa fala ocorreu, inclusive, apesar de anteriormente ele afirmar ter maior

facilidade em se adaptar as particularidades do atendimento. Já que, em sua atuação profissional, ele tem experiência com ensino de jovens.

Vale ressaltar que a primeira impressão, apesar de impactante, não permaneceu para os familiares. Todos relataram mudanças em seus sentimentos e pensamento iniciais sobre a equipe. O número de profissionais na sala, antes visto como um desafio desse atendimento, atualmente, é valorizado. Amália e o filho consideram que esse aspecto traz aconchego e leveza às sessões: “... dá até uma certa leveza o fato de ter tanta gente, dá até uma certa leveza na condução do trabalho, acho que quebra a tensão, né?”. Miguel também enfatiza como a presença dessas pessoas lhe dá uma sensação de proteção e de apoio: “... você vê que a equipe reflexiva e os psicólogos estão lá para te ajudar. (...) porque você sente que tem muito mais pessoas que podem te ajudar do que só a família, porque às vezes tem desentendimento.”. Assim como Inês, que conta se sentir apoiada pela equipe em diversos momentos.

Já as intervenções da equipe, antes vistas com estranhamento, agora são aguardadas por Héctor: “... a equipe começava a interpretar ou comentar ou dar opiniões, no início é uma coisa estranha (...) depois começou a criar uma expectativa positiva: ‘Até onde a gente conseguiu ir né? Como que as pessoas veem’...”. Suas reflexões, antes vistas como irrelevantes, agora são tidas como importantes e positivas para Miguel: “Só que com o tempo eu fui vendo a importância que eles [equipe] tinham, é realmente algo útil para a família porque é uma visão a mais.”. Segundo ele, os comentários trazem perspectivas novas e, por vezes, o ajudam a enfatizar uma opinião que gostaria de colocar para os outros: “Hoje em dia se eles falam alguma coisa da família que eu concordo, eu dou a alfinetada junto com a equipe.”.

Para Héctor, o atendimento se tornou um ambiente familiar, no qual a equipe, mesmo com a troca de seus membros, “... começou a ser uma parte maior do meu sistema familiar”. Assim como o pai, Inês fala sobre o desenvolvimento de um vínculo entre eles. Vínculo esse baseado no carinho e na confiança, além da valorização de sua fala: “... construído um laço de

confiança, tudo o que elas [equipe] falavam, eu já estava levando pra casa, sabe? (...) elas sempre mostram muito carinho pela gente, eu acho isso muito bom.”.

A presença e o funcionamento da equipe reflexiva, mesmo sendo explicados, geraram impacto e dúvidas nos participantes. Héctor admite ter tido uma percepção inicial errada da equipe. Ele acredita que isso se deve ao preconceito e receio da família em falar além dos terapeutas: *“Por que a gente se surpreendeu com essas questões? Eu acho que foi um pouco de preconceito nosso em relação a terapia familiar. (...) A gente estava com medo de falar além dos terapeutas...”.* Segundo ele, apenas após compreender, na prática, como esse método funciona que o processo terapêutico se desenvolveu: *“Depois eu entendi como o negócio [atendimento com equipe] funcionava e a gente começou a surfar no alto da onda, muito mais tranquilo, mas o começo foi muito punk.”.* Essa compreensão foi atingida quando os membros da família perceberam a equipe como uma parte do processo, não como simples observadores: *“... depois que a gente compreendeu que aquelas pessoas que estavam lá [equipe] também estavam fazendo parte do processo. Elas não eram simples observadores, como a gente pensou. Nós entendemos a coisa errada, eu acho.”.*

A relação da equipe desenvolvida com a família, para Héctor, superou seus preconceitos: *“Mas a prática, e o que eu falei, a forma com que a equipe se relacionou com a família supera qualquer preconceito. No nosso caso, superou qualquer preconceito.”.* Assim como seu profissionalismo e sua dedicação: *“Os meninos [equipe] que estão ali na frente são profissionais à beça. As pessoas são superdedicadas ao que estão fazendo e nos passam essa segurança, acho que isso é que foi difícil da gente entender que vir pra cá era legal.”.*

Nesse sentido, quando a família descreve sua relação atual com a equipe reflexiva, todos falam de forma positiva e sobre as mudanças de sua perspectiva inicial. Miguel, por exemplo, retrata sua relação como *“tranquila”* e baseada no *“respeito mútuo”*. Nunca houve

desentendimentos ou discussões, o participante diz que desabafa, escuta e se posiciona perante eles de forma calma:

... a gente não, ninguém nunca chegou a discutir ou se desentender, aí você vai só jogando para fora e se alguém falar alguma coisa que você não concorda, tudo bem, mas ouve. Ouve a pessoa, deixa até o final, aí qualquer coisa você coloca outro ponto, mas sem nunca ficar agressivo, sempre deixei tudo levar tranquilo.

Inclusive, ele se vê confortável o suficiente perante a equipe para discordar do que é exposto e comunicar isso a eles:

Se eles [equipe] falam alguma coisa que eu não concordo comigo ou o geral da família, que afete diretamente alguém da família, eu falo: “Olha, não é bem assim”, aí eu entro na minha visão como membro da família. Mas também é sempre muito tranquilo.

Héctor e a filha destacam o suporte e a segurança que a relação com a equipe dá para eles. Por outro lado, Amália relata uma relação “*amistosa e boa*” com a equipe e, mesmo sendo mais próxima dos integrantes antigos: “... *eu sou mais próxima do membro I. e da outra que eu esqueci o nome que são as duas que estão com a gente desde o iniciozinho.*”, a descreve como profissional: “*Eu tenho uma relação amistosa, boa, gosto de todos eles [equipe], (...) mas é uma relação profissional.*”. Um vínculo, segundo ela, ainda não foi desenvolvido com os novos integrantes devido aos poucos encontros que tiveram até o momento:

As outras duas [integrantes da equipe], até por estarem há pouco tempo com a gente, porque nesse segundo semestre a gente passou a fazer terapia quinzenal, então nossos encontros são duas vezes ao mês, a gente está em outubro, está acabando o semestre, são duas vezes por mês, então são poucos encontros. Aí a gente ainda não criou tanta assim um vínculo...

Ainda assim, a participante ressalta a empatia do grupo e como falar perante a equipe não a deixa mais insegura ou desconfortável: “*Então, acho que é isso, uma boa relação porque*

se não existisse empatia, quantas vezes eu comecei a fazer terapia, fui na primeira sessão e não voltei mais porque não me identifiquei com o terapeuta, então tem que existir.”.

Ainda sobre sua relação com a equipe reflexiva, mãe e filhos, quando questionados se o sexo de seus membros importava, responderam que não. Os três concordaram que ter uma equipe predominantemente do sexo feminino ou masculino não afetava a eles ou a terapia, porém, justificaram suas opiniões de formas diferentes. Eles também usaram como exemplo sua própria psicoterapia que, apesar de ter uma equipe composta apenas por mulheres, tem um coterapeuta do sexo masculino.

Amália argumenta que os assuntos tratados nas sessões podem ser conversados por pessoas de ambos os sexos: *“Até porque tem o coterapeuta B. que é homem, tem meu marido, tem meu filho, então não vejo diferença.”.* Inês narra como sua opinião sobre a importância do sexo do terapeuta mudou ao longo da terapia:

Porque eu lembro que quando eu comecei a terapia de família, eu pensei que ia me sentir desconfortável falando com o B., porque eu nunca antes tinha tido um psicólogo homem. Mas eu me sinto muito confortável com o B. e então eu acho que não faria diferença quem tivesse do outro lado.

Já Miguel descreve que o que realmente importa em um profissional são suas intenções de ouvir e ajudar a ele e a família:

... isso não faz diferença alguma para mim, o sexo das pessoas, contanto que as pessoas estejam lá para me ouvir e me ajudar, o que é o que a gente está procurando, e ajudar a família, ouvir a família... eu acho que está ótimo.

Além disso, ele aponta que, sendo uma característica sua, ele sentiria desconfiança com qualquer profissional de Psicologia, independente do sexo. Principalmente, se ele for um novo integrante:

Porque minha falta de confiança em pessoas não... pode ser homem, mulher, inicialmente eu vou ficar desconfortável de qualquer forma (...) ainda mais agora, nesse semestre mudou várias vezes pessoas da equipe. Eu vou ficar, inicialmente, com muita desconfiança em torno das pessoas.

Héctor responde à pergunta sobre o sexo dos integrantes da equipe argumentando que, em toda atividade, é necessário ter equilíbrio: “Ah eu acho que tem que ter equilíbrio nessas coisas sabe, é... em qualquer atividade em grupo eu acho que tem que ter equilíbrio.”. Em sua profissão, ele sempre busca trabalhar com grupos no quais o número de homens e mulheres é aproximado. Segundo sua experiência, mulheres são mais organizadas e homens são mais explosivos, criando um ambiente equilibrado ter a mistura dos dois:

Eu não sei, talvez por causa dessa minha atividade em magistério. (...) O laboratório [com meninas] era uma maravilha, tudo organizado (...) Eu já tive laboratório de equipes que eram mais meninos. E a gente brigava, porque homem não tem jeito, tem que ficar medindo tamanho o tempo inteiro (...) Então, mas porque que eu tô falando isso, porque quando eu tenho o equilíbrio, quando eu tenho no laboratório meninos e meninas é superlegal.

O participante cita como exemplo para a necessidade de uma equipe composta por homens e mulheres, um episódio que ocorreu na terapia. Ele narra que, durante uma conversa paralela, durante a sessão, falou “isso é coisa de homem”. Uma expressão que, segundo ele, é usada como brincadeira com seu filho. Héctor conta que se arrependeu de ter feito esse comentário, pois, durante a fala da equipe, um membro questionou seu significado:

Uma das pessoas... aquele dia foi punk... agora eu me lembrei isso, porque uma das pessoas disse: “Eu quero voltar a esse tema. O que você quis dizer com isso?” (...) Porra... se eu tivesse uma frase que eu escolheria “qual frase na sua vida você escolheria banir no tempo no espaço”... seria essa.

Nesse momento, o coterapeuta do sexo masculino interveio e o assunto não foi mais abordado:

Aí o coterapeuta B. cortou e nunca mais a coisa voltou. Por que é coisa de homem, o B. sacou. (...) Se tivesse um menino na equipe reflexiva, acho que ele teria interferido, porque ele teria sacado que eu não estava brigando, eu não estava criticando, eu estava sério, mas o Miguel estava rindo, porque era uma expressão...

Apesar de acreditar que uma equipe mista traria benefícios para o atendimento, Héctor também aponta algumas ressalvas quando imagina como o sexo dos profissionais poderia afetar o processo terapêutico de outras famílias. Segundo ele, senhoras mais velhas, mães ou filhas poderiam se incomodar com a presença de homens na sala: *“Eu acho, por exemplo, a educação que minha mãe recebeu, ela jamais entraria numa sala com terapia familiar, com equipe reflexiva, com homem. Jamais!”*.

A relação com a equipe reflexiva, por fim, ainda é comparada com a desenvolvida com os coterapeutas. Todos, exceto Amália, não identificam diferenças entre essas relações. A mãe se diz mais segura e confortável com os últimos. São eles com quem ela mais interage, enquanto a equipe apenas se manifesta nos minutos finais das sessões: *“Porque eles [coterapeutas] interagem muito mais com a gente, a equipe reflexiva, eles ouvem e só falam nos cinco, dez minutos finais da sessão.”*.

Em contrapartida, todos os outros respondem não identificar tal diferença nas suas relações. No entanto, os três alegam que, inicialmente, essa perspectiva era diferente. Héctor e o filho afirmam que, no começo do processo terapêutico, acreditavam que os terapeutas eram mais importantes que a equipe, o que mudou no decorrer do processo terapêutico. O pai os enxergava como um grupo subordinado e que as falas e as intervenções relevantes para a família apenas poderiam ser feitas pelos psicólogos da frente: *“Então eles [equipe] não poderiam me*

dar sugestões, ideias, críticas, reflexões tão boas quanto os da frente...”. Já Miguel conta ter sentido uma confiança muito maior nos terapeutas:

Antigamente era uma confiança muito maior nos terapeutas do que na equipe reflexiva, porque os terapeutas eu via, como eles pareciam ser mais velhos, pareciam ter mais experiência, então eles inspiravam mais confiança, a equipe não. A equipe eu olhava e “Pô, a galera da minha idade, não vai rolar”.

Inês justifica tal percepção inicial. Para ela, o fato de os coterapeutas terem mais tempo de fala e darem o primeiro retorno para a família faz com que os familiares desenvolvam uma relação primeiramente com eles: “... a gente acaba pensando que o terapeuta é quem merece mais nossa confiança.” Com o desenvolvimento da terapia, porém, todos os três relataram mudanças na sua forma de ver e de se relacionar com a equipe: “... só que eu vi que era tudo a mesma coisa, as pessoas elas estão juntas lá para poder ajudar, então dá para ter essa confiança.” (Miguel). A filha, inclusive, se diz mais à vontade com a equipe reflexiva:

... mas no meu caso, eu me sinto muito mais à vontade com a equipe reflexiva, porque muitas vezes são elas que mostram mais carinho assim por mim... (...) elas que estão sempre voltando para esse tópico de mostrar que está tudo bem.

Por vezes, focando individualmente nela: “Eles [coterapeutas] também fazem, mas é porque eles têm que dividir para os quatro, sabe? E elas podem focar individualmente por causa do tipo de trabalho delas.”.

Após descreverem sua relação com a equipe, os participantes ainda discorreram sobre a interação entre os próprios membros da equipe reflexiva e suas consequências para o processo terapêutico. Ao falarem sobre a ocorrência de discordâncias durante as intervenções, a família se dividiu. O casal respondeu que os integrantes parecem estar sempre “*harmônicos*” e “*alinhados*”. Além disso, hipotetizaram que, caso eles já tenham discordado, não ocorreu em frente à família ou foi tão sutil que eles não perceberam: “*Eu acho que não, eu acho que eles*

[equipe]... assim, se teve a contestação ou desarmonia, ela foi tão sutil que eu, pelo menos, nem percebi isso.” (Amália). No entanto, apesar da resposta negativa para a questão, Héctor citou um episódio que não caracterizou como uma discordância, mas sim um desalinho entre a equipe e os coterapeutas. Ele cita, especificamente, o momento no qual um membro novo anunciou a saída de um dos coterapeutas, de forma prematura, e disse que iria assumir seu lugar:

Mas foi, a coterapeuta S. estava se despedido da equipe e uma das pessoas da equipe reflexiva, que eu acho que não é uma psicóloga ainda, disse que era ela que iria entrar no lugar da S., e a S. (risos)... A S. tem um jeito de olhar muito peculiar, e ela olhou com uma cara de professor que olha pro aluno que quebrou alguma coisa (risos).

Já os filhos responderam que ocorreram momentos nos quais os integrantes da equipe discordaram entre eles, apesar de terem tido dificuldade para recordá-los. Inês afirma que, apesar de saber que isso já ocorreu, não lembra, provavelmente, por ser algo que não está diretamente ligado a ela. Miguel, por sua vez, descreve um episódio que caracteriza como “*não alarmante*”:

Eu acho que um momento, mas não foi nenhum discordar muito alarmante. (...) Eu não me recordo do assunto, eu lembro só que teve algum momento assim em que um pensou uma coisa e o outro entendeu outra. (...) Foi uma coisa tranquilíssima, foi só um ‘acho que não foi isso’, aí o terapeuta falou “O que a família acha?”, aí família explicou o que tinha... eu lembro que no final das contas não tinha visão errada, é só que uma não entendeu o que a outra falou.

Quando indagados sobre a forma como se sentiram ao presenciar uma discordância da equipe, os filhos responderam de forma diversa. Miguel caracterizou esse episódio como “*normal*”, já que:

... em algum momento, as pessoas não vão entender o que um está falando para o outro (...) se a família que vive junto não consegue se entender e discute por uma coisa que

os dois estão falando exatamente igual, pessoas que não se conhecem há vinte anos, não vão se entender mesmo...

Inês, por outro lado, afirma que uma possível discordância pode ocorrer na equipe caso a sua própria fala não seja clara. Segundo ela, se sua fala estiver aberta para várias interpretações, deve cuidar para não gerar entendimentos errados.

Por fim, em uma pergunta hipotética sobre como Amália se sentiria caso ela presenciasse um momento de desacordo entre os membros da equipe reflexiva, ela respondeu que qualquer dissenso entre eles deve ser resolvido fora da sessão. Ela, apesar de ponderar que os membros são pessoas, cada um com uma perspectiva diferente, acredita ser importante que eles tenham um consenso para que a família encontre harmonia.

Contribuições do Uso da Equipe Reflexiva. Todos os membros da família, ao falarem sobre as contribuições da equipe reflexiva para o seu atendimento, destacam como pontos positivos o conteúdo de sua intervenção e suas consequências para os familiares. Como já discutido anteriormente, os filhos apontam como a equipe fornece uma perspectiva nova sobre questões discutidas na terapia:

Às vezes, a visão que eles [equipe] dão no final da sessão serve para ajudar elaborar pensamentos novos que, às vezes, a família não percebe durante a sessão inteira (Miguel); Eu vejo que muitas vezes elas [equipe] falam coisas que a gente não percebe enquanto a gente fala, pontos que a gente nem está percebendo e elas trazem, às vezes, mais reflexões que os psicólogos que estão na frente. (Inês)

O casal e a filha responderam de forma negativa ao serem indagados se a equipe, em suas intervenções, já disse algo fora do contexto da sessão ou da família. Inclusive, mãe e filha ressaltam o cuidado que é tomado antes de algo ser dito por eles. Inês aponta como a equipe costuma fazer perguntas como uma forma de evitar que algo seja dito de forma incorreta: “*Não, normalmente antes delas [equipe] falarem algo assim, elas perguntam, acho que é exatamente*

para evitar que elas falem algo que não acontece, acho que elas tomam muito cuidado antes de falar.”.

A mãe e o filho narram o impacto que sua intervenção pode ter, enfatizando como as diversas perspectivas apresentadas os levam a compreender e refletir sobre as questões familiares de forma diferente: *“Então, às vezes, um ou o outro comentário que eles [equipe] podem fazer pode dar um estalo em alguém e esse estalo faz a pessoa entender o que está acontecendo.”* (Miguel). Mesmo que, como apontou Amália, algumas interpretações causem incômodo: *“... essa interação entre os terapeutas e a gente, e a gente ter a oportunidade, por mais que tenha dia que não seja tão bom, mas de ouvir várias interpretações daquilo que se passou, daquilo que a gente falou.”.*

Já Héctor aponta a conotação positiva da fala da equipe. Algo que, segundo ele, levanta a moral dos familiares durante atendimentos difíceis: *“Então, às vezes, minha esposa tava muito chateada, porque foi muito criticada. Das quatro pessoas que estavam lá atrás envolvidas nos observando, sempre tinha uma que levantava um pouco a moral, trazia um pouco de coisa positiva assim.”.* Sua resposta traz a ideia de que a equipe ajuda a equilibrar as diversas interações e relações que se desenvolvem ao longo do atendimento:

Então a gente percebia que a atenção lá atrás [equipe] tava muito mais voltada para equilibrar o que tava acontecendo com a família e isso eu achei uma coisa superlegal, porque não é igual você conversar com uma pessoa só, né, se você fala uma bobagem e a pessoal fica chateada, lascou, não tem ninguém para equilibrar...

Nesse sentido, a equipe pode compensar conflitos ou erros de entendimento entre a família e os terapeutas:

... o que eu achei mais interessante, por mais que nossa interação com os terapeutas é... pudesse causar algum (...) aborrecimento, alguma percepção de que uma fala ou outra não pegou bem e aquilo (...) a equipe que tá por trás dos terapeutas, pelo menos é essa

equipe que trabalho com a gente, eles eram muito observadores nesse sentido, e a equipe equilibravam essas imperfeições das nossas percepções.

Além de poder equilibrar sua autoridade:

De uma maneira geral, a equipe reflexiva me traz esse suporte (...) o poder que o terapeuta tem de me dizer na hora “Faça isso, faça aquilo, é a vez da sua filha falar, não é a sua”, é um poder muito grande né. E saber que eu tenho uma equipe ali atrás que eventualmente pode fazer uma crítica até a esse comportamento é muito legal.

Os filhos e Héctor também destacam como a equipe reflexiva ajuda e dá suporte a eles:

“De uma maneira geral, a equipe reflexiva me traz esse suporte além dos doutores que estão na minha frente. Independente de serem eles doutores ou não...” (Héctor). Como citado anteriormente, o pai diz sentir segurança ao saber que a equipe pode opinar sobre a forma como o atendimento está sendo conduzido. O que equilibra a autoridade dos coterapeutas. Segundo Miguel, ela é fundamental para equilibrar as interações, dando apoio e proteção quando necessário: *“Então, se você tem alguma coisa que você acha que a sua família vai ficar, vai não concordar ou ficar contra, você vai ter seis pessoas para ajudar.”*. Já Inês conta se sentir apoiada pela equipe em momentos difíceis: *“... mas tipo, pelos menos essas últimas semanas que eu ando tocando em assuntos mais detalhados, eu percebo que elas [equipe] sempre estão lá mostrando apoio pra mim. Eu acho isso muito importante também.”*. Ela se refere aos seus membros como *“protetores”*.

O pai descreve que o suporte oferecido pela equipe é dado de duas formas diferentes. Primeiramente, ela ajuda os familiares a *“verbalizar”*, ou seja, ajuda-os a expressar, verbalmente ou não, seus pensamentos e sentimentos:

Ela [equipe] interage nos ajudando a verbalizar (...) Então é um rompedor de barreira, se eu não quero segurar a mão, a equipe me ajuda a segurar a mão. Se eu preciso me

afastar um pouquinho, a equipe me ajuda nisso também e me mostra que eu não estou fazendo nada ofensivo.

Os filhos descrevem esse comportamento como um benefício do atendimento com equipe reflexiva. Miguel retrata a equipe como uma forma de apoio para se posicionar perante os outros. Ele narra um episódio que ocorreu com sua irmã, no qual ela se sentia insegura para comunicar algo para sua família. Aqui os terapeutas e a equipe a cercaram fisicamente para apoiá-la:

... eles [equipe] falaram exatamente aquilo que eu tinha falado, assim, 'Agora se você quiser falar, você pode falar porque agora não é você contra os três membros da família, é você e toda a equipe te ajudando a falar para os membros da família'. Então, dá um sentimento de aconchego muito grande por ser muita gente...

Já Inês descreve como, por vezes, a equipe fala em nome de um familiar. Nesses casos, eles verbalizam aquilo que o cliente não consegue ou tem dificuldade em dizer: “... *porque teve muitas vezes que a gente tava com dificuldades (...) daí uma delas [equipe] ir para atrás da gente e falar pela gente (...) e elas sempre falavam muito bem, sempre conseguiam entender o que a gente estava sentindo...*”. Como exemplo, citou uma sessão na qual ela não estava conseguindo falar sobre um assunto difícil e sentia que os outros não a estavam compreendendo. Um membro da equipe, naquele momento, falou por ela, verbalizando tudo o que ela gostaria de falar: “... *e na época a I. estava na equipe reflexiva e ela veio atrás de mim, ela pegou no meu ombro e ela falou direitinho tudo o que eu queria falar para eles.*”. Isso a fez sentir compreendida e a fez perceber como a equipe estava atenta a ela: “*Eu acho que eu me senti assim entendida, sabe? (...) na hora que ela falou tudo aquilo e eu percebi que eles estavam entendendo e ela conseguiu explicar aquilo para a minha família foi assim incrível.*”.

A mãe também descreve como o grupo ajuda os familiares a se expressarem. Amália descreve como seus integrantes, por vezes, verbalizam opiniões que ela não poderia expressar, mas que gostaria de colocar para os outros:

Então eu acho que é justamente isso a coisa bacana da equipe, né? Como elas dizem as percepções delas, muitas vezes as percepções delas são exatamente aquilo que você está pensando, o que você está querendo expressar e, às vezes, você acha que não é o momento de falar.

Além disso, outro suporte oferecido por eles, comentado tanto pelo pai como por Inês, é o de tranquilizar e preparar a família para o início do atendimento. Isso ocorre no início da sessão, por meio da interação física entre eles, com abraços e cumprimentos: “*Sempre é elas [equipe], elas falavam direitinho com a gente, toda semana, eu não sei como é nas outras famílias, mas na nossa família pelo menos, a gente se despede, se abraça, dá ‘oi’ pra todo mundo...*” (Inês). Essa interação é apontada por Héctor como especialmente importante: “*... isso foi muito importante, faltava um pouco do aconchego familiar, nós somos quatro pessoas que não temos família aqui.*”. Outra função da interação física com a equipe é a de contribuir para o alívio de tensão nos atendimentos. Como exemplo, o pai narra uma dinâmica: “*Porque a equipe trabalhou quase como se fosse um... como se todos nós [família] tivéssemos em cadeiras de rodas ou presos, imobilizados e a equipe inteira agiu nos orientando o movimento.*”. Quando as relações familiares começaram a ser abordadas na sessão, eles os abraçaram e orientaram. Não houve falas e a tensão foi quebrada pelo contato físico com a equipe: “*A gente estava falando exatamente sobre nossas relações e em algum momento ficou tão tenso (...) eles nos abraçaram e nos orientaram. Eu não me lembro de ninguém falar nada, foi uma coisa muito emotiva.*”.

Nota-se como o casal e a filha destacam a atenção e o conhecimento que a equipe expressa ter sobre a família. Como citado anteriormente, Inês ressalta como a equipe é atenta a

ela, quando narra o episódio no qual um de seus membros verbalizou, por ela, o que ela gostaria de falar. Héctor descreve uma sessão na qual a equipe reflexiva falou por mais tempo que a família. Essa intervenção, segundo ele, demonstrou o conhecimento e o cuidado dos integrantes:

... mas eles [equipe] falaram à beça, mostrando pra gente como eles estavam próximos do conhecimento da nossa família, deu uma segurança muito grande essa interação. Precisa ter uma atenção muito grande para você tá olhando quatro pessoas completamente diferentes, com problemas completamente diferentes, com idades completamente diferentes. E as pessoas que estavam lá tiveram coragem de se aproximar como se conhecesse a gente desde pequenininho e pessoas jovens se emocionando junto com a família. Muito bacana isso.

Já Amália, ao narrar momentos marcantes de suas sessões envolvendo a equipe, fala de forma geral, não citando nenhum momento em particular. Ela relata: “... *mas assim, em algumas sessões algumas coisas que elas [equipe] falavam, que elas percebiam assim, das percepções delas, eram coisas que tocavam diretamente, entendeu? Poxa, como é que pode ela ter percebido isso?*”.

Toda a família afirma que a equipe reflexiva é importante para sua terapia. Quando indagados sobre em que momento ou momentos ela é mais importante, cada um narrou situações distintas. Miguel, por exemplo, destaca a relevância da equipe a partir do instante em que ela começa a falar. Já que sua intervenção permite a discussão de perspectivas diferentes sobre questões familiares: “*Quando eles [equipe] começam a falar já são importantes, exatamente, porque eles vão trazer visões diferentes...*”. Segundo o participante, a importância da equipe foi apenas percebida por ele a partir de um episódio específico:

Acho que foi em momentos que a minha irmã começava a chorar ou ficar preocupada com alguma coisa, os terapeutas pediam para a equipe estar junto dela, então eu

comecei a ver a importância aí, porque minha irmã ficava muito mais tranquila junto a equipe.

Amália fala sobre o papel da equipe nos momentos mais tensos e emotivos dos atendimentos. Nessas circunstâncias, ela observa a preocupação dos membros com a família e constata como suas falas criam uma empatia entre eles:

... a gente vê que são pessoas [equipe] que estão preocupadas com a gente, elas não estão ali só para assistir. A gente percebe isso no final da sessão, quando elas fazem as observações delas acaba que vai se criando uma empatia entre o grupo da família e o grupo dos terapeutas, então eu acho que é bastante importante, bastante interessante.

Já a filha descreve a relevância da participação da equipe nas dinâmicas das sessões. Como dito anteriormente, nesses momentos, os integrantes se fazem presentes ao apoiar e ajudar os familiares a se comunicarem.

Héctor é o único a citar um episódio específico quando indagado sobre o momento em que a equipe reflexiva é mais importante. Ele cita um atendimento no qual conversou com Inês sobre um momento delicado que tinham passado: *“Eu acho que foi numa das sessões que eu e Inês resolvemos conversar sobre o momento (...) Porque todo mundo interagiu pra segurar a Inês, segurar num sentido figurado, pra dar o apoio pra Inês ouvir o que eu tinha pra falar.”*. Segundo ele, a equipe foi fundamental não apenas para esse momento, como também para todo o processo terapêutico:

E olha só, eu acho que se não fosse esse método, que eu não fazia a menor ideia de como funcionava, minha filha não tinha falado. (...) A Inês identificou com a equipe... E, olha, tudo isso caiu assim porque a Inês viu pessoas muito próximas a ela...

Ainda sobre as contribuições da equipe reflexiva para o atendimento, a família narra como ela colaborou para um melhor autoconhecimento e uma melhor percepção de suas relações e interações familiares. Miguel afirma que a equipe ampliou e ajudou sua escuta, não

apenas de seus membros, mas também de toda família. Ele descreve como observar ela atenta a tudo o que é dito o estimulou a prestar atenção às falas de seus familiares: *“Isso o que tem mais ajudado assim, porque ver eles [equipe] atentos também me faz querer ficar atento para captar o que eles [família] estão falando.”*. No início do processo terapêutico, era comum a equipe comentar questões que ele não tinha reparado. Agora, suas observações costumam ser notadas ao longo do atendimento:

Inicialmente, teve algumas sessões que eles falaram algumas coisas que eu não tinha percebido que tinha sido falado, só que depois de um tempo, a equipe reflexiva tem um ano e meio quase, agora assim, o que eles citam no final da consulta, eu prestei atenção em tudo.

Héctor atribui a equipe o fato de ter aprendido a se comunicar melhor com sua família. Ele acredita que o fato dos seus integrantes relembrem e ressaltarem suas falas faz com que ele se ouça melhor:

Eu aprendi a me ouvir né, porque eu tenho alguém que me lembra na hora o que eu falei, isso é muito interessante. Então quando fazem, eu acho que eu aprendi muito foi isso, é ter cuidado, mas não cuidado... policiamento, mas eu sei o que eu tenho que expressar o que eu tenho que falar.

Amália diz ter aprendido sobre si e como se colocar: *“Olha, eu já aprendi que tem muito mais a hora de calar do que a hora de falar. Eu já aprendi que eu tenho os meus limites, que eu não sou o centro do mundo e que...”*. Ela nota mudanças em si e aponta a terapia de família:

... terapia em família foi um divisor de águas na minha vida, definitivamente, e eu considero isso principalmente por conta do processo de abordagem da terapia. Então, eu acho que em um ano eu aprendi coisas e isso não é só uma percepção minha, claro que eu percebo que eu mudei...

Já Inês ressalta como a equipe valoriza as percepções e sentimentos dos participantes:

Tem muitas vezes que eu falo uma coisa e eu fico pensando “Nossa! Que besteira que eu falei!” e elas [equipe] sempre retomam falando o quanto foi importante aquilo que eu falei ou elas falam o quanto foi interessante aquilo que a gente fala...

Esse comportamento lhe ensinou a importância de sua própria fala:

Hummm.. eu acho que o que elas [equipe] mais mostram pra mim é que eu não estou falando bobagem, sabe? (...) eu acho isso muito bom porque faz a gente pensar “Eu não estou falando besteira, eu não estou inventando coisa, não é coisa da minha cabeça”...

Desafios no Uso da Equipe Reflexiva e Sugestões para sua Superação. Todos os membros da família, ao falarem sobre os desafios do uso da equipe reflexiva para o seu atendimento, responderam de forma diversificada sobre suas principais dificuldades, destacando questões como: o número de pessoas na sala de psicoterapia, sigilo, idade dos membros da equipe e suas mudanças. Vale ressaltar que toda a família respondeu pensando nas experiências pessoais que tiveram que enfrentar, ou ainda enfrentam, nesse tipo de atendimento. Héctor, além disso, também respondeu à pergunta imaginando a dificuldade que outras famílias poderiam encontrar com tal abordagem.

O pai e os filhos narram a quantidade de pessoas na sala como algo que, inicialmente, foi um desafio. Miguel conta que, nas primeiras sessões, existia um medo e uma insegurança em falar para tantas pessoas:

Porque as primeiras sessões você vai achar estranho porque, por exemplo, no caso a minha família são quatro pessoas e são quatro contra seis, parece, porque são dois psicólogos e a equipe reflexiva de quatro pessoas (...) O negócio é: inicialmente você fica com medo de falar porque é muita gente. (...) Parece que vai estar todo mundo contra você e você não se sente seguro...

Da mesma forma, Inês receou ser julgada pela equipe: *“Eu me senti meio estranho, como... eu não tava confiando muito e tinha muita gente me ouvindo, eu não sabia o que ia acontecer com essas informações, o que eles iam pensar sobre o que eu achava, mas com o tempo...”*.

Pensando em outras famílias, Héctor ressaltou que dependendo da forma como a equipe reflexiva se apresenta, pode passar uma impressão equivocada. O grande número de pessoas pode dar a sensação de se estar dentro de um hospital ou cadeia, para ser analisado. Além disso, o participante, apesar de se descrever como uma pessoa com maior facilidade para lidar com as particularidades dessa modalidade de terapia – devido à sua experiência profissional em ambientes de ensino e com pessoas jovens – também relatou receios, iniciais, sobre seu funcionamento e seu desenvolvimento:

... eu acho que dependendo de como a equipe reflexiva se apresenta, pode ser um problema (...) se você pintasse todo mundo que estava na sua frente de verde, você ia ter um medo danado, porque você ia pensar que estava dentro de um hospital. (...) Mas aí se você me pergunta assim: “Como você veria isso, se não fosse seu ambiente?”. Bom, eu não gostaria de ter as pessoas de jaleco na minha frente, né?. Eu ia me sentir prisioneiro ou doente – que eu acho que não é legal para terapia nenhuma.

Segundo ele, surgiram questionamentos e inseguranças sobre como a equipe e sua atuação poderiam afetar, ou até inibir, a família:

... aquela era a primeira vez, eu não sabia se as pessoas podiam interferir. Não! O coterapeuta B. falou que eles [equipe] não podiam interferir. Ah mas vá... E se pinta um clima, né. Eu tô falando uma coisa, alguém fala outra e alguém se olha, pooo... isso podia dar um problema danado.

Héctor ainda diz que algumas orientações importantes deixaram de ser dadas no início do processo terapêutico. Ele cita situações que poderiam ter sido evitadas se eles tivessem sido informados: *“Então esse é uma orientação que hoje a gente sabe, mas talvez tivesse sido bem*

esclarecido no primeiro momento de contato com a equipe: ‘Olha você se sentiu violentado, levanta o dedo e oh! Parou’.”. Como exemplo, ele narra falas de seus familiares que o incomodaram e ele não teve iniciativa para se expressar:

Então é complicado, mas isso é uma das coisas complicadas da terapia familiar, porque em várias sessões, eu acho que, ou eu não estava preparado, o Miguel, a Inês, ou Amália, a sessão foi continuada porque a gente não teve a chance de dizer, ou a liberdade, liberdade não seria, porque liberdade a gente tem, a gente não teve a iniciativa de dizer, como indivíduo: “Oh! Passou do meu limite”.

Outra questão destacada pelos membros da família foi o sigilo. Miguel e Inês afirmam que, inicialmente, devido ao número de pessoas na sala, ficaram inseguros em falar: “*Você não sabe se essa informação vai estar segura que você está falando e novamente, é muita gente que você está olhando.*” (Miguel). Já Héctor argumenta que a pouca idade da equipe reflexiva pode causar questionamentos nas pessoas. Principalmente, em relação ao sigilo das informações compartilhadas em sessão: “*... se eu viesse de fora e não conhecesse esse meio, se os jovens são muito jovens, isso também, eu acho que causaria um tipo de problema para pessoas que não tivessem essa compreensão do que que é a universidade...*”. Como exemplo, ele citou uma fala de sua esposa, logo no início do atendimento: “*... eu tô falando isso porque eu ouvi isso da minha esposa (risos). (...) foi logo no início: ela virou pra mim e falou: ‘Héctor, são meninas que estão ali atrás, esse pessoal vai sair falando’.*”. Amália, nesse sentido, menciona que determinados assuntos são delicados de serem abordados, mesmo com a garantia do sigilo pelos coterapeutas, devido à rotatividade de alunos na equipe:

Olha, tem determinados assuntos que eu acho que são delicados de serem abordados, por mais que a gente saiba que existe toda questão de privacidade, do sigilo, não sei o que (...) e como o CAEP é uma clínica-escola tem uma rotatividade dos alunos que passam por lá, então isso me, assim, às vezes, me deixa um pouco desconfortável.

Além disso, outro motivo mencionado pela participante para não abordar, ou abordar de forma diferente, certos assuntos na psicoterapia é o fato do atendimento ter a presença de seus filhos: *“Mas, ao mesmo tempo, como é uma terapia de família, meus filhos participam (...) então existe essa medida mais ou menos do que deve ser e o que não deve ser falado...”*. Corroborando essa ideia, seu marido faz críticas ao atendimento de abordagem familiar. Ele afirma que a exposição, nesse caso, é muito maior. É necessário ter atenção e cuidado na fala, já que a relação familiar pode ser afetada por ela: *“Mas as pessoas que eu vou levar pra casa estão do meu lado. (...) Então quando expõe uma coisa muito complicada ou uma coisa que eu não queria que fosse exposto naquela hora, lascou, todo mundo ficou sabendo.”*

Mãe e filha concordam que a maior dificuldade em uma terapia com equipe reflexiva são as mudanças dos membros da equipe ao longo dos semestres. Amália afirma que as mudanças frequentes causam desconforto. Ela descreve que as constantes trocas de integrantes interferem na evolução do processo terapêutico, já que é necessário se readaptar e conhecer novas pessoas:

... eu sei que eu trato numa escola e tem essa característica, mas eu acho que essas mudanças, elas interferem na evolução do processo, se a gente estivesse desde o início com a mesma equipe, né? (...) assim, trocou a pessoa, você vai se readaptar aquela pessoa, aquela situação.

Ela, mesmo tendo levantado diversos questionamentos sobre as trocas de membros da equipe, argumenta que as mudanças nunca foram motivo para ela querer deixar o atendimento:

Então eu que, no início, claro, eu fiquei assustada, eu tive um pouco de receio, mas depois, mesmo com as mudanças, enfim, as mudanças me faziam, o resultado estava sendo tão bom que as mudanças das pessoas da equipe em nenhum momento me fizeram pensar “Eu não sei se eu quero mais fazer isso”, não por conta da equipe.

Na entrevista de Amália, dois episódios exemplificam a desconfiança e os questionamentos que a mudança da equipe pode acarretar. Um ocorreu quando, inicialmente, um novo integrante da equipe não participou das discussões, lhe causando incômodo:

Uma coisa que aconteceu que eu estava ficando muito incomodada, (...) desde quando tinha mudado essa equipe, tinha uma das ouvintes, no final ela não falava (...) aí eu pensava “Poxa, ela fica aqui, assiste todo processo para ela contribuir, na hora de contribuir, ela não contribui”.

A própria participante questionou se a falta de contribuição foi devido à timidez ou à adaptação: *“Mas na última sessão... talvez ela estivesse se adaptando, acho que ela é um pouco tímida também, mas na última sessão ela falou também, aí eu pensei ‘Tá bom!’.”* Segundo ela, é importante que exista uma troca entre a equipe e os familiares: *“Porque eu acho que tem que ter uma troca, né? A partir do momento em que eu me exponho, ela tem que expor também falando o ponto de vista dela...”*. Esse incômodo, no entanto, foi superado quando o membro falou: *“Uma coisa que aconteceu que eu estava ficando muito incomodada, mas aí desincomendei na última sessão, porque a menina falou...”*. Já o outro, foi uma situação na qual um novo integrante anunciou a saída de um dos terapeutas, de forma prematura, e disse que iria assumir seu lugar: *“Mas essa inadequada teve a mocinha que eu te falei. (...) Que anunciou a saída da coterapeuta S. dizendo que ela ia assumir a condução da terapia...”*. Esse episódio foi descrito como um momento no qual a equipe reflexiva foi inadequada. Para a participante, tal comportamento foi negativo, já que uma pessoa que ela ainda não conhecia deu uma notícia importante e se impôs para a família: *“... pensa, você tem uma equipe que trabalha contigo a um tempão, aí chega uma pessoa do nada e aquela pessoa faz a revelação todinha, dando as regras novas, eu achei aquilo assim o fim da picada.”*

É interessante notar que Héctor, como já citado anteriormente, também narrou tal episódio, mas o descreveu como um “*desalinho*” entre a equipe e os coterapeutas. Ele também

relatou ter sido algo pontual e engraçado, devido à forma como eles se comportaram para contornar tal erro. O participante, apesar de considerar o momento como algo de pouca relevância, se surpreendeu com seus efeitos na família: *“Não era uma coisa que nos afetasse né. Mas engraçado o que isso causou na família...”*. O episódio os deixou confusos e os fez questionar se os coterapeutas estavam desistindo do atendimento, já que a integrante que anunciou sua entrada não era formada:

... porque a gente não entendeu, foi assim: “Peraí, o coterapeuta B. ..., se essa pessoa que falou da equipe reflexiva não é uma psicóloga, como ela vai sentar aqui na frente? Será que o B. tá jogando a toalha? Será que vai botar uma pessoa que não tenha a mesma prática?”.

Inês também descreve desconforto com a entrada de novos membros na equipe, questionando o quanto eles sabem sobre ela e sua família e se eles vão compreendê-la:

... eu vejo no começo do semestre quando troca algumas que eu fico me sentindo meio, eu não sei o quanto que elas [novos membros da equipe] sabem, eu não sei como elas pegaram todo o roteiro da família (...) Não meio mal, mas meio aflita de falar alguma coisa e elas não entenderem porque elas não estavam aqui antes...

No entanto, ela restringe esse desconforto ao primeiro momento, no qual novas pessoas são apresentadas. Além disso, de forma geral, elas parecem estar cientes sobre o histórico da família: *“... em geral eu vejo que elas [novos membros da equipe] estão bem atualizadas no contexto. Então é só na primeira vez quando aparecem pessoas novas eu fico meio aflita.”*.

Ao contrário da opinião emitida pela mãe e pela filha, pai e filho argumentam não se sentir desconfortáveis com as mudanças da equipe. Miguel narra que, atualmente, independente das alterações, o processo terapêutico segue normalmente: *“Eu sinto que não mais, os terapeutas, eles reforçavam bastante a gente para, independente de quem entrar na sala... a gente sabendo que faz parte da equipe, a gente segue normal.”*. Nesse mesmo sentido, Héctor

descreve que a segurança que ele sente na terapia vai além das pessoas em si, uma vez que ela permanece, independente das trocas: *“Não, eu não sinto incômodo nenhum. E sinto uma segurança muito grande. E eu notei que essa segurança é além da equipe, porque os membros trocam e ainda assim eu consigo me sentir seguro.”*. Isso se deve, segundo ele, à preparação que ele percebe nos membros da equipe.

Ao mesmo tempo, ambos também descrevem como tais trocas afetam ou já afetaram a eles. Miguel, por exemplo, relata que, no início dos atendimentos, estranhava a mudança das pessoas. Isso o fazia questionar o comprometimento e o sigilo dos antigos membros:

Inicialmente, eu achava muito estranho, porque eu ficava pensando “Pô, se a pessoa saiu, eu sinto que ela não mais compromisso nenhum com a família, pode falar o que quiser” (...) Só que aí, depois de um tempo, com o que foi acontecendo com a terapia e com o que foi acontecendo em casa, eu fiquei, eu comecei a não ligar para o que as pessoas pensam da minha família e de mim (...) porque com tudo que está acontecendo na terapia e em casa, eu comecei a pensar “Olha, se a pessoa quiser entrar, sair e contar tudo o que ouviu (...) Eu realmente não ligo”.

Essa desconfiança, segundo o próprio participante, é uma característica sua. Ele afirma não confiar em pessoas, de forma geral, principalmente aquelas que guardam muitas informações, como é o caso do psicólogo:

... tem a ética das pessoas, tem o compromisso ético, o compromisso com a psicologia, só que ainda assim é um ser humano. Então eu não consigo confiar cem por cento. É um ser humano com informação demais, eu tenho medo disso (...) Eu não confio em psicólogos (risos) eu não confio de forma alguma, eu fiz um ano e meio de Psicologia, grande parte dos meus amigos da faculdade são de Psicologia, eu não confio em psicólogo. De forma alguma, eu não consigo! (...) Não é questão da equipe, isso é uma coisa pessoal mesmo.

Já Héctor descreve como, inicialmente, as alterações na equipe influenciam seu comportamento nas sessões:

Mas troca uma menina [novo membro da equipe], lascou assim, naquele dia eu vou olhar pro pé, eu vou me mexer pra burro (...) Então, é claro, quando eu me acostumei com a equipe era mais fácil de falar olhando para os terapeutas e olhando pra equipe.

Ele, porém, afirma que isso não se restringe ao contexto terapêutico. Segundo seu relato, situações profissionais nos quais ele deve lidar com um grande número de pessoas, que não o conhecem, o observando, o deixam tenso. Além disso, para ele, não olhar nos olhos de uma pessoa que acabou de conhecer é uma forma de demonstrar respeito: *“Então quando muda alguém da equipe, eu tendo a não... bom vocês já devem ter percebido isso, eu tendo a não olhar quando eu não conheço, então... e eu não faço a menor questão de demonstrar poder falando com vocês olhando nos olhos.”*

Assim, é interessante notar que grande parte das dificuldades do uso da equipe reflexiva, apontadas pelos membros da família, estão relacionadas à sua primeira impressão. Como Miguel expôs: *“As principais dificuldades vão estar só nas primeiras sessões.”*. No entanto, outro desafio apontado, tanto por Héctor como pelo filho, é que a equipe não pode *“saber tudo”*.

O pai foi o único membro da família que respondeu positivamente quando indagado se houve algum momento em que a equipe reflexiva não funcionou. Ele, especificamente, citou um episódio que ocorreu durante um atendimento, envolvendo uma fala de sua esposa: *“Bom, o único momento em que eu vou dizer que não funcionou é porque a equipe não sabia o que tava acontecendo, que foi esse problema que eu tive com a Amália e que eu acho que é um problema meu e dela, assim.”*. Ele mesmo alega que a equipe não sabia o que estava acontecendo e que ela não contribuiu para que ocorresse. Quando indagado, Héctor disse acreditar que a equipe não poderia ter sequer notado ou até evitado tal episódio, já que o assunto jamais foi comentado no atendimento: *“Mas a equipe não percebeu porque... eu acho que tava*

muito além da terapia, impossível. (...) Mas o que ela [esposa] usou, foi uma coisa que nunca foi comentado na equipe.”. Da mesma forma, Miguel foi o único que relatou que a equipe reflexiva, em suas intervenções, já disse algo fora do contexto da sessão ou da família. Ele respondeu ter falas, tanto da equipe como dos coterapeuta, com as quais ele não concorda por serem questões de “dentro da família”. Ele mesmo argumenta que isso é algo que a equipe não teria como saber, já que ele acredita que as pessoas são diferentes dentro e fora da psicoterapia: “... a equipe não tem como saber tudo o que acontece em casa, então muita gente na família, isso inclusive é uma coisa que o meu pai fala, nós somos pessoas diferentes dentro da clínica e fora da clínica...”.

Por fim, quando questionados sobre possíveis mudanças para o aprimoramento da equipe reflexiva e sua forma de atuação, todos os membros da família deram sugestões. O pai e os dois filhos apontaram a necessidade de que a equipe tivesse mais espaço de fala durante as sessões. Héctor e Inês, ambos, descrevem como a equipe, por vezes, vira um “segundo plano” ou “ficam apagadas”, pois o tempo que resta para que os membros falem é curto e deixado para o momento final. Miguel, por sua vez, observa que o tempo de fala está cada vez menor.

Os três justificam a necessidade de aumentar o tempo de fala da equipe. Miguel argumenta que, devido à possibilidade de a equipe poder prestar atenção em todos da família, ela traz novas questões para discussão, até mudando seu foco:

... porque como a equipe está olhando para todo mundo, ela não necessariamente pega o foco da sessão, da pessoa da sessão ou coisa do tipo. (...) na consulta que a gente faz, existe uma pessoa que é o foco da sessão, aí os terapeutas focam só nisso. Aí a equipe, às vezes, traz um pouco das outras pessoas com falas pequenas ... atrai o foco para outras pessoas.

Inês argumenta que a fala da equipe traz assuntos interessantes e importantes, assuntos muitas vezes ignorados ou evitados durante o atendimento. Héctor descreve que ouvir a fala da

equipe faz com que a família se aproprie do problema que eles trazem para a psicoterapia: “... aquela informação da equipe reflexiva, ouvir a conversa né, nos torna parte do problema que a gente traz.”. Além disso, o fato de não conseguir ouvir os comentários da equipe, por falta de tempo, deixa-o frustrado: “Então quando eu não ouço a equipe reflexiva, é um problema assim, eu particularmente fico superfrustrado quando chega no final e eu vejo que as pessoas tão correndo pra falar.”. Ele cita momentos nos quais os integrantes da equipe deixaram de falar o que anotaram, durante toda a sessão, devido ao tempo.

Héctor acredita que deixar de comentar tais anotações é uma perda para sua família. Essa crença se deve a sua área de atuação profissional, na qual aprendeu a importância de anotações e observações:

Então eu, particularmente, quando vejo as meninas [equipe reflexiva] escreverem durante uma hora e meia e fala assim: “Passo”, por causa do tempo eu falo assim: “Eu queria saber o que a pessoa...”. É importante pra mim, por que a minha família tá precisando disso daí né.

No entanto, o participante diferencia esse comportamento ao de se abster de falar. Segundo ele, existe uma diferença entre “deixar de falar” devido à falta de tempo e “deixar de falar” por não ter nada mais a acrescentar: “E as pessoas [equipe] falam, não é aquele negócio ‘Passo’, elas explicam: ‘Estou satisfeita com o que eu ouvi, ou hoje eu não tenho com o que contribuir’. Eu acho isso fantástico assim.”. Héctor ressalta esse comportamento como positivo, pois demonstra a autonomia e a organização dos membros da equipe reflexiva:

É claro que às vezes a pessoa não tem como contribuir, eu acho isso uma coisa superlegal, ninguém... não são quatro macaquinhos... se a pessoa tem o que contribuir, ela fala mais do que outra, ela usa o tempo da outra que não tem o que contribuir.

O pai e a filha, ainda se referindo a falta de tempo para fala da equipe, propuseram alternativas para lidarem com essa questão, além do aumento de tempo. Inês acredita que a

equipe devia ter mais do que um momento para intervir, além do final da sessão: *“Eu acho que elas [equipe] podiam ter mais fala durante a sessão, não só uma, talvez duas, pra tocar mais nos assuntos. Às vezes, eu acho que falta um pouco delas darem uma ajuda pra gente também durante a sessão...”*. Héctor, por outro lado, sugere que a família tenha um aviso para que suas falas cessem e eles não utilizem o tempo da equipe: *“Eu acho que a família tinha que ser orientada, tocou a sirene, tocou a sineta o psicólogo falou: ‘gente agora acabou’. Isso não é oprimir a família...”*.

Outra mudança sugerida pelos membros da família foi referente as trocas de integrantes da equipe reflexiva. Tanto a mãe quanto a filha acreditam que uma equipe com membros fixos seria o melhor para o atendimento familiar. No entanto, elas mesmas argumentam sobre a dificuldade de tal sugestão, já que o CAEP é um serviço-escola – caracterizada pela grande rotatividade de alunos. Amália acredita que uma equipe fixa traria mais integração e confiança aos familiares. Nesse mesmo sentido, Inês argumenta que ter os mesmos membros, desde o início, permitiria a construção de um laço mais forte entre eles e um sentimento de proteção: *“... eu acho que eu deixaria sempre os mesmos membros, porque eu acho que os laços que a gente constrói ficam mais fortes e eu me sinto mais...acho que mais protegida quando elas [equipe] falam depois de um laço mais forte.”*. Ela, especificamente, cita um membro da equipe reflexiva e como a sua fala, por estar acompanhando a família desde o início, surte mais impacto nela do que a de integrantes mais novos:

A que está até agora, acho que é a integrante L., eu me sinto muito bem quando ela fala alguma coisa de mim, eu sinto que ela me conhece bem, sempre que as outras falam eu fico meio “Será que é isso mesmo?”, mas quando a L. fala eu tenho certeza que ela tá falando assim... que ela sabe o que ela está falando de mim.

Ao longo da entrevista, foi possível identificar outras sugestões de mudança propostas por Héctor. Essas sugestões estão relacionadas a informações que, segundo o participante,

deveriam ter sido passadas no início do processo terapêutico para uma melhor preparação da família: *“Então não tem uma preparação pra isso. Talvez, eu não sei, talvez fosse legal antes de começar a terapia ter uma explicação: ‘Olha só essa coisa vai funcionar assim, assim, nós vamos fazer isso, isso, isso’.”*. Ele cita duas situações nas quais a falta de informação lhe gerou um desconforto: quando, no início dos atendimentos, sentiu um estranhamento ao ouvir a equipe falar sobre ele e a família: *“... é estranho você ouvir pessoas falarem de você na sua frente.”*; e em momentos que, também inicialmente, a sessão foi continuada mesmo quando tiveram falas que incomodaram: *“Então esse é uma orientação que hoje a gente sabe (...) mas talvez tivesse sido bem esclarecido no primeiro momento de contato com a equipe: ‘Olha você se sentiu violentado, levanta o dedo e oh! Parou’.”*. Mesmo fazendo tal sugestão, o próprio Héctor argumenta que seu coterapeuta foi cuidadoso ao explicar sobre a equipe e seu funcionamento: *“O B. [terapeuta] foi muito cuidadoso em explicar...”*. No entanto, também afirma que, mesmo com tal cuidado, foi surpreendido por algumas questões.

Outra recomendação do participante está relacionada ao sexo dos membros da equipe reflexiva e coterapeutas. Ele questiona a influência que esse fator poderia ter no processo terapêutico de outras famílias. Segundo ele, senhoras mais velhas, mães ou filhas poderiam se incomodar com a presença de homens na sala: *“... mas ao mesmo tempo, pras senhorinhas, podia, ou pras meninas, ou pra mãe e filha, isso podia ser um algum incômodo.”*. A sugestão é que sejam feitas sessões preliminares, sem a equipe, com o objetivo de conhecer a família e compreender como a abordagem utilizada pelo grupo poderia se adaptar a ela: *“Eu aí faria uma crítica assim, eu acho que essa é... se eu tivesse que organizar uma terapia familiar eu acho que antes eu teria uma ou duas sessões com a família pra ter uma ideia dos limites dessa família.”*.

Caso 2 – Família Fontes

A família denominada Fontes é de classe trabalhadora (*working class*; Tudge & Frizzo, 2002) e composta por três membros: mãe (Francine), pai (Luis) e filho (Arthur). Luis tem 58 anos e é casado com Francine, de 43 anos. Seu filho Arthur é uma adolescente de 14 anos. Exceto por Luis, todos já fizeram psicoterapia individual. A família iniciou atendimento familiar no primeiro semestre de 2016. No entanto, deve ser ressaltado que, por pedido da família, pela necessidade de saída de um dos coterapeutas e pela consequente falta de alunos para comporem a equipe reflexiva, esta foi introduzida no atendimento apenas no primeiro semestre de 2017. No momento da coleta de dados, eles estavam há 10 meses em tratamento nessa modalidade. A família foi encaminhada para o atendimento familiar pelo, na época, psicólogo individual de Arthur na instituição. As demandas iniciais da família estavam relacionadas à interação intrafamiliar dos pais com o filho. A equipe desse caso sofreu alterações a cada semestre. Atualmente, ela é composta predominantemente por pessoas do sexo feminino, tendo apenas um homem. No entanto, ela já foi composta totalmente por mulheres, sendo recente tal alteração. Todos os membros participam das sessões de terapia familiar.

Compreensão sobre o Funcionamento da Equipe Reflexiva. Os membros da família, de forma geral, ao serem indagados sobre o funcionamento da equipe reflexiva, descrevem a dinâmica do atendimento e questões envolvendo sua fala: seu momento, seu conteúdo e sua função. Francine explica que as sessões ocorrem quinzenalmente e que a equipe é composta por aproximadamente cinco integrantes: *“De quinze em quinze dias pra poder ver se vem e tudo, mas sempre bacana as duas [coterapeutas], eu gosto muito delas. (...) Se não me engano, são cinco [membros na equipe].”*. Seu marido descreve as sessões como familiares, mas narra que já ocorrem atendimentos individuais e com diferentes subsistemas: *“Primeiro começou com*

o meu filho, né, e depois foi em família, uma vez o meu filho, outra vez minha esposa e depois eu, e depois fomos nós três juntos.”.

O atendimento, segundo a mãe, inicia com a fala dos coterapeutas e o momento de intervenção da equipe é específico: *“Primeiro começa com as duas terapeutas e tem o momento deles [equipe] falarem.”.* Luis descreve que tal intervenção é uma interação dos terapeutas e dos integrantes da equipe que ocorre em frente à família: *“Eles [coterapeutas] ficam junto com eles [equipe], passam para eles [equipe] e nós, como estamos ali na frente, estamos escutando tudo o que eles falam.”.* Já Arthur narra o que acontece anteriormente a esse momento, quando seus membros apenas observam os familiares, escutando e anotando os assuntos discutidos: *“Ah, eles... durante o atendimento inteiro eles [equipe] prestam atenção, assim, no assunto que tá falando os familiares e com os terapeutas.”.*

A família relata que o momento de fala da equipe ocorre ao final da sessão: *“Tem, eu acho que é uns quinze minutos antes de terminar a sessão, eles [equipe] analisam aquilo que a gente contou.”* (Francine). Já Luis menciona que o início da intervenção é identificado por uma fala dos coterapeutas: *“... eles [equipe] falam quando a dona da frente [coterapeuta] pergunta a eles o que eles acham disso, entendeu?”.* De acordo com suas palavras, os integrantes da equipe não falam por muito tempo: *“Eles [membros da equipe] falam dentro de um padrão (...) Eles não são de falar muito, assim, (...) eles tem uns dois cada um, dois, três minutos para falar e... são esses os momentos que eles têm pra falar.”.* Ainda, segundo ele e seu filho, os membros da equipe dirigem-se apenas aos terapeutas: *“Eles [membros da equipe] se comunicam junto com a pessoa que tá na frente do trabalho (...) sim, os terapeutas da frente. Os da frente, entendeu?”* (Luis). Arthur, no entanto, conta que existem exceções. Como exemplo, ele cita um atendimento em que ele compareceu sozinho, mas não especifica o conteúdo abordado.

O conteúdo da fala da equipe é detalhado por todos. De forma geral, ela costuma comentar sobre a família: o “*bom*” e o “*errado*”, “*o que precisa melhorar*”, “*o que gostaram*” e “*o que mudou*”:

“... e nós, como estamos ali na frente, estamos escutando tudo o que eles falam. Tudo o que eles viram do nosso ponto, de bom e errado.” (Luis); *“Aí somos nós três, o assunto é abordado ali, no momento, a gente debate sobre aquilo ali para ver quais os pontos que a gente pode melhorar, onde pode melhorar.”* (Francine); *“Aí acho que no final eles [equipe reflexiva] só concluem, completam assim mesmo o que foi falado... o que eles gostaram, o que mudou, o que não mudou e precisa melhorar...”* (Arthur).

Arthur também destaca como seus membros ressaltam aspectos positivos dos familiares. Além disso, sua fala, segundo o casal, aborda conteúdos relacionados à família e que foram discutidos anteriormente na sessão: *“Aí somos nós três, o assunto é abordado ali, no momento, a gente debate sobre aquilo ali para ver quais os pontos.”* (Francine).

Por fim, a função de tal intervenção, como posto pelo pai e o filho em suas entrevistas, é o de “*finalizar*”, “*concluir*” ou até “*complementar*” o que foi discutido. Arthur também descreve como a equipe auxilia os coterapeutas a relembrar questões importantes do atendimento: *“Eu acho que tem ... eles [equipe] anotam as coisas que... é... através da gente estar falando, os terapeutas podem entender, mas depois pode esquecer, aí eles anotam, vão anotando. No final, eles dão uma lembradinha e tal. Dão essa lembradinha assim também.”*.

Francine, por outro lado, conta que a equipe reflexiva analisa e explica o que foi dito pela família. Seus integrantes ressaltam comentários importantes:

Com a gente assim e ... contando as nossas histórias eles [equipe] veem ali o ponto que tá, que marcou mais e né, falam sobre aquele assunto e depois a gente explica ou fala... ou fala que concordou, que ela me entendeu, que eles me entenderam, que era realmente aquilo que eu queria dizer, entendeu?

A mudança de membros da equipe reflexiva foi um assunto abordado apenas pelo pai da família:

Entrevistadora: E como é que você se sente escutando eles [equipe] conversando, complementando a ideia um do outro?

Luis: Eu me sinto bem, muito bem, entendeu? Eu não tenho nada a falar de nenhum deles... Eu, apesar de algumas vezes ter trocado de... vinha, aí ia participar e tinha outra pessoa nova, mas nunca me... (...) Assim, de vez em quando, uma vez ou outra troca, né, um ou dois, todos no limite, sem nenhum problema.

Ele diz que tais alterações ocorrem e são avisadas a eles por contato telefônico ou via mensagem: “*Nós somos avisados muitas vezes, nós somos avisados sim. Contato pelo telefone, pelo whatsapp...*”. Luis relata meramente notar as mudanças: “*Apesar que já trocou algumas vezes... ‘Nossa, é outra pessoa’... semana passada era fulana, agora já tem outra. Mas não, tranquilo, de boa.*”. Quando indagado sobre as consequências da troca de membros da equipe para o atendimento, ele garante que isso não afeta, ou até mesmo incomoda, a ele ou a sua família: “*Não, não afeta. (...) Não, nem eu, nem minha esposa e nem meu filho. Nenhum.*”.

Processo Terapêutico com Equipe Reflexiva. O casal relata que sua família foi encaminhada para o atendimento familiar. Ambos narram que seu filho fazia acompanhamento psicológico individual na instituição e que, na época, seu psicólogo fez tal encaminhamento:

Ele fazia individual por conta do TDAH, então passou-se um determinado tempo, um ano, dois anos, passou uns dois anos ele fazendo sozinho e não surtiu o efeito ele fazendo sozinho. Então, teve esse chamado, né, pra gente fazer a terapia familiar e isso foi avisado para gente. (Francine)

A família, quando indagada sobre a forma como foram informados que a equipe reflexiva seria utilizada nas sessões familiares e como foram apresentados a ela, dá respostas diferentes e conflitantes. Luis diz não recordar o momento no qual essa notícia foi dada, a forma

que eles foram apresentados para seus membros ou as informações que receberam sobre a abordagem. O único dado que ele diz lembrar é que a equipe já estava presente desde o primeiro atendimento, quando eles entraram na sala:

Eu não recordo, eu não sei, eu não lembro... eu sei que teve uma vez que nós chegamos aqui, foi assim, tinha um grupo lá na frente e (pausa curta) ela [coterapeuta] apresentou as pessoas para nós e o grupo e tals... eu achei maravilhoso, não lembro exatamente.

Também recorda que os coterapeutas explicaram sua presença, apesar de não recordar o conteúdo exato da conversa.

Francine contou ter sido informada sobre a equipe antes do primeiro atendimento: “Teria a equipe... já me passaram antes, eu não cheguei e encontrei não!”. Segundo ela, tal informação foi passada por um dos coterapeutas em uma ligação telefônica, na qual também foi dito o funcionamento das sessões nesse modelo: “Se não me engano, (...) foi pelas próprias terapeutas mesmo, falaram ‘Oh, vai ter equipe e tal ouvinte’. Então, se eu não me engano foi por elas. (...) Me falaram... Não, foi por telefone eu acho, já me falaram por telefone.”. Ela foi a única participante dessa família que descreveu o momento em que eles foram apresentados a equipe e as informações recebidas sobre ela. Como seu marido, ela contou que a equipe já estava presente na sala quando eles chegaram: “Elas [coterapeutas] explicaram o que era, eles [equipe] já estavam na sala, assim, foi apresentado cada um deles, né? E começou a terapia assim. Normal.”. Além disso, os coterapeutas explicaram que os membros da equipe seriam “ouvintes” e como seria o funcionamento e a dinâmica da sessão: “Elas [coterapeutas] me explicaram que eles [equipe] seriam ouvintes, que estariam lá ouvindo a história e depois eles participariam no final, né? Que eles participariam no final, é... e que, se a gente quisesse falar alguma coisa, depois, a gente falaria, poderia falar.”.

Arthur, no entanto, narra esse momento de forma diferente, contradizendo o relato de seus pais. Segundo ele, os primeiros atendimentos ocorreram apenas com a presença dos coterapeutas. Já a equipe foi introduzida posteriormente e de forma gradual: *“No começo foram só os dois... não sei, dois terapeutas, aí falaram que, numa próxima sessão e tals, o número de pessoas da equipe iam aumentando. Aí primeiro eu não sei se foram dois ou três, eu não me lembro... mas foram aumentando os números assim.”*. Ele ainda afirma que tal procedimento foi informado a todos da família pelos terapeutas. Quando indagado sobre a forma que eles foram apresentados para seus membros e que informações receberam sobre a abordagem, ele também responde não se recordar. Arthur diz apenas lembrar que, em seu primeiro encontro com a equipe, seus membros os cumprimentaram e disseram seus nomes: *“Acho que normal, né. Tipo, eles [coterapeutas] falaram ‘Esse aqui é o Arthur, a família dele e tal, o pai e mãe’ aí todo mundo se cumprimentou e falou os nomes, acho que foi assim, eu acho.”*.

Mãe e filho dessa família, ao serem indagados sobre suas expectativas sobre a relação que teriam com a equipe reflexiva, responderam ter se questionado sobre a presença do grupo. Ao mesmo tempo, também relataram confiar no atendimento.

O pai Luis, em outros momentos da entrevista, foi o único a afirmar ter visto com naturalidade a equipe nas sessões. Ele descreve não ter estranhado o número de pessoas na sala. Ele se diz confortável em meio ao público, sendo uma característica de seu trabalho: *“Não, não. Não estranhei nada, sabe? Pra mim normal, estou acostumado a viver no meio do público. Eu amo, meu trabalho sempre foi esse, trabalhar com o público. Eu não estranhei nada.”*. Ao descrever suas expectativas sobre sua relação com eles, porém, diz ter se surpreendido com o bom relacionamento desenvolvido: *“Esperava assim, eu sei que era diferente... mas ultimamente eu pensei era uma coisa, é outra. O bom relacionamento que eu tive, que eu tenho até hoje, Graças a Deus.”*. Já que, inicialmente, questionava a ideia de falar sobre sua vida para desconhecidos:

Eu pensava assim “Nossa, eu vou falar da minha vida para uma pessoa que eu não sei nem quem é... eu vou falar da minha vida pra quem?”. Aí eu pensava assim “Eu tenho que falar da minha vida para Deus, não é para ninguém” (risos), entendeu? Jamais eu vou ter falar pra alguém da minha vida, falar do que aconteceu, sobre isso e aquilo... mas... tranquilo.

Da mesma forma, Francine relata não ter imaginado que sua relação com a equipe seria assim, já que, inicialmente, ficou “sem graça” e “cabreira” ao contar sua história para eles: “Primeiro não, nem imaginava. (...) Lógico, você fica meio sem graça e meio que cabreiro assim... você está ali contando a sua vida, né?”. Apesar de suas baixas expectativas, ela afirma sempre ter confiado que o atendimento e que o uso da equipe seriam o melhor para sua família. Tal confiança vem do longo histórico deles com a instituição:

E tudo, mas eu sempre tive confiança, porque eu acho que vindo daqui mesmo, do CAEP, já tem muito tempo, né, que eu estou com o Arthur e tal. Então eu conheço, não teria desconfiança ou negócio ou alguma coisa parecida com a equipe reflexiva, de forma nenhuma.

Além disso, afirma ter sempre acreditado que o atendimento iria funcionar: “Entrevistadora: Teve algum momento que você pensou ‘Meu Deus, isso não vai funcionar!’”. Francine: Não! Nunca! Sempre, eu coloquei na minha cabeça que sempre seria para o melhor.”. Desde o início, a participante descreve como estava aberta e disposta a colaborar para o tratamento e o uso da equipe:

Da nossa não, a gente... eu, pelo menos, vim aberta para tudo mesmo assim, sabe? Para perguntar, para falar, não deixar, não omitir nada, a verdade é a verdade, o que tem que falar, tem que falar, entendeu? Porque eu acho que se você não falar as coisas, você esconder as coisas, não adianta, então, você tem que abrir a boca e contar, porque

senão, não vai pra frente (...) Porque eu acho que faz parte do tratamento e se tem que ter a equipe, então que tenha, que ajude.

Assim como a mãe, Arthur relata ter confiado, desde o início, nos membros da equipe, por confiar naturalmente nas pessoas. No entanto, conta não ter criado expectativas sobre sua relação com eles, pensando apenas na sua timidez: “*Confiança, eu confio em todo mundo... mas eu acho que... não pensei nada não. (...) Só em... como é que é? Acabei de falar o nome... timidez.*”.

Dessa forma, mãe e filho, quando indagados sobre seus sentimentos e pensamentos iniciais sobre a equipe reflexiva, responderam terem sentido timidez em seu primeiro contato:

Só na primeira, quando foi na primeira vez que eles [coterapeutas] falaram que ia entrar pessoas para assistir já fiquei meio, já fiquei mais tímido. (Arthur); Primeiro você fica apreensiva, né? Você fica meio assim, porque você não conhece as pessoas, né? Então você fica...meio... sei lá! Eu fico meio, eu fiquei meio tímida, assim meio tímida... (Francine).

Arthur justifica tal sentimento por se considerar uma pessoa mais inibida, sendo uma característica sua: “*Meu negócio é que muito tímido eu, eu sou muito tímido, aí qualquer coisinha eu já... já me encolho assim no meu canto... mas acho que foi isso mesmo.*”. Francine afirma ter tido um “*impacto*” inicial e uma tensão, sentindo ansiedade e vergonha pela presença da equipe:

Ah, teve! Uma ansiedadezinha, uma ansiedade de “Ai, meu Deus do céu”. Fico meio ansiosa, mas ocorreu tudo bem, Graças a Deus (...). No começo, pra mim, pelo meu lado mais tímido, eu fiquei com um pouco de vergonha no começo, entendeu? Então pode ser que outras famílias, outras pessoas, tenham isso também, tenham o impacto. (...) mas no começo foi bem tenso assim pra mim, era mais difícil.

O número de pessoas na sala lhe gerou surpresa e ansiedade: “*Ah, eu fiquei ansiosa, como eu te falei, fiquei ansiosa, sabe? É tenso (risos) falei ‘Ah, um monte de gente, um monte de gente’ (risos). Tipo assim, você entra na sala e ‘ui’ (risos) dá aquele sustinho (risos), dá um susto.*”.

Posteriormente, todos relataram mudanças em seus sentimentos e pensamento iniciais sobre a equipe reflexiva. O pai, que já havia falado positivamente sobre a presença da equipe no atendimento, diz que sua percepção inclusive melhorou. Segundo Luis, essa modalidade apenas trouxe benefícios para sua família

Sim! Até melhora mais, melhorou mais até!. (...) mas assim, de um tempo pra cá, tá muito assim bom. Bom, bom, ótimo, entendeu? Bom para ótimo, mas tá bem graças a Deus. Gostei do acompanhamento, pra mim foi maravilhoso, pra mim, para a minha esposa e para o meu filho, tenha certeza disso.

Francine, por outro lado, conta ter se acostumado com a equipe: “*Eu acho que sim, acho que sim. Assim, eu falo porque eu já me acostumei, certo? (...) Mas depois que passa e acostuma é ótimo.*”. Antes calada e receosa, atualmente, ela se descreve como a pessoa que mais fala durante a sessão:

Hoje em dia, sou mais falante (risos), entendeu? No começo eu ficava mais calada e tudo, tinha um certo receio, né, mas hoje em dia não, eu já estou, sabe? Eu acho que a passo a sessão, mais quem fala sou eu... tem dia que eu falo assim “Um dos dois querem conversar?”, porque toda vez eu converso, entendeu? Eu me sinto à vontade hoje.

Já Arthur diz ainda se sentir tímido nos atendimentos, mas que isso diminuiu muito: “*Um pouco não. Com o pessoal da equipe tem timidez, mas não é igual àquela quando era (...). Eu acho, eu acho que diminuiu sim.*”.

Nesse sentido, quando a família descreve sua relação atual com a equipe reflexiva, todos falam de forma positiva e sobre as mudanças de sua perspectiva inicial. Luis caracteriza essa

relação como “ótima”. Ele se vê como alguém que gosta de conhecer e fazer amizade com os outros: “*Olha é ótima, eu sou uma pessoa que tenho consideração demais, eu gosto de fazer amizades, eu gosto de fazer amizades, entendeu? Eu gosto de trabalhar com o público, isso pra mim é importante, conhecer as pessoas.*”. O participante diz sentir confiança e segurança em seus membros, sendo pessoas para quem ele se abriu: “*Não, é uma confiança e ao mesmo tempo segurança, né. Ao mesmo tempo. (...) Eu me abri para aquela pessoa, a pessoa que tá na frente e ouvindo...*”. Como exemplo, ele cita um atendimento em que apenas ele esteve presente. Nele, Luis narra ter se sentido à vontade para chorar e falar sobre sua história e seus sentimentos:

Eu me senti muito à vontade, até chorei ao falar sobre a minha mãe, são quatro anos que eu perdi minha mãe, né? E eu sinto muita falta da minha família, eu tenho meus filhos que moram longe, minhas filhas, meus netos, entendeu? (...) Eu sinto muita falta deles e sinto falta da minha família que é meu pai, que hoje oitenta e seis anos, meus irmão também... então, muitas vezes me bate uma tristeza violenta que... a tristeza vem do coração, sabe?

Já Francine conta ter se acostumado com a equipe e que sua presença não atrapalha o desenvolvimento da terapia. Pelo contrário, ela se diz segura com os membros, sendo um suporte para ela: “*É o que eu disse, hoje eu me sinto segura... (...) hoje eu acostumei, entendeu? Então, eu vejo eles [equipe reflexiva] ali como suporte mesmo. Não me atrapalha em nada falar com as terapeutas e eles estarem ouvindo, de jeito nenhum!*”. Inclusive, o casal enfatiza ao longo da entrevista, o cuidado que seus membros demonstram em sua fala. Luis diz nunca ter sido “atingido” por seus comentários: “*Não! Não! Nenhum momento elas [equipe reflexiva] fizeram perguntas que me atingissem, atingisse a minha esposa e meu filho, nenhum momento! Até agora nada.*”. Francine, por sua vez, descreve-os como “supereducados”: “*Eu nunca me senti constrangida com alguma palavra deles [equipe reflexiva], com alguma coisa assim, nunca me senti constrangida, sempre pelo lado do bem, sempre eles falaram, sabe? A opinião*

deles, sempre foi supereducados, sabe?”. Já Arthur confirma se sentir bem e ter confiança na equipe, quando questionado pela entrevistadora. Ele ressalta como sempre concorda com o que eles têm a dizer: *“É, coisa que já está boa e eles [equipe] falam e tal... e eu fico... fico concordando.”*.

Ainda sobre sua relação com a equipe reflexiva, os três participantes concordaram que ter uma equipe predominantemente do sexo feminino ou masculino não afetava a eles ou a terapia, porém, justificaram suas opiniões de formas diferentes. Eles usaram como exemplo sua própria psicoterapia para falar sobre a relevância e as consequências do sexo dos seus integrantes para o atendimento. Atualmente, a equipe é composta predominantemente por pessoas do sexo feminino, tendo apenas um homem. No entanto, ela já foi composta totalmente por mulheres, sendo recente tal alteração: *“Não. Acho que eu só fui em duas sessões quando tinha o homem na equipe.”* (Arthur).

Luis argumenta ser uma pessoa sincera e decidida, não sendo influenciado pelas pessoas com quem fala: *“Porque eu acho que... eu sou uma pessoa muito sincera, muito positiva, minha palavra ou é ‘sim’ ou é ‘não’. Isso aí... pra mim tá conversando com eles [equipe], pra mim... não me abate não.”*. Já Arthur diz que, independente do sexo, os integrantes da equipe compreendem e estão atentas à família: *“Ah, porque eu acho que todos [membros da equipe] entendem assim, estão prestando atenção... na família.”*.

Por outro lado, embora tenha dito inicialmente que o sexo dos membros da equipe não *“importava”*, Francine fala sobre o impacto que teve para ela a inclusão de um homem na equipe reflexiva: *“Quando eu entrei na sala que eu vi, eu falei ‘Vish Maria, agora tem um homem!?’ (risos), entendeu?”*. Tal impacto, no entanto, foi descrito como *“inicial”* e, ao longo do atendimento, ela se acostumou com sua presença: *“Um impacto inicial mesmo, hoje mesmo eu já estou acostumada com o menino que está lá. (...) Foi essa reação assim, fiquei meio assim, mas depois de... vai contando história e tal, aí se acostuma também, entendeu?”*. Segundo a

própria participante, sua reação pode estar relacionada à criação, já que ela sempre foi ensinada a procurar a mãe para conversar: *“Eu acho assim, não sei se... pra a educação que eu tive sempre foi falando com a minha mãe, pedindo alguma coisa, tinha que pedir para a minha mãe para não passar vergonha pedindo pro meu pai, entendeu?”*. Ela acredita ser mais fácil falar com mulheres, por compreenderem-na melhor: *“É porque eu acho que a mulher... mulher com mulher se entende mais (...) você se sente mais aberta para falar com mulher do que você falar com homem! Entendeu?”*.

A relação com a equipe reflexiva, por fim, ainda é comparada com a desenvolvida com os coterapeutas. Arthur foi o único a identificar diferenças entre essas relações. Luis, por outro lado, diz se sentir bem entre todos eles, terapeutas e equipe. Segundo ele, cada pessoa traz perceptivas diferentes ao atendimento e, independentemente do número de pessoas, sua fala não se altera:

Ali atrás a gente vê... as pessoas citam... cita um ponto e na frente cita outro. Eu não... eu me sinto bem entre eles todinhos. Tanto faz como trocar ou não, pra mim eu tô falando... se tiver seis, eu tô falando pros seis... se tiver dois, eu tô falando pros dois...

Francine também diz não fazer distinção entre eles, já que todos estão ali escutando sua história: *“Não, não. O que eu acho, como eu já estou ali contando para elas [coterapeutas], eles [equipe] já estão ali atrás, eu estou vendo, entendeu? Então eles já estão ouvindo a minha história, então pra mim não tem [diferença].”*. Ela ainda afirma que, sem a equipe, não haveria debate, já que sua função é trazer diversos pontos de vista para a sessão:

Não, acho que não. Porque eu acho que se fosse só as duas [coterapeutas], acho que não teria muito... é... acho que não teria um certo debate, porque a reflexiva está ali para debater também, né? Para ver o ponto de vista deles também, pra expor o ponto de vista deles também, igual com elas, então não faria.

Arthur foi o único membro da família a identificar diferenças entre sua relação com a equipe e a sua com os coterapeutas. Ele diz ter confiança e se sentir confortável, da mesma forma, com ambos. No entanto, ele argumenta ser mais próximo dos coterapeutas. Ao ser questionado, ele responde acreditar que isso ocorre por ter mais tempo e poder falar diretamente com eles.

Após descreverem sua relação com a equipe, os participantes ainda discorreram sobre a interação entre os próprios membros da equipe reflexiva e suas consequências para o processo terapêutico. Ao responder se já houve um momento no qual seus membros discordaram entre si, a família se dividiu. O pai diz nunca ter presenciado tal fato. Ele os descreve como pessoas que compreendem a posição do outro: *“Não, nunca ouvi isso deles. Entre eles não, nunca vi não. Sempre foram pessoas que uma entendia a posição do outro. Nunca ouvi. Durante eu tava... tanto acompanhando eu, minha esposa e meu filho, nunca vi isso. Nenhum deles.”*.

Francine, por outro lado, diz que momentos de discordância já ocorreram, apesar de raros. Ela, apesar de não recordar um episódio específico, conta já ter presenciado membros da equipe questionar a ideia de outro e expor a própria:

É... eu acho que não vou me recordar agora, mas já teve sim, é porque eu não me recordo agora. Assim, de um e outro, eles [equipe] conversando entre si. Uma pessoa fala “Ah, eu não acho que é dessa forma que você falou, eu entendo por essa forma e tal”, mas pouquíssimas vezes, acho que uma ou duas vezes no máximo.

Quando questionada sobre como se sentiu nesses momentos, a participante os descreveu como naturais: *“Então, eu não acho que seja errado, que seja isso que seja aquilo. Não!”*. Segundo ela, cada pessoa tem uma opinião e uma percepção diferente. O importante é a busca pelo consenso para que a psicoterapia possa prosseguir: *“Eu acho que cada um tem a sua opinião, ué, eu tenho a minha opinião, fulano, beltrano, ciclano, cada um tem a sua opinião e entrar num consenso, né? Para o trabalho poder surgir, render...”*.

Por fim, Arthur, inicialmente, corrobora a fala de seu pai ao responder que os integrantes da equipe não discordam entre eles: *“Hum... não... Pelo o que eu fico olhando, quando um [membro da equipe] fala sei lá o que ou dá uma ideia de sei lá o que, o outro fica balançando a cabeça tipo fazendo ‘Aham, sei’”*. No entanto, quando a pergunta foi repetida de outra forma: *“Entrevistadora: Teve algum momento assim que um deles falou alguma coisa e outro disse ‘Mas eu não acho que é bem assim, eu acho que é de outra forma’, já teve algum momento assim?”*, o participante deu uma resposta diferente. Segundo ele, isso já ocorreu e, como exemplo, citou um episódio durante um dos atendimentos em que ele compareceu sozinho: *“Quando eu fui sozinho, sem ser na individual, quando eu estava com a equipe tudo.”*. Nesse episódio, dois membros emitiram opiniões diferentes e discutiram o assunto: *“Não sei o que foi, não lembro qual foi o assunto que eu toquei, aí... eu não sei direito porque não me lembro bem o que eu falei... mas um [membro da equipe] falou ‘Não é assim, não sei o que’...”*. Quando indagado sobre como se sentiu sobre esse momento, Arthur comentou não se recordar: *“Eu falei... eu não achei... faz tempo também, acho que foi nas primeiras vezes que eu vim, aí eu nem lembro não.”*

Contribuições do Uso da Equipe Reflexiva. Todos os membros da família, ao falarem sobre as contribuições da equipe reflexiva para o seu atendimento, destacam como pontos positivos o conteúdo de sua intervenção e suas consequências para os familiares. Além disso, tais pontos positivos foram relacionados, pelo casal, ao número de pessoas dentro da sala de psicoterapia. O marido argumenta que esse fator é benéfico por aumentar o número de pessoas escutando, corrigindo e incentivando os familiares: *“Isso é muito bom porque aqui nós somos uma pessoa e lá são três, quatro, cinco vendo a gente falar e tentar nos corrigir, talvez, e até mesmo levantar o nosso astral.”*. Corroborando essa ideia, Francine ressalta a diversidade de percepções que a equipe pode trazer, aumentando também a escuta:

O melhor? O melhor eu acho que é a questão da percepção de todos, entende? Porque são muitos, então é mais gente pra ver aquilo que você está passando, né. Contestar em alguma coisa, para te ajudar, então eu acho que é isso, eu acho que é bacana você ter mais pessoas prestando atenção na sua história.

Nesse sentido, Luis, ao falar sobre as mudanças dos membros da equipe reflexiva, descreve tais alterações como algo positivo. Pessoas novas trazem perspectivas novas ao atendimento: *“Muitas vezes eu até penso assim ‘pessoas novas, são perguntas novas’ então na minha cabeça, não me afeta não.”*

É interessante observar que ambos também caracterizam a equipe reflexiva como uma forma de ajuda:

Eu acho até bom, eu nunca tinha participado, é bom porque é outro grupo maior lá atrás que possa nos ajudar também, nos ajuda mesmo. (Luis); Porque são muitos, então é mais gente pra ver aquilo que você está passando, né. Contestar em alguma coisa, para te ajudar, então eu acho que é isso, eu acho que é bacana você ter mais pessoas prestando atenção na sua história. (Francine)

A presença de seus integrantes traz à participante um sentimento de apoio: *“É assim uma coisa muito bacana, porque são mais cinco pessoas ali praticamente te dando conselhos que eu acho... te dando apoio. Seriam sete, né, na real, sete pessoas ali te dando apoio.”* E suporte: *“Eu acho até bom, eu acho bom, gosto que tem a equipe maior porque eu acho que são pessoas que, né, estão lá para ouvir e te dá mais... suporte também, ver o outro lado, vê como funciona... eu acho que é bacana.”*

Seu uso, segundo eles, impactou as mudanças de sua família: *“Mas com o passar do tempo, eu evolui, como eu acho que o Luis evoluiu muito, Arthur...”* (Francine); *“Muitas melhoras tanto para mim quanto meu filho e minha esposa. Muito legal e assim, a equipe muito*

excelente.” (Luis). Ela melhorou o entendimento dos familiares e abriu espaço para que eles desenvolvessem falas que não foram bem compreendidas:

... eles [equipe] analisam aquilo que a gente contou. Aí, se eu acho alguma coisa que eles falaram que não foi bacana, que tipo assim, ficou fora do lugar, aí eu explico novamente para que eles possam entender e, às vezes, eles também fazem essa parte... para que eu possa entender ou o Luis ou o Arthur também possam entender.

Luis, inclusive, destaca uma melhora em sua relação conjugal:

Sei lá! Que muitas vezes a gente esquenta a cabeça dentro de casa, briga de casal (...) Mas briga de casal assim... devido a alguns pontos, ter um filho, desse jeito, aquilo, normal dentro de um casal ...mas assim, de um tempo pra cá tá muito assim bom. Bom, bom, ótimo, entendeu? Bom para ótimo, mas tá bem, graças a Deus. Gostei do acompanhamento, pra mim foi maravilhoso, pra mim, para a minha esposa e para o meu filho, tenha certeza disso.

É possível notar que seus elogios à equipe se referem não apenas aos seus membros atuais, como também àqueles que já a deixaram: “*Eu sei melhoras pra mim, né? E muitos bons, a equipe foi boa, todas que passaram...*”.

Já Arthur aponta como positivo o fato de a equipe ajudar os coterapeutas. Segundo ele, seus integrantes anotam questões importantes, ao longo do atendimento, e relembram os terapeutas se necessário.

Ao longo de suas entrevistas, os três também citam outra contribuição do uso da equipe reflexiva: a conotação positiva atribuída e o incentivo que recebem de seus membros: “*Ah, na minha, no finalzinho, que eles [equipe] completam mais... o negócio que faltou, botam mais tipo para agradecer o que aconteceu, o que eu fiz de melhor, o que minha mãe fez de melhor ou então meu pai.*” (Arthur). O casal, ao narrar momentos marcantes de suas sessões envolvendo a equipe, fala de forma geral, não citando nenhum momento em particular. Apesar

de Francine, especificamente, ressaltar como a equipe a compreende, incentiva e elogia: “Ah, teve! Teve várias vezes! Várias vezes que me entenderam e sempre quando eu conto uma coisa que eu procurei passar por cima e eu venci aquele obstáculo, sempre eles, sabe? Eles [equipe] elogiam, eles são bem bacanas.”.

O adolescente, por outro lado, diz ter vários momentos que ele considerou “legais” com a equipe reflexiva. Entre eles, citou dois. Segundo Arthur, esses episódios foram marcantes devido ao interesse e a positividade que seus membros demonstraram sobre ele e o assunto: “Ah, de ter falado que gostaram, que ficaram surpresos de eu fazer essas coisas.”. O primeiro foi quando a equipe abordou e discutiu um *hobby* do participante:

Vixi, várias coisas. Acho que foi... de eu estar... deixa eu ver... em casa eu monto caixinha de som, eu faço um monte de coisa... eu monto qualquer coisa, eu monto minha moto, desmonto os carrinhos, pego os motores dos carrinhos e faço outras coisas.

Outro momento foi quando destacaram a forma como o participante ensinou algo novo para seu pai:

Teve uma vez também que eu falei da minha moto, da minha mobilete (...) Aí teve uma vez que eu ensinei para o meu pai como é que deixa ela parada e não desligar ela. Aí eles [equipe] acharam legal também que eu ensinei para o meu pai. Tem coisa também que ele sabe que ele me ensina, tem coisa que eu sei que eu ensino para ele, tipo passar assim. Eles acharam legal também.

Toda a família afirmou que a equipe reflexiva é importante para sua terapia. Quando indagados sobre em que momento ou momentos ela é mais importante, cada um narra situações distintas e gerais. Luis acredita que o uso da equipe foi marcante em momentos difíceis e de discussão entre o casal: “Sim, teve! Agora não sei citar o momento. Acho que foi no momento assim que a gente tinha muita discussão, entre eu e minha esposa, entendeu? Não tinha diálogo, entendeu? Mas Graças a Deus melhoras.”. Francine aponta sua relevância quando seus

integrantes estão presentes e atentos ao longo do processo psicoterapêutico, apoiando a família: *“Nos momentos que eles [equipe] estão ali prestando atenção mesmo na nossa história, no contexto que a gente está ali para melhorar, pra contar, pra chorar, pra tudo! Então eles estão como apoio pra gente também! Tem, é lógico, as terapeutas, mas tem eles também colaborando.”*. Já o filho ressalta o momento de intervenção da equipe. Nele é apontado aos familiares as melhoras e as questões que ainda precisam ser trabalhadas: *“Ah, porque tem momentos que eles [equipe] falam... é... como eu posso dizer? Hum, momentos assim que eles falam que a gente melhorou entre a família aqui, o que pode melhorar (pausa de 4 segundos) ah, eu acho que só.”*.

Ainda sobre as contribuições da equipe reflexiva para o atendimento, a família narra como ela colaborou para um melhor autoconhecimento e uma melhor percepção de suas relações e interações familiares. Luis afirma ter aprendido sobre o próprio comportamento e sua relação com os outros membros de sua família: *“Meu comportamento, né. O comportamento entre eu, minha esposa, meu filho.”*. Como exemplo, ele cita a forma como tanto ele, quanto a esposa, agiam em uma discussão:

Não que assim, eu não sou de discussão, não sou de ficar falando, discutir...eu sou um cara muito calado, muito calmo, muito na minha, entendeu? Eu, graças a Deus, sempre fui assim. Muitas vezes minha esposa brigava “Ah, porque você não conversa, você não...” Ela me acusava disso e eu dizia “Não, não é assim não” e ela ia para discussão e eu ficava calado.

Francine, como seu marido, diz ter agora mais entendimento das condutas familiares e próprias: *“A relação é essa mesma de ajuda, delas [equipe] me darem é... não é conselho que a gente diria, é me ajudar mesmo nesse processo todo, de família (...) Eu cresci muito depois que eu entrei para a equipe familiar e fazendo a terapia também.”*. A equipe a ajudou, por meio

de questionamentos e reflexões, a ter uma nova perspectiva sobre o comportamento de todos. Como apontado em um exemplo específico de sua interação com Arthur:

Já! Já, entendeu? Coisa tipo assim, o Arthur reclamava “Ah, porque você grita demais comigo”. Então a, tanto as terapeutas como a equipe reflexiva, lógico, falavam “Ah, por que você grita com ele?”. Então questionavam e tudo... e explicavam, falavam... e nisso eu fui melhorando, né? (...) Então muitos falaram “Por que ela grita, né? Porque tem algum motivo”... Então era assim.

Assim como em situações gerais com qualquer familiar:

Eu deixei muita coisa de lado assim, sabe? Porque viu, né, pela fala delas “Francine, precisa ser na hora?”, sabe? Tipo assim, eu falava “Ah, mas eu peço uma coisa e a pessoa não faz!” , aí , “Mas precisa ser exatamente naquela hora você pediu?”, entendeu? Então isso foi me ajudando muito que aí eu fui pensando “Realmente, eu tenho que deixar o tempo da pessoa também” como a pessoa também tem que deixar o meu tempo...

Arthur, por outro lado, cita um momento específico com a equipe reflexiva. Segundo ele, a fala de seus membros o fez enxergar uma atividade do cotidiano como uma possibilidade para seu futuro. Algo nunca imaginado anteriormente:

Ah, tem. Uma vez que, eu não sei qual era, acho que eu tinha treze anos, foi ano passado, retrasado, não lembro. Aí eu desenhava, desenhava carro, desenhava som, desenhava um monte de coisa... Aí teve uma vez que eu levei meu caderno de desenho, aí não sei quem que foi que falou... como é que era? Para levar isso para vida, para fazer os projetos dos carros...

Desafios no Uso da Equipe Reflexiva e Sugestões para sua Superação. Toda a família, quando indagada sobre as principais dificuldades em uma terapia com equipe reflexiva, responde que elas não existem: “*Eu não tenho nenhuma dificuldade, eu acho até bom, até legal.*”

Não me sinto envergonhado, nem eu, nem minha esposa, nem meu filho.” (Luis); *“Pra mim não teria, não tem dificuldade nenhuma.”* (Francine); *“Não! Nada! Acho que tudo bem assim.”* (Arthur). Inclusive, nas respostas do casal sobre o tema, eles ressaltam as qualidades do uso da equipe. Tal comportamento é observado em diversas respostas, nas quais o casal destaca que não há nada de negativo a dizer sobre a equipe reflexiva, como descrito na seção anterior.

Quando questionados, eles também negam ter ocorrido um momento, durante os atendimentos, no qual a equipe não funcionou, que seus membros tenham sido inapropriados ou inadequados ao se dirigirem a eles ou em que fizeram intervenções e descontextualizadas da sua situação familiar e individual. No entanto, é interessante notar uma fala da mãe ao ser indagada sobre o funcionamento da equipe:

Tem, eu acho que é uns quinze minutos antes de terminar a sessão, eles [equipe] analisam aquilo que a gente contou. Aí, se eu acho alguma coisa que eles falaram que não foi bacana, que tipo assim, ficou fora do lugar, aí eu explico novamente para que eles possam entender...

Durante sua resposta, Francine comenta terem ocorrido episódios nos quais a equipe disse algo que *“não foi bacana”* e fora de contexto.

Apesar de suas respostas anteriores, todos os familiares, em diferentes momentos de suas entrevistas, abordaram dificuldades, iniciais, que tiveram com essa modalidade de terapia.

Luis conta como, no início, questionou a ideia de falar sobre si para desconhecidos:

Eu pensava assim “Nossa, eu vou falar da minha vida para uma pessoa que eu não sei nem quem é... eu vou falar da minha vida pra quem?”. Aí eu pensava assim: “Eu tenho que falar da minha vida para Deus, não é para ninguém” (risos), entendeu? Jamais eu vou ter falar pra alguém da minha vida, falar do que aconteceu, sobre isso e aquilo... (risos).

Da mesma forma, Francine diz ter se sentido apreensiva por não conhecer as pessoas com quem estava falando: *“Primeiro você fica apreensiva, né? Você fica meio assim porque você não conhece as pessoas, né?”*. Ela e o filho também narram como, inicialmente, a presença da equipe foi um empecilho, devido à timidez: *“Então você fica... meio... sei lá! Eu fico meio, eu fiquei meio tímida, assim meio tímida, mas depois eu me soltei, entendeu? (risos). Porque eu acho que faz parte do tratamento e se tem que ter a equipe, então que tenha, que ajude.”*.

Além dessas questões iniciais, Arthur foi o único participante que abordou outro desafio desse tipo de atendimento. Essa dificuldade, porém, não está relacionada ao uso da equipe, mas ao fato de o atendimento ser familiar. Segundo ele, a presença de seus pais o deixa mais inibido:

A individual eu acho que assim... eu ficava assim mais à vontade sem ter meus familiares do lado. Eu falava assim, eu falava as coisas que eu sentia e tal. (...) Mas agora quando vem eu, minha mãe e meu pai juntos, eu já fico mais na minha, porque se eu for falar alguma coisa... não vai acontecer nada... só brigar...

Vale ressaltar que toda a família respondeu pensando nas experiências pessoais que tiveram que enfrentar, ou ainda enfrentam, nesse tipo de atendimento. Mãe e filho, além disso, também responderam à pergunta imaginando as dificuldades que outras famílias poderiam encontrar com tal abordagem. Francine e Arthur falaram sobre como o número de pessoas pode ser difícil para pessoas tímidas e reservadas: *“No começo, pra mim, pelo meu lado mais tímido, eu fiquei com um pouco de vergonha no começo, entendeu? Então pode ser que outras famílias, outras pessoas, tenham isso também, tenham o impacto.”* (Francine).

Por fim, quando questionados sobre possíveis mudanças para o aprimoramento da equipe reflexiva e sua forma de atuação, os membros da família afirmaram não ter sugestões. Mesmo quando a pergunta foi repetida, os participantes não alteraram suas respostas.

Caso 3 – Família Infante

A família denominada Infante é de classe média (*middle class*; Tudge & Frizzo, 2002) e composta por três membros: mãe (Helena), pai (Alberto) e filho. Alberto tem 45 anos de idade e Helena 42 anos. Eles são pais, separados, de um menino com menos de 5 anos de idade. Ambos já fizeram psicoterapia individual. A família iniciou atendimento familiar com equipe reflexiva no primeiro semestre de 2017 e, no momento da coleta de dados, estava há 5 meses em tratamento nessa abordagem. Helena foi quem buscou atendimento familiar no CAEP e foi sua terapeuta individual, da mesma instituição, que encaminhou seu caso para o grupo. As demandas iniciais dessa família estavam relacionadas à busca de uma melhor interação entre eles para benefício do filho. A equipe desse caso sofreu alterações a cada semestre. Atualmente, ela é composta predominantemente por mulheres. Apenas os pais participavam do atendimento familiar.

Compreensão sobre o Funcionamento da Equipe Reflexiva. Ao falar sobre o funcionamento da equipe reflexiva, os participantes abordaram questões que envolvem a dinâmica da sessão e a fala da equipe: seu conteúdo e sua duração. Alberto e Helena narram que o momento de sua intervenção ocorre ao final do atendimento: “... *tem o momento da gente falar e, no final, quase pro final, a equipe reflexiva se posiciona.*” (Helena). Ambos também relatam que, anteriormente a isso, seus integrantes observam a interação dos coterapeutas e dos clientes: “*No começo, realmente, elas [equipe] ficam observando as terapeutas, ficam duas terapeutas mais na frente que aí sim, elas interagem um pouco mais, né?*” (Alberto). Apenas Helena enfatiza o período posterior à fala da equipe. Ela compara esse momento com um debate, no qual ela busca comentar o que foi discutido na intervenção: “*De que... porquê... eu vou dizer como se fosse um – como é que fala aquela coisa de político? – um debate! Você precisa falar. Eu sempre peço pra falar e eu sempre falo, mas sempre o tempo tá um pouquinho escasso...*”. Ela também conta ter sido a responsável por esse momento: “*Eu busquei muito a*

ideia de ter uma réplica, eu acho que até o presente momento não existia.”. Isso ocorreu, segundo ela, após um episódio específico no qual ela discordou do que foi exposto pelos membros da equipe:

Elas [equipe] dão feedback delas e a gente ouve e isso começou exatamente no dia em que uma delas falou que eu tinha que ver meu filho segundas, quartas e sextas-feiras, e ele terças, quintas e sábados, e no domingo a gente dividia. Entrevistadora: Então essa réplica foi busca sua? Helena: É, eu me lembro de ter falado...

Sobre o conteúdo da intervenção, Alberto descreve que os profissionais que permanecem na parte de trás da sala, a equipe reflexiva, emitem “*opiniões*” e fazem perguntas: “*E ao final, as pessoas que ficam atrás, da equipe, elas participam e aí emitem alguns... perguntam algumas coisas e tudo, algumas opiniões.*”. Segundo ele, as perguntas são voltadas para desenvolver e elucidar questões abordadas durante o atendimento: “*Normalmente são abordagens assim ‘Ah, eu não entendi alguma coisa, não ficou muito claro essa situação’ ou então ‘Ah, se você pudesse falar um pouco mais sobre esse assunto’.*”. As “*opiniões*”, por outro lado, são descritas como as diversas percepções de seus integrantes sobre o que observaram, agregando mais elementos: “*Às vezes, elas [equipe] dão alguma percepção assim do que elas observaram (...) Eu entendo que seria basicamente isso, de estar com outras visões, de percepções, diferentemente se tivesse uma terapeuta só, né, e que pudesse agregar mais elementos*”. Helena, por outro lado, narra como a equipe costuma falar sobre sentimentos, como sentiram os clientes e a terapia.

Ambos também falam sobre o tempo de duração da sessão e da intervenção da equipe. Helena acredita ter aproximadamente uma hora e meia de atendimento, apesar de não ter certeza. Alberto relata que apenas uma pequena parcela de tempo é destinada para a fala da equipe. Segundo os dois, todos os seus integrantes têm oportunidade de se manifestar, apesar

de, por vezes, nem todos falarem: “... e vai falando cada um [da equipe], quem tiver a vontade pra falar – nem sempre todas falam, mas geralmente a maioria fala...” (Helena).

Helena é a única a citar o papel da supervisão em um atendimento familiar com equipe reflexiva. Ela, por já ter estudado Psicologia e por fazer terapia há alguns anos, acredita ter uma visão diferenciada da situação. Segundo ela, a supervisão, de modo geral, é importante dentro de um serviço-escola. Essa prática, ao unir pessoas com mais e menos experiência terapêutica, é ideal para o atendimento:

E eu acho que é isso que acontece aqui, porque a supervisão, eu imagino que seja alguém que seja professora da UnB, que tenha anos de vivência de ambiente terapêutico e tudo mais, e aí pega um monte de gente que tá com aquela ganância, aquela vontade de aprender.

De acordo com sua visão, profissionais experientes, apesar do amplo conhecimento, têm uma determinada forma de pensar, enquanto estudantes, apesar da pouca experiência, têm vontade de aprender:

... quando você tem um conhecimento muito vasto de alguma coisa, muitas vezes você também, é como vou pegar medicina, você pega um médico supernovinho e um médico extremamente experiente, o médico supernovinho tá naquela gana de aprender, de querer conhecer, não sei o que; o médico antigo ela já sabe demais e, às vezes, ele tem até preguiça de entender, então eu acho que mesclar os dois é a coisa mais legal.

Quando indagados sobre a questão de faltas de integrantes da equipe reflexiva, os participantes relataram não ser algo frequente. Alberto fala sobre sessões que têm sido desmarcadas, mas devido a questões dos próprios clientes:

O que tem acontecido é de às vezes não poder ocorrer a sessão, mas nem é por conta da UnB, às vezes, situações minhas, dos pacientes mesmo, não dá para vir no dia e tal, acaba que tem que mudar a sessão.

Ela, por outro lado, ressalta a dificuldade, devido ao número de pessoas na sala, de todos estarem presentes em todas as sessões: *“E eu acho que não acontece às vezes, porque algumas pessoas da equipe reflexiva faltam (...) Enfim, são sete ou oito pessoas dentro da sala e é difícil realmente todas as oito estarem sempre, eternamente no mesmo dia...”*.

Sobre serem informados sobre essas faltas, Alberto e Helena se contradizem. Ele afirma que o não comparecimento de um integrante costuma ser justificado pelos coterapeutas, dando um exemplo:

Sim, por exemplo, já ocorreu de a gente mudar [o dia da sessão] e por conta disso, dessa mudança, a equipe toda não pode comparecer e aí veio uma parte e tals, sempre fala ‘Ah, ficou muito em cima, não deu e tal’.

Já a participante argumenta que apenas as faltas dos coterapeutas são explicadas. Ela, no entanto, demonstra não considerar necessário receber esse tipo de informação, devido ao tempo escasso do atendimento: *“Enfim, também não acho interessante a gente ser informado de tudo, porque eu acho que o tempo é escasso tem muita coisa pra acontecer e tudo.”*

Ambos relataram alterações de coterapeutas e de integrantes da equipe no seu atendimento:

A gente teve até um problema grande, uma das coterapeutas se retirou do grupo (...) inclusive uma delas [equipe] saiu porque também não tava conseguindo vir em todas as sessões, pelo menos foi isso que ela relatou, não sei se foi exatamente por isso.
(Helena).

Helena descreve que a saída e a entrada de novos membros costuma ser algo avisado e justificado aos clientes: *“... e a plateia é sempre mais ou menos a mesma, e quando entra ou sai alguém a gente é informado, da equipe reflexiva.”* Nesses momentos, costuma ocorrer uma breve apresentação na qual todos se cumprimentam: *“Acontece uma apresentação um pouco mais introdutiva quando alguém entra, aí se abre uns cinco minutinhos pra pessoa falar,*

algumas falam mais, algumas falam menos, mas já aconteceu de chegar gente nova e acontecer essa introdução.”

Processo Terapêutico com Equipe Reflexiva. Os dois participantes relataram que foi Helena quem buscou atendimento familiar no CAEP. Ela conta que, por questões financeiras e por acreditar ser fundamental para o bem-estar de seu filho, procurou o serviço-escola:

... eu falei “A oportunidade é a UnB, porque mesmo que se pague alguma coisa, o valor é bem menor do que uma terapia de casal dentro...”. (...) E eu falei “Beleza, vou me esforçar pra conseguir, porque eu acho de extrema importância pra saúde mental do meu filho que a mãe e o pai dele se entendam de alguma forma”.

Foi seu terapeuta individual quem conseguiu o encaminhamento e a informou sobre o modelo de atendimento com equipe reflexiva: *“Como eu disse, a minha terapeuta individual que conseguiu [o atendimento familiar] pra mim, e ela já tinha me avisado que seria assim [com equipe].”*. Alberto, por outro lado, foi informado por Helena sobre o atendimento e a presença da equipe: *“Porque no meu caso foi a minha ex-mulher que buscou aqui a UnB e tudo e aí ela havia me informado que era uma equipe, que várias pessoas e tal.”*

Quando indagados sobre como foram apresentados à equipe reflexiva, os participantes descreveram seu contato inicial na primeira sessão. A equipe já estava presente na sala quando Helena e Alberto entraram com os coterapeutas: *“Isso. Na primeira sessão, como eu te falei, eu sabia que teriam outras pessoas, mas o contato realmente foi no dia da sessão.”* (Alberto).

Eles também afirmaram ter recebido dos coterapeutas, no primeiro atendimento, explicações sobre essa abordagem. Ambos dizem ter recebido informações sobre o momento de fala dos seus integrantes e que eles trariam *“posicionamentos”, “percepções” e “reflexões”* em suas intervenções:

Eu não me lembro exatamente, mas acho que foi nesse sentido de que teriam as pessoas que estariam ali participando e eu acho que me foi explicado como tem ocorrido: elas

[equipe], ao final, emitem alguns posicionamentos e tals, as percepções delas, e o que foi explicado é o que ocorre realmente. (Alberto)

Elas [coterapeutas] tinham falado (...) que elas [equipe] estariam sempre presentes, que elas participariam (...) mas que foi passado isso, que seria um momento de refletir, de falar o que elas tinham pensado a respeito. (Helena)

Segundo Alberto, a questão do sigilo também foi abordada: *“Elas [coterapeutas] sempre falam, desde o primeiro momento, que ali é tudo sigiloso e tal...”*.

Helena ainda acrescenta que, no início, os terapeutas questionaram se eles gostariam que a equipe estivesse na sala, durante a sessão, ou se preferiam que eles permanecessem atrás do espelho unidirecional: *“Elas [coterapeutas] tinham falado que a gente podia escolher se a gente queria equipe dentro ou na sala de espelho...”*. Alberto também relatou tal sugestão. Segundo ele, no primeiro atendimento, negou quando os coterapeutas deram essa alternativa:

No primeiro momento, sim, porque até, como eu te falei, eu não sabia de nada, o que era aquele pessoal todo, eu realmente fiquei um pouco assim... até me lembrando, elas [coterapeutas] me perguntaram com relação a minha sensação, agora eu não estou lembrando se foi sugerido, porque parece que tem um vidro assim, que elas [equipe] pudessem ficar ali fora me observando e tal, mas assim, apesar da minha intimidação inicial, eu disse “Não, se for assim eu prefiro que elas fiquem aqui mesmo”.

Os dois participantes, ao serem indagados sobre suas expectativas sobre a relação que teriam com a equipe reflexiva, deram respostas diferentes. Alberto conta ter criado uma expectativa negativa sobre a presença da equipe, tendo se sentido intimidado. Mesmo tendo uma primeira impressão desfavorável, ele acreditou que isso seria superado, como de fato foi: *“Não, eu não pensei, mas assim, eu, dentro de mim, achei ‘Isso aqui vai ser normal, isso vai ser facilmente superado’ e foi, né? E hoje em dia eu vejo como normal, exceto no primeiro impacto, só isso.”*. Já Helena narra não ter criado uma expectativa sobre a equipe, apesar de ser

uma característica sua. Ela não teve uma decepção ou surpresa quanto a eles, sendo que o posicionamento dos seus integrantes sempre foi “*tranquilo*”:

Eu acho que eu sempre crio expectativa pras coisas, mas pelo que eu me lembre, de alguma coisa de ficar esperando e aí ter uma decepção ou concordar com alguma coisa... não. Acho que expectativa a gente sempre cria, a gente olha o ambiente e tudo, mas é muito tranquilo, o posicionamento delas [equipe] é muito tranquilo.

Assim, os dois responderam ter tido uma primeira impressão negativa da equipe reflexiva. Ambos narraram ter se “*assustado*” com a quantidade de pessoas na sala de atendimento:

Realmente eu fiquei um pouco surpreso, na verdade não é surpreso, não estou conseguindo encontrar a palavra correta, mas é... acho que um pouquinho assustado, tanta gente na sala, né?” (Alberto)

Na verdade, desde primeiro dia a gente já entrou com essa ideia. É estranho, mas a gente já tinha sido preparado emocionalmente pra aquilo né (...) Então era impactante ver aquele monte de gente dentro da sala (Helena)

Essa reação foi relatada mesmo eles já tendo sido avisados sobre a presença da equipe. Alberto afirma que, apesar de saber que teria mais de uma pessoa na sala, não compreendia o que isso significava. Acostumado à psicoterapia individual, chegou a questionar se aquelas pessoas estariam ali para avaliá-lo e como funcionaria a sessão:

Eu realmente já havia feito terapia e era uma pessoa e tal, na hora que eu vi eram duas e acho que mais umas quatro ou cinco atrás e eu realmente fiquei um pouco assustado, “assustado” acho que é exagero, mas achei estranho, tanto é que eu perguntei “Como é que funciona? Elas vão ficar me avaliando?”.

Já Helena conta que, mesmo tendo sido avisada e estando “*emocionalmente preparada*”, diz ter sentido um desconforto inicial. O número de pessoas e o modelo de atendimento é

descrito como diferente e impactante, mesmo para ela, que se considera uma pessoa com facilidade para aceitar novas ideias:

Hoje eu me sinto totalmente tranquila, mas houve desconforto, como houve também... é uma mudança, é uma coisa diferente. (...) A gente toma um susto, é muito gente, mas além de eu está sendo preparada, eu sou uma pessoa que tem uma facilidade enorme em aceitar novas ideias, não que eu vá aceitar cem por cento, mas eu me joga.

Segundo ela, tal impacto ocorreu devido à sua história de vida e às diferenças entre a abordagem e sua experiência com psicoterapia individual. Porém, não foi algo que a intimidou:

Eu já venho vivendo num ambiente terapêutico um longo momento da minha vida, então é diferente, impacta, mas nada que me deixasse com medo. (...) Que é isso, o impacto é pela questão da diferença, de você ter um hábito, vivencia de um jeito, e de repente vem uma forma totalmente diferente...

Helena ainda descreve a reação de seu ex-marido à presença da equipe. O motivo de tal reação, ela acredita, foi por ele não ter recebido o mesmo tipo de informação que ela recebeu de sua terapeuta:

... talvez ele [ex-marido] possa te dizer melhor como foi o impacto dele, ele ficou bem assustado. Tipo assim, lembro dele chega pra mim e falar, “Mas por que esse tanto de gente?”. Eu falei “Bem, eu tentei te avisar, tentei te passar”, mas ele não teve a comunicação que eu tive com a minha terapeuta.

Ao longo de sua entrevista, a participante também descreve dificuldades encontradas nas sessões iniciais. Devido a isso, ela diz ainda não saber explicar para que serve a equipe reflexiva, acreditando estar percebendo apenas agora seu papel:

E como eu explicaria pra que serve a equipe reflexiva? Pra ser sincera, eu nem sei direito ainda, porque eu acho que agora que a gente começou a perceber, eu acho que

agora que as coisas começaram a assentar, sabe? (...) Que até a reflexão da equipe reflexiva, porque a gente teve de fato alguns problemas no início...

Helena, entre outras, cita três dificuldades iniciais. A primeira seria a ocorrência de um conflito entre ela e um dos coterapeutas, o que resultou na substituição do profissional: “*A gente teve até um problema grande, uma das coterapeutas se retirou do grupo porque, em duas sessões, ela entrou em um conflito pessoal comigo...*”. A segunda seria as intervenções da equipe que, segundo ela, inicialmente estavam relacionadas ao senso comum e à opinião pessoal de seus membros: “*E eu sentia muito dessa coisa de equipe reflexiva ficar dando pitaco, eu posso dizer assim, opinião que não era de fato fundamentada em teoria, eram questões de ‘Como eu resolveria se esse problema fosse meu?’...*”. Já a última, seria a organização em formato “*judiciário*” das questões trazidas durante a sessão:

Então, muitas vezes, houve da equipe reflexiva e até das coterapeutas uma tentativa de organizar uma coisa como o judiciário faz. (...) Igual: “Tal dia você fica com a criança e vai ser assim o horário”... porque no começo a situação terapêutica parecia que era isso.

Os dois, porém, relataram mudanças em seus sentimentos e pensamento iniciais sobre a equipe reflexiva. A presença da equipe, apesar de uma barreira inicial, hoje é vista com maior naturalidade por Alberto:

Realmente eu fiquei um pouco surpreso, na verdade não é surpreso, não estou conseguindo encontrar a palavra correta, mas é... acho que um pouquinho assustado, tanta gente na sala, né? Mas isso foi a barreira inicial, a partir do tempo foi se tornando normal.

Com a passagem do tempo e a vivência do atendimento, ele relata ter se acostumado com seus membros e intervenções. O impacto, atualmente, ocorre apenas na sua chegada à sessão ou quando ocorrem trocas de integrantes:

Sim, realmente a primeira sessão eu fiquei um pouco assim, achei um pouco estranho, até porque eu não sabia exatamente, meio que eu caí de paraquedas, mas a partir do tempo eu fui acostumando um pouco e acontece atualmente é só isso, o primeiro impacto de entrar na sala, acontece um pouco isso, a sessão depois transcorre normal, porque eu já sei como vai acontecer, né? Acho que é só a primeira e também, às vezes, acontece de trocar uma pessoa ou outra, aí isso que às vezes também... mas assim, normal.

Helena, por outro lado, conta se sentir “*totalmente tranquila*” com a presença da equipe atualmente. Em sua resposta, ela deixa claro que, apesar das dificuldades iniciais enfrentadas, vê o atendimento como uma tentativa de crescimento: “... *eu de fato acredito que houve problemas comigo lá, (...) mas eu acho que a ideia tanto delas [equipe] quanto a minha, é que aquilo ali é uma tentativa de crescimento.*”.

A participante, ao longo de sua entrevista, destaca evoluções em todo o processo terapêutico. Hoje, ela considera ter alcançado o que esperava do atendimento, respeito e desenvolvimento:

Eram pessoas [da equipe] que sentem diferente um monte de coisa, então hoje eu considero que a gente tá num patamar que eu desejava no início, começando a caminhar de fato, respeitando o sentimento de quem tá ali na frente, o cliente, e a gente tá começando a caminhar.

Sobre a intervenção da equipe, ela cita algumas mudanças. Segundo ela, seus integrantes agora compreendem que sua função não é a de “*dominar*” os clientes e dar opiniões pessoais, mas contribuir para suas discussões:

Mas foi isso, o que eu senti dessa sessão, foi que a equipe começou a encarar a coisa assim: “A gente não veio aqui tentar dominar nenhum dos dois, nem criar uma opinião

e coisa e tal, a gente veio aqui para que eles consigam debater o que eles precisam e a gente vai fazendo um aparato”.

Outra mudança seria em relação à tentativa de organização judicial das questões discutidas em sessão: “... demorou muito tempo pra elas [equipe] perceberem que a gente não tava ali pra organizar uma questão igual o judiciário faz.”. De acordo com suas palavras, atualmente, a equipe fala sobre seus sentimentos, como sentiram os clientes na terapia, os ajudando a ter discussões mais saudáveis:

E eu sentia muito dessa coisa de equipe reflexiva ficar dando pitaco, eu posso dizer assim, opinião que não era de fato fundamentada em teoria, eram questões de “Como eu resolveria se esse problema fosse meu?”, e aí eu acho que a gente conseguiu dar uma acertada nisso, está um pouco melhor. Elas falam mais o sentimento, de como elas sentiram a gente na terapia (...) a ideia é que elas façam a coisa caminhar pra uma discussão mais de uma forma um pouco mais saudável...

Suas reflexões sendo marcadas pelo cuidado e a gentileza: “Elas [equipe] são sempre muito cuidadosas, muito gentis em falar, elas não causam impacto.”.

Helena parece atribuir essas mudanças no processo terapêutico, de forma geral, à supervisão e à alguns acontecimentos. Ela percebeu alteração no atendimento após a saída de um dos coterapeutas – apesar de ter ocorrido apenas uma sessão após tal acontecimento:

A gente teve, só uma, na verdade, sessão que não foi com ela [coterapeuta] que foi um pouco diferente. Mas foi isso, o que eu senti dessa sessão, foi que a equipe começou a encarar a coisa assim: “A gente não veio aqui tentar dominar nenhum dos dois, nem criar uma opinião e coisa e tal, a gente veio aqui para que eles consigam debater o que eles precisam e a gente vai fazendo um aparato”.

Além disso, a participante destaca a importância da supervisão e sua influência no processo terapêutico:

Eu sentia assim, o pessoal ia, fazia um monte de coisa e a supervisão vinha e “ó”. Falava um monte de coisa: “Pera aí gente, não é assim”. E elas voltavam com outra perspectiva. E eu via, pelo menos eu sentia, o tempo todo, vários resultados.

Especificamente, ela relata que a supervisão tem uma grande relevância no seu atendimento. Isso devido às características de seu caso e ao número de pessoas na sala:

A minha terapia é um pouco diferente do convencional, eu não sou casada com a pessoa que faz terapia familiar comigo, na verdade, a gente teve uma separação bastante traumática. (...) Então, nosso caso é muito diferente, então o apoio da supervisão no nosso caso é extremamente importante. E eu vejo isso, quando dá uma... sabe? A peteca vai cair, vem a supervisão e acho que coloca as coisas mais organizadas (...) Tem uma pessoa que quando vai participar de uma terapia assim, a equipe reflexiva precisa ter muito cuidado, porque é muita gente pra não cair na ideia do senso comum de ficar dando opinião.

As mudanças percebidas no processo terapêutico contribuíram para a descrição da relação atual dos participantes com a equipe reflexiva. Apesar de abordarem questões diferentes, ambos restringem esse relacionamento ao ambiente terapêutico e ao momento de intervenção da equipe: *“A relação é só aquele momento que elas [equipe] se manifestam e aí...”* (Alberto).

Alberto caracteriza a relação com seus integrantes como algo *“confuso”*. Ao mesmo tempo que relata ainda se sentir intimidado, toda vez que entra na sala de atendimento, vê de forma positiva a presença da equipe. Isso por eles trazerem novas perspectivas e observações:

É um pouco confuso, como eu te falei, às vezes dá um pouco de intimidação como foi o primeiro caso e como é toda vez que eu entro, assim, na sala e todo mundo olha para você assim, né? Apesar de que várias ali já estão há bastante tempo (...) é, basicamente

é isso, mas assim, eu vejo com bons olhos por conta desse aspecto de que muitas vezes as observações boas são colocadas ali.

Simultaneamente, afirma se sentir inseguro devido à pouca idade de seus integrantes, mas, apesar disso, confia na equipe, tendo desenvolvido um vínculo com seus membros mais antigos:

Sim, aí voltando ao contexto todo, às vezes, sendo honesto, me dá um pouco de insegurança, não sei, pela idade da equipe (...) mas assim, de qualquer forma, não é uma restrição pra mim, eu não me contendo ou deixo de falar alguma coisa por conta disso, a confiança existe, só nesse detalhe que eu penso “São meninas e tal”. (...) Parece que já cria algum vínculo de alguma forma, ela [integrante da equipe] já estava aqui...

Helena, por outro lado, enfatiza que seu relacionamento com eles é restrito, mesmo reconhecendo seus integrantes, não sabe seus nomes: *“Bem, é o que eu te falei. De vez enquanto eu encontro no corredor, reconheço pela fisionomia e tal. Às vezes, não sei o nome delas [equipe], mas a relação é essa, só dentro do ambiente de terapia mesmo.”*. Apesar disso, ela diz confiar na equipe e não ter medo. A ética e o sigilo são questões que ela não relaciona à formação ou ao número de psicólogos no atendimento. Sua preocupação é pelo fato desse atendimento ser com seu ex-marido:

O meu medo... a gente sabe que existe gente formada que é uma porcaria, gente formado que é uma bosta e que vai usar seu problema e que não vai... a questão do sigilo... não vai ficar de fato como tem que ser. Então eu não me preocupo muito com isso, eu tenho medo não delas, mas do meu ex-marido. Pra mim é isso, se elas não tiverem ética eu posso estar com uma só e me dá mal do mesmo jeito. Então não faz diferença pra mim.

Ainda sobre sua relação com a equipe reflexiva, os participantes, quando questionados se o sexo de seus integrantes era relevante para o atendimento, responderam de formas

diferentes. Ambos usaram como exemplo sua própria psicoterapia, que possui coterapia e equipe composta apenas por mulheres.

Quando questionado a esse respeito, Alberto afirma não se importar com o sexo dos integrantes. Segundo ele, ter uma equipe composta apenas por pessoas do sexo feminino “*não faz diferença*”. Porém, quando questionado sobre a possibilidade da entrada de um homem, o participante diz não querer. Ele relaciona sua resposta ao fato que a entrada de um membro masculino acarretaria mudanças na equipe, o que lhe geraria insegurança: “*Não sinto não (risos). Talvez, é como eu te falei. As mudanças trazem um pouco de insegurança, talvez seja isso, quando está aquela turma que fique quem já está.*”. Posteriormente, ele chega a concluir que o fato dos membros serem mulheres lhe traz mais segurança: “*... e talvez, pela sua pergunta, até o fato de serem meninas [a equipe], hoje em dia até me tragam um pouco mais de segurança do que se viessem outra pessoa, um homem, alguma coisa assim.*”.

Já Helena afirma que seria “*legal*” ter um homem na equipe. Ela, já tendo feito acompanhamento individual com um psicólogo, acha sua visão e posicionamento “*ricos*” e “*diferenciados*”. Ao mesmo tempo, ela acredita que a presença de um integrante masculino, no início, poderia gerar estranheza: “*Se tivesse um homem no começo acho que seria estranho, mas eu acho que o que pode trazer de positivo é bem legal, porque é outra visão, outra pegada, outro tipo de coisa.*”. Ela também questiona se isso incomodaria, ou não, Alberto, por ser homem.

Segundo a participante, os universos masculino e feminino são diferentes. Como exemplo, ela cita um episódio em que seu filho pequeno estava fazendo “*homice*”, ou seja, não pegou um objeto por dizer não conseguir encontrá-lo:

E é isso gente, eu mando meu filho pegar... meu filho pegar um copo em cima da mesa e ele não consegue enxergar. Quando era meu marido, namorado ou pai, eu falava “Ah tá de brincadeira comigo”. Mas eu sei que o meu filho não tá com habilidade de olhar

praquele copo e dizer “Mãe, eu não tô vendo”, tipo uma habilidade “Procura você”. Não é preguiça, ele não consegue.

Outro exemplo é quando ela relaciona o fato da equipe ser composta por várias mulheres à uma maior possibilidade das reflexões serem baseadas no senso comum. Uma conversa de amiga:

Então isso é muito importante, porque como é muita gente, a gente sabe que num grupo, principalmente de um monte de mulheres, meio pejorativo até, mas é isso, as pessoas, às vezes, não se entendem e fica uma questão que acaba saindo... porque a Psicologia é uma coisa muito perto do senso comum quando você olha de uma forma não empírica pra Psicologia. Parece que é uma conversa, minha amiguinha ali.

A relação com a equipe reflexiva, por fim, ainda é comparada com a desenvolvida com os coterapeutas. Ambos não identificam diferenças entre essas relações. Helena chega a afirmar que a única diferença é ela ter o contato dos terapeutas e da equipe não. Quando indagados do porquê, Alberto afirma que as colocações da equipe são válidas e, muitas vezes, levam o atendimento por um caminho diferente: *“Pra mim é igual, até por conta disso, muitas vezes as opiniões da equipe reflexiva são bem válidas e, muitas vezes, até levam por um caminho diferente e até melhor, não sei se melhor, abre uma abordagem diferente.”*. Já Helena explica que cada um ocupa um papel e um momento específicos na sessão: *“Eu acho que são papéis diferentes e eu tento me colocar dentro desse momento de papéis diferentes. Tipo assim, eles vão fazer a reflexão deles e quem vai conduzir são as coterapeutas.”*. Apesar do atendimento ser, em sua maioria, voltada aos coterapeutas, ela não vê diferença na confiança e na segurança que sente por eles: *“A gente direciona mais a questão dos coterapeutas, mas eu não sinto diferenciação de segurança, de confiança não.”*. Tanto que, em casos de faltas ou mudanças de terapeutas, o costume é que um integrante da equipe ocupe seu lugar: *“A diferença é, porque eles estão em momentos diferentes, em papéis diferentes, tanto que às vezes uma pessoa de trás*

[membro da equipe] vem pra frente [coterapia], se alguém falta, se há alguma substituição, vem uma pessoa que tava lá atrás.”.

Após falar sobre sua relação com a equipe, os participantes ainda descreveram a interação entre os próprios integrantes da equipe reflexiva e suas consequências para o processo terapêutico. Ao falarem sobre discordâncias durante as intervenções, eles relataram nunca ter presenciado momentos nos quais seus membros discordaram entre si. Alberto afirma que o que ocorre, na realidade, é que os integrantes costumam trazer perspectivas diferentes para as discussões, mas não conflitantes: *“Não, discordar não, o que acontece é isso, muitas vezes são levantados visões diferentes, não que sejam conflitantes, aspectos diferentes são observados.”.* Mesmo quando questionado sobre uma situação hipotética na qual a equipe discordaria, com opiniões completamente opostas, o participante diz não *“ver problema”*: *“... porque eu acho isso, as pessoas, cada um tem visão do mesmo fato, às vezes, diferente...”.*

Da mesma forma, Helena destaca como os integrantes costumam se manifestar de forma tranquila e com respeito, não havendo desavenças:

Eu acho assim, cada uma vai lá, faz a sua reflexão. (...) Elas [equipe] têm uma forma de falar e de se posicionar muito tranquila (...) mas é de uma forma muito tranquila, com muito respeito, com muita tranquilidade, então não chega a bater de frente.

Mesmo ela tendo, inicialmente, afirmado nunca ter presenciado uma discordância entre a equipe, ela cita um episódio em que isso ocorreu. Quando um integrante sugeriu uma forma específica de organização da guarda de seu filho, a participante discordou e relatou que outros membros concordaram com ela: *“... nunca houve uma sensação... já houve [desacordo] nesse dia da questão de “vamos estabelecer um dia do pai e um dia da mãe”, alguém lá [equipe] chegou a concordar comigo...”.*

Contribuições do Uso da Equipe Reflexiva. Todos os membros da família, ao falarem sobre as contribuições da equipe reflexiva para o seu atendimento, destacam como pontos

positivos o conteúdo de sua intervenção e suas consequências para os familiares. Como discutido anteriormente, eles apontam como a equipe fornece perspectivas novas sobre questões discutidas na terapia. Alberto destaca como seus integrantes, por vezes, mudam o foco da sessão, oferecendo diversas visões de uma situação. De acordo com suas palavras, eles também fazem questionamentos que contribuem para compreender e aprofundar certos assuntos. Tudo isso, segundo ele, é possível devido ao momento inicial da equipe, de observação e não interação:

O positivo que eu vejo é isso, que às vezes alguma coisa, como elas [equipe] estão muito tempo observando, não estão interagindo muito, elas se guardam ali e muitas vezes acontece isso delas falarem alguma coisa, até mudar um pouco o foco da situação, pedir “Oh, eu acho que não ficou muito claro isso”, o que eu vejo é isso, dá uma outra visão da situação, te faz pensar de outra forma, às vezes.

Inclusive, quando questionado sobre momentos marcantes de suas sessões envolvendo a equipe reflexiva, Alberto fala sobre situações gerais nos quais a equipe destacou questões até então não comentadas, pelos coterapeutas ou os próprios clientes:

Como eu te falei, acontece muitas vezes delas [equipe] darem algum estalo de alguma situação que não foi discutida ali que é uma contribuição válida. Já aconteceu sim de “Reparei tal coisa” e a gente estava indo por esse caminho e, muitas vezes, eu vejo como válido sim, as opiniões delas.

Já Helena ressalta como a ideia de “*mais cabeças pensam melhor que uma*” representa os benefícios do uso da equipe. Segundo ela, o número de profissionais na sala, assim como a variedade de pessoas, pode trazer riqueza às discussões: “*Se você pode ter duas terapeutas mais uma equipe reflexiva, você pode ter vários tipos de pessoas ali, então se você trabalhar bem esses elementos, talvez você consiga dar muita riqueza a isso.*”. Essa característica permite não apenas uma diversidade de perspectivas, como também o apontamento de questões até então

ignoradas: “Às vezes, uma pessoa [da equipe] vai sacar uma coisa que as outras ainda não, e aí a coisa começa a fluir melhor.”. Mesmo pelos próprios clientes: “Às vezes, de uma resposta dela [membro da equipe], eu mesmo tenho algumas coisas que eu começo a perceber em mim e tentar modificar, alguma coisa que eu possa melhorar...”. Em sua opinião, a função de sua intervenção é auxiliar a comunicação e não opinar e se impor aos familiares:

... foi que a equipe começou a encarar a coisa assim, “A gente não veio aqui tentar dominar nenhum dos dois, nem criar uma opinião e coisa e tal, a gente veio aqui para que eles consigam debater o que eles precisam e a gente vai fazendo um aparato”.

Os pontos positivos do uso da equipe, no entanto, possuem ressalvas. Segundo Helena, é necessário que a equipe seja coesa e se baseie na teoria para ter sucesso. Seu ponto forte é, ao mesmo tempo, um desafio:

Eu acho que a ideia de que mais cabeças pensam melhor que uma, que é o ponto positivo, mas também o ponto negativo [da equipe]. (...) Então precisa de fato ter muita... o grupo precisa estar muito coeso, estar muito junto e precisa de fato ter esse apoio na teoria, se apegar a uma coisa.

Dessa forma, como apontado anteriormente, a supervisão é de grande importância: “Aqui na UnB tem supervisão, (...) mas eu acho que é isso, a supervisão é extremamente essencial no momento mesmo.”.

Quando questionados sobre a importância da equipe reflexiva para o seu atendimento, Alberto descreve a equipe como uma “*experiência diferente*” e uma “*contribuição boa*”, embora não a perceba como essencial: “*Como eu te falei, eu já fiz fora [psicoterapia], não de família, individual, e transcorreu bem também, uma experiência diferente, não acho que seja fundamental [a equipe], mas é uma contribuição boa.*”. Já Helena a descreve como algo “*legal*” e “*rico*”, tanto para os clientes, como também para as pessoas que a integram: “*Do*

mesmo jeito que eu acho que é rico para quem tá aprendendo ali e tudo, eu acho que pra gente também.”.

Apesar de nenhum dos participantes afirmar que a equipe é importante para sua terapia, quando indagados em que momento ou momentos ela é mais importante, ambos citam seu momento de fala. Novamente, Alberto destaca as diferentes visões que seus membros podem trazer ao atendimento, enquanto Helena relata que, mesmo não concordando ou não sabendo lidar com sua intervenção, o *feedback* da equipe é sempre uma contribuição positiva:

Meu feedback é sempre muito bom, mesmo quando ele não é legal, mesmo quando eu não concordo, quando eu sou contrária. (...) Mas eu acho que é isso, é bem importante, é uma novidade, às vezes eu não sei lidar com aquilo, mas eu acho bacana.

A exceção, segundo ela, é quando os argumentos dos seus integrantes são baseados em senso comum: “A não ser quando vem essa história de senso comum [na equipe], porque eu acho que eu fico bem brava, bem chateada.”.

Ainda sobre as contribuições da equipe reflexiva para o atendimento, ambos narraram como ela colaborou para um melhor autoconhecimento e uma melhor percepção de seus contextos e comportamentos. Alberto acredita que desenvolve diferentes e novos pensamentos e reflexões devido às diversas percepções abordadas por integrantes da equipe:

Eu não sei exatamente, assim, o que eu vejo é isso, que às vezes tem contribuições positivas diferentes do que estava sendo tratado ali, a pessoa [da equipe] te faz pensar em alguma coisa diferente, diferentemente do que as duas, as terapeutas, no caso, estavam indo por uma linha e a outra falou outra coisa que me faz pensar, né.

Essas novas formas de perceber e lidar com uma situação influenciam como o participante observa a si mesmo e o seu redor. No entanto, ele não cita um episódio específico para exemplificar o que já aprendeu com a equipe, falando apenas de forma geral:

Entrevistadora: Teve alguma fala já delas que te impactou no sentido de você começar a observar alguma situação ou se observar de uma forma diferente? Você não precisa falar especificamente se você não estiver com vontade.

Alberto: Assim, já aconteceu sim, da pessoa [equipe] falar alguma observação que pode mudar um pouco alguma coisa assim.

Helena, da mesma forma, diz que sua aprendizagem com a equipe está relacionada ao *feedback* oferecido por seus integrantes. É por meio de sua fala que a participante consegue perceber o que e de que forma está comunicando e como pode melhorar:

Eu acho que é a questão do feedback. Às vezes, na reflexão delas você consegue pescar alguma coisa, perceber algumas coisas que vão trazer pra você uma autorreflexão do porquê estão observando daquela forma, como você tá passando a mensagem para aquelas pessoas, o que você pode fazer pra melhorar aquilo. Então acho muito positivo a reflexão, porque me traz a pensar e a melhorar a questão de como eu quero conduzir aquela terapia.

Ao longo da entrevista, ela admite refletir sobre o que é trazido durante a intervenção da equipe, mesmo após o fim da sessão: “*Eu sempre tento me posicionar quando elas [equipe] falaram pra dar um feedback também meu, falar assim: “Elas falam muita coisa, muita coisa me coloca pra pensar a respeito, muita coisa eu até penso depois que a sessão acaba...”*”. Ela sempre considera o que é dito por seus integrantes, apesar de não concordar com tudo:

É, porque assim, eu sempre tento pegar o que elas [equipe] falam e tento imaginar... tem umas horas que eu falo “É, não...”. (...) Eu recebo, aproveito o que eu acho legal e o que não é, tirando esse que foi impactante horrível, eu simplesmente descarto.

Suas falas a fazem observar seus comportamentos e tentar modificá-los. Ela, no entanto, diz questionar o que ela chama de “*opiniões*”:

Às vezes, de uma resposta dela, eu mesmo tenho algumas coisas que eu começo a perceber em mim e tentar modificar, alguma coisa que eu possa melhorar, mas não quando é opinião, quando é de fato alguma coisa dentro do processo mesmo, quando diz assim: “Eu acho que tem que ser isso...” não é legal.

Desafios no Uso da Equipe Reflexiva e Sugestões para sua Superação. Os participantes, ao falarem sobre os desafios do uso da equipe reflexiva para o seu atendimento, responderam de forma diversificada sobre suas principais dificuldades, destacando questões, como: a falta de tempo para fala da equipe e dos clientes; a participação, as faltas e as mudanças de seus integrantes; e intervenções baseadas em senso comum. Vale ressaltar que ambos responderam pensando nas experiências pessoais que tiveram que enfrentar, ou que ainda enfrentam, nesse tipo de atendimento.

Alberto destaca o tempo escasso para o desenvolvimento da intervenção da equipe. Segundo ele, a fala de seus membros ocorre ao final da sessão, próximo ao seu encerramento, o que dificulta a discussão das questões abordadas por eles. Além disso, essa falta de tempo também prejudica a fala dos clientes, que têm pouco tempo para expressarem suas opiniões sobre o que foi exposto:

No meu caso, tem sido um pouco o tempo, porque aí, como eu te falei, elas [equipe] ficam um pouco para o final e assim acaba que mesmo quando elas fazem alguma observação, o tempo já não é tão grande para fazer esse enfoque da forma como elas sugerem assim, falta muito pouco tempo, volta a palavra pra gente, paciente, aí fala um pouquinho, mas logo em seguida tem que encerrar, muitas vezes nem dá para abordar muito a forma como elas sugeriram ali. (...) Isso! Processar, até assim, na cabeça sim, mas talvez você não consegue expressar direito, até desenvolver aquele assunto.

Helena, por outro lado, questiona como ocorrem as discussões sobre o seu caso clínico, entre o grupo, fora do ambiente de atendimento:

... às vezes eu fico pensando, como é que é que elas [equipe] comentam isso [caso clínico] entre elas dentro da questão, não sei se elas fazem aula junto, alguma coisa assim, se existe um comentário fora do grupo ou se não, fora daquele ambiente.

Segundo ela, seu questionamento não está relacionado ao sigilo ou à sua quebra:

Que eu acho que precisa ser uma coisa muito estabelecido assim, a questão do sigilo.

(...) Eu acho que é uma coisa muito importante de frisar, que se tenha de fato, não é sigilo, porque elas [membros da equipe] não estão quebrando o sigilo porque elas estão falando de uma coisa que as duas participam...

Helena se refere, no entanto, à necessidade de se manter tais discussões em momentos em que todos os integrantes da equipe estejam presentes:

Por mais que elas estejam todas envolvidas ali, é legal que essas conversas sejam feitas quando o grupo estiver junto e não duas pessoas conversando paralelamente sobre o assunto que é do grupo. (...) Então eu acho que é muito importante que o grupo converse a respeito da situação terapêutica só quando o grupo tiver completo.

Em sua perspectiva, isso é fundamental para o desenvolvimento da terapia, permitindo que todos acompanhem e estejam a par dos acontecimentos para colaborar com suas percepções:

Mas eu acho que é de extrema importância quem entra num grupo que vai ter equipe reflexiva e que faz parte dessa equipe reflexiva entender o quão importante é participar de fato da vivência e não ficar ouvindo alguém narrando o que aconteceu ali.

A participante também aborda esse assunto quando fala sobre as faltas e mudanças dos integrantes da equipe reflexiva. Segundo ela, é necessário que todos participem do processo terapêutico como um todo, desde os atendimentos até as discussões do caso. Isso, no entanto, nem sempre ocorre. Devido ao grande número de pessoas envolvidas na terapia, é difícil manter a presença de todos, seja pela falta ou pela saída e troca de membros:

E eu acho que não acontece às vezes, porque algumas pessoas da equipe reflexiva faltam (...) Enfim, são sete ou oito pessoas dentro da sala e é difícil realmente todas as oito estarem sempre, eternamente no mesmo dia... (...) Então eu acho que é muito importante essa questão de tentar não desmembrar o grupo, de não faltar, o que é impossível porque as psicólogas vão se formar, vão sair e vai ter toda essa coisa (...) eu acho que é muito importante manter isso, todo mundo junto o tempo todo.

Outra questão abordada por Helena é o uso do senso comum nas falas da equipe. Essa questão, apesar de citada brevemente quando indagada sobre as dificuldades de uma terapia com equipe, foi amplamente referida e discutida durante sua entrevista. Inclusive, ela a cita como exemplo de momentos em que a equipe reflexiva não funcionou:

Nesse momento, de dar senso comum. Eu fico: “Aqui estão duas pessoas que precisam se entender e a opinião de vocês [equipe] precisa ser baseada dentro de uma teoria, de algum estudo e tudo, não da pra sair colocando as coisas de qualquer forma”.

No início, segundo a participante, as intervenções eram baseadas em opiniões não fundamentadas em teoria, as quais são descritas como “pitaco” e “palpite”: “E eu sentia muito dessa coisa de equipe reflexiva ficar dando pitaco... (...) Então a gente tinha esse problema gigantesco que as pessoas [equipe] sim, acho que o mundo hoje é... a tendência é achar que todo mundo pode dar palpite...”. Linhas de raciocínio como “Como eu resolveria se esse problema fosse meu?”, “Se eu estivesse no lugar desse casal, como eu faria?” e “Eu acho que tem que ser isso...” contribuíram para tal impressão. Alguns comentários deram a Helena a ideia que as falas são baseadas em experiências pessoais de seus integrantes:

Eu me lembro até que teve uma vez que as meninas, o pessoal da equipe reflexiva (...) elas tavam meio que pensando que “Ah, se eu tivesse no lugar desse casal, como eu faria?”. Então eu ficava um pouco angustiada com aquilo, eu sentia um pouco de

despreparo na questão de perceber que ninguém tava ali pra tentar pegar uma opinião ou pra tentar pegar o exemplo da vida de alguém e usar na nossa vida.

Além disso, ela apontou a necessidade de a equipe valorizar a experiência e o conhecimento dos clientes:

... eu acho só que é isso, tem que prestar muita atenção na questão (...) de olhar para aquelas duas pessoas que estão ali na frente e pensar “Eles vieram aqui resolver o problema deles, seja qual for a gente não tem a menor noção do que é”.

Mesmo seu coterapeuta tendo ressaltado como o processo psicoterápico é desenvolvido pelo trabalho em conjunto de psicólogos e clientes, e seus respectivos conhecimentos, a participante não enxergava essa ideia em prática:

Então assim, não dá pra vocês avaliarem... a I. sempre colocava – que foi a terapeuta que a gente teve – o problema ela sempre colocava que a gente tinha o conhecimento que ela não tinha, ela tinha um conhecimento teórico e a gente tinha o conhecimento da vivência, mas muitas vezes eu achava que falhava nisso, faltava isso.

Como exemplo, ela cita uma conversa que teve com um dos terapeutas. Nela, ressalta como a teoria ou a própria vivência do profissional pode ser muito diferente das experiências dela própria:

... eu falei pra ela “A vivência é muito diferente do que você vê em teoria. Então, às vezes, você caminha muito isso... eu acho que você precisa expandir isso, porque você nunca vai saber o que eu passei...” (...) eu disse a ela “A sua vivência [nesse contexto] é totalmente diferente da minha”.

O número de psicólogos que compõe a equipe e sua presença na sala de atendimento é outro fator, apontado por Helena, que propicia o uso do senso comum em suas discussões. Pode-se passar a impressão que a sessão é uma “conversa de amigos” ou uma “conversa de boteco”; tanto para os clientes como também para os integrantes da equipe:

Pra você ter a equipe reflexiva, elas precisam ter um preparo muito grande de entender, porque como é muita gente, acaba parecendo que é um grupo de amigos que tá se reunindo, eu acho que pode dar essa conotação não só pro cliente, mas na cabeça das meninas [equipe]. (...) Eu tô achando bacana, eu acho só que é isso, tem que prestar muita atenção na questão do senso comum, de não cair na conversinha de boteco, na conversinha de amigos...

É interessante notar, segundo a própria participante, que essa característica é, ao mesmo tempo, o maior benefício e a maior dificuldade do uso da equipe reflexiva. O número de pessoas na sala pode trazer diversas perspectivas para o atendimento, como também criar um ambiente informal que incentive o uso de opiniões pessoais:

Eu acho que a ideia de que mais cabeças pensam melhor que uma, que é o ponto positivo, mas também o ponto negativo [da equipe]. Se não houver de fato um comprometimento com a teoria e com o que é a Psicologia mesmo e qual o objetivo de uma terapia, vai acabar indo pro senso comum, mas se houver isso, mais cabeças pensam melhor que uma.

Apesar de essas serem as únicas questões citadas pelos dois participantes sobre as principais dificuldades do uso da equipe, é possível identificar, ao longo de suas entrevistas, outros fatores. Alberto, por exemplo, fala sobre a idade de seus membros, a repetição de suas falas e suas mudanças. Ele admite sentir certa insegurança devido à pouca idade de seus integrantes, questionando sua maturidade. Apesar disso, afirma que não chega a ser uma restrição ou impedimento para o atendimento:

Sim, aí voltando ao contexto todo, às vezes, sendo honesto, me dá um pouco de insegurança, não sei, pela idade da equipe (...) às vezes me pego “Será que a maturidade delas é suficiente?”. Mas assim, de qualquer forma, não é uma restrição pra mim, eu não me contenho ou deixo de falar alguma coisa por conta disso...

Algo que também chama a atenção dele é a repetição das falas da equipe. Os membros, por vezes, concordam e, em seguida, repetem os comentários do outro:

... pra mim até a gente perde um pouco de tempo, já que ele é tão escasso, de como todas [membros da equipe] têm que falar e, às vezes, há uma repetição: “Concordo” e começa a falar o que a outra falou e aí fica um pouco assim, mas também nada demais.

Ele caracteriza esse tipo de comportamento como momentos nos quais a equipe não funciona.

Alberto relata ainda ter um impacto inicial, devido ao número de pessoas, todas as vezes que entra na sala. Tal reação ocorre, também, quando é introduzido um novo membro. Segundo ele, essas mudanças lhe causam incômodo, por serem pessoas que não conhecem a sua história e que não os acompanharam desde o início. Mesmo os coterapeutas garantindo que os novos integrantes foram informados sobre o caso, esse receio permanece:

Pra mim gera um pouco de incômodo sim, porque, poxa, a pessoa [novo membro] vai começar do nada, não que seja do nada, mas ela não vinha participando. Até as meninas [coterapeutas] falam que elas já estavam sabendo um pouco da situação...

As trocas também o fazem questionar a quantidade de pessoas que saberão sobre o seu atendimento familiar:

... e fica um pouco assim quando troca, dá uma sensação um pouco, “Cadê a pessoa?”. Sei lá, sumiu e veio outra e daqui a pouco tem tanta gente sabendo da situação, acho que é talvez uma sensação minha mesmo... não que seja passado por vocês...

Helena, por outro lado, cita questões diferentes durante sua entrevista. Entre elas, o olhar e as reações da equipe; a tentativa de organização “judiciária” das questões trazidas durante a sessão e o fato do atendimento ser conjugal. Diferentemente de uma psicoterapia individual, o atendimento familiar com equipe permite que a participante observe e seja observada por várias pessoas:

... então, até na hora que elas [equipe] vão falar, que elas vão passar o que elas acharam... enfim da reflexão delas para que a gente entenda, o que elas perceberam, elas esboçam algumas reações e algumas coisas, e aí o grupo é muito maior e a gente tenta captar tudo aquilo, a gente não consegue...

Ela questiona se não seria melhor ter seus integrantes atrás do espelho unidirecional. Apesar de ser uma alternativa desconfortável, permitiria que ela não observasse a reação das pessoas:

... às vezes eu fico pensando se não... porque é complicado o olhar dos terapeuta e tal. (...) Porque tem a questão que você pode escolher se elas [equipe] vão ficar na sala ou atrás do vidro. Atrás do vidro é um pouco desconfortável, porque você não vê as pessoas e elas estão te ouvindo, mas por outro lado tem a vantagem de não ter a questão de você observar a reação das pessoas.

Isso a incomoda, mesmo destacando o cuidado da equipe: “... a gente esboça reações e as meninas [equipe] são até bem tranquilas nessa questão.”.

Outra dificuldade do uso da equipe está relacionada ao contexto vivenciado pela família antes do início da terapia: “A situação (...) mas a gente sofreu um processo judiciário da guarda do nosso filho, que era muito pequeno, e é um momento de muito sofrimento...”. Esse contexto, no início, fez com que certos comentários e posicionamentos da equipe fossem interpretados como semelhantes a sentenças e decisões judiciais, algo difícil para Helena:

Então, muitas vezes, houve da equipe reflexiva e até das coterapeutas uma tentativa de organizar uma coisa como o judiciário faz. E por eu ter vivido esse momento de dor e tudo mais, eu tinha muita resistência a isso algumas vezes e demorou muito tempo pra elas perceberem que a gente não tava ali pra organizar uma questão igual o judiciário faz. Igual: “Tal dia você fica com a criança e vai ser assim o horário”...

Além disso, o fato de o atendimento ser conjugal faz com que ela não aborde certos assuntos na psicoterapia. A situação atual dos participantes, bem como seu histórico, inibe sua fala:

... porque o processo que a gente vivenciou influencia demais a própria questão da terapia, e não sei se eu consigo ser totalmente imparcial nesse caso, porque, por exemplo, algumas coisas eu quero falar e eu deixo de falar porque ele pode usar isso contra mim...

Dessa forma, sessões individuais com coterapeutas e equipe já ocorreram a seu pedido, para que ela consiga falar livremente sobre determinados assuntos:

... então assim, a gente teve momentos em que se fala em separado, até para elas [coterapeutas] entenderem um pouco a questão, mas eu tenho necessidade frequente desses momentos por conta do medo que eu sinto de falar verdades pra uma pessoa que já usou as minhas verdades contra mim.

Tanto Helena como Alberto, ao longo de suas entrevistas, também descrevem as dificuldades presentes no primeiro contato com os membros da equipe reflexiva. Como já abordado, o impacto inicial causado pelo número de seus integrantes pode ser compreendido como outro desafio a ser superado. Nesse sentido, a participante diz ter, inicialmente, sentido desconforto, devido à diferença e o impacto dessa abordagem. Já Alberto chegou a questionar se seria avaliado. Além disso, a quantidade de pessoas o fez duvidar do sigilo do atendimento. Seu medo era que os temas tratados durante as sessões se tornassem “*conversa de bar*”:

Eu acho que seria interessante até por conta disso... e realmente, até esqueci de falar, assim, no primeiro momento, primeira vez, primeira sessão, eu fiquei um pouco, como eu te falei, porque era muita gente e tal, às vezes você fica um pouco desconfiado a questão de sigilo: “Tem tanta gente aqui, será que não vai virar conversa de bar?”...

Helena descreve um episódio que a marcou negativamente, quando pedido que relatasse um momento, durante suas sessões de terapia familiar, que envolvesse a equipe reflexiva. Esse mesmo episódio foi utilizado como exemplo de momentos em que seus integrantes foram inapropriados ou inadequados e suas intervenções descontextualizadas da sessão ou da família. O episódio ocorreu quando um membro da equipe, em sua intervenção, sugeriu uma determinada organização dos horários da criança com seus pais:

... porque houve um dia que elas [equipe] disseram assim: “Olha, eu acho que vocês têm que organizar o horário desse jeito”. Ai eu falei “Opa, pera aí! Isso aqui é a justiça que diz assim... segunda, terça e quarta é seu, depois é do pai.”

Ela o descreve como algo marcante e incômodo: “No dia da opinião “Vamos fazer um dia de um e um do outro”. Aquilo foi marcante, aquilo me incomodou profundamente.”. O integrante que fez tal observação é uma pessoa a quem ela não tem críticas, mas que, segundo ela, fez um comentário agressivo e baseado em uma opinião particular:

Eu achei aquilo agressivo, achei aquilo uma opinião particular, a menina [membro da equipe] que falou é uma fofura de pessoa, não tenho nada a dizer a respeito dela como ela se posiciona, ali nada, ela sempre muito... uma voz baixa... talvez ela vivencie uma separação e talvez tenha essa questão com o ex-marido, não sei (...) Então não sei se é essa que tem um filho ou não, eu fiquei pensado assim, “Beleza, pode ter funcionado pra ela, mas pra mim não vai funcionar”.

Duas grandes críticas feitas pela participante à equipe reflexiva também foram exemplificadas por esse episódio. Esse momento foi representativo do uso do senso comum, das opiniões e experiências pessoais na fala dos membros da equipe.

Por fim, quando questionados sobre possíveis mudanças para o aprimoramento da equipe reflexiva e sua forma de atuação, os dois participantes fizeram sugestões. Alberto apontou a necessidade de mais espaço de fala para a equipe durante as sessões. Isso permitiria

que os clientes também tivessem mais tempo para discutir o que foi comentado durante a intervenção: *“Eu não sei, acho que o problema que eu vejo é esse, o tempo é um pouco curto quando elas [equipe] se manifestam, aí depois quando volta [o momento de fala dos clientes] já acaba assim.”*

Quando indagado sobre a repetição de falas, ele sugere que apenas seja dito *“concordo”* ou *“nada a acrescentar”* ao invés de os integrantes concordarem e, em seguida, repetirem os comentários do outro:

Entrevistadora: E se elas não falassem? Se uma só falasse, daí as outras não falassem porque meio já que a outra já falou tudo o que tinha para ser dito. Você acha que seria uma questão de “Ah, essa pessoa não está participando”, você veria isso com bons olhos?

Alberto: Talvez, não, né, eu acho que pelo menos a pessoa pode falar “Não tenho nada a acrescentar, não concordo e tal”.

No entanto, é importante que todos se manifestem na discussão. Não falar pode dar uma *“sensação ruim”* que a pessoa não está prestando atenção: *“... e aí talvez seja isso, a pessoa não fala nada, pode dar uma sensação ruim talvez, se no mínimo ela falar ‘Ah, concordo’ talvez dê a impressão que ela está prestando atenção ali.”*

Já Helena sugere que a equipe faça mais de uma intervenção por atendimento, no início e no final:

Eu tentei pensar no que eu melhoraria, mas eu acho que tempo é uma coisa muito importante, talvez elas [equipe] fazerem uma intervenção não só uma vez, mas outras vezes. Num dado momento de... não sei como faria isso na prática sabe, mas elas teriam a voz no início e no final.

Segundo ela, como as sessões ocorrem quinzenalmente, é difícil lembrar o ocorrido e o que foi trabalhado anteriormente. A discussão da equipe, no início, serviria para resgatar e dar certa continuidade ao processo terapêutico:

Talvez eu acho que pode ser que melhore, porque elas [equipe] trazem um pouco do que foi pra elas a sessão passada. Por que eu acho que é isso, eu acho que precisa resgatar um pouco o que fica, porque são quinze dias e a coisa morna fica diferente, existem novos conflitos...

Ao longo da entrevista, foi possível identificar outras sugestões de mudança propostas pela participante. Essas propostas estão relacionadas ao tempo de fala; às informações iniciais que devem ser fornecidas sobre essa modalidade de atendimento; à discussão do caso pela equipe e às mudanças e faltas de seus integrantes.

Assim como Alberto, Helena relata a necessidade de organizar os espaços de fala, para que clientes possam se posicionar após a intervenção da equipe: “*A minha preocupação sempre, quando tem uma coisa que eu ache que precisa é dosar o tempo. Dosar o tempo para que a gente possa refletir sobre a reflexão delas [equipe] e dar o feedback.*”. Como a discussão ocorre apenas ao final da sessão, o tempo é escasso para os familiares refletirem e debaterem sobre o que foi dito:

Pois é, eu sempre tenho necessidade de me colocar, mas às vezes o tempo fica bem escasso. Isso é uma coisa que eu acho bem legal de tentar se modificar. Você precisa falar. Eu sempre peço pra falar e eu sempre falo, mas sempre o tempo tá um pouquinho escasso, então não sei qual sugestão eu daria pra resolver isso...

Em relação ao tempo, ela ainda sugere que a duração do atendimento seja maior:

... a primeira coisa que eu acho é que, por ter equipe reflexiva, a terapia tem que ter um tempo mais prolongado. A gente não tem muita noção do tempo, por mais que são duas pessoas e não tem aquele clima de não ser muito amistoso, então isso eu acho que

precisa de ter um pouco mais de tempo, talvez uma hora e meia ou até se prolongar mais.

Sugere, ainda, que também seja posto um relógio na sala. O uso do relógio, segundo ela, ajuda na organização de sua fala: *“Geralmente tem esses relógios que, aliás são muito bons, sempre deveria estar virado pro paciente quanto pro... Porque a gente acaba olhando pra hora e se organizando pra falar naquele tempo...”*.

Logo no início de sua entrevista, a participante destaca a importância de dar certas informações prévias sobre essa modalidade de atendimento para famílias que vão iniciar o processo terapêutico. É necessário explicar a quantidade de profissionais presentes; pois, mesmo tendo certos cuidados, essa é uma característica que costuma gerar impacto:

Não sei se sempre são duas coterapeutas e a equipe reflexiva, mas eu acho que a primeira coisa a se informar é a quantidade de pessoas na sala, de profissionais que estão dentro da sala, porque eu acho isso impactante. Eu vim com essa informação, mas na hora que você olha é um pouco assustador, muita gente na sala...

Sobre as discussões do caso clínico, entre o grupo, fora do ambiente de atendimento, Helena relata a necessidade de mantê-las em momentos em que todos os seus integrantes estejam presentes. Como já narrado anteriormente, ela acredita que isso contribuiria para as discussões:

O que eu percebo assim, quando a gente tem uma situação e você tem várias pessoas envolvidas nessa situação e aí você começa a conversar com uma única pessoa e as outras pessoas envolvidas não estão, você vai ter um entendimento que é só de vocês duas e aquelas outras pessoas não vão estar no mesmo ciclo que você, elas não vão ter o mesmo entendimento que você, e, às vezes, vocês se fecham naquele entendimento e você deixam de ter um entendimento dos outros...

Ela também sugere que se tente manter a mesma equipe reflexiva em todos o processo terapêutico. Mesmo compreendendo a dificuldade e inviabilidade disso em um serviço-escola, devido às mudanças de seus membros:

Então eu acho que é muito importante essa questão de tentar não desmembrar o grupo, de não faltar, o que é impossível porque as psicólogas vão se formar, vão sair e vai ter todas essa coisa, mas eu acho se for pra levar isso pro consultório ou uma escola, eu acho que é muito importante manter isso, todo mundo junto o tempo todo.

Como já relatado, segundo ela, manter a equipe e evitar faltas é importante para o desenvolvimento da terapia. Isso permitiria que todos tivessem a experiência da sessão e de suas discussões, ao invés de escutar o relato de outros membros sobre o tema. O que não é o mesmo.

Discussão

Neste capítulo, serão apresentados e desenvolvidos os cinco temas da discussão: (a) eu e a discussão; (b) compreensão sobre o funcionamento da equipe reflexiva; (c) processo terapêutico com equipe reflexiva; (d) contribuições do uso da equipe reflexiva e (e) desafios no uso da equipe reflexiva e sugestões para sua superação. A Figura 1 apresenta os temas e subtemas desenvolvidos nesse capítulo.

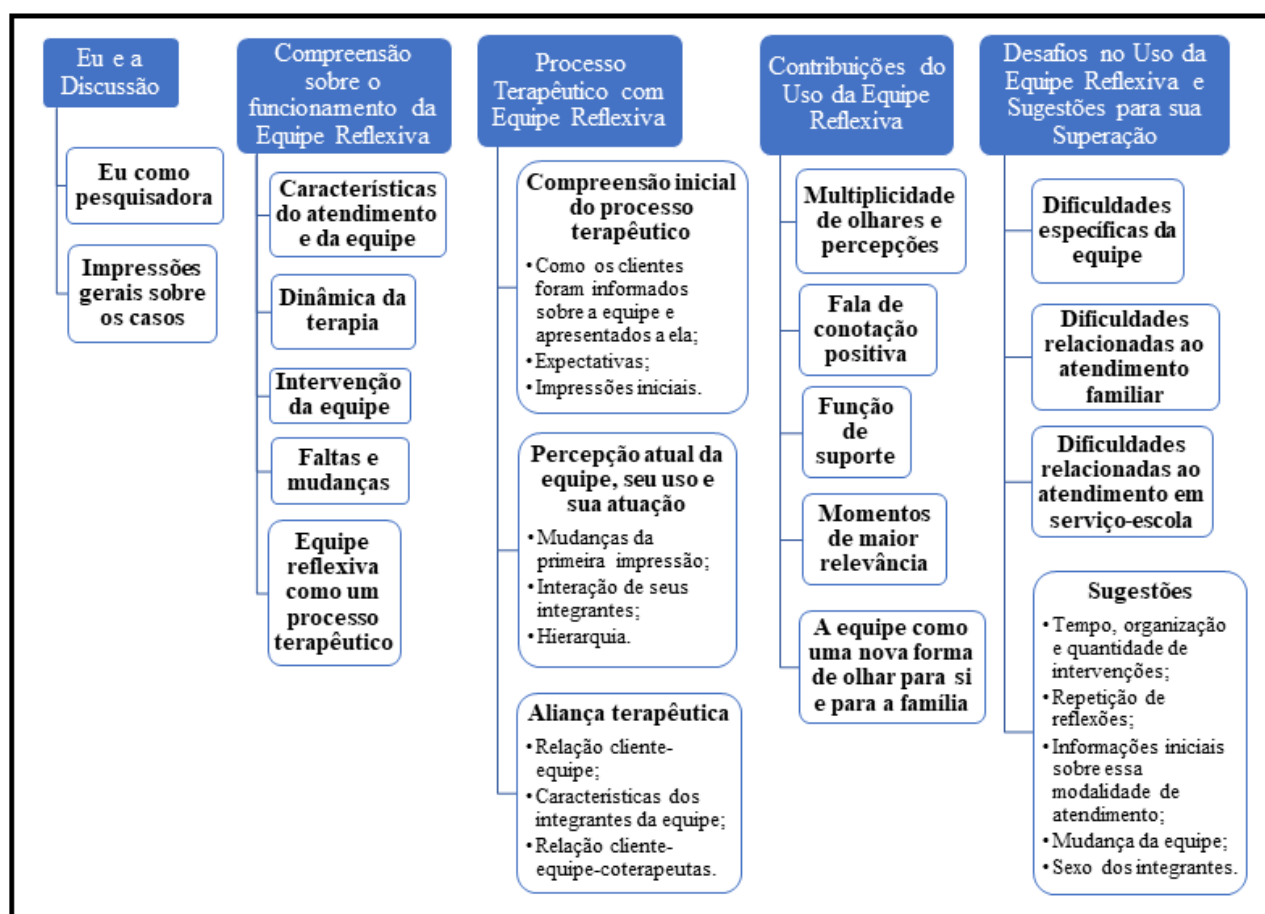


Figura 1. Árvore de temas e subtemas da discussão.

Eu e a Discussão

Colocando-me perante a discussão, desenvolverei duas questões: (a) eu como pesquisadora e (b) impressões gerais sobre os casos.

Eu como pesquisadora. Como dito anteriormente, componho o Grupo de Supervisão e Atendimento em Terapia Individual, Conjugal e Familiar Sistêmica. Como integrante, fui coterapeuta e membro da equipe reflexiva de alguns casos e, apesar de não ter atendido, em

nenhum momento, as famílias participantes do presente estudo, acompanhei seus processos terapêuticos, desde o início, por meio das supervisões. Devido a isso, tive acesso prévio ao contexto e ao desenvolvimento de suas terapias familiares – mesmo que pelo relato de terceiros, no caso, seus terapeutas. Esse fato, para mim, contribuiu para a discussão dos dados.

Meu olhar sobre essas famílias foi diferenciado não apenas pelo meu acesso a essas informações como também por minhas próprias experiências profissionais e meu arcabouço teórico sobre psicoterapia com equipe reflexiva. Isso me fez desenvolver expectativas e preconceções sobre cada cliente, família e atendimento, bem como sobre o uso da equipe em si. Seu uso, durante minha vivência no grupo de supervisão e atendimento, tinha-me feito enxergar essa abordagem como positiva, tendo sido uma importante ferramenta para minha aprendizagem como aluna de graduação e, posteriormente, como mestranda e profissional voluntária. A equipe me foi fundamental em atendimentos conflituosos e de grande carga emocional, oferecendo para a família novas perspectivas quando eu mesma me sentia “paralisada”. A interação da equipe com a família, no entanto, me intrigava. Ao mesmo tempo que presenciei clientes pedirem ativamente por sua intervenção e se sentirem curiosos sobre suas reflexões, também observei famílias conversando, desatentas, durante seus momentos de fala.

A análise e a discussão dos relatos dos participantes confirmaram e desafiaram minhas hipóteses, destacaram aquilo que, antes, considerava improvável e aquilo que precisa melhorar. Pude notar que os familiares davam mais valor à participação da equipe e seus integrantes do que tinha imaginado. Especificamente, surpreendi-me com os vínculos que foram desenvolvidos e o impacto que as trocas de seus membros tiveram para eles. Também me impressionou como as informações oferecidas, no início das sessões, não pareceram suficientes para prepará-los para seu uso. Principalmente, chamaram minha atenção os relatos detalhados e específicos oferecidos sobre o funcionamento da equipe.

Por fim, conhecer as famílias, não apenas por meio das supervisões como também pela aplicação das entrevistas individuais, reforçou meu cuidado e consciência ao escrever sobre elas. Ter acompanhado essas famílias, mesmo que à distância, fez com que eu estivesse especialmente atenta à responsabilidade de descrever seus contextos, opiniões e receios. Ao máximo, tentei utilizar informações e trechos das entrevistas que fossem realmente necessários para a discussão. Tentei preservar, mais do que suas identidades, suas intimidades, respeitando as informações, por vezes, muito particulares e delicadas oferecidas.

Além disso, deve-se destacar que, por analisarmos um fenômeno complexo e buscarmos retratar essa complexidade, a análise dos dados mostrou-se desafiadora em alguns momentos. Diferentes fatores que compõem o processo psicoterapêutico com equipe reflexiva estão intimamente ligados, relacionando-se de forma circular, o que dificultou a categorização, tornando-a pedagógica, mas artificial. Assim, foi necessário repetir diversos conteúdos e interligá-los ao longo da escrita dos temas, o que exigiu uma constante revisão daquilo que já havia se dado por finalizado.

Impressões gerais sobre os casos. Em relação aos relatos em si, algumas questões se destacaram nas entrevistas, como repetições e contradições nas falas dos participantes. Apesar de as entrevistas terem sido individuais e terem ocorrido em momentos e locais diversos, é possível identificar muitas opiniões semelhantes entre os membros de uma mesma família. Na Família Viera, é notável até mesmo o uso de palavras e expressões parecidas. Como exemplos, podemos citar diversos trechos, entre eles: (a) pai e filho terem relatado a sensação de estar em desvantagem em relação ao grupo de atendimento:

Sim... a equipe são dois profissionais na minha frente e quatro atrás né, e nós somos quatro, então a gente está em plena desvantagem (Héctor); Porque as primeiras sessões você vai achar estranho porque, por exemplo, no caso a minha família são quatro

peessoas e são quatro contra seis... Parece que vai estar todo mundo contra você se você não se sente seguro... (Miguel)

(b) pai e filha, ao comentarem seus receios iniciais sobre a equipe reflexiva, questionaram se eles iriam “mexer” ou “puxar” algo indevido:

... “Será que esse pessoal vai mexer em lugar errado? Vai piorar minha família? Aqui do jeito que a gente já tá eu não posso correr esse risco!” (Héctor); Mas essas primeiras sessões, eu realmente achava que ia ser uma coisa muito desconfortável, muito horrível, delas [equipe]começarem a falar coisa que não tem nada a ver ou começar a puxar em lugar que não era para puxar, mas elas nunca fizeram isso. (Inês)

e (c) pai e filha descreverem como a equipe, por vezes, torna-se um “segundo plano” ou “ficam apagadas”, devido à falta de tempo na sessão:

Porque, às vezes, eu acho que elas [equipe] ficam muito apagadas, sabe? Tipo, bem no finalzinho elas falam pouquinho, não tem tempo delas falarem... (Inês); Eu acho que, às vezes, a equipe reflexiva fica muito... vira um segundo plano. Porque se a gente fala demais, e a gente chega num time, no horário em que tem que passar pra equipe (...) Mas enfim, então isso achata a equipe reflexiva. (Héctor)

Ainda sobre as semelhanças encontradas, na Família Fontes, todos, de forma geral, pareceram ter dificuldade em fazer críticas à equipe reflexiva. Mesmo esse sendo um aspecto observado nas três famílias participantes, como já pontuado anteriormente, essa foi a família que mais apresentou essa característica. Eles foram os únicos a não identificar desafios em um atendimento nesse formato. O mesmo ocorreu quando questionados sobre momentos nos quais a equipe não funcionou e sobre falas inapropriadas ou inadequadas de seus integrantes. Novamente, os três negaram qualquer episódio desse tipo. Até sugestões de mudança para a equipe e sua forma de atuação não foram apresentadas. Pelo contrário, o casal, em diversos momentos, destaca que não há nada de negativo a dizer:

Olha, positivo... eu não tenho nada negativo da terapia reflexiva, muito pelo contrário, adoro a terapia, me ajudou muito, tem me ajudado muito. (...) Até agora a equipe reflexiva só tem me ajudado também, então eu não posso, não tenho o que falar assim (Francine); Eu me sinto bem, muito bem, entendeu? Eu não tenho nada a falar de nenhum deles [equipe]... (Luis)

Luis, principalmente, ressalta como o atendimento é “*maravilhoso*” e como a equipe é “*excelente*” e “*boa demais*”. Dessa forma, é possível hipotetizar que essa atitude pode representar um padrão da própria família, podendo estar relacionado à possibilidade de ofender a equipe e a um desejo de demonstrar sua gratidão em relação ao atendimento recebido. Cabe considerar que a família já tinha um histórico com o CAEP e eles podem ter visto a entrevista como uma forma de retribuir o que receberam da instituição.

Já na Família Infante, ambos narraram ter uma primeira impressão negativa da equipe e uma posterior modificação de suas percepções. Eles concordaram que o número de pessoas na sala é o mais importante a ser explicado sobre o atendimento para outras famílias que iniciarão terapia nessa modalidade, bem como a principal diferença se comparada a um atendimento individual. Também afirmam existirem momentos gerais nos quais a equipe não funcionou. Dessa forma, é possível hipotetizar que os membros de cada núcleo familiar já tenham conversado ou têm o costume de partilhar opiniões e ideias sobre a equipe reflexiva e seu atendimento. Até mesmo é possível que cada família esteja vivenciando e partilhando o processo terapêutico como uma unidade, um grupo, embora uma delas se trate de um casal divorciado.

Além de repetições, foram observadas contradições nas entrevistas. Essas contradições, no entanto, foram pontuais e ocorreram não apenas entre os familiares de uma mesma família, mas dentro do discurso de um único integrante e mesmo em relação ao meu conhecimento prévio sobre os casos. Foi possível identificar desacordos, principalmente, sobre o momento e

a forma com que a equipe foi apresentada; se as faltas e mudanças de seus integrantes são comunicadas; momentos de discordância entre os membros da equipe e se eles se dirigem, em suas intervenções, diretamente ou não aos clientes.

Também foi observado que alguns episódios citados foram, por vezes, descritos e vivenciados de formas muito diferentes por membros de uma mesma família. Segundo os pressupostos dos Processos Reflexivos, a descrição da realidade é múltipla e polivocal. Qualquer descrição ou explicação dependente do observador, variando sem que haja uma melhor ou mais verdadeira (Andersen, 1987, 1991). O casal da Família Vieira, por exemplo, narrou um momento que foi considerado cômico por Héctor, mas inapropriado por Amália: quando um novo integrante anunciou a saída de um dos terapeutas de forma prematura e disse que assumiria seu lugar. Quanto à Família Infante, Helena, ao longo de sua entrevista, enfatizou as especificidades do seu atendimento familiar. Ela caracteriza seu processo terapêutico como “*uma situação diferente do convencional*”, não pela presença da equipe reflexiva, mas pela presença de seu ex-marido. O processo pela guarda do filho, a questão judicial e seu impacto na vida da participante, bem como seus efeitos para o atendimento, foram questões amplamente discutidas e citadas em suas respostas. No entanto, essas mesmas questões sequer foram mencionadas na entrevista de Alberto.

As contradições também foram observadas nas entrevistas de um único participante. Entre elas, (a) Miguel (Família Vieira), por exemplo, descreveu que, independentemente das alterações que ocorrem na equipe, para ele, o processo terapêutico segue normalmente. No entanto, também aponta que a desconfiança, por ser uma característica sua, seria sentida por ele perante qualquer profissional de Psicologia, principalmente um novo integrante; (b) Francine (Família Fontes) afirmou que a equipe, em nenhum momento, fez intervenções ou teve falas descontextualizadas da situação familiar ou individual dos clientes. No entanto, em outra resposta, parece contradizer o que foi dito:

Tem, eu acho que é uns quinze minutos antes de terminar a sessão, eles [equipe] analisam aquilo que a gente contou. Aí, se eu acho alguma coisa que eles falaram que não foi bacana, que tipo assim, ficou fora do lugar, aí eu explico novamente para que eles possam entender...

e (c) Alberto e Helena da Família Infante disseram nunca ter presenciado momentos nos quais a equipe discordou entre si. No entanto, posteriormente, ela cita um episódio em que isso ocorreu.

Já as contradições entre os relatos dos participantes e meu conhecimento prévio sobre os casos foram pontuais, mas significativos. Os que mais se destacaram foram as afirmações de Inês (Família Vieira) e Helena (Família Infante): a primeira sobre os integrantes da equipe dirigirem sua fala diretamente à família e a segunda sobre o momento de discussão entre os terapeutas e clientes, após as reflexões de seus integrantes, ter sido um pedido seu. Principalmente, destacam-se as falas do casal Fontes sobre o uso da equipe desde o início de seus atendimentos, quando, na realidade, sua introdução foi postergada por pedido da família, ocorrendo apenas no ano seguinte.

Compreensão sobre o Funcionamento da Equipe Reflexiva

Ao falarem sobre sua compreensão do funcionamento da equipe reflexiva nos atendimentos, as três famílias, de forma geral, abordam cinco questões: (a) características do atendimento e da equipe; (b) dinâmica da terapia; (c) intervenção da equipe; (d) faltas e mudanças e (e) equipe reflexiva como um processo terapêutico.

Características do atendimento e da equipe. As famílias Vieira e Fontes detalham aspectos da equipe reflexiva. O casal Vieira e a mãe da Família Fontes contam que o número de integrantes que a compõem varia entre quatro e cinco. Autores como Brown (1992) observaram, em suas pesquisas, que clientes acreditam que três é um número adequado de membros para compor a equipe. No entanto, Andersen (1991) e Raserá e Japur (2004) afirmam

que, apesar de essa ser, geralmente, a quantidade de integrantes, pode haver variações. Não há uma única maneira de organizar a equipe reflexiva. Existem vários formatos, dependendo do ambiente e das famílias.

Com base nisso, é interessante pensar na quantidade de integrantes da equipe utilizada pelo presente estudo e como seu número pode ter influenciado os dados obtidos. Ter até cinco membros pode ter contribuído para a percepção inicial dos clientes de que havia muita gente na sala de atendimento – tema que será discutido na sessão “Desafios no Uso da Equipe Reflexiva e Sugestões para sua Superação”.

Quanto à psicoterapia, as famílias Fontes e Infante fazem uma breve descrição. Francine (Família Fontes) a caracteriza como quinzenal e, segundo Helena (Família Infante), sua duração é de aproximadamente uma hora e meia. Além disso, apesar de o atendimento ser familiar, Luis, seu filho Arthur (Família Fontes) e Helena relatam a ocorrência de sessões individuais e de diferentes subsistemas. Como descrito por Taibbi (2010), o uso de sessões separadas e com diferentes subsistemas pode se mostrar útil para que as diferentes necessidades dos membros de uma família possam ser adequadamente contempladas.

Essas sessões podem ser especialmente relevantes para famílias com filhos adolescentes ou jovens adultos e terapias com foco parental que reúnem ex-casais. No primeiro caso, devido à busca por autonomia e individualidade, característica dessa faixa etária, sessões focando os subsistemas podem ser fundamentais para que o jovem se sinta ouvido e integrado ao contexto terapêutico (Taibbi, 2010). Da mesma forma, casais separados, por vezes, caracterizados por uma comunicação conflituosa, podem necessitar de atendimentos individuais como preparação para conversas sobre questões difíceis (Juras, 2009).

Dinâmica da terapia. Em relação à dinâmica do atendimento familiar com equipe reflexiva, as três famílias, de forma geral, narram comportamentos antes, durante e após sua intervenção. Os participantes relatam que a primeira parte da sessão é conduzida pelos

coterapeutas. Enquanto isso, pelo menos um membro de cada família explica que a equipe, nesse momento, permanece em silêncio, observando e anotando. A Família Vieira é a única que descreve a interação dos familiares e dos integrantes da equipe, ao entrar na sala de terapia. O pai caracteriza esse momento como uma “*confraternização*”.

A intervenção da equipe é descrita pelo pai da Família Fontes como uma interação dos terapeutas e da equipe, ocorrendo em frente à família. Pai e filho da Família Vieira também relatam que, nesse momento, ocorre uma troca de papéis entre os familiares e os psicólogos. Os clientes, agora tendo a oportunidade de observar e ouvir sem a necessidade de reagir, ocupam a posição da equipe reflexiva. Ainda sobre a intervenção, as famílias Vieira e Fontes citam a quem a fala dos integrantes da equipe se dirige. Segundo eles, os comentários e perguntas da equipe são direcionados aos coterapeutas, não havendo uma fala e interação direta com a família. Apesar de dois participantes se recordarem de momentos específicos em que esse padrão não foi seguido, Inês (Família Vieira) é a única, inclusive de sua família, que contradiz isso. Para ela, a fala dos integrantes é voltada e direcionada aos familiares.

A etapa após a intervenção da equipe é descrita por mulheres das famílias Vieira, Fontes e Infante, respectivamente. Inês a caracteriza como o período em que os coterapeutas perguntam se a família gostaria de comentar o que foi dito e indagado pela equipe. Francine menciona que esse é o momento em que se podem elucidar conteúdos que não ficaram claros ou com os quais não concordou. Já Helena o compara a um debate, no qual ela busca comentar o que foi discutido. Ao contrário do que é dito por outros participantes, ela conta ter sido a responsável por esse momento nas suas sessões e que o mesmo não seria uma etapa inicialmente prevista no processo terapêutico.

É interessante notar que as três famílias descrevem a dinâmica do atendimento familiar com equipe reflexiva e os comportamentos de seus integrantes em três etapas distintas. A presença de uma equipe enquanto o atendimento é conduzido pelos terapeutas, o revezamento

de posições de escuta e fala entre o sistema entrevistador (família e coterapeutas) e a equipe e a não interrupção de um sistema pelo outro são características do uso da equipe reflexiva, sendo descritas por Andersen (1987, 1991) e por outros estudos (Pender & Stinchfield, 2012; Rasera & Japur, 2004; Willott et al., 2012).

O fato de a equipe se dirigir aos terapeutas e não à família durante a sua intervenção está de acordo com o abordado em diversas pesquisas (Chang, 2010; Pender & Stinchfield, 2014; Sparks et al., 2011; Williams & Auburn, 2016; Willott et al., 2012). Segundo esses autores, seja pelo uso do espelho unidirecional ou a presença da equipe na mesma sala, os sistemas são separados por uma distância espacial e pela ausência de diálogos e interações diretas. Essa separação, segundo os próprios participantes das pesquisas, previne-os de responder às reflexões da equipe, aumentando sua receptividade e permitindo processá-las (Chang, 2010). Ouvir, ao invés de participar de uma discussão, favorece a escuta de diversas perspectivas, possibilitando ao cliente focar ou até desconsiderar certos comentários (Pender & Stinchfield, 2014; Willott et al., 2012).

Como dito anteriormente, apenas Inês (Família Vieira) descreve a fala dos integrantes como direcionada aos clientes:

Sim, normalmente elas [equipe] falam diretamente com a gente. Elas falam “Ah, aquilo que a Inês falou, aquilo que o Miguel falou, fiquei curiosa sobre aquilo que não sei quem falou”, aí é muito bom. (...) Sim, elas falam para a sala inteira, mas principalmente pra gente, elas focam na gente.

Ao analisar sua resposta, é possível hipotetizar que a participante se referiu ao fato de as reflexões aludirem aos familiares e sua situação, o que não quer dizer necessariamente que existam diálogos e interações diretas dos dois sistemas. Outra hipótese é que, em certos momentos, os membros da equipe podem ter considerado importante dirigir-se diretamente à família e que esses episódios se mostraram mais marcantes para ela. A partir disso, também é

possível questionar em que situações seria importante a equipe romper essa regra geral, como momentos em que é necessário proteger ou acolher um cliente.

Além disso, observa-se que a Família Vieira foi a única que comentou, de forma explícita, a troca de posições entre a equipe e o sistema entrevistador. Pai e filho descrevem a posição da equipe como aquela na qual é possível observar e escutar sem a necessidade de reagir. Andersen (1991) a denomina posição reflexiva. Essa posição permite o desenvolvimento de diálogos internos e uma escuta mais livre. Possibilita a construção de significados e sentidos diante dos conteúdos que lhe são apresentados, sem a obrigação de responder aos mesmos (Andersen, 1991; Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Raserá & Japur, 2004). Embora os terapeutas sejam orientados a apresentar essa característica dos Processos Reflexivos no início do processo, é interessante que essa informação tenha se destacado para a família. Essa percepção também pode estar relacionada ao fato de eles estarem há mais tempo em acompanhamento nessa abordagem, o que permitiria um período maior de contato e reflexão sobre o processo terapêutico.

Por fim, o pai da Família Vieira e a mãe da Família Infante são participantes que focam em questões específicas que não são discutidas por nenhum outro cliente. Héctor descreve como todo o processo psicoterapêutico, sua estrutura e objetivos, parece ser construído pelos coterapeutas em conjunto com a equipe reflexiva. Ele argumenta ter percebido uma diferença no comportamento da equipe em atendimentos nos quais era seguido um planejamento ou não. Aqui fica evidente a diferença entre o modelo tradicional de terapia com equipe reflexiva desenvolvido por Tom Andersen (Andersen, 1991) e o utilizado neste estudo. Andersen (1987) e outros autores (Silva, n.d.; Smith et al., 1993) afirmam que, quando chamados a intervir, os integrantes da equipe oferecem suas perspectivas sem o benefício de uma discussão prévia entre si. As trocas devem ser genuínas e espontâneas, não ensaiadas. Já no modelo de sessão utilizado, são realizadas pré-sessões entre coterapeutas e equipe. Aqui são repassadas informações

relevantes dos últimos atendimentos e o planejamento do atual. Deve-se destacar, porém, que as reflexões da equipe não são ensaiadas ou rígidas. O planejamento do atendimento pode ser alterado ou até completamente reformulado dependendo do seu desenvolvimento e das demandas da família.

É importante destacar que a realização de reuniões antes e após as sessões, no modelo utilizado pelo presente estudo, deve-se ao local em que os atendimentos são realizados: um serviço-escola. Esses locais oferecem psicoterapia ao público e, ao mesmo tempo, um ambiente de aprendizagem para alunos de graduação (Amaral et al., 2012). Seu uso, nesse contexto, não visa apenas melhorar o ensino aos estagiários-psicólogos, como também proporcionar aos clientes o melhor atendimento possível.

Helena é a única participante a citar o papel da supervisão. Ela, por já ter estudado Psicologia e por estar em acompanhamento individual desde cedo, acredita ter uma visão diferenciada da situação. A supervisão, para ela, é importante dentro de um serviço-escola. Essa prática, ao unir pessoas com mais e menos experiência terapêutica, é ideal para o atendimento. Esse relato corrobora a descrição de Amaral et al. (2012). Segundo as autoras, serviço-escolas são caracterizadas por atividades de atendimento postas em prática sob a supervisão de um profissional com formação e experiência na área. Da mesma forma, Labs e Grandesso (2017) descrevem a utilização de equipe e de coterapia bem como o acompanhamento de um supervisor como ferramentas geralmente presentes em contextos de formação – como é o caso do presente estudo.

Intervenção da equipe. Sobre a fala da equipe reflexiva, todos abordam questões específicas sobre o tema, como o momento em que ela ocorre, sua duração e seu conteúdo geral. O momento da intervenção é descrito por todas as famílias como o momento final do atendimento, variando entre os últimos dez e quinze minutos da sessão. A filha da Família Vieira e o pai da Família Fontes detalham esse momento. Segundo Inês, ele ocorre apenas

quando os ânimos e as falas dos familiares estão mais calmos. Já Luis informa que seu início é identificado por uma fala dos coterapeutas direcionada à equipe.

Alguns autores (Chang, 2010; Mitchell et al., 2014; Parker & O'Reilly, 2013; Willott et al., 2012) comentam a importância do momento em que a intervenção da equipe ocorre, sendo o contexto que antecede a fala dos seus integrantes significativa para preparar a escuta dos clientes. É interessante notar como o relato dos participantes corrobora essa ideia. Andersen (1987) e Parker e O'Reilly (2013) destacam a necessidade de preparar seus clientes para a interrupção, no atendimento familiar, causado pela fala da equipe. É importante que os terapeutas anunciem a troca, avisando que seus membros irão iniciar a reflexão (Andersen, 1987). Além disso, os familiares devem ser informados sobre a dinâmica e as características das sessões, no início do processo terapêutico, e as interrupções devem manter certa regularidade (Parker & O'Reilly, 2013). Assim, Brownlee et al. (2009) e Parker e O'Reilly (2013) destacam a importância de uma gestão cuidadosa por parte do terapeuta. Caso as interrupções geradas pelas reflexões da equipe sejam consideradas disruptivas e intrusivas podem existir riscos para a aliança terapêutica.

Em relação à sua duração, todos relatam que apenas uma pequena parcela do tempo é destinada à intervenção, uma média de dez minutos. Inês, no entanto, diz que a duração depende do quanto foi observado e anotado pelos integrantes da equipe, podendo demorar mais. Esse dado está de acordo com a média de tempo de fala da equipe recomendada por Andersen (1987,1991) e autores como Jenkins (1996). Ambos argumentam que tal recomendação visa prevenir que os clientes sejam sobrecarregados de informações durante as reflexões.

O conteúdo de sua fala é caracterizado, de forma geral, pelas famílias Vieira e Infante, como perguntas e diferentes percepções sobre o tema trabalhado em sessão e sobre os comportamentos e falas dos próprios membros da família. As diversas interpretações, observações e sentimentos, agregam mais elementos ao atendimento. Já as perguntas são

voltadas para desenvolver e elucidar questões previamente abordadas. Além disso, Arthur, filho da Família Fontes, também destaca como seus membros ressaltam aspectos positivos dos familiares.

O conteúdo da intervenção da equipe citado pelos participantes – perguntas, percepções diversas e falas de conotação positiva – está de acordo com o encontrado na literatura sobre o tema (Andersen, 1987; Brownlee et al., 2009; Jenkins, 1996; Moran et al., 1995; Willott et al., 2012). Andersen (1987) e Moran et al. (1995) destacam como a fala de seus integrantes pode assumir a forma de perguntas. O questionamento pode ter a função de evocar novas e diferentes respostas, o que permite ampliar e elaborar percepções. As reflexões devem ser especulativas, trazer certa incerteza, e sua linguagem deve ser associativa, baseada em histórias, analogias e imagens. A ideia é trazer uma multiplicidade de pensamentos, possibilitar que a família reflita e não desenvolver um consenso ou uma solução (Andersen, 1987, 1991; Jenkins, 1996; Moran et al., 1995). Além disso, é ressaltada a importância de a equipe sempre destacar e estimular as potencialidades dos familiares (Andersen, 1987, 1991; Moran et al., 1995).

Por outro lado, a descrição da Família Fontes difere das outras famílias. Segundo eles, a equipe costuma falar sobre o “*bom*” e o “*errado*”, “*o que precisa melhorar*”, “*o que gostaram*” e “*o que mudou*”. É interessante notar como esse relato traz a intervenção sob uma perspectiva moderna. Os participantes parecem descrever a equipe como profissionais que detêm o saber sobre a situação, sendo capazes de acessar uma realidade única (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015). Como no estudo de Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015), os clientes percebem a equipe como especialistas que têm a função de identificar o real problema e resolvê-lo. Essa visão se afasta da proposta de Andersen (1991), baseada em pressupostos pós-modernos que valorizam a linguagem e os relacionamentos na construção do conhecimento. De acordo com essa visão, variados pontos de vista são considerados para a descrição do problema e para a construção das

possibilidades de mudança (Barbosa & Guanaes- Lorenzi, 2015; Pender & Stinchfield, 2012; Smith et al., 1993).

É possível hipotetizar, como na pesquisa de Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015), que os participantes, apesar de assinalarem aspectos do atendimento compatíveis com os pressupostos pós-modernos, parecem ter sua percepção atravessada pela visão moderna. Outra hipótese é que as falas da equipe da Família Fontes não estejam sendo elaboradas de forma especulativa pela equipe e possam soar como soluções e interpretações.

Faltas e mudanças. As faltas e mudanças dos membros da equipe foram um assunto recorrente, trazido de forma espontânea por pelo menos um participante de cada família. Todas elas, ao longo do processo terapêutico até o momento das entrevistas, tiveram suas equipes alteradas. No entanto, os participantes apresentaram informações conflitantes sobre o assunto, inclusive entre os membros do mesmo núcleo familiar. A Família Infante, o pai da Família Fontes e o filho da Vieira afirmaram que tais mudanças são avisadas e justificadas para eles. Mãe e filha da Família Vieira, por outro lado, informam que isso não ocorre. Amália conta que eles não recebem satisfações sobre a saída de integrantes da equipe. Além disso, relata que as possíveis mudanças de membros, ao longo do processo psicoterapêutico, não foram informadas no início. Isso apenas ocorreu quando a primeira alteração foi realizada.

As faltas foram um assunto abordado por participantes das famílias Vieira e Infante. Ambas concordam que a ausência de integrantes da equipe não é algo frequente. Miguel (Família Vieira) explica que faltas ocorrem em casos extremos de doença ou problemas familiares, enquanto Helena (Família Infante) ressalta a dificuldade, devido ao número de pessoas, de todos sempre estarem presentes no atendimento. Sobre serem informados acerca das faltas, também foram apresentadas informações conflitantes, inclusive entre membros do mesmo núcleo familiar. Miguel e Alberto (Família Infante) afirmam que as ausências são sempre justificadas, enquanto Amália (Família Vieira) e Helena contradizem essa afirmativa.

Observa-se como as três famílias, independentemente do tempo em psicoterapia nessa abordagem, apresentaram respostas contraditórias sobre a existência de avisos e justificativas de faltas e mudanças na equipe. Essas informações conflitantes, inclusive entre os membros do mesmo núcleo familiar, fazem pensar a necessidade de que esses comunicados ocorram sempre em tais episódios e que sejam melhor pontuados e explicados.

Equipe reflexiva como um processo terapêutico. Por fim, é possível notar, nas entrevistas das três famílias, que perguntas específicas sobre a equipe reflexiva foram respondidas considerando-se os coterapeutas e vice-versa. Isso é observado, por exemplo, nas falas do casal Vieira. Eles fazem referência aos terapeutas quando indagados sobre sua relação com a equipe, sobre a existência de um momento no qual a equipe disse algo descontextualizado, sobre um momento em que seus membros foram inadequados, sobre seu funcionamento, sobre suas faltas e o que aprenderam com eles. Em determinados momentos, foi difícil distinguir sobre quem, equipe ou coterapeutas, os participantes estavam se referindo. Na Família Infante, por exemplo, Alberto, em uma pergunta sobre sua relação com os coterapeutas, parece fazer considerações sobre a idade também da equipe e Helena utilizou interações e diálogos com os coterapeutas para exemplificar seu posicionamento sobre a equipe.

Mais do que isso, na Família Fontes, Luis e, principalmente, Francine parecem considerar equipe reflexiva como um modelo de atendimento. Em determinado momento, ela descreve a equipe como sendo constituída pelo conjunto: família, terapeutas e “*equipe de ouvintes*”. Além disso, ela usa expressões como “*equipe familiar*” e “*terapia reflexiva*” ao ser questionada, exclusivamente, sobre a equipe. Dessa forma, pode-se hipotetizar que as famílias, de forma geral, parecem considerar “equipe reflexiva” todo o processo terapêutico, incluindo o modelo de atendimento e os terapeutas.

Vale apontar que os Processos Reflexivos, segundo o próprio Andersen (1987, 1991), devem ser considerados uma maneira de pensar, sendo a equipe reflexiva apenas um meio de

praticar a reflexão (Jenkins, 1996; Labs & Grandesso, 2017; Willott et al., 2012). Segundo diversos autores (Brownlee et al., 2009; Chang, 2010; Labs & Grandesso, 2017; Rasera & Japur, 2004), sua contribuição está mais relacionada ao processo psicoterápico. Uma forma específica de se intervir baseada no refletir, em uma postura colaborativa e na prática do diálogo.

Processo Terapêutico com Equipe Reflexiva

Ao falarem sobre suas percepções do processo terapêutico com equipe reflexiva, as três famílias, de forma geral, abordam três principais questões: (a) compreensão inicial do processo terapêutico; (b) percepção atual da equipe, seu uso e sua atuação e (c) aliança terapêutica.

Compreensão inicial do processo terapêutico. Os participantes, ao falarem sobre sua compreensão inicial do processo terapêutico, abordam questões como (a) como os clientes foram informados sobre a equipe e apresentados a ela; (b) expectativas e (c) impressões iniciais.

Como os clientes foram informados sobre a equipe e apresentados a ela. As famílias participantes iniciaram psicoterapia com equipe reflexiva de formas diversas. Héctor e Helena, respectivamente, pai da Família Vieira e mãe da Família Infante, foram os membros que procuraram atendimento familiar no CAEP. Ele, após perceber uma piora nas relações intrafamiliares, tomou essa decisão devido à indicação de seu antigo terapeuta. Já a participante narrou que, por questões financeiras e por acreditar ser fundamental para o bem-estar de seu filho, procurou o serviço-escola. A Família Fontes foi a única que foi encaminhada para o atendimento familiar. O filho, na época, fazia terapia individual na instituição e foi seu psicólogo quem fez tal indicação.

Os membros das famílias Vieira e Fontes relataram de forma diversa e, por vezes, conflitante, como foram informados sobre a participação da equipe no atendimento familiar. Alguns ainda tiveram dificuldade em falar sobre o tema por não se lembrarem do momento. O mesmo ocorreu quando descreveram como foram apresentados à equipe. Por outro lado, as

narrativas dos familiares da Família Infante sobre essas questões não foram conflitantes, mas se corroboraram e complementaram. É possível que, por ser a família que mais recentemente iniciou o atendimento nessa modalidade, seja mais fácil para seus membros recordarem acontecimentos iniciais do processo terapêutico.

Seis dos nove participantes relataram ter sido informados sobre a presença da equipe no atendimento, previamente à primeira sessão com a família. O casal da Família Vieira conta que seu primeiro contato foi com um dos coterapeutas, que explicou, presencialmente, sobre a equipe e o tipo de atendimento que seria realizado. Héctor descreve ter sido ele quem repassou essas informações para seus filhos. Porém, apesar de Miguel confirmar esse relato, Inês diz não ter sido informada. As narrativas da Família Fontes também apresentaram contradições. Francine contou ter sido comunicada sobre a equipe antes da primeira sessão, por um dos coterapeutas em uma ligação telefônica. Luis disse não se recordar desse período e o filho afirmou ter recebido tal informação quando a psicoterapia já havia iniciado. Na Família Infante, foi o terapeuta individual de Helena quem a informou sobre a equipe. Inclusive, foi ele quem conseguiu, a seu pedido, o encaminhamento para terapia familiar. Alberto foi introduzido ao assunto por sua ex-mulher.

Destaca-se que o grupo de atendimento forneceu descrições e explicações sobre a equipe e sua atuação para todos os familiares com quem tiveram o primeiro contato, seja presencialmente ou por telefone. Porém, fica claro que essas informações nem sempre foram transmitidas para todos os membros da família ou assim compreendidas por eles, como foi o caso de Inês (Família Vieira) e Arthur (Família Fontes). Também podemos questionar de que forma tais informações foram repassadas. Héctor, porque tivera uma impressão errada sobre o que seria a equipe, acredita que transmitiu para seus familiares a mesma impressão sobre o que iriam encontrar: um grupo formal de aparência médica. Da mesma forma, Helena (Família

Infante) questionou, em sua entrevista, se o impacto inicial de Alberto à equipe está relacionado a ele não ter recebido o mesmo tipo de informação que ela de seu terapeuta.

É possível hipotetizar que os participantes, diante do início de um processo psicoterapêutico, geralmente um momento emocionalmente carregado para eles, podem ter interpretado de diferentes formas as informações apresentadas pelos terapeutas. As explicações, nesse contexto, podem ter ficado em segundo plano diante de tudo o que eles estavam experienciando e de seus sentimentos e expectativas diante dessa experiência. Além disso, poderia ser vantajoso pensar em alternativas que garantissem que todos os membros da família tivessem acesso às informações relativas ao uso da equipe reflexiva, como efetuar contato telefônico com todos os membros da família ou enviar uma explicação, por escrito, via e-mail, sobre o funcionamento da equipe, que possa ser lida e relida por todos.

Sete dos nove participantes descreveram que o primeiro contato com a equipe ocorreu no primeiro atendimento familiar e que, quando entraram nas salas, seus integrantes já se encontravam presentes no ambiente. Arthur (Família Fontes) foi o único a contradizer esses relatos. Segundo ele, a equipe foi introduzida posteriormente e de forma gradual ao atendimento, sendo que as primeiras sessões ocorreram apenas com a presença dos coterapeutas, o que se aproxima dos relatos do grupo de supervisão sobre esse caso. Héctor (Família Viera), por sua vez, diz não se recordar.

Pelo menos um membro de cada família afirmou que, no primeiro contato com a equipe, os terapeutas explicaram e deram informações sobre ela. Nota-se que, da Família Vieira, Miguel e a irmã dizem ter sido informados que seus integrantes poderiam “*auxiliar*” os coterapeutas a enxergar e captar detalhes despercebidos. Inês e a mãe também recordam sua descrição como “*alunos/estudantes*”. Já Francine, da Família Fontes, disse que eles os caracterizaram como “*ouvintes*” ao falar sobre o funcionamento e a dinâmica da sessão. Tais descrições parecem transmitir uma ideia de subordinação de seus integrantes perante os coterapeutas, o que não se

mostra de acordo com o modelo idealizado por Andersen (1987, 1991), no qual se destaca a natureza colaborativa e, conseqüentemente, não hierarquizada de todo o processo. Além disso, tais descrições parecem ter contribuído para a forma como os participantes passaram a perceber e se referir à equipe – o que será discutido posteriormente em “Hierarquia”, ainda nesta sessão.

Por fim, a Família Infante foi a única família a narrar que, na primeira sessão, os terapeutas questionaram se eles gostariam que a equipe permanecesse atrás do espelho unidirecional – mesmo essa não sendo uma prática do presente grupo de atendimento. A possibilidade foi negada pelos clientes, já que, segundo Helena, ter pessoas a escutando atrás de um vidro seria desconfortável. Esse relato corrobora o exposto por Brownlee et al. (2009), Mitchell et al. (2014) e Silva (n.d.). Segundo eles, uma separação física entre os familiares e a equipe, por vezes, pode gerar desconforto e ansiedade nos clientes.

Expectativas. As famílias Vieira e Infante, ao narrarem suas expectativas para o atendimento e a relação que teriam com a equipe reflexiva, afirmaram ter criado baixas expectativas ou nenhuma. Miguel (Família Vieira) explicou que, inicialmente, enxergava a equipe como “*pilares atrás dos terapeutas*”. Para ele, eles seriam “*comentaristas*” e sua intervenção irrelevante. Sua irmã disse acreditar que o atendimento seria “*estranho*” e “*desconfortável*”. As falas da equipe não fariam sentido para a família e talvez fossem inapropriadas. O pai pressupôs que as sessões seriam “*bagunçadas*”: a equipe atrapalharia as falas e poderia rir do que fosse dito. Da mesma forma, sua filha e Alberto (Família Infante) recearam ser julgados por seus integrantes. As mães das famílias citadas, por outro lado, alegaram não ter criado expectativas, apesar de Amália (Família Vieira) ter dito não acreditar que o atendimento “*ia dar certo*”.

Como apontado por Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015), é possível que as expectativas apresentadas pelos participantes estejam relacionadas à visão mais tradicional e difundida da Psicologia, principalmente ao atendimento individual. Geralmente, esse atendimento é marcado

por apenas um terapeuta e baseado em uma hierarquia profissional-cliente. Dessa forma, a presença da equipe, por sair dos padrões do que se espera de uma psicoterapia, pode ter gerado diversos questionamentos e inseguranças nos clientes.

A Família Fontes, no entanto, apresentou relatos diferentes dos apresentados pelos outros participantes sobre suas expectativas para o atendimento e a relação que teriam com a equipe. O pai, Luis, afirmou ter visto com naturalidade a equipe nas sessões. Ele se diz confortável em meio ao público, sendo uma característica de seu trabalho. Mesmo sendo o único da família a nunca ter participado de uma psicoterapia antes, ele descreve não ter estranhado o número de pessoas na sala. Por outro lado, ele também afirma ter se surpreendido com o bom relacionamento desenvolvido com seus integrantes, já que, inicialmente, questionava a ideia de falar sobre sua vida para desconhecidos. Mãe e filho, em seus relatos, apontaram a timidez como uma questão que se destacou nesse momento. Porém, relataram confiar no atendimento e na equipe desde seu início. Apesar das baixas expectativas, Francine afirma sempre ter confiado que o uso da equipe seria o melhor para sua família. Tal confiança vem do longo histórico deles com o CAEP.

É possível hipotetizar que haja um desejo dos participantes de proteger a equipe, devido à sua gratidão pelo serviço prestado a eles. As famílias podem tentar minimizar ou excluir relatos que representem uma crítica ou uma forma de dizer que seus integrantes não fizeram seu trabalho de forma adequada. No entanto, a Família Fontes, como já apontado, parece ter maior dificuldade em descrever desafios no uso da equipe. Os relatos citados anteriormente parecem corroborar essa percepção. Todos os seus membros, apesar de, inicialmente, questionarem sua presença e uso no atendimento, também descreveram ter expectativas positivas. Algo que difere dos relatos das outras famílias e que pode reproduzir o padrão de relacionamentos desenvolvido por essa família ao longo de sua história.

Impressões iniciais. As expectativas expressas, anteriormente, pelos participantes sobre a equipe reflexiva parecem ter contribuído para seus sentimentos e pensamentos iniciais sobre ela e seu uso. Todos, em variados momentos de suas entrevistas, narraram ter uma primeira impressão desfavorável. É interessante pontuar que essa é uma percepção partilhada por todos os familiares, variados em idade e sexo, e membros de famílias em diferentes estágios do ciclo de vida familiar e de diferentes contextos socioeconômicos.

Helena, da Família Infante, enfatizou acontecimentos de seu próprio atendimento e como influenciaram sua percepção. Segundo ela, existiram dificuldades nas sessões iniciais. Entre elas, um conflito com um dos coterapeutas, o que resultou na substituição do profissional; intervenções da equipe baseadas em senso comum e na opinião pessoal de seus integrantes e a organização em formato “*judiciário*” das questões trazidas durante a sessão. Devido a tudo isso, Helena diz ainda não saber explicar para que serve a equipe reflexiva, acreditando estar percebendo apenas agora seu papel.

A Família Vieira utilizou palavras como “*choque*”, “*tenso*” e “*estranho*” para descrever o momento em que foram apresentados aos integrantes da equipe. Alberto e Helena (Família Infante) contaram ter se “*assustado*” com a quantidade de pessoas na sala de atendimento. Já mãe e filho da Família Fontes responderam ter sentido timidez em seu primeiro contato com a equipe. Arthur justifica tal sentimento por se considerar uma pessoa mais inibida. Francine afirma ter vivenciado um “*impacto*” inicial, sentindo ansiedade e vergonha por sua presença. Mesmo o pai, Luis, sendo o único a dizer que encarou com naturalidade o uso da equipe desde o início, questionou a ideia de falar sobre sua vida para desconhecidos.

Nesse sentido, diversos autores (Brownlee et al., 2009; Egeli et al., 2014a; Pender & Stinchfield, 2012, 2014; Smith et al., 1994) relataram que a equipe reflexiva costuma ser percebida pelos clientes como menos eficaz no início do processo terapêutico. Segundo eles, isso ocorre devido à falta de *rappor*t e confiança, já que os familiares, nessa fase, ainda estão

conhecendo equipe e coterapeutas. Especificamente, Egeli et al. (2014a) destacam a importância da relação terapêutica para a esperança dos clientes na psicoterapia e suas intervenções.

Alguns fatores foram citados pelos participantes e relacionados à primeira impressão desfavorável relatada por eles: o número de pessoas presentes na sala de psicoterapia e o questionamento sobre uma possível quebra de sigilo. Essas duas questões serão discutidas com maior aprofundamento na sessão “Desafios no Uso da Equipe Reflexiva e Sugestões para sua Superação”. Outro fator citado foi a idade dos integrantes da equipe – tema que será discutido em “Características dos Integrantes da Equipe”, ainda nesta sessão

É interessante notar que a equipe reflexiva e seu funcionamento, mesmo sendo explicados pelos coterapeutas ou pelos próprios clientes para seus familiares, geraram impacto e dúvidas nos participantes. Pelo menos um membro de cada família narrou ter se surpreendido com sua presença. Miguel, filho da Família Vieira, conta que, mesmo com conhecimento prévio, toda a família se chocou com o número de pessoas na sala. O mesmo foi descrito pela Família Infante e por Francine e Héctor, respectivamente, mãe da Família Fontes e pai da Família Vieira.

Como exposto anteriormente, o grupo de atendimento forneceu descrições e explicações sobre a equipe e sua atuação para todos os familiares com quem tiveram o primeiro contato, ou seja, previamente à primeira sessão. Além disso, pelo menos um membro de cada família afirmou que, no primeiro encontro com seus integrantes, os coterapeutas reexplicaram essas questões para todos. Inclusive Héctor (Família Vieira) lembra de ter questionado, na época, se o fornecimento de tanta informação era necessário. Esse procedimento é corroborado pela literatura (Chang, 2010; Egeli et al., 2014b; Mitchell et al., 2014; Willott et al., 2012). Esses autores destacam a importância de se preparar os clientes para um atendimento com equipe, sendo necessário fornecer informações claras sobre seu funcionamento, antes que a primeira

sessão seja realizada. Assim, aumentando a receptividade dos familiares para o seu uso e diminuindo sua ansiedade.

No entanto, mesmo sendo dadas explicações detalhadas e havendo repetições antes e no momento do primeiro encontro com seus integrantes, os participantes pareceram ter dificuldade em compreender o que significava a participação da equipe, surpreendendo-se com sua presença na sala. Principalmente Héctor e Alberto, pais das famílias Vieira e Infante, destacaram não ter compreendido exatamente como seria o atendimento e a equipe. Mesmo tendo sido informados, respectivamente, por seu coterapeuta e sua ex-mulher. Suas falas parecem indicar que, apenas com tempo e a vivência de sessões com equipe reflexiva, eles conseguiram entender essa abordagem:

Depois eu entendi como o negócio [atendimento com equipe] funcionava e a gente começou a surfar no alto da onda, muito mais tranquilo, mas o começo foi muito punk.

(Héctor)

Sim, realmente a primeira sessão eu fiquei um pouco assim, achei um pouco estranho, até porque eu não sabia exatamente, meio que eu caí de paraquedas, mas a partir do tempo eu fui acostumando um pouco e acontece atualmente é só isso, o primeiro impacto de entrar na sala, acontece um pouco isso, a sessão depois transcorre normal, porque eu já sei como vai acontecer, né? (Alberto)

Percepção atual da equipe, seu uso e sua atuação. Os participantes, ao falarem sobre sua percepção atual sobre a equipe reflexiva, seu uso e sua atuação, abordam questões, como: (a) mudanças da primeira impressão; (b) interação de seus integrantes e (c) hierarquia.

Mudanças da primeira impressão. A primeira impressão da equipe reflexiva, apesar de impactante, não permaneceu para os participantes. Independentemente da idade e do sexo, do estágio do ciclo de vida familiar e do contexto socioeconômicos, relataram mudanças em seus sentimentos e pensamento iniciais. Cada família, no entanto, parece ter descrito maiores ou

menores mudanças, o que pode ser relacionado ao seu tempo em terapia familiar com equipe. As famílias há mais tempo em atendimento parecem ter relatado mais alterações em suas percepções iniciais. É possível que, em virtude do tempo de convivência com a equipe, tiveram mais oportunidades de ver essa relação se transformar. No entanto, também é possível hipotetizar que, devido ao contato mais prolongado com a equipe, essas famílias possam ter um desejo maior de proteger seus integrantes. Assim, admitir que não ocorreram mudanças seria como criticá-los, como dizer que não fizeram seu trabalho de forma adequada.

Autores como Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015) e Silva (n.d.) destacam, como descrito no presente estudo, a adaptação dos clientes ao formato de atendimento oferecido. Antes percebido com receio e estranhamento pelos familiares, que temiam ser avaliados por seus integrantes, a equipe agora é percebida como fonte de ajuda e suporte. O número de pessoas era relacionado à sensação de constrangimento e desconforto pelos participantes. O desenvolvimento do processo terapêutico, porém, contribuiu para que esse aspecto agora seja relacionado a um contexto de segurança. Isso pode ser observado nos relatos das famílias Vieira e Fontes.

A Família Vieira, foi a que mais pontuou mudanças em sua percepção sobre a equipe e sua atuação. O número de profissionais na sala, antes visto como um desafio desse atendimento, atualmente, é valorizado. Amália e o filho consideram que esse aspecto traz aconchego e leveza às sessões. Os filhos Miguel e Inês enfatizam como a presença dessas pessoas lhe dá uma sensação de proteção e de apoio. Já as intervenções da equipe, antes vistas com estranhamento, agora são aguardadas pelo pai, Héctor. Da mesma forma, Miguel agora percebe suas falas como importantes e positivas, não mais irrelevantes.

A Família Fontes, mesmo sendo a família que menos ressaltou baixas expectativas e dificuldades iniciais com o uso da equipe, também pontuou melhoras em sua percepção sobre ela. Francine conta ter se acostumado com seus integrantes. Antes calada e receosa, atualmente,

descreve-se como a pessoa que mais fala durante a sessão. O número de pessoas presentes no atendimento hoje lhe proporciona a sensação de apoio e proteção. Seu filho Arthur, por outro lado, diz ainda sentir-se tímido nas sessões, mas que isso diminuiu. O pai, que já havia falado positivamente sobre a presença da equipe, diz que sua percepção sobre ela inclusive melhorou.

A Família Infante, há menos tempo em psicoterapia nessa abordagem, foi a que, apesar de também pontuar mudanças em sua percepção sobre a equipe e sua atuação, incluiu ressalvas e destacou como são recentes essas alterações. A presença da equipe, apesar de uma barreira inicial, hoje é vista com maior naturalidade por Helena e Alberto. Ele relata ter se acostumado com seus integrantes e intervenções. O impacto, atualmente, ocorre apenas na sua chegada à sessão ou quando ocorrem trocas de membros. Já sobre a intervenção da equipe, Helena cita algumas mudanças: seus integrantes agora compreendem que sua função não é a de “dominar” os clientes e dar opiniões pessoais. A equipe fala sobre seus sentimentos, ajudando-os a ter discussões mais saudáveis, ao invés de tentar uma organização “judiciária” dos temas trazidos.

A participante parece atribuir essas mudanças, de forma geral, à supervisão e à saída de um dos coterapeutas – apesar de ter ocorrido apenas uma sessão após tal acontecimento. Especificamente, ela relata que a supervisão tem uma grande relevância no seu atendimento. Isso devido ao número de pessoas na sala e às características de seu caso: não ser casada com a pessoa com quem faz terapia.

Como citado anteriormente, Helena descreveu dificuldades iniciais na sua psicoterapia familiar. Apesar das evoluções em todo o processo terapêutico, ela ainda parece ter dificuldade em compreender a equipe e seu uso: “*E como eu explicaria pra que serve a equipe reflexiva? Pra ser sincera, eu nem sei direito ainda, porque eu acho que agora que a gente começou a perceber, eu acho que agora que as coisas começaram a assentar, sabe?*”. Nesse sentido, ela pontua, de forma explícita, ressalvas quanto a esse modelo de atendimento. Segundo ela, seu maior benefício é, ao mesmo tempo, um desafio: o número de pessoas presentes na sessão. Esse

aspecto traz uma multiplicidade de olhares e percepções ao atendimento, mas também favorece o uso de senso comum e opiniões pessoais nas reflexões.

Interação de seus integrantes. Os participantes ainda descrevem a interação dos membros da equipe reflexiva e suas consequências para o processo terapêutico, ao falarem sobre suas discordâncias durante as intervenções. A Família Infante foi a única em que todos os familiares afirmaram nunca ter presenciado episódios nos quais os integrantes da equipe discordaram entre eles. Alberto afirma que o que ocorre, na realidade, é que eles costumam trazer perspectivas diferentes para as discussões, mas não conflitantes. Já Helena destaca como seus membros costumam se manifestar de forma tranquila e com respeito, não havendo desavenças.

Os membros das famílias Vieira e Fontes, por outro lado, dividiram-se ao responder se já houve momentos de desacordo. O casal Vieira e Luis (Família Fontes) afirmam nunca ter presenciado tais episódios. Respectivamente, caracterizaram seus membros como “*harmônicos*” e “*alinhados*”, pessoas que compreendem a posição do outro. Amália, apesar de ponderar que a equipe é composta por pessoas, cada um com uma perspectiva diferente, acredita ser importante que eles tenham um consenso para que a família encontre harmonia.

Por outro lado, Miguel e Inês (Família Vieira), além de Francine e Arthur (Família Fontes), dizem que momentos de discordância existiram e foram presenciados por eles. Porém, tiveram dificuldade em relatar um exemplo, não sendo considerado algo marcante. Apenas contam já ter presenciado integrantes da equipe questionarem a ideia de outro e exporem a própria. Eles caracterizaram esses momentos como algo “*normal*” e “*natural*”. Miguel afirma que é comum que pessoas não entendam a fala do outro. Inês acredita que um possível desacordo pode ocorrer na equipe, caso a sua própria fala não seja clara. Já Francine descreve que cada pessoa tem uma opinião e uma percepção diferente, sendo importante buscar o consenso para o prosseguimento da psicoterapia.

Nas entrevistas de alguns participantes, parece predominar uma visão negativa do que é discordância. Esse parece ser o caso de Héctor (Família Vieira) e Helena (Família Infante), que, mesmo tendo, inicialmente, afirmado nunca terem presenciado um desacordo entre a equipe, citam episódios em que isso ocorreu. Outro exemplo é Alberto (Família Infante), que narra como são trazidas perspectivas diferentes para as discussões, mas não conflitantes.

Diversas hipóteses foram desenvolvidas para compreender o porquê de alguns participantes não terem considerado possíveis discordâncias na equipe. A primeira é que, em sua visão, discordâncias seriam equivalentes a brigas ou ataques. Segundo eles, pelo contrário, seus integrantes são caracterizados como pessoas compreensivas e que se manifestam respeitosamente. Essa descrição é corroborada pela literatura (Fiorini et al., 2017; Sparks et al., 2011), em que se ressalta a importância da confiança e do respeito entre os membros da equipe. Esse ambiente permite que seus membros elaborem as reflexões um do outro sem que isso seja experienciado como uma crítica ou desafio (Sparks et al., 2011). Outra hipótese para isso é que, como destacou Alberto, as perspectivas trazidas pela equipe são vistas como diferentes, mas não conflitantes. É possível que, como sugerido por Sparks et al. (2011), as reflexões desenvolvidas por seus membros estejam sendo conectadas e relacionadas por temas. Isso permite o desenvolvimento coerente de complexidade e variação, sem que os clientes se sintam confusos ou sobrecarregados pelas informações trazidas. Talvez, a coerência das reflexões da equipe tenha dificultado a percepção de desacordo entre seus membros. Também é possível hipotetizar que haja um desejo dos participantes de proteger a equipe, devido à sua gratidão pelo serviço prestado.

Além disso, é possível identificar, nas falas dos participantes, um discurso atravessado por pressupostos modernos, no qual se supõe a existência de uma única realidade passível de ser acessada (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015). A possibilidade de coexistência de diversas perspectivas, sem que haja uma luta pela prevalência de uma, parece ser algo estranho para eles.

Mesmo os familiares que afirmam ter presenciado um momento de desacordo entre membros da equipe, ainda refletem traços do discurso moderno. Miguel, Inês e Francine, em suas falas, ressaltam a ideia de certo e errado, da busca por uma melhor definição do problema e da necessidade de um consenso. Tais ideias, expressas pelos participantes, diferem do proposto por Andersen (1991). Autores como Brownlee et al. (2009), Smith et al. (1993) e Sparks et al. (2011) destacam como não é necessário que os integrantes da equipe concordem entre si. Desacordos e ambiguidades permitem que os clientes presenciem que não há apenas uma forma de enxergar a situação e que escolham aquelas que melhor se encaixam em seu contexto (Brownlee et al., 2009).

Hierarquia. As três famílias participantes, em suas entrevistas, descreveram e se referiram de forma específica aos integrantes da equipe reflexiva, dando uma ideia de subordinação aos coterapeutas. Amália e Francine, mães das Famílias Vieira e Fontes, respectivamente, utilizaram a palavra “*ouvintes*” para especificarem sua referência à equipe. Enquanto Helena (Família Infante) utilizou “*plateia*”. As palavras “*meninas*” e “*alunos/estudantes*” também foram usadas por Amália e o casal Infante para se referir aos seus integrantes, apesar de Helena, especificamente, ter justificado o uso de “*meninas*” para se referir à equipe. Segundo ela, o uso da palavra é devido à sua pouca idade e não uma forma de diminuí-las.

Entre as descrições da função da equipe, foram citados, pelos filhos de Família Vieira, “*auxílio aos terapeutas*” e, pela Família Infante, “*auxiliar no contexto do atendimento*” e “*aparato*”. Arthur (Família Fontes), quando questionado sobre os pontos positivos de seu uso no atendimento familiar, destaca sua função de ajudar os coterapeutas a lembrar tudo o que ocorreu na sessão. Além disso, também descreve a equipe como um grupo que “*assiste*” à terapia.

De forma geral, é possível hipotetizar que essa descrição feita pelos participantes esteja relacionada ao tipo de informações que eles receberam sobre a equipe no início do atendimento. Como destacado anteriormente, pelo menos um membro de cada família afirmou que, no primeiro contato com a equipe, os terapeutas explicaram sobre ela. Entre as informações passadas, os familiares relataram que seus integrantes poderiam “*auxiliar*” os coterapeutas a enxergar e captar detalhes despercebidos e seriam alunos.

Nota-se, também, que a Família Vieira foi a família que mais aparentou, em suas entrevistas, fazer uma distinção hierárquica entre equipe e terapeutas. Além do já citado, Héctor e Miguel se referiram, respectivamente, aos coterapeutas como “*chefe*” e “*psicólogo principal*”. Além disso, existe a ideia de que eles, necessariamente, devem ser formados e ter mais experiência que os membros da equipe. Tal pensamento aparece no seguinte trecho da entrevista de Héctor:

... porque a gente não entendeu, foi assim: “Peraí, o B. ... se essa pessoa que falou da equipe reflexiva não é uma psicóloga, como ela vai sentar aqui na frente [ser coterapeuta]? Será que o B. tá jogando a toalha? Será que vai botar uma pessoa que não tenha a mesma prática?”.

É necessário ressaltar que eles, desde o início, mantêm o profissional B. como coterapeuta em sua psicoterapia familiar. Uma pessoa formada, com mais experiência e idade. O mesmo não ocorreu com as outras famílias, que já tiveram seus dois coterapeutas alterados, variando entre psicólogos formados e graduandos. Mesmo os profissionais já formados, nessas situações, não apresentavam a diferença de idade e experiência de B. perante seus colegas. Assim, esse fator talvez tenha contribuído para que a Família Vieira desenvolvesse certas expectativas para a pessoa que poderia ser seu terapeuta e a ideia de que essa denominação acarreta uma posição hierárquica, mesmo que seus outros coterapeutas já tenham sido psicólogos-estagiários.

Aliança terapêutica. Os participantes, ao falarem sobre sua relação com a equipe reflexiva, abordam questões, como: (a) relação cliente-equipe; (b) características dos integrantes da equipe; (c) relação cliente-equipe-coterapeutas.

Relação cliente-equipe. As três famílias, ao descreverem sua relação atual com a equipe reflexiva, citaram aspectos positivos. No entanto, é possível hipotetizar que, a depender do tempo que a família está em terapia com equipe e seu ciclo de vida familiar, esses aspectos ganhem maior ou menor ênfase. Estudos como o de Escudero et al. (2008) destacam como a aliança terapêutica não é um fenômeno estável e uniforme, mas um processo descontínuo, influenciado tanto pelo tempo em psicoterapia como por eventos isolados. Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015), especificamente, relataram mudanças na percepção de seus clientes sobre a equipe ao longo do processo terapêutico. Dessa forma, na presente pesquisa, aspectos positivos da relação com a equipe parecem ser destacados em famílias que estão há mais tempo em acompanhamento nessa abordagem. Esse período maior ofereceria mais tempo para o desenvolvimento da aliança terapêutica, não apenas possibilitando que os clientes se adaptem e conheçam seus integrantes, mas também que a própria equipe conheça os familiares.

Já em relação ao ciclo de vida familiar, Felício (2013) ressalta sua influência no processo terapêutico, especialmente na aliança terapêutica. Carter e McGoldrick (1995) definem o ciclo de vida familiar como um conjunto de etapas, definidas por critérios como idade, tempo de união conjugal e parentalidade, pelas quais uma família passa. Para cada uma delas existem determinadas tarefas, ou seja, adaptações consideradas necessárias para cada contexto no qual o sistema está inserido. Das seis etapas existentes, destacam-se as “famílias com filhos pequenos” e as “famílias com adolescentes”. De forma geral, as tarefas previstas para essas fases estão relacionadas à competência de socialização dessas famílias. A primeira, por exemplo, foca em mudanças internas, como o desenvolvimento do subsistema parental e a reestruturação de fronteiras conjugais, com a chegada de um filho. A abertura ao exterior é

menor e quando ocorre, como a entrada do filho na escola, pode ser vista como ameaçadora. A “família com adolescentes”, por outro lado, caracteriza-se pela necessidade de maior flexibilização das fronteiras familiares. Nessa idade é comum que os jovens entrem em contato e comecem a valorizar ideias e pessoas externas ao sistema familiar, o que exige que a família se relacione com pensamentos, valores e indivíduos externos (Carter & McGoldrick, 1995; Felício, 2013).

Dessa forma, na presente pesquisa, é possível hipotetizar que a percepção de aspectos positivos da relação com a equipe esteja relacionada à fase do ciclo de vida familiar. A maior ênfase nesses aspectos pode estar relacionada à maior abertura ao meio externo de famílias com adolescentes e jovens adultos. Enquanto que a menor ênfase pode estar relacionada ao foco em mudanças internas de famílias com filhos pequenos.

A Família Vieira, uma família com filhos adolescentes/jovens adultos e há mais tempo em psicoterapia nessa abordagem é a que mais ressalta aspectos positivos de sua relação com a equipe, detalhando interações e vínculos específicos. Héctor descreve como a equipe, mesmo com a troca de seus membros, passou a integrar seu sistema terapêutico e sua família. A relação desenvolvida com a família superou seus preconceitos, devido ao profissionalismo, à dedicação e à segurança passada por eles. Assim como o pai, Inês fala sobre o desenvolvimento de um vínculo, baseado no carinho e na confiança, além da valorização de sua própria fala. Já Miguel retrata sua relação como “*tranquila*” e baseada no “*respeito mútuo*”.

Héctor e os filhos destacam o suporte e a proteção que a relação com a equipe lhes oferece. O pai traz a ideia de que seus integrantes ajudam a equilibrar e compensar as diversas interações que se desenvolvem: seja dos familiares ou deles com os coterapeutas. Miguel enfatiza como o número de pessoas que compõe a equipe dá a sensação de que mais pessoas estão ali para lhe apoiar. Inês também conta se sentir apoiada por eles em diversos momentos.

Ela, especificamente, cita um integrante e como sua fala, por estar acompanhando a família desde o início, a impacta:

A que está até agora, acho que é a integrante L., eu me sinto muito bem quando ela fala alguma coisa de mim, eu sinto que ela me conhece bem, sempre que as outras falam eu fico meio “Será que é isso mesmo?”, mas quando a L. fala eu tenho certeza que ela tá falando assim... que ela sabe o que ela está falando de mim.

Os três participantes, ao narrarem momentos marcantes de suas sessões envolvendo a equipe, descreveram episódios específicos. A mãe, Amália, porém, fala de forma geral, não citando nenhum momento em particular. Ela também foi a única a descrever que, apesar de “*amistosa e boa*”, sua relação com os integrantes é profissional. Além disso, um vínculo ainda não foi desenvolvido com os novos membros, devido aos poucos encontros que tiveram até o momento. É possível discutir se a troca recente de integrantes da equipe afetou sua perspectiva sobre a relação desenvolvida com eles, já que, segundo a própria participante, a mudança de seus membros é o maior desafio desse modelo – algo que será discutido na sessão “Desafios no Uso da Equipe Reflexiva e Sugestões para sua Superação”.

A Família Fontes é uma família com filho adolescente, há dez meses em psicoterapia nesse modelo. Francine, assim como o pai e os filhos da Família Vieira, diz se sentir segura com a equipe, sendo um suporte para ela. Já Luis caracteriza sua relação como “*ótima*”. Além de se descrever como alguém que gosta de conhecer e fazer amizade, também sente confiança e segurança em seus integrantes. Mesmo tendo questionado, inicialmente, a ideia de falar de si para desconhecidos, narra um atendimento em que se sentiu à vontade para chorar e falar sobre sua história e seus sentimentos. Arthur também confirma se sentir bem e ter confiança na equipe. Ele e o pai são os únicos a descreverem episódios específicos sobre momentos marcantes de suas sessões envolvendo a equipe.

A Família Infante, um casal divorciado com filho pequeno, há menos tempo em psicoterapia, é a única a restringir sua relação com a equipe ao ambiente terapêutico e ao momento de sua intervenção. Alberto caracteriza essa relação como “*confusa*”. Ao mesmo tempo que relata ainda se sentir impactado, toda vez que entra para o atendimento, vê de forma positiva as novas perspectivas trazidas. Simultaneamente, diz confiar na equipe, apesar de se sentir inseguro devido à pouca idade de seus integrantes. Helena, por outro lado, enfatiza que seu relacionamento com eles é restrito, mesmo reconhecendo seus integrantes, não sabe seus nomes. Apesar disso, ela diz confiar na equipe e não ter medo. A ética e o sigilo são questões que ela não relaciona à formação ou ao número de psicólogos no atendimento. Sua preocupação é pelo fato desse atendimento ser com seu ex-marido.

Assim como Amália, mãe da Família Vieira, os dois membros da Família Infante não narram momentos específicos de suas sessões envolvendo a equipe reflexiva e descrevem sua relação com seus integrantes como profissional. No caso da Família Infante, é possível hipotetizar que não apenas os fatores tempo em terapia e etapa do ciclo de vida familiar influenciaram sua percepção sobre a equipe, como também sua própria dinâmica intrafamiliar. Diversos são os autores que relacionam esse fator à manutenção e ao desenvolvimento da aliança terapêutica (Abreu, 2013; Escudero et al., 2008; Escudero Carranza, 2009; Friedlander et al., 2011; Macedo, 2013). Segundo eles, a aliança pode se tornar um desafio em um ambiente em que os clientes possuem uma relação conflituosa e, ao mesmo tempo, necessitam explorar questões delicadas e íntimas entre seus familiares.

O divórcio, segundo Carter e McGoldrick (1995), é um período caracterizado pela redefinição do “eu” em relação a diversas áreas antes definidas pelo sistema conjugal e o desenvolvimento de um relacionamento cooperativo entre os pais. Apesar de ser considerada uma fase específica do ciclo de vida familiar pelas autoras, a dinâmica intrafamiliar e seus consequentes conflitos não devem ser assumidas *a priori* a partir disso. No caso da Família

Infante, no entanto, é possível relacionar seu histórico, marcado pelo processo judicial pela guarda do filho, como um fator que pode ter influenciado a percepção dos participantes sobre sua relação com a equipe. Além disso, deve-se considerar que dificuldades iniciais foram relatadas nesse caso, o que, como já discutido anteriormente, pode também ter influenciado suas percepções.

Nos relatos dos participantes sobre suas relações com a equipe reflexiva, duas questões se destacam: o sentimento de segurança e a percepção do processo como colaborativo. Membros das famílias Vieira e Fontes, ao descreverem sua relação atual com a equipe reflexiva, ressaltam sentimentos de suporte e proteção – tema que será aprofundado na sessão “Contribuições do Uso da Equipe Reflexiva”. Diversos são os autores que descrevem a segurança como uma característica essencial de qualquer trabalho psicoterapêutico com famílias, tendo um grande papel para a aliança terapêutica (Escudero et al., 2008; Escudero Carranza, 2009; Friedlander et al., 2011; Macedo, 2013; Rait, 2000). Especificamente, Egeli et al. (2014a) apontam para o fato de que sentimentos de suporte, em um modelo com equipe, surgem de uma relação na qual não há, em sua maioria, interação direta entre seus integrantes e a família. Ela contribui para o desenvolvimento de um ambiente seguro e acolhedor, no qual os clientes se sentem aceitos e suas experiências reconhecidas (Egeli et al., 2014a; Griffith et al., 1992).

No entanto, cabe ressaltar que os participantes, inicialmente, não perceberam a equipe dessa forma, relatando desconforto e insegurança em sua presença. Apesar de Sprenkle et al. (2009) relacionarem alianças terapêuticas iniciais, principalmente negativas, com o posterior engajamento e eficácia da terapia, as famílias da presente pesquisa permaneceram na terapia e, posteriormente, descreveram percepções diferentes. Pode-se hipotetizar que a permanência esteja relacionada à forma como os clientes foram encaminhados para a terapia familiar (Egeli et al., 2014a), já que as três famílias foram indicadas por profissionais de confiança e

relacionados ao CAEP. Dessa forma, a opção por prosseguir o atendimento, mesmo após as percepções iniciais, estaria relacionada a uma aliança prévia existente com esses profissionais ou a instituição. Como exemplificado pela fala de Francine (Família Fontes):

E tudo, mas eu sempre tive confiança [que o atendimento daria certo], porque eu acho que vindo daqui mesmo, do CAEP, já tem muito tempo, né, que eu estou com o Arthur e tal. Então eu conheço, não teria desconfiança ou negócio ou alguma coisa parecida com a equipe reflexiva, de forma nenhuma.

Nos relatos, também foi possível observar a percepção dos clientes sobre o processo terapêutico com equipe reflexiva como colaborativo. Miguel (Família Vieira) narrou se sentir confortável perante a equipe para discordar do que é exposto e comunicar isso a eles: “*Se eles [equipe] falam alguma coisa que eu não concordo comigo ou o geral da família, que afete diretamente alguém da família, eu falo: ‘Olha, não é bem assim’, aí eu entro na minha visão como membro da família. Mas também é sempre muito tranquilo.*”. Já Helena (Família Infante) diz sempre considerar o que é dito por seus integrantes, apesar de não concordar com tudo: “*É, porque, assim, eu sempre tento pegar o que elas [equipe] falam e tento imaginar... tem umas horas que eu falo ‘É, não...’*”. Ela aproveita o que classifica como “*legal*” e “*descarta*” o resto. Essas falas retratam a ideia, discutida por diversos autores (Garrido-Fernández et al., 2017; Mitchell et al., 2014; Parker & O’Reilly, 2013; Smith et al., 1993; Sparks et al., 2011) de que o atendimento nessa abordagem permite que as reflexões trazidas pela equipe possam ser escolhidas, aceitas ou rejeitadas, pelos clientes, sem que gerem dano na relação com seus integrantes. Segundo Pender e Stinchfiel (2014) a ideia é que os familiares sintam que são parte de uma discussão em que há uma co-construção, não que a equipe esteja produzindo comentários, no lugar de especialistas, e os impondo a eles. Isso deve ser levado em consideração, já que a colaboração e a cooperação entre terapeuta-clientes estão relacionadas a melhores alianças terapêuticas (Abreu, 2013).

Outro aspecto que pode ser notado é que fenômenos característicos e específicos da aliança terapêutica da terapia familiar também podem ser observados na relação específica equipe-clientes. A causalidade recíproca, por exemplo, pode ser observada nas falas de Miguel e Héctor, respectivamente, filho e pai da Família Vieira. Os dois participantes, além de descreverem sua própria interação com a equipe, também destacaram em suas falas o papel que seus integrantes parecem ter para Inês. Miguel, especificamente, narra ter percebido a importância da equipe após um episódio envolvendo sua irmã: *“Acho que foi em momentos que a minha irmã começava a chorar ou ficar preocupada com alguma coisa, os terapeutas pediam para a equipe estar junto dela, então eu comecei a ver a importância aí, porque minha irmã ficava muito mais tranquila junto a equipe.”*. Assim como as alianças terapeuta-clientes desenvolvidas em contextos terapêuticos familiares, a aliança entre equipe e clientes também não se restringe à descrição única das relações individuais, já que elas se afetam e influenciam mutuamente (Macedo, 2013; Pinosof et al., 2008).

O fenômeno da aliança cindida, ou seja, quando um ou alguns familiares relatam ter um maior vínculo emocional com o psicólogo que os outros (Escudero Carranza, 2009), também pode ser observado no contexto de atendimento familiar com equipe reflexiva. Como já amplamente descrito nessa sessão, cada membro das famílias participantes descreveu relações individuais e particulares não apenas com a equipe como um todo como também com os integrantes específicos que a compõem.

A Família Vieira apresentou uma aliança cindida, mas não de tipo severo. Ao mesmo tempo em que seus membros foram os que mais descreveram aspectos positivos de sua relação com a equipe, há um deles (Amália) que caracterizou sua relação com os integrantes como profissional. Assim, a família não apresentou relações individuais opostas e conflitantes com a equipe, apenas diferentes, o que sugere que a aliança cindida nem sempre represente um obstáculo à terapia familiar

Por fim, percebe-se que, assim como em outras modalidades de atendimento psicoterapêutico, diversas fantasias perpassam a relação desses diferentes atores do sistema terapêutico. Por exemplo, Helena (Família Infante) descreveu tanto fantasias em relação ao papel da supervisão, como em relação aos motivos que levariam os membros da equipe a fazerem determinadas intervenções:

Eu achei aquilo agressivo, achei aquilo uma opinião particular, a menina [membro da equipe] que falou é uma fofura de pessoa, não tenho nada a dizer a respeito dela como ela se posiciona, ali nada, ela sempre muito... uma voz baixa... talvez ela vivencie uma separação e talvez tenha essa questão com o ex-marido, não sei (...) Então não sei se é essa que tem um filho ou não, eu fiquei pensado assim, “Beleza, pode ter funcionado pra ela, mas pra mim não vai funcionar”.

Características dos integrantes da equipe. As características do terapeuta são consideradas um aspecto fundamental para o desenvolvimento da aliança terapêuticas não apenas no contexto de atendimento individual como também no familiar. Fatores como idade, sexo, estado civil, experiência profissional e mesmo seu comportamento são algumas das características associadas à formação e ao desenvolvimento da relação terapeuta-cliente (Abreu, 2013; Sprenkle et al., 2009). Abreu (2013), em estudo específico sobre atendimento conjunto, concluiu que profissionais mais velhos, casados e já formados contribuiriam mais para a aliança.

Na presente pesquisa sobre equipe reflexiva, quatro dos participantes, o casal e filho da Família Vieira e Alberto (Família Infante), citaram a idade de seus integrantes como um fator que gerou insegurança e questionamento sobre o seu uso. Eles, no entanto, parecem ter relacionado, inicialmente, competência e profissionalismo à idade e, conseqüentemente, à experiência de vida da equipe. No início, Héctor e o filho se disseram assustados com a pouca idade dos integrantes e que Amália comentou esse fato: “... *Amália quando chegou em casa disse que: ‘Eu estou chocada. Como que os meus filhos vão ajudar meus filhos, essa garotada*

ai? Não vai rolar’.”. Segundo o pai, como seus atendimentos anteriores foram com profissionais mais velhos, ele chegou a questionar a competência da terapia devido à idade da equipe. Alberto admitiu ter questionado a maturidade de seus integrantes devido a esse mesmo fator. Egeli et al. (2014a), em seu estudo de caso sobre a esperança de casais ao participarem de processos terapêuticos envolvendo equipe reflexiva, destaca que a crença dos clientes de que seus psicólogos sejam profissionais competentes contribui para que suas expectativas sobre a terapia sejam positivas. Dessa forma, no presente estudo, o fato de os integrantes da equipe, sendo formados ou não, terem, em sua maioria, menos de 30 anos pode ter favorecido uma primeira impressão negativa.

Apesar das percepções iniciais desfavoráveis, atualmente, pelo menos um membro de cada família ressaltou o cuidado e a gentileza que seus integrantes demonstram ao se referir aos clientes. O casal da Família Fontes narrou nunca ter se sentido “atingido” por suas reflexões, caracterizando-os como “*supereducados*”. Já Helena e Amália, mães das famílias Infante e Vieira, respectivamente, descrevem o posicionamento da equipe como “*tranquilo*” e empático. A descrição da equipe como respeitosa e empática pelos clientes foi algo encontrado em outros estudos sobre o tema (Brown, 1992; Fiorini et al., 2017; Jenkins, 1996; Pender & Stinchfiel, 2014). Mais do que isso, a fala de Héctor, da Família Vieira, ressalta a importância do tempo para a percepção dos familiares sobre a equipe:

Mas a prática, e o que eu falei, a forma com que a equipe se relacionou com a família supera qualquer preconceito. No nosso caso, superou qualquer preconceito. (...) Os meninos [equipe] que estão ali na frente são profissionais à beça. As pessoas são superdedicadas ao que estão fazendo e nos passam essa segurança, acho que isso é que foi difícil da gente entender que vir pra cá era legal.

Já o sexo dos integrantes da equipe reflexiva foi apontado por dois dos nove participantes como um fator importante para eles e a terapia nessa abordagem. No entanto,

algumas respostas sobre esse tema apresentaram contradições. Todas as famílias usaram como exemplo sua própria psicoterapia para falar sobre a relevância e as consequências do sexo dos seus integrantes para o atendimento. A Família Vieira, apesar de sempre ter contado com uma equipe composta por mulheres, tem, desde o início, um coterapeuta do sexo masculino. A equipe da Família Fontes, atualmente, é composta predominantemente por pessoas do sexo feminino, tendo apenas um homem. No entanto, ela já foi composta totalmente por mulheres, sendo recente tal alteração. Já a Família Infante possui coterapia e equipe composta apenas por integrantes femininas.

A mãe e ambos os filhos da Família Vieira responderam que esse aspecto não influencia o atendimento. Amália argumenta que os assuntos tratados nas sessões podem ser conversados por pessoas de ambos os sexos. Miguel descreve que o que realmente importa em um profissional são suas intenções de ouvir e ajudar a ele e sua família. Já Inês, apesar de inicialmente acreditar que se sentiria desconfortável pela presença de um coterapeuta homem – uma experiência nova para ela –, hoje não vê diferença para a psicoterapia.

Pai e filho da Família Fontes também não consideraram o sexo como um aspecto relevante. Luis acredita não ser influenciado por isso, enquanto Arthur diz que, independente do sexo, o importante é que os integrantes compreendam e estejam atentos à família. Francine, apesar de concordar com a fala de seus familiares, narra o impacto inicial que lhe causou a inclusão de um homem na equipe. Segundo ela, sua reação pode estar relacionada à criação, já que ela sempre foi ensinada a procurar a mãe para conversar. Ela acredita ser mais fácil falar com mulheres, por acreditar que a compreensão é melhor. Da mesma forma que a participante, Alberto, da Família Infante, afirmou não se importar com o sexo dos integrantes. No entanto, posteriormente em sua entrevista, ele chega a concluir que o fato da equipe ser composta por mulheres lhe traz mais segurança.

Héctor e Helena, respectivamente, membros das famílias Vieira e Infante, foram os únicos participantes que responderam desejar uma equipe mista. Ele argumenta que, em toda atividade, é necessário ter equilíbrio e dá um exemplo da sua profissão. Ele próprio busca trabalhar em um ambiente com ambos os sexos, já que, segundo sua experiência, mulheres são mais organizadas e homens são mais explosivos. Héctor cita como exemplo, para a necessidade de uma equipe mista, um episódio no qual ele usou, na sessão, uma expressão que foi questionada pela equipe feminina. Ele acredita que ter um integrante homem teria trazido compreensão para o grupo sobre a situação. Já Helena afirma que ter um homem na equipe seria benéfico. Ela, já tendo feito acompanhamento individual com um psicólogo, acha sua visão e posicionamento “ricos” e “diferenciados”. Ela destaca as diferenças que acredita haver entre os universos masculino e feminino e relaciona o fato de a equipe ser composta por várias mulheres a uma maior possibilidade de as reflexões serem baseadas no senso comum:

Então isso é muito importante, porque como é muita gente, a gente sabe que num grupo, principalmente de um monte de mulheres, meio pejorativo até, mas é isso, as pessoas, às vezes, não se entendem e fica uma questão que acaba saindo... porque a Psicologia é uma coisa muito perto do senso comum quando você olha de uma forma não empírica pra Psicologia. Parece que é uma conversa, minha amiguinha ali.

Apesar das respostas de Helena e Héctor, ambos também apontaram ressalvas sobre um atendimento com equipe mista. O participante acredita que o sexo dos profissionais poderia afetar o processo terapêutico de outras famílias. Segundo ele, senhoras mais velhas, mães ou filhas poderiam se incomodar com a presença de homens na sala. Já Helena questiona se a presença de um integrante masculino, no início, poderia gerar estranheza a ela ou ao seu ex-marido.

Por fim, é interessante notar que ambos os participantes que afirmaram que o sexo dos integrantes da equipe é um fator importante para eles e a terapia nessa abordagem também

sugeriram o uso de uma equipe mista. Ambos basearam seus argumentos na ideia de que ter homens e mulheres a compoendo poderia trazer maior diversidade para as reflexões. Além disso, Héctor (Família Vieira) enfatizou o uso de ambos os sexos como uma forma de equilibrar o atendimento, permitindo que as perspectivas desenvolvidas, sobre assuntos específicos, também contemplassem ele e o filho. O estudo de Smith et al. (1994), da mesma forma, utilizou esses argumentos para justificar a necessidade de uma equipe mista. No entanto, esses mesmos participantes, assim como Inês (Família Vieira), Alberto (Família Infante) e Francine (Família Fontes) relataram ter ou já ter tido preocupações sobre a presença de um homem na sessão. Em suas falas é presente a representação de estereótipos femininos sociais (Fávero, 2010). Em sua grande maioria, esses estereótipos estavam relacionados ao papel da mulher como cuidadora e o relato de Helena (Família Infante) à imagem de um grupo de mulheres como menos competente.

Relação cliente-equipe-coterapeutas. Apesar do apontado anteriormente, seis dos nove participantes não identificaram diferenças entre a relação terapêutica desenvolvida com os integrantes da equipe reflexiva e a desenvolvida com os coterapeutas. Um deles diz ter, atualmente, uma relação mais próxima com a equipe, enquanto dois se dizem próximos dos coterapeutas.

Pai e ambos os filhos da Família Vieira relataram se sentir seguros e confiar nos integrantes da equipe. já que todos, equipe e terapeutas, estão ali para ajudar a família. Inês, apesar disso, relata ficar mais à vontade com a equipe, por serem seus integrantes quem mais demonstram carinho por ela e a apoiam. Héctor acredita que o uso da equipe reflexiva tenha sido fundamental para sua filha, não apenas em momento específicos, mas para todo o seu processo terapêutico. Segundo ele, Inês se identifica com seus integrantes, pessoas “*próximas*” a ela. Nesse sentido, a participante destaca o benefício de a equipe poder focar, especificamente,

em um indivíduo durante a sessão. Algo que os coterapeutas, segundo ela, não podem fazer devido à necessidade de compartilhar sua atenção com todos os familiares.

Destaca-se que os três alegaram que, inicialmente, essa perspectiva era diferente. Héctor e o filho acreditavam que os terapeutas eram mais importantes que a equipe, o que mudou no decorrer do processo terapêutico. O pai os enxergava como um grupo subordinado e que as falas e as intervenções relevantes seriam feitas apenas pelos terapeutas. Já Miguel conta ter sentido uma confiança muito maior nos terapeutas, por parecerem mais velhos e experientes. Inês justifica tal percepção inicial. Para ela, o fato de os coterapeutas terem mais tempo de fala e darem o primeiro retorno para a família faz com que os familiares desenvolvam uma relação primeiramente com eles.

O casal da Família Fontes também afirmou não fazer distinção entre as relações. Luis diz se sentir bem entre todos eles, terapeutas e equipe. Segundo ele, cada pessoa traz percepções diferentes ao atendimento. Francine diz não ver diferença, já que todos estão ali escutando sua história. Assim como o marido, afirma que, sem a equipe, não haveria debate, já que sua função é trazer diversos pontos de vista para a sessão.

Helena e Alberto da Família Infante descreveram o mesmo que os outros participantes. Alberto reafirma a importância da equipe devido às suas colocações que, muitas vezes, levam as discussões por um caminho diferente. Já Helena explica que, apesar do atendimento ser, em sua maioria, voltado aos coterapeutas, ela não vê diferença na confiança e na segurança que sente por eles. Segundo ela, cada um ocupa um papel e um momento específicos na sessão: a equipe reflete e os terapeutas conduzem o atendimento, o que não os qualifica como melhores ou piores.

Os participantes que priorizaram a relação desenvolvida com os coterapeutas frente à relação desenvolvida com a equipe foram Amália (Família Vieira) e Arthur (Família Fontes). Ela se diz mais segura e confortável com os terapeutas. São eles com quem ela mais interage,

enquanto a equipe apenas se manifesta nos minutos finais das sessões. Já o adolescente diz ter confiança e se sentir confortável com ambos. No entanto, argumenta ser mais próximo dos coterapeutas, por ter mais tempo e poder falar diretamente com eles.

De forma geral, os participantes afirmaram não fazer distinção entre terapeutas e equipe. Eles destacaram como todos estão ali para ajudar a família e escutar sua história e como a presença de seus integrantes traz múltiplas percepções para o atendimento. No entanto, três familiares descreveram diferenças significativas entre essas relações. As falas de Amália (Família Vieira) e Arthur (Família Fontes) sobre sua relação mais próxima com os coterapeutas se assemelham ao que é dito por Inês e Helena. Ambas, em suas entrevistas, argumentam ser provável que a família desenvolva uma relação primeiramente com os coterapeutas, priorizando-a, já que eles se dirigem diretamente aos familiares e têm maior tempo de fala.

Já a fala de Inês, destaca sua maior proximidade com a equipe reflexiva. Segundo seu pai, isso se deve ao fato de sua filha se identificar com os seus integrantes. Autores como Abreu (2013), Escudero Carranza (2009) e Knerr et al. (2011) corroboram a fala de Héctor ao destacarem como a aliança terapêutica é, entre diversos outros fatores, a interação de características do terapeuta e do cliente. Fatores como idade e sexo semelhantes parecem favorecer sua relação. Dessa forma, Inês, uma adolescente do sexo feminino, pode se sentir mais próxima da equipe devido à sua constituição apenas por mulheres estudantes de faixa etária parecida. Outra hipótese é que a própria percepção da questão hierárquica, que pode levar a fantasias que colocam os coterapeutas mais próximos dos pais e a equipe mais próxima aos filhos.

Por fim, Abreu (2013) e Escudero Carranza (2009) ainda destacam a necessidade e o desafio de, em um contexto familiar, desenvolver múltiplas alianças terapêuticas com pessoas de diversas idades, sexo, personalidades, etc. O estudo de Moreira (2013) sobre alianças em psicoterapias familiares com uso de coterapia, hipotetiza que, o número de pessoas envolvidas

no processo terapêutico pode ter limitado o estabelecimento de uma ligação emocional forte entre terapeutas e clientes. A fala de Inês, no entanto, parece refutar isso. Inclusive, a participante destaca a possibilidade de a equipe poder focar em indivíduos específicos da família, o que poderia favorecer o desenvolvimento de relações entre eles. Além disso, também é possível considerar o papel do número de pessoas que compõe a equipe e de sua presença na sala para a aliança terapêutica. A composição da equipe por profissionais com idades e sexo variados, pode facilitar a identificação de diferentes familiares com o grupo terapêutico. Já a presença de seus integrantes na sala de psicoterapia possibilita que os clientes conheçam a equipe e, mesmo que indiretamente, se relacionem com ela (Smith et al., 1994).

Contribuições do Uso da Equipe Reflexiva

As famílias participantes, ao falarem sobre as contribuições da equipe reflexiva para o seu atendimento, destacaram: (a) multiplicidade de olhares e percepções; (b) fala de conotação positiva; (c) função de suporte; (d) momentos de maior relevância e (e) a equipe como uma nova forma de olhar para si e para a família

Multiplicidade de olhares e percepções. Os clientes, quando indagados sobre os pontos positivos do uso da equipe reflexiva nos atendimentos familiares, ressaltaram a multiplicidade de ideias trazidas por seus integrantes. Suas falas ampliam e variam o olhar sobre uma mesma questão, por meio de novas e diversas perspectivas. Além disso, todas as famílias descrevem como seu uso é importante para que sejam abordados assuntos ou detalhes que os coterapeutas, e até mesmo os próprios familiares, podem não ter percebido antes devido ao número de clientes na sala.

As três famílias, em diferentes estágios do ciclo de vida familiar e de diferentes contextos socioeconômicos, assim como seus membros, variados em idade e sexo, apontam a multiplicidade de ideias como um aspecto positivo do uso da equipe. É possível hipotetizar que essa característica tenha sido destacada porque a diversidade de pontos de vista oferecida pelo

atendimento nessa abordagem é coerente com o contexto variado de seus clientes (Santos, 2008). Segundo Egeli et al. (2014b), é importante que a equipe crie um equilíbrio em suas reflexões, para que todos os familiares sejam contemplados. Para isso, é necessário validar suas diferentes perspectivas, reconhecendo suas dificuldades e ressaltando suas qualidades.

Essa contribuição do uso da equipe é amplamente discutida por diversos estudos sobre o tema (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Brown, 1992; Brownlee et al., 2009; Chang, 2010; Fiorini et al., 2017; Garrido-Fernández et al., 2017; Mitchell et al., 2014; Parker & O'Reilly, 2013; Pender & Stinchfield, 2012, 2014; Smith et al., 1993; Willott et al., 2012). A multiplicidade de ideias tem o propósito de oferecer às famílias diversas perspectivas sobre suas questões. Isso estimula um olhar que se afasta de uma visão dualística de certo e errado. Os clientes, ao escutarem diferentes aspectos de sua situação, são menos propensos a se sentirem julgados e desmoralizados, podendo mostrar-se mais abertos a alternativas (Brownlee et al., 2009; Pender & Stinchfield, 2014; Smith et al., 1993; Willott et al., 2012).

Assim como Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015), os participantes do presente estudo relacionaram a multiplicidade de olhares trazida pela equipe não apenas à função de introduzir novas perspectivas sobre uma questão. Eles também a relacionaram à função de melhorar a percepção de detalhes e particularidades da sessão que não foram percebidos nem pelos terapeutas e nem pelos familiares. As autoras denominaram essas funções, como equipe colaboradora e equipe especialista, respectivamente. A visão colaboradora da equipe se aproxima do proposto por Andersen (1991). Segundo ele, o que se busca são as diversas descrições e distinções geradas por um diálogo entre os integrantes, ou seja, busca-se uma multiplicidade de ideias, não um consenso fechado para orientar a família ou impor algum sentido específico. Já a chamada equipe especialista se aproxima dos pressupostos modernos. Aqui, seus integrantes teriam a função de analisar os comportamentos verbais e não-verbais dos familiares para melhor identificar a real situação a ser resolvida na terapia (Barbosa & Guanaes-

Lorenzi, 2015). Faz-se importante discutir a necessidade de a equipe transitar entre esses dois modelos. A flexibilidade da equipe reflexiva proposta por Tom Andersen permite que ela se adapte para momentos em que pode ser importante adotar uma postura psicoeducativa ou diretiva, especialmente em situações em que algum dos membros da família encontre-se em situação de vulnerabilidade e precise ser protegido.

Amália e Helena, respectivamente, mães das famílias Vieira e Infante, também pontuam o valor que a multiplicidade de olhares traz para o atendimento. Mesmo quando discordam ou são contrárias ao que é dito pela equipe, consideram suas colocações como positivas e importantes para o processo terapêutico. As falas das duas participantes retratam a ideia, discutida por diversos autores (Garrido-Fernández et al., 2017; Mitchell et al., 2014; Parker & O'Reilly, 2013; Smith et al., 1993; Sparks et al., 2011) de que o atendimento nessa abordagem permite a introdução ou discussão de tópicos, sem que haja uma exigência de que os clientes aceitem parte ou todas as perspectivas apresentadas. Isso é realizado pelo envolvimento dos familiares em uma discussão de múltiplos e, talvez, conflitantes olhares. Assim, por meio de visões alternativas de um mesmo problema, clientes desenvolvem sua capacidade de refletir e escolher perspectivas que melhor se adaptem à sua própria visão de mundo (Garrido-Fernández et al., 2017; Smith et al., 1993).

O casal Fontes e a mãe da Família Infante ainda relacionam a multiplicidade de olhares e percepções do atendimento ao número de pessoas dentro da sala de psicoterapia. Helena destaca como a ideia de *“mais cabeças pensam melhor que uma”* representa os benefícios do uso da equipe. O número de profissionais na sala, assim como a variedade de pessoas, pode trazer riqueza às discussões. Já pai e filho da Família Vieira e Alberto, da Família Infante, acreditam que tal percepção se deva ao fato de a equipe não precisar interagir com a família durante o atendimento, o que permite um ponto de vista externo das questões e dos problemas familiares.

Ambas as percepções são corroboradas pela literatura: a posição de escuta da equipe e o número e a diversidade de profissionais na sala de psicoterapia (Andersen, 1987, 1991; Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Rasera & Japur, 2004; Santos, 2008; Smith et al., 1993; Williams & Auburn, 2016). A posição de escuta, ou posição reflexiva, permite que seus integrantes estejam atentos e livres para refletir sobre questões trazidas. O olhar da equipe se distingue, sem que existam demandas ou restrições advindas da interação e participação da família (Andersen, 1987, 1991; Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Rasera & Japur, 2004; Williams & Auburn, 2016). Já Santos (2008) e Smith et al. (1993) afirmam que o uso da equipe permite o desenvolvimento de reflexões variadas. Isso não apenas pela quantidade de profissionais, como também por sua diversidade. Cada integrante está impregnado com histórias de vida, experiências e expectativas.

Toda a Família Fontes, Alberto, da Família Infante, bem como o casal e a filha da Família Vieira afirmam que as intervenções da equipe são contextualizadas com suas sessões, as famílias e seus membros. Dois participantes disseram o contrário. Miguel (Família Vieira) respondeu que, por vezes, os integrantes da equipe fazem reflexões com as quais ele não concorda, por serem questões de “*dentro da família*”. A equipe não teria como saber, já que ele acredita que os familiares são diferentes dentro e fora da psicoterapia. Já Helena (Família Infante) narra um episódio específico em que um membro da equipe, em sua intervenção, sugeriu uma determinada organização dos horários da criança com seus pais. Ela o descreveu como um comentário agressivo e baseado em uma opinião particular.

É interessante notar como, dos nove participantes, sete afirmaram que as intervenções da equipe são contextualizadas. Esses relatos estão de acordo com o proposto por Andersen (1987, 1991), que aponta a necessidade de refletir assuntos referentes ao que ocorre e é discutido durante a sessão prévia com os coterapeutas. Isso faz com que as colocações da equipe façam sentido para a família e estejam contextualizadas (Moran et al., 1995). Autores como

Brownlee et al. (2009) e Willott et al. (2012) descrevem que, refletir sobre questões não relacionadas ao atual atendimento faz com que os familiares se sintam ignorados pela equipe. Além disso, sobrecarregam clientes com informações descontextualizadas, ao invés de gerar uma discussão de perspectivas múltiplas.

Também se observa que os familiares, ao exemplificarem momentos nos quais a equipe teve falas descontextualizadas, parecem retratar episódios em que eles discordaram do que foi comentado por seus integrantes:

Nesse sentido já teve algumas falas, tanto dos terapeutas quanto da equipe, que eu não concordava porque é uma coisa dentro da família assim (...) a equipe não tem como saber tudo o que acontece em casa, então muita gente na família, isso inclusive é uma coisa que o meu pai fala, nós somos pessoas diferentes dentro da clínica e fora da clínica... (Miguel); No dia da opinião “vamos fazer um dia de um e um do outro”. Aquilo foi marcante, aquilo me incomodou profundamente. (Helena)

O próprio Miguel utiliza palavras como “*concordar*” em sua fala. Helena, da mesma forma, discordou do que foi dito no episódio citado. Mesmo Amália e Inês (Família Vieira), participantes que afirmaram que suas intervenções são contextualizadas, passam essa ideia. Elas ressaltam o cuidado que é tomado antes de algo ser dito por seus integrantes. Inês aponta como a equipe costuma fazer perguntas como uma forma de evitar que algo seja dito de forma incorreta.

Fala de conotação positiva. Toda a Família Fontes e Héctor, da Família Vieira, citam outra contribuição do uso da equipe reflexiva: sua fala de conotação positiva e o incentivo que recebem de seus integrantes. Francine resalta como eles a incentivam e elogiam. Arthur, por outro lado, diz ter vários momentos com a equipe que ele considerou “*legais*”. Esses episódios foram marcantes devido ao interesse e a positividade que seus integrantes demonstraram sobre

ele e seus relatos. Já Héctor aponta a conotação positiva de sua fala como algo que ajuda a levantar a moral dos familiares durante atendimentos difíceis.

Diversos são os estudos que ressaltam como característica marcante do uso da equipe as falas de conotação positiva (Andersen, 1987, 1991; Brownlee et al., 2009; Chang, 2010; Egeli et al., 2014a; Moran et al., 1995; Pender & Stinchfiel, 2012, 2014; Smith et al., 1993; Williams & Auburn, 2016). Esse aspecto é também apontado, pelos clientes, como uma qualidade dessa abordagem (Egeli et al., 2014a; Pender & Stinchfiel, 2014). A equipe deve sempre fazer reflexões que construam e reforcem perspectivas positivas sobre a situação familiar. Também se deve ressaltar e estimular as potencialidades da família e seu desenvolvimento na terapia. É importante não interpretar negativamente os conteúdos ou comportamentos apresentados, de forma que a fala esteja livre de julgamentos (Andersen, 1987, 1991; Egeli et al., 2014a; Moran et al., 1995; Pender & Stinchfiel, 2012, 2014; Williams & Auburn, 2016). Essa forma de elaborar as reflexões facilita a vinculação entre os clientes e seus integrantes, evitando que sejam vistos como juízes que estão ali para avaliá-los e não para ajudá-los a pensar em diferentes alternativas. A linguagem utilizada tem um papel significativo em como os familiares interpretam os comentários feitos pela equipe. Uma linguagem positiva e voltada para as potencialidades possibilita que os clientes se sintam empoderados e estejam mais abertos e atentos às reflexões (Brownlee et al., 2009; Smith et al., 1993). Além disso, alguns estudos (Chang, 2010; Egeli et al., 2014a; Williams & Auburn, 2016) apontam a equipe como um dispositivo que contribui para o sentimento de esperança entre os clientes. Sua linguagem permite que os familiares construam alternativas sobre suas questões que focalizam suas potencialidades e recursos.

Por fim, é interessante notar que nenhum dos membros da Família Infante cita esse benefício do uso da equipe reflexiva em seu atendimento familiar. Essa percepção pode estar relacionada ao fato de eles serem a família a estar há menos tempo em acompanhamento nessa

abordagem, tendo um período menor para desenvolver a relação terapêutica com a equipe. Esse menor contato talvez não tenha possibilitado que os clientes se adaptassem e conhecessem seus integrantes, como também não possibilitou que a própria equipe conhecesse os familiares. Outra hipótese é que as falas da equipe da Família Infante não estejam sendo elaboradas de forma suficientemente positiva, destacando as potencialidades dos clientes.

Função de suporte. As famílias Vieira e Fontes caracterizam a equipe reflexiva como uma forma de ajuda e suporte para os familiares. Já a Família Infante não faz, explicitamente, essa mesma relação. No entanto, eles descrevem que a função de seus integrantes é auxiliar o diálogo entre os familiares. Todas as famílias, de diferentes formas, narram a importância da equipe para a comunicação.

Alguns autores descrevem como clientes apontam a equipe como um recurso de ajuda (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Chang, 2010). A presença de seus integrantes pode trazer um sentimento de segurança e conforto para os familiares (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015). Estudos como o de Egeli et al. (2014a) reforçam o suporte oferecido. Isso ocorre pelo desenvolvimento de um ambiente no qual as famílias sentem suas experiências sendo validadas e suas necessidades reconhecidas. Outra forma de ajuda relacionada ao uso da equipe é a mediação da comunicação. Segundo Garrido-Fernández et al. (2017), a equipe permite que clientes aprendam uma comunicação positiva e respeitosa, sem julgamentos, ao observar a forma como seus integrantes se colocam. Esse modelo de interação pode vir a melhorar seus processos de comunicação. Já Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015) apontam como o aspecto mais valorizado pelos clientes a função da equipe de mediar o diálogo entre os familiares. Os relatos dos participantes do presente estudo, trazidos a seguir, parecem corroborar o encontrado na literatura.

Francine (Família Fontes) relata como a presença da equipe melhora o entendimento entre os familiares ao fazer perguntas e abrir espaço para que eles desenvolvam falas que não

foram bem compreendidas. Helena (Família Infante) descreve como a função de suas reflexões é auxiliar a comunicação entre eles. Os integrantes falam sobre como sentiram os clientes na terapia, ajudando-os a ter discussões mais saudáveis.

Pai e filhos da Família Vieira descrevem como ela auxilia os familiares a “*verbalizar*”, ou seja, ajuda-os a expressar, verbalmente ou não, seus pensamentos e sentimentos. Miguel e Inês retratam como a equipe cria um ambiente de apoio e proteção para que eles se sintam confortáveis para se posicionar perante os outros. Ela, inclusive, refere-se aos seus membros como “*protetores*”. Observa-se que Miguel (Família Vieira) e Francine (Família Fontes) relacionam o sentimento de apoio e proteção, que a equipe lhes proporciona ao número de pessoas presentes no atendimento.

Ainda sobre as formas com as quais a equipe ajuda as famílias na comunicação, mãe e filha da Família Vieira narram como, por vezes, seus integrantes falam em nome de um familiar. Nesses casos, eles expressam aquilo que o cliente não consegue ou tem dificuldade em dizer. Até mesmo verbalizam opiniões que eles não poderiam, mas que gostariam de colocar para o resto da família. Nesse sentido, elas, juntamente com o pai, Héctor, destacam a atenção e o conhecimento que a equipe expressa ter sobre os clientes. Os três relatam episódios nos quais seus integrantes demonstraram grande conhecimento e cuidado com os familiares. Da mesma forma, Brown (1992) destacou a empatia como uma das características identificadas, por seus participantes, na equipe reflexiva. Segundo ele, diversos familiares sentiram que seus integrantes demonstraram validação, reafirmação e entendimento de suas questões.

A Família Vieira é a única que cita mais dois comportamentos com os quais a equipe os ajuda e dá suporte. Héctor traz a ideia de que seus integrantes auxiliam a equilibrar as diversas interações e relações que se desenvolvem. A equipe pode compensar conflitos ou erros de entendimento entre a família e os terapeutas. Mesmo que ocorram desentendimentos com um psicólogo, o vínculo e a relação desenvolvida com os outros podem equilibrar o atendimento.

O pai ainda diz sentir segurança ao saber que a equipe pode opinar sobre a forma como a sessão está sendo conduzida. Isso equilibraria o poder dos coterapeutas.

Além disso, a interação física é outra forma de ajuda oferecida por eles, comentada tanto pelo pai como por Inês. Ela contribui para tranquilizar e aliviar a tensão nos atendimentos, por meio de abraços e cumprimentos, no início da sessão, e em dinâmicas. Considera-se importante destacar a questão do contato físico com os clientes e como ela deve ser avaliada de acordo com as especificidades de cada família. Algumas podem não se sentir confortáveis com esse tipo de proximidade. No caso da Família Vieira, porém, ela é especialmente importante, já que, segundo Héctor, esse fator traz “*aconchego familiar*” ao atendimento. Já que eles não possuem família extensa na cidade.

É interessante notar que todas as famílias citam a influência da equipe na comunicação dos – e entre – os familiares. No entanto, apenas as famílias Vieira e Fontes descrevem a presença de seus integrantes como uma forma de ajuda e suporte. Essa percepção pode estar relacionada ao fato de essas famílias estarem há mais tempo em acompanhamento nessa abordagem. Além disso, a Família Vieira descreve de forma mais detalhada e aprofundada as formas com as quais a equipe lhe ajuda e dá suporte, como já discutido anteriormente, e destacam como seus integrantes parecem ter grande conhecimento sobre os familiares.

Momentos de maior relevância. Todos os participantes das famílias Vieira e Fontes afirmaram, quando questionados, que a equipe reflexiva é importante para sua terapia. Apenas a Família Infante não fez tal afirmação. Ao invés, ambos definiram o uso da equipe como uma “*experiência diferente*” e uma “*contribuição boa*”, além de algo “*legal*” e “*rico*”. Alberto ainda diz não a ver como fundamental. Como hipotetizado anteriormente, essa resposta pode estar relacionada ao fato de essa ser a família que está há menos tempo em psicoterapia. Também pode estar relacionada aos diversos desafios iniciais, citados por Helena, encontrados no

processo terapêutico. Inclusive, ela argumenta que isso pode ter afetado sua compreensão sobre o uso e o funcionamento da equipe.

As famílias, de forma geral, apontam três situações nas quais o uso da equipe se destaca para eles: em sua intervenção, sua presença ao longo de toda a sessão e em momentos difíceis. As duas primeiras parecem demonstrar como a simples presença e o uso da equipe são relevantes, por si só, para os participantes. Isso, segundo seus relatos, está relacionado ao fato de ela permitir a discussão de múltiplas percepções sobre a mesma questão e pelo sentimento de proteção e suporte oferecido por seus integrantes – características essas já discutidas anteriormente.

Além disso, outro aspecto que pode ser considerado é o fato de a presença da equipe se fazer, ao longo de todo o processo psicoterapêutico, na mesma sala em que se encontra a família. Estudos como os de Pender e Stinchfield (2012, 2014) e Smith et al. (1994) destacam como conhecer seus integrantes permite que clientes se sintam menos intimidados, o que os torna mais abertos e dispostos a discutirem suas questões. Brown (1992) observou o desenvolvimento de uma interação, ainda que indireta, dos clientes com a equipe quando ambos dividem o mesmo ambiente. Segundo ele, nessa situação, seus integrantes demonstravam maior empatia e entendimento das perspectivas familiares. Da mesma forma, Sparks et al. (2011) descrevem que ter equipe e família na mesma sala permite a criação de uma sensação de intimidade e compromisso.

Outro momento em que a equipe foi considerada mais importante para os participantes foi em períodos difíceis, de conflito e emotivos das sessões. O casal Vieira e Luis (Família Fontes) falam sobre o papel da equipe nessas situações. Amália observa a preocupação dos integrantes com a família e constata como suas falas expressam empatia. É possível hipotetizar que, nessas situações, a relevância do uso da equipe fica mais evidente, pois nelas as famílias se mostram mais paralisadas – como denominou Andersen (1991). Após diversas tentativas de

mudanças e resolução, os clientes começam a ter dificuldade para encontrar outras alternativas para mudar a situação na qual se encontram. O uso da equipe reflexiva permite que os familiares observem o processo dos seus integrantes, tentando encontrar contribuições e alternativas, ao invés de apenas oferecer uma resolução para as questões (Chang, 2010; Mitchell et al., 2014).

Assim como no presente estudo, Smith et al. (1993) destacam a utilidade do uso da equipe para sistemas que se encontram em um impasse ou que apresentam um alto nível de conflito. O uso de linguagem de conotação positiva e o fornecimento de múltiplas percepções contribui para que famílias denominadas paralisadas mudem. As reflexões criam diálogos que permitem que clientes pensem, sintam e entendam suas questões de formas diferentes, potencializando que encontrem novas soluções frente às dificuldades (Fiorini et al., 2017; Jenkins, 1996; Mitchell et al., 2014; Parker & O'Reilly, 2013; Pender & Stinchfiel, 2014; Smith et al., 1993; Williams & Auburn, 2016).

A equipe como uma nova forma de olhar para si e para a família. Ainda sobre as contribuições da equipe reflexiva para o atendimento, as famílias Vieira e Fontes narram como ela colaborou para um melhor autoconhecimento e uma melhor percepção de suas relações e interações familiares. Ambas também citam mudanças concretas em suas famílias. O casal Fontes e a mãe da Família Vieira destacam o aprendizado sobre si mesmos, os comportamentos dos outros e sua interação. Inês (Família Vieira) e Arthur (Família Fontes) ainda ressaltam como seus integrantes valorizam as percepções e sentimentos de cada um.

Alguns estudos (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Brownlee et al., (2009); Fiorini et al., 2017) apontam a equipe como um catalisador de mudanças na dinâmica familiar, ampliando e evidenciando as diversas compreensões existentes, dentro da mesma família, sobre uma mesma questão. Assim como Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015), o presente estudo evidenciou como a perspectiva dos clientes se alterou de individual para uma perspectiva mais relacional. Escutar os outros permitiu que os participantes observassem e repensassem comportamentos e

falas dos seus familiares de forma diferente e, conseqüentemente, os seus em relação a eles. A valorização de diversos pontos de vista, ao invés da busca por uma verdade e resolução única, possibilita que clientes estejam mais abertos a escutar e levar em consideração às múltiplas percepções apresentadas, tanto pela equipe como pelos próprios membros da família. No presente estudo, pai e filho da Família Vieira ainda descrevem como a equipe ampliou e ajudou sua escuta, tanto os estimulando a prestar atenção às falas de seus familiares, como lembrando e ressaltando suas próprias. Nesse sentido, Pender e Stinchfield (2014) ressaltam a escuta como um importante componente em um atendimento com esse formato.

A Família Infante, por outro lado, ao falar sobre as contribuições da equipe para o seu atendimento, narram como ela colaborou para um melhor autoconhecimento e uma melhor percepção de seus contextos. Helena conta que, por meio de suas reflexões, consegue perceber o que e de que forma está se comunicando e como pode melhorar, além de fazê-la observar seus comportamentos e tentar modifica-los. Já Alberto acredita que desenvolve diferentes e novos pensamentos e reflexões devido às diversas percepções abordadas por seus integrantes. Essas novas formas de perceber e lidar com uma situação influenciam como o participante observa a si e ao seu redor.

As três famílias, principalmente a Família Infante, também relataram como a equipe auxiliou para que eles tivessem um melhor conhecimento de si mesmos e seus comportamentos. Corroborando essa ideia, diversos estudos (Brown, 1992; Fiorini et al., 2017; Garrido-Fernández et al., 2017; Jenkins, 1996; Labs & Grandesso, 2017; Moran et al., 1995) ressaltam que seu uso estimula clientes a analisarem suas experiências e seus próprios processos de pensamento, levando em consideração diversos e diferentes pontos de vista. Isso permite que cada um veja a si mesmo e suas questões a partir de uma nova perspectiva.

Por fim, é possível ressaltar que todos os membros das famílias citam conseqüências do uso da equipe para eles. Porém, as famílias Vieira e Fontes falam sobre mudanças que abrangem

questões individuais e relacionais, especificamente familiares, enquanto a Família Infante parece apenas descrever alterações de percepção e comportamentos individuais. Em nenhum momento Helena e Alberto citam mudanças na sua relação. Uma hipótese é que, por ser a família mais recente a aderir à terapia nessa abordagem, assim como por terem enfrentado questões no início do seu processo psicoterapêutico, eles tiveram menos oportunidade para entrar em contato com as consequências e os benefícios do uso da equipe. Outra hipótese é que, devido ao tipo de atendimento prestado, uma terapia familiar de pais separados, e o seu histórico de conflitos judiciais, ambos tenham menor predisposição a perceber suas questões de forma relacional.

Desafios no Uso da Equipe Reflexiva e Sugestões para sua Superação

As famílias participantes, ao falarem sobre os desafios no uso da equipe reflexiva e sugestões para sua superação, destacaram: (a) dificuldades específicas da equipe; (b) dificuldades relacionadas ao atendimento familiar; (c) dificuldades relacionadas ao atendimento em serviço-escola e (d) sugestões.

Dificuldades específicas da equipe. Os clientes, quando indagados sobre os desafios do uso da equipe reflexiva nos atendimentos familiares, ressaltaram dificuldades iniciais de seu uso. É interessante pontuar que essa é uma percepção partilhada por todos os participantes, variados em idade e sexo, e membros de famílias em diferentes estágios do ciclo de vida familiar e de diferentes contextos socioeconômicos. Tais dificuldades foram relacionadas ao número de pessoas presentes na sala de psicoterapia e ao sigilo.

Embora a Família Fontes tenha respondido que não existem, para eles, quaisquer desafios em uma terapia com equipe, foi possível identificar, em diferentes momentos de suas entrevistas, que os familiares abordaram dificuldades iniciais no atendimento que tiveram com essa abordagem. Como já hipotetizado anteriormente, é possível que o não reconhecimento

explícito dessas dificuldades esteja relacionado ao desejo da família de proteger a equipe ou que represente um padrão relacional que a família desenvolveu ao longo de sua história.

O impacto inicial causado pelo número de integrantes da equipe pode ser compreendido como um aspecto a ser superado no início do atendimento. Os participantes contaram que, nas primeiras sessões, existia um desconforto e uma insegurança em falar para tantas pessoas. Esses sentimentos foram relacionados, por Héctor e Miguel (Família Vieira), à sensação de existir um número maior de profissionais de quem a família teria que se defender. Amália diz que falar sobre si mesma para tantas pessoas pode ser algo invasivo. Já Inês (Família Vieira) e Alberto (Família Infante) os relacionaram à sensação de estarem sendo julgados e avaliados. O casal da Família Fontes relatou apreensão por não conhecer as pessoas que os escutariam na sessão. Mãe e filho dessa família também narraram como, inicialmente, a presença da equipe foi um empecilho, devido à sua timidez.

A sensação de desconforto dos clientes sobre o uso da equipe reflexiva no atendimento familiar, nos estágios iniciais do processo psicoterapêutico, é corroborada pela literatura (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Brown, 1992; Silva, n.d.). Assim como expresso pelos participantes deste estudo, os autores relacionam essa sensação ao número de profissionais presentes na sala de atendimento. Segundo Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015), Brown (1992), Egeli et al. (2014b) e Fiorini et al. (2017), a presença da equipe torna os familiares mais autoconscientes, por estarem sendo observados por um maior número de pessoas. O que pode acarretar o sentimento de que estão sendo avaliados e julgados por seus integrantes.

Mesmo participantes como Héctor (Família Vieira) e Helena (Família Infante), que se descreveram como pessoas com características que, segundo eles, facilitariam sua adaptação ao uso da equipe na psicoterapia, disseram ter receios iniciais. Ele, apesar de sua experiência profissional em ambientes de ensino e com pessoas jovens, questionou e se sentiu inseguro sobre como a equipe e sua atuação poderiam afetar, ou até inibir, a família. Já a participante,

apesar de se considerar uma pessoa com facilidade para aceitar novas ideias, diz ter sentido desconforto devido à diferença e ao impacto dessa abordagem. Com base em suas respostas, é possível relacionar o impacto inicial causado pelo número de integrantes da equipe e os consequentes desafios que isso acarretou, ao fato de que todo o processo terapêutico pode ser considerado uma experiência nova para os participantes, tanto por ser uma terapia familiar, como por contar com a presença da equipe.

Vale destacar que todos os familiares responderam pensando nos desafios pessoais que tiveram que enfrentar, ou ainda enfrentam, nesse tipo de atendimento. No entanto, Héctor (Família Vieira), Francine e Arthur (Família Fontes) responderam também imaginando dificuldades que outras famílias poderiam encontrar com tal abordagem. O primeiro ressaltou que, dependendo da forma como a equipe reflexiva se apresenta, pode passar uma impressão equivocada. O grande número de pessoas pode dar a sensação de se estar dentro de um hospital ou cadeia, para ser analisado. Já mãe e filho falaram sobre como o número de pessoas pode ser difícil para clientes tímidos e reservados.

Outra dificuldade inicial destacada pelos participantes foi o sigilo. Os irmãos Vieira e Alberto (Família Infante) relataram ter, no início, duvidado do sigilo do atendimento, devido à quantidade de pessoas presentes na sessão. Eles questionaram o que aconteceria com as informações partilhadas e se os temas tratados não se tornariam “*conversa de bar*” entre seus integrantes. O casal Vieira também duvidou do sigilo, mas devido à pouca idade da equipe. Já Amália (Família Vieira) e Alberto (Família Infante) mencionaram que a rotatividade de seus membros os fez questionar a quantidade de pessoas que saberiam sobre os assuntos abordados nos seus atendimentos familiares. Da mesma forma, a pesquisa de Egeli et al. (2014b) descreve como clientes em atendimentos com equipe questionaram, inicialmente, a possibilidade de perda de anonimato e confidencialidade.

Como apontado por Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015) e discutido anteriormente na sessão “Processo Terapêutico com Equipe Reflexiva”, é possível que essa reação inicial, apresentada pelos clientes, esteja relacionada à visão mais tradicional e difundida da Psicologia, principalmente ao atendimento individual, em que o psicólogo é visto como o especialista. Essa visão contribui para que os familiares criem certas expectativas sobre o que encontrarão na sessão. A presença da equipe, ao invés de apenas um terapeuta, pode ter influenciado o desconforto e o questionamento do sigilo pelos participantes. Da mesma forma, suas possíveis expectativas de um atendimento baseado em uma hierarquia profissional-cliente podem ter contribuído para a sensação de estarem sendo julgados e avaliados por seus integrantes. Isso fica evidente na fala de Héctor (Família Vieira):

... eu acho que dependendo de como a equipe reflexiva se apresenta, pode ser um problema (...) se você pintasse todo mundo que estava na sua frente de verde, você ia ter um medo danado, porque você ia pensar que estava dentro de um hospital. (...) Mas aí se você me pergunta assim: “Como você veria isso, se não fosse seu ambiente?”. Bom, eu não gostaria de ter as pessoas de jaleco na minha frente, né?. Eu ia me sentir prisioneiro ou doente – que eu acho que não é legal para terapia nenhuma.

A Família Infante, ao ser indagada sobre os principais desafios de um atendimento com equipe reflexiva, apontou questões específicas e atuais de seu uso. Entre tais questões, foram destacadas a falta de tempo para fala da equipe e dos clientes; repetição de reflexões; reações e olhares da equipe; intervenções baseadas em senso comum e organização “judiciária” dos temas trazidos durante a sessão.

A falta de tempo para fala e a repetição das reflexões foram questões pontuadas por Alberto. Ele destacou o tempo escasso para o desenvolvimento da intervenção da equipe. Segundo ele, a fala de seus integrantes ocorre ao final da sessão, próximo ao seu encerramento, o que dificulta a discussão dos assuntos abordadas por eles. Além disso, essa falta de tempo

prejudica a fala dos clientes, que têm pouco tempo para expressarem suas opiniões sobre o que foi exposto. Algo que também chamou sua atenção é a repetição das falas da equipe. Seus integrantes, por vezes, ao concordarem entre si, repetem os comentários do outro, sem acrescentar algo novo para a discussão. Ambos os temas trazidos aqui por Alberto serão aprofundados em “Sugestões”, posteriormente, nesta mesma sessão.

Helena, por outro lado, ressalta uma característica desse atendimento familiar com equipe: observar e ser observada por várias pessoas. Segundo ela, diferentemente de uma psicoterapia individual, a presença de seus integrantes oferece uma multiplicidade de olhares e reações, o que torna difícil captar tudo. Isso é algo que a incomoda, mesmo destacando o cuidado da equipe ao reagir e se expressar. Tal relato difere do descrito por Brown (1992). Em sua pesquisa, ao comparar grupos que participaram de terapias com equipe presente na sala de atendimento e atrás do espelho unidirecional, as famílias narraram ficar mais autoconscientes com sua presença. No entanto, elas preferiram dividir o mesmo ambiente que a equipe, devido à possibilidade de observar as reações e comportamentos de seus integrantes. É possível que essa percepção negativa da participante, sobre a impossibilidade de captar todas as reações e olhares, esteja relacionada ao seu medo de ser julgada ou má interpretada por eles. Isso pode estar ligado ao seu histórico e contexto atual – o que será discutido de forma mais aprofundada, posteriormente, ainda nesta sessão.

Outro desafio do atendimento seria o uso de senso comum nas reflexões, algo que, segundo Helena, é favorecido pelo número de integrantes que compõem a equipe reflexiva. No início, segundo ela, as intervenções eram baseadas em opiniões pessoais, não fundamentadas em teoria. Linhas de raciocínio, como “*Se eu estivesse no lugar desse casal, como eu faria?*” e falas como “*Eu acho que tem que ser isso...*” contribuíram para tal impressão negativa.

Essa percepção, de que o uso de opiniões pessoais nas reflexões é um desafio, difere do que é trazido pela literatura. Como já discutido anteriormente, a multiplicidade de percepções

é um aspecto do uso da equipe apontado como positivo, não apenas por diversas pesquisas, como também pelos clientes do presente estudo, incluindo Helena. Andersen (1987, 1991) descreve esse aspecto como fundamental para o desenvolvimento dos Processos Reflexivos. Autores como Santos (2008) e Sparks et al. (2011) ressaltam que tal multiplicidade não é alcançada apenas pelo número de pessoas que compõe a equipe como também pela sua diversidade. Cada integrante traz suas percepções particulares acerca do que refletiram nas sessões, marcadas por suas próprias histórias, experiências e expectativas. Brown (1992) e Egeli et al. (2014a) ainda descrevem que clientes costumam apreciar que a equipe compartilhe experiências e dificuldades parecidas.

Helena também pontuou a necessidade de a equipe valorizar a vivência e o conhecimento dos clientes, já que a teoria ou a própria percepção do profissional pode ser muito diferente das experiências dos familiares. Mesmo seu coterapeuta tendo ressaltado como o processo psicoterápico é desenvolvido pelo trabalho em conjunto de psicólogos e clientes, e seus respectivos conhecimentos, a participante não enxergava essa ideia em prática. Cabe destacar que esse é um aspecto valorizado por abordagens pós-modernas. Segundo Anderson e Goolishian (1993), a psicoterapia deve permitir a construção de uma relação de igualdade entre clientes e profissionais. O cliente deve ser considerado o especialista de sua vida.

Duas hipóteses podem ser levantadas sobre o que poderia estar contribuindo para que a participante não sinta suas opiniões valorizadas. Primeiramente, é possível que, para ela, valorizar um posicionamento seja o mesmo que concordar com ele – questão já discutida anteriormente na sessão “Contribuições do Uso da Equipe Reflexiva”. Outra hipótese é que, como discutem Brownlee et al. (2009) e Chang (2010) em suas pesquisas, os profissionais que compõem um atendimento com equipe, tanto integrantes como coterapeutas, podem não assumir uma postura colaborativa tanto quanto eles desejam ou pensam efetivamente assumir.

Segundo eles, os profissionais, por vezes, voltam à posição de *expert*, o que pode afetar a relação terapêutica.

A organização “*judiciária*” dos temas trazidos durante a sessão foi outra dificuldade citada pela participante. Segundo ela, certos comentários e posicionamentos da equipe eram semelhantes a sentenças e decisões judiciais. Como exemplo desse comportamento, a participante trouxe um episódio, quando um membro da equipe, em sua intervenção, sugeriu uma determinada organização dos horários de seu filho com ela e o pai. Ela descreve esse momento como marcante e incômodo. Inclusive, esse mesmo episódio foi utilizado como exemplo de uma situação da terapia que a marcou negativamente, em que seus integrantes foram inapropriados e inadequados e suas intervenções descontextualizadas da sessão e da família. Outra grande crítica feita pela participante à equipe reflexiva também foi exemplificada por esse episódio: o uso do senso comum na fala de seus integrantes. Tudo isso mostra o impacto que essa específica reflexão teve para Helena.

É possível hipotetizar que a percepção da cliente sobre esse episódio e sua consequente contribuição para o desenvolvimento da relação com a equipe estejam relacionados ao contexto vivenciado pela família antes do início da psicoterapia. Os participantes, além de terem sofrido um processo de separação, também passaram por um processo jurídico pela guarda do filho, ainda muito pequeno. Descrito como um momento difícil, talvez esse contexto não favoreça o uso da equipe. O número de pessoas presentes na sala assim como as diversas perspectivas trazidas, podem soar, inicialmente, como julgamentos e sentenças. Apesar de Brownlee et al. (2009), em sua revisão de literatura, destacarem que o uso da equipe reflexiva é, de modo geral, visto como uma contribuição para o atendimento, nem todas as famílias a experienciam de forma positiva.

Ao analisar as dificuldades trazidas pelas famílias Vieira e Fontes, por outro lado, é interessante notar que elas estão relacionadas aos momentos iniciais e à sua primeira impressão

da equipe ou às características gerais de atendimentos familiares e desenvolvidos em serviços-escola. Mesmo episódios trazidos por pai e filho da Família Vieira como exemplos de momentos, respectivamente, em que a equipe não funcionou e fez reflexões fora do contexto da família, foram justificados pelos clientes. Héctor e Miguel afirmam que tais episódios ocorreram porque a equipe não teria como “*saber tudo*” sobre os familiares e suas relações ou mesmo sobre questões de “*dentro da família*”.

Assim, é possível desenvolver algumas hipóteses sobre a diferença entre as respostas da Família Infante e as outras duas famílias. As famílias Vieira e Fontes, por estarem há mais tempo em terapia nessa abordagem, tiveram um período maior para desenvolver e se adaptar ao processo terapêutico. Esse maior contato talvez tenha possibilitado que os clientes apontassem menos desafios exclusivos e atuais da equipe. Além disso, também é possível que, devido a esse maior contato, eles possam ter um desejo maior de proteger a equipe. Da mesma forma, a Família Infante é a família há menos tempo em psicoterapia, também tendo relatado percalços no início do processo terapêutico, o que, aliado à sua história, talvez tenha contribuído para uma visão mais crítica do uso da equipe. Também destaca-se a possibilidade de a equipe que faz parte do atendimento da Família Infante apresenta dificuldades na sua comunicação e relação com ela.

Dificuldades relacionadas ao atendimento familiar. A presença de seus familiares nas sessões foi um desafio apontado por pelo menos um participante de cada família quando indagados sobre as principais dificuldades de um atendimento familiar com equipe reflexiva. O casal Vieira diz não abordar, ou abordar de forma diferente, certos assuntos na psicoterapia, devido à presença de seus filhos na sessão. Héctor ainda afirma que a exposição, nesse caso, é muito maior. É necessário ter maior atenção e cuidado na fala, já que a relação familiar pode ser afetada. Da mesma forma, Arthur (Família Fontes) e Helena (Família Infante) relatam ser

mais inibidos e não mencionar certos assuntos devido à presença, respectivamente, de seus pais e seu ex-marido.

Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015) e Egeli et al. (2014b), em seus estudos, também descreveram que seus participantes sentiram desconforto não apenas com a presença da equipe, mas também pela presença dos familiares no atendimento. Assim como Héctor (Família Vieira), um participante da pesquisa de Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015) relatou receio de que esse contexto terapêutico funcionasse como um potencializador de diálogos e discussões que colocassem em risco a relação da família. Já Egeli et al. (2014b) sugerem que clientes podem se sentir vulneráveis quando antecipam que partilhar opiniões e sentimentos pode resultar em intensas reações emocionais, rejeição ou julgamento por parte de seus familiares. Isso pode ser observado nas falas de Arthur (Família Fontes) e Helena (Família Infante):

Mas agora quando vem eu, minha mãe e meu pai juntos, eu já fico mais na minha, porque se eu for falar alguma coisa... não vai acontecer nada... só brigar... (Arthur); ... porque o processo que a gente vivenciou influencia demais a própria questão da terapia, e não sei se eu consigo ser totalmente imparcial nesse caso, porque, por exemplo, algumas coisas eu quero falar e eu deixo de falar porque ele [ex-marido] pode usar isso contra mim... (Helena).

É importante destacar que essa característica, apesar de presente no modelo de atendimento utilizado no atual estudo, não é exclusiva do uso da equipe. A presença da família nas sessões é um fator presente em todos os atendimentos descritos como familiares. Carr (2006) destaca ser comum que membros de famílias com adolescentes que buscam terapia tenham receios quanto à vinda dos familiares. Da mesma forma, Egeli et al. (2014b) reportam que clientes questionam se podem confiar em seus parceiros, em atendimentos conjugais. A situação se agrava em situações nas quais o casal é separado e tem filhos. Segundo Juras (2009),

a comunicação, nesses casos, é um desafio, já que mágoas e ressentimentos da conjugalidade podem se refletir na comunicação parental.

Dificuldades relacionadas ao atendimento em serviço-escola. A rotatividade de psicólogos-estagiários é uma característica de qualquer tipo de atendimento desenvolvido em um serviço-escola. Essas mudanças tendem a ocorrer porque nem todos os tratamentos são concluídos no tempo de estágio do terapeuta em formação. Essa rotatividade, por ser alheia à vontade do cliente, muitas vezes, é relacionada ao abandono da psicoterapia em serviços-escola (Benetti & Cunha, 2008; Machado, Sattler, & Baginski, 2012). É possível hipotetizar que o uso da equipe reflexiva, no entanto, é um fator que tanto acentua quanto minimiza essa característica.

O maior número de pessoas na sala, tanto equipe como coterapeutas, propicia que as mudanças sejam mais frequentes e, conseqüentemente, que sejam mais evidentes para os clientes. Isso pode ser observado nas respostas dos participantes do presente estudo. Mãe e filha da Família Vieira e toda a Família Infante apontaram a mudança de integrantes da equipe como um desafio. Inclusive, Amália e Inês (Família Vieira) afirmam que essa é a maior dificuldade em uma terapia com equipe. Elas e Alberto (Família Infante) descrevem que tais alterações lhes causam desconforto. Segundo Amália, as constantes trocas de integrantes interferem na evolução do processo terapêutico, já que é necessário se readaptar e conhecer novas pessoas. Inês e Alberto, por outro lado, restringem esse incômodo ao primeiro momento, quando novos integrantes são apresentados. Os participantes questionam o quanto eles sabem sobre eles e suas famílias e se vão compreendê-los.

Helena também aborda as mudanças de integrantes da equipe, mas sobre outra perspectiva. A participante questiona suas saídas e alterações, pois, segundo ela, é fundamental que todos participem do processo terapêutico como um todo. Para ela, é necessário manter as discussões sobre o caso clínico entre todos os membros do grupo. Isso é fundamental para o

desenvolvimento da terapia, permitindo que todos acompanhem e estejam a par dos acontecimentos para colaborar com suas percepções.

No caso de Amália (Família Vieira), é interessante observar o impacto que teve a entrada de novos membros na equipe. Durante sua entrevista, ela descreveu apenas dois episódios negativos envolvendo o uso da equipe: todos envolvendo novos integrantes. O primeiro ocorreu quando, inicialmente, um membro recente não participou das reflexões, causando-lhe incômodo. O outro episódio foi uma situação na qual um novo integrante anunciou a saída de um dos coterapeutas, de forma prematura, e disse que iria assumir seu lugar. Esse episódio foi descrito como um momento no qual a equipe reflexiva foi inadequada.

Essas dificuldades, destacadas pelos participantes, também foram abordadas pelas autoras Machado et al. (2012). Segundo elas, a troca de terapeutas é considerada um desafio, pois é preciso romper o vínculo terapêutico com o membro que sairá e estabelecer outro com o que entrará. Ao mesmo tempo, é necessário dar continuidade a um processo já em andamento. É interessante notar que a pesquisa de tais autoras enfocou a mudança de terapeutas em atendimentos familiares com o acompanhamento de uma equipe constituída segundo o modelo da Escola de Milão, ou seja, cujos membros acompanhavam o processo por trás do espelho unidirecional.

Apesar da mudança de membros da equipe reflexiva ser apontada como uma dificuldade desse tipo de atendimento, essa não é uma perspectiva unânime. O pai da Família Fontes, ao falar sobre isso, descreve tais alterações como algo positivo. Segundo ele, pessoas novas trazem visões novas ao atendimento. Já pai e filho da Família Vieira apresentam opiniões conflitantes. Eles argumentam não se sentir desconfortáveis com as mudanças da equipe. Miguel narra que, atualmente, independente das alterações, o processo terapêutico segue normalmente. Nesse mesmo sentido, Héctor descreve que a segurança que ele sente na terapia vai além das pessoas em si, uma vez que ela permanece, independente das trocas. Ao mesmo tempo, ambos também

relatam como tais trocas afetam ou já afetaram a eles. O filho relata que, no início dos atendimentos, as mudanças o faziam questionar o comprometimento e o sigilo dos antigos membros. Já Héctor descreve como, inicialmente, as alterações na equipe influenciaram seu comportamento nas sessões.

É interessante notar que, apesar das críticas às alterações, os participantes ainda relatam uma sensação de continuidade no tratamento. Mesmo Amália e Inês (Família Vieira), que afirmaram que essa é a maior dificuldade em uma terapia com equipe, comentam de forma positiva que as trocas dos coterapeutas ocorrem por pessoas que compunham a equipe reflexiva. A Família Infante faz esse mesmo relato. Já Héctor (Família Vieira) argumenta que o fato de a equipe, apesar dos membros novos, ainda ter integrantes que permanecem desde o início do atendimento, oferece-lhe suporte. Alberto (Família Infante), como ele, diz ter desenvolvido um vínculo com seus integrantes mais antigos. Há assim uma aliança que não se restringe aos coterapeutas, mas que engloba o sistema terapêutico de forma mais ampla.

Dessa forma, o uso da equipe também pode ser visto como um amenizador da rotatividade característica de um serviço-escola. Autores como Lhullier, Nunes, Antochevis, Porto e Figueiredo (2000) e Machado et al. (2012), apesar de não se referirem à equipe reflexiva em seus estudos, pontuam a importância da preparação do cliente para a mudança de terapeuta, por meio de períodos de coterapia com o antigo e o novo psicólogo. Esse período é necessário não apenas para que o cliente, mas também o terapeuta, se envolvam e se atualizem. Machado et al. (2012) ainda destacam fatores como o conhecimento prévio do psicólogo sobre o caso e esse momento de adaptação como facilitadores iniciais para o desenvolvimento do vínculo terapêutico. Com base nessas pesquisas, é possível fazer um paralelo com os relatos dos participantes do presente estudo. O uso da equipe, segundo eles, permite a sensação de continuidade do processo terapêutico. Mesmo que ocorram alterações, seja de coterapeutas ou

de membros da equipe, sempre haverá integrantes mais antigos que conhecem a história da família e com quem os familiares já desenvolveram um vínculo.

Sugestões. Todos os membros das famílias Vieira e Infante sugeriram mudanças para a equipe reflexiva e sua atuação, destacando questões como (a) tempo, organização e quantidade de intervenções; (b) repetição de reflexões; (c) informações iniciais sobre essa modalidade de atendimento; (d) mudança da equipe e (e) sexo dos integrantes. Vale destacar que a Família Fontes foi a única na qual nenhum de seus membros fez sugestões. Como já apontado, essa família parece ter tido maior dificuldade em fazer críticas ao uso da equipe. Segundo eles, não existem quaisquer desafios em uma terapia nesse formato, não havendo, conseqüentemente, nada a ser alterado ou melhor desenvolvido.

Tempo, organização e quantidade de intervenções. Pai e ambos os filhos da Família Vieira, assim como Alberto (Família Infante), apontaram a necessidade de que a equipe reflexiva tivesse mais espaço de fala durante as sessões. Héctor e Inês descreveram como a equipe, por vezes, vira um “*segundo plano*” ou “*ficam apagadas*”, pois o tempo que resta para falar é curto e deixado para o final. O pai ainda cita momentos nos quais acredita que seus integrantes apressaram ou deixaram de fazer reflexões devido à falta de tempo. Situações essas que o deixaram “*frustrado*”. Além do aumento do tempo das intervenções da equipe, Helena (Família Infante) e Inês sugeriram que sua frequência fosse maior. A primeira propõe que as reflexões ocorram também no início dos atendimentos, servindo para resgatar e dar continuidade ao processo terapêutico. Já que, segundo ela, é difícil lembrar o que foi trabalhado em sessões quinzenais. Inês, por outro lado, acredita que as intervenções deveriam ocorrer ao longo do atendimento, o que permitiria que seus integrantes oferecessem mais “*ajuda*” para os familiares.

Tais sugestões propostas pelos participantes estão de acordo com Andersen (1987, 1991). Segundo ele, trocas entre o sistema entrevistador e a equipe reflexiva podem ocorrer de

uma a duas vezes por sessão. Porém, podem acontecer até quatro quando o atendimento traz muitas e diversas informações. Assim como no presente estudo, Brown (1992) sugere, com base nas falas de seus clientes, que seus integrantes façam mais reflexões, no mínimo duas vezes por sessão. Isso permitiria que a intervenção da equipe fosse percebida como um diálogo colaborativo entre grupo terapêutico e família, ao invés de instruções. Apesar do exposto, Mitchell et al. (2014) e Jenkins (1996) destacam a importância de também limitar esse fator. Frequentes e longos períodos de fala da equipe podem sobrecarregar os clientes, podendo fazer com que eles sintam que suas experiências não são válidas e que não estão sendo ouvidos.

A Família Infante também relatou a necessidade de organizar os espaços de fala na sessão. As intervenções da equipe ocorrem em um período curto e ao final do atendimento, o que faz com que não sobre tempo para que os familiares possam discutir suas reflexões. Assim, sendo escasso o momento restante para que os clientes se posicionem. Esses relatos são paralelos com os achados de Brown (1992) e Parker e O'Reilly (2013). Eles destacam que não permitir a discussão e o debate do que foi colocado por seus integrantes pode prejudicar e invalidar o valor das contribuições da equipe. Isso também vai contra o pressuposto desse modelo de atendimento como um processo colaborativo. Não oferecer esse espaço para os clientes pode passar a ideia de que as colocações dos profissionais são mais importantes.

No caso dessa família, Helena ainda narra ter sido a responsável pela existência da “*réplica*” dos familiares. É possível hipotetizar que, devido à falta de organização e de tempo, seu espaço de fala, após a intervenção, era tão curto que eles acreditaram que essa etapa não fazia parte da sessão. O que contradiz o proposto por Andersen (1987, 1991). Segundo Egeli et al. (2014a), esse espaço de fala permite que os clientes se sintam empoderados, inseridos e ativos em seu processo terapêutico.

Por fim, Héctor da Família Vieira e Helena da Família Infante propuseram alternativas para lidar com essas questões. Para organizar a duração e os espaços de fala no atendimento,

ele propôs que a família receba um aviso para que suas falas cessem e eles não utilizem o tempo da equipe. A participante, por sua vez, sugeriu a utilização de um relógio no atendimento, além do aumento do tempo de duração total da sessão.

Repetição de reflexões. Alberto apontou a repetição de reflexões por integrantes da equipe como algo negativo de seu uso. Ele sugere que os membros da equipe, ao concordarem com outro, não repitam seus comentários, apenas digam “*concordo*” ou “*nada a acrescentar*”. No entanto, ele ressalta a importância de que todos eles se manifestem na intervenção, mesmo que seja apenas para concordar. Não falar pode dar uma “*sensação ruim*” de que a pessoa não está prestando atenção ao atendimento e às falas dos clientes.

O casal Vieira, apesar de não criticar ou dar sugestões sobre a repetição de reflexões da equipe, faz comentários que corroboram os relatos de Alberto sobre o tema. Amália, como ele, narrou ter sentido incômodo quando um novo integrante não participou das discussões: “*Porque eu acho que tem que ter uma troca, né? A partir do momento em que eu me exponho, ela [integrante da equipe] tem que expor também falando o ponto de vista dela...*”. Já Héctor, ao elogiar a equipe de seu atendimento, parece descrever o comportamento sugerido por Alberto:

É claro que, às vezes, a pessoa [integrante da equipe] não tem como contribuir, eu acho isso uma coisa superlegal, ninguém... não são quatro macaquinhos... se a pessoa tem o que contribuir, ela fala mais do que outra, ela usa o tempo da outra que não tem o que contribuir. (...) E as pessoas falam, não é aquele negócio “Passo”, elas explicam: “Estou satisfeita com o que eu ouvi, ou hoje eu não tenho com o que contribuir”. Eu acho isso fantástico assim.

Informações iniciais sobre essa modalidade de atendimento. Héctor e Helena, respectivamente, pai da Família Vieira e mãe da Família Infante, deram sugestões de informações que, segundo eles, devem ser passadas no início do processo terapêutico, para uma melhor preparação da família. Da mesma forma, como discutido anteriormente, diversos são os

autores que recomendam que sejam dadas explicações claras e detalhadas para os familiares antes do início do tratamento, como forma de compor os clientes para tal situação (Brownlee et al., 2009; Egeli et al., 2014b; Mitchell et al., 2014; Silva, n.d). O participante destaca a necessidade de explicar detalhadamente certas questões. Entre elas, o funcionamento desse tipo de atendimento, já que, por experiência própria, sabe ser incômodo ouvir a equipe falar sobre ele e sua família. Héctor também acredita ser necessário que clientes saibam que devem se manifestar caso se sintam “*violentados*” durante a sessão, seja pelos coterapeutas e equipe ou por seus próprios familiares. No seu caso, ele afirma que certas situações poderiam ter sido evitadas caso tivesse esse conhecimento inicial. Helena, por outro lado, ressalta a importância de falar, previamente, sobre certas características desse tipo de atendimento, para famílias que vão iniciá-lo. Segundo ela, é principalmente necessário explicar a quantidade de profissionais presentes, pois, mesmo tendo certos cuidados, esse é um fator que costuma gerar impacto.

Já Amália, mãe da Família Vieira, apesar de não fazer, explicitamente, uma sugestão, parece criticar o fato de que uma informação não foi dada para a família, no início das sessões. Ela afirmou não saber, até o momento em que as mudanças ocorreram, que os integrantes da equipe não são fixos e que podem alterar a cada semestre. O fornecimento de tal informação, no primeiro atendimento, pode ser percebido como uma forma de evitar impactos não desejados na aliança terapêutica, já que isso pode acarretar certas reações. Segundo os participantes, alterações na equipe podem contribuir para sentimentos de abandono e questionamentos sobre o sigilo e a confiança, dos integrantes que irão sair, e menor receptividade perante aqueles que entrarão. Assim, ter conhecimento prévio sobre essas mudanças poderia permitir que tais sentimentos e questionamentos fossem trabalhados anteriormente aos acontecimentos, de forma preventiva.

Por fim, vale destacar que o próprio Héctor argumenta que seu coterapeuta foi cuidadoso ao explicar sobre a equipe e seu funcionamento. Como exposto na sessão “Processo Terapêutico

com Equipe Reflexiva”, o grupo de atendimento forneceu tais explicações para todos os familiares, seja antes da primeira sessão ou no primeiro encontro com seus integrantes. Mesmo assim, pelo menos um membro de cada família narrou ter se surpreendido com sua presença. Apesar do procedimento de preparar os clientes já ser adotado pelas equipes do presente estudo, as falas dos participantes nos fizeram questionar quais informações devem ser enfatizadas e até incluídas nas explicações, para que esse tipo de reação diminua. Além disso, verificar regularmente o conforto, os questionamentos e a adaptação dos clientes em relação à terapia nesse formato, principalmente no início, parece ser fundamental. Buscar informações sobre sua experiência no processo terapêutico pode ser importante para guiar tal processo (Chang, 2010; Egeli et al., 2014b).

Mudança da equipe. Uma das mudanças sugeridas foi referente às trocas de integrantes da equipe reflexiva. Mãe e filha da Família Vieira e Helena (Família Infante) acreditam que uma equipe com membros fixos seria o melhor para o atendimento. No entanto, elas mesmas argumentam sobre a dificuldade de tal sugestão, já que o CAEP é um serviço-escola, caracterizado, como tal, pela grande rotatividade de alunos.

Amália acredita que uma equipe fixa traria mais integração e confiança aos familiares. Sua filha argumenta que ter os mesmos integrantes, desde o início, permitiria a construção de um laço mais forte entre eles. Para Helena, manter a equipe e evitar faltas é importante para o desenvolvimento da terapia. Isso permitiria que todos tivessem a experiência da sessão e de suas discussões, ao invés de escutar o relato de outros membros sobre o tema, o que não seria o mesmo:

Mas eu acho que é de extrema importância quem entra num grupo que vai ter equipe reflexiva e que faz parte dessa equipe reflexiva entender o quão importante é participar de fato da vivência e não ficar ouvindo alguém narrando o que aconteceu ali.

Da mesma forma, Helena relata a necessidade de manter as discussões do caso clínico, fora do ambiente de atendimento, entre o grupo, ou seja, em momentos em que todos os seus integrantes estejam presentes. Como já narrado anteriormente, ela acredita que isso e o fato de o grupo não ter alterações contribuiria para suas discussões. Esses relatos, específicos da participante, nos permitem hipotetizar sobre os possíveis receios que embasam sua preocupação de que os integrantes vivenciem o caso por eles mesmos e não por descrições dos outros. É possível que, devido ao contexto vivenciado pela Família Infante, marcado por processos judiciais, antes do início da psicoterapia, ela pode recear ser mal compreendida. Talvez a preocupe que concepções baseadas nos julgamentos de alguns integrantes da equipe possam influenciar como os demais a veem.

Sexo dos integrantes. Outra recomendação, feita por Héctor (Família Vieira), está relacionada ao sexo dos membros da equipe reflexiva e coterapeutas. Ele questiona a influência que esse fator poderia ter no processo terapêutico de outras famílias. Segundo ele, senhoras mais velhas, mães ou filhas poderiam se incomodar com a presença de homens na sala. Sua sugestão é que sejam feitas sessões preliminares, sem a equipe, com o objetivo de conhecer os familiares e compreender como a abordagem utilizada pelo grupo poderia se adaptar a ela. Da mesma forma, autores como Fiorini et al. (2017) e Mitchell et al. (2014) ressaltam a importância de respeitar as necessidades específicas de cada família na escolha e na adaptação de uma abordagem.

Francine e Helena, respectivamente, mães das famílias Fontes e Infante, apesar de não criticarem ou darem sugestões sobre o sexo dos seus integrantes, fazem comentários que corroboram os relatos de Héctor sobre o tema. Francine, nesse sentido, narra o impacto inicial que lhe causou a inclusão de um homem na sua equipe. Segundo ela, essa reação pode estar relacionada à sua criação, já que sempre foi ensinada a procurar a mãe para conversar. Já Helena

questionou se a presença de um integrante masculino, no início, poderia gerar estranheza a ela ou ao seu ex-marido.

Considerações Finais

O presente estudo teve por objetivo geral descrever, com base na fala de clientes, o uso de equipe reflexiva em terapia familiar. Os dados analisados foram divididos em quatro principais temas: (a) compreensão sobre o funcionamento da equipe reflexiva; (b) processo terapêutico com equipe reflexiva; (c) contribuições do uso da equipe reflexiva e (d) desafios no uso da equipe reflexiva e sugestões para sua superação.

No primeiro tema, destaca-se a semelhança entre o que é exposto pela literatura e a compreensão dos participantes sobre os três momentos que compõem um atendimento com equipe, ou seja, o desenvolvimento da conversa terapêutica entre coterapeutas e família, a etapa de reflexões da equipe e a posterior discussão de tais reflexões por clientes e coterapeutas. Com isso, é possível considerar que os terapeutas do grupo, de fato, tenham se esforçado para manter e diferenciar esses momentos, o que foi apontado pela literatura como um importante fator para que famílias que participam de atendimentos nesse modelo não se sintam sobrecarregadas e desvalorizadas pelas interrupções da equipe.

Sobre o processo terapêutico, foi apontado como as expectativas e o contato inicial dos familiares com seus integrantes foram negativos. Além disso, mesmo que tenham sido avisados e informados sobre a equipe anteriormente, eles se mostraram surpresos por sua presença. No entanto, parece que essas percepções sofreram modificações ao longo das sessões, o que sugere que uma aliança foi desenvolvida, não apenas com os coterapeutas, mas também com a equipe. Quanto à aliança terapêutica, parecem existir fatores que tanto contribuem como dificultam seu desenvolvimento nesse contexto. A percepção da equipe como cuidadosa e respeitosa e sua contribuição para a construção de um ambiente de segurança para os clientes mostram-se facilitadoras dessa relação. Já a pouca idade dos integrantes da equipe e o número de pessoas na sala apresentam-se como desafios a serem superados.

As contribuições do uso da equipe, apontadas pelos clientes e corroboradas pela literatura, estão relacionadas à percepção de que a equipe proporciona olhares múltiplos sobre as questões trazidas para a terapia. Acima de tudo, ela parece oferecer não apenas novas percepções sobre as relações familiares, como também uma nova forma de perceber a si mesmo. Além disso, devido ao número e à diversidade de pessoas que geralmente compõe uma família, a equipe é percebida como uma forma de suporte para a comunicação dos familiares, justamente por ser também um grupo diversificado.

Já os desafios apontados foram tanto específicos ao uso da equipe como gerais a atendimentos familiares e em serviço-escola. Destacam-se, entre eles, as expectativas negativas em relação à equipe e o impacto inicial de seu uso no atendimento. As famílias participantes deste estudo continuaram no processo. No entanto, deve-se considerar que essas famílias já tinham um vínculo anterior com a instituição e que outras podem ter interrompido o processo terapêutico por não terem conseguido superar essas percepções iniciais.

Este estudo também discutiu a necessidade de flexibilidade no uso da equipe, diante da complexidade das questões que trazem as famílias à terapia. Apesar de a equipe reflexiva estar atrelada aos pressupostos pós-modernos, é necessário que seus integrantes e os coterapeutas se mostrem flexíveis para poderem transitar entre estes e os pressupostos modernos da forma que melhor se adequem as necessidades de cada família e ao estágio em que se encontram no processo terapêutico. Isso é especialmente relevante em casos de situação de vulnerabilidade ou que necessitem de intervenções psicoeducativas. Os terapeutas devem ser sensíveis às diferenças existentes entre as famílias e refletir que, por vezes, é preciso que a equipe adapte seu funcionamento. Por exemplo, em momentos nos quais seus integrantes desejem reforçar um determinado conteúdo, talvez seja necessário que eles olhem diretamente para a família.

Esta pesquisa, por ser um estudo de caso heterogêneo, possibilitou levantar questões sobre como o ciclo de vida familiar e o tempo em terapia podem ter contribuído para a

experiencia dessa abordagem pelos clientes, no contexto sociocultural brasileiro. Além disso, as características das equipes aqui analisadas divergem daquelas se mostram predominantes nos estudos sobre o tema: equipes presentes na sala durante o atendimento e compostas, quase que integralmente, por alunos de graduação.

Por fim, devo considerar as diversas formas como este trabalho contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Ao final da dissertação, deparei-me com algumas das “respostas” que buscava ao ingressar no mestrado. Aqui tive a oportunidade de entrar em contato com a forma como esses clientes percebem e vivenciam a equipe reflexiva em seus atendimentos. Como eu, inicialmente, estranharam e questionaram seu uso, para depois se adaptarem e usufruírem de suas contribuições. Ao mesmo tempo, mais questionamentos surgiram ao longo desse percurso. Além dos desafios e sugestões levantados, foi interessante notar como os clientes descreveram a equipe, por vezes, como hierárquica e prescritiva, apesar de ser um modelo baseado nos pressupostos pós-modernos. Suas falas, transpassadas e influenciadas pelo modernismo, fizeram-me questionar como divulgar e transmitir uma abordagem que difere do modelo tradicional e individual da Psicologia.

O método escolhido, a análise temática de entrevistas individuais com os membros de três famílias, deve ser considerado. Faz-se necessário pensar sobre o impacto da escolha desse método para a pesquisa e seus resultados. A realização de entrevistas, que tinham por foco questionar a experiência de clientes sobre a equipe, com famílias que se encontravam em tratamento nessa modalidade, pode ter influenciado seus relatos. Apesar dos cuidados tomados, devido ao desconforto ou ao desejo de proteger os integrantes de suas equipes de atendimento, é possível que os familiares tenham amenizado ou suprimido críticas à equipe e ao atendimento.

Por outro lado, a entrevista parece ter se transformado em um espaço de reflexão para os participantes. Além de terem feito perguntas sobre a equipe reflexiva e o atendimento, todo o processo parece ter possibilitado o seu pensar e refletir sobre a terapia e seu funcionamento.

De acordo com Silverstein et al. (2006), isso contribui para um melhor senso de agência, autoestima e capacitação dos clientes.

As limitações do presente estudo estão relacionadas ao fato de que, apesar de terem sido consideradas perspectivas de nove membros de três famílias distintas, a análise de dados foi realizada por apenas uma pessoa. Também pode ser considerado o fato de que a análise se baseou exclusivamente na entrevista e em um único encontro com cada participante. Assim, acredita-se que a colaboração de outro pesquisador, o uso de diferentes fontes de dados – como prontuário e gravações em vídeo dos atendimentos – e o desenvolvimento de uma coleta de dados longitudinal poderiam oferecer mais complexidade à pesquisa. Além disso, não foram contempladas famílias que já tivessem encerrado o atendimento com equipe reflexiva e que se encontrassem em etapas do ciclo de vida familiar diferentes das famílias com filhos pequenos e famílias com adolescentes e jovens adultos.

Por fim, considerando-se a falta de pesquisas brasileiras sobre o uso de equipe reflexiva, sugerimos que sejam realizadas mais pesquisas sobre o tema, principalmente em contextos de serviço-escola – sendo essa a realidade nacional de seu uso – e nos quais a equipe permanece na sala durante o atendimento. Além disso, faz-se necessário o aprofundamento da discussão sobre o desenvolvimento e a manutenção das alianças terapêuticas com a equipe, bem como estudos quantitativos e que incluam falas de terapeutas, membros da equipe reflexiva e clientes.

A presente pesquisa embasa-se em um estudo de caso e, assim, deve-se tomar cuidado para não generalizar os resultados aqui obtidos, devendo-se sempre considerar as especificidades de cada contexto. No entanto, esperamos que esta reflexão sobre a visão dos clientes acerca de seu processo psicoterapêutico com a equipe reflexiva bem como as sugestões apresentadas por eles próprios para a superação das dificuldades identificadas possam contribuir tanto para o aprimoramento do serviço ofertado por nosso grupo como para a reflexão de outros grupos que fazem uso da equipe reflexiva. Estudos que integrem teoria, prática e

formação mostram-se necessários para o constante desenvolvimento da terapia familiar no Brasil.

Referências

- Abreu, M. S. S. (2013). *Relação entre características dos terapeutas e contributos para a força da aliança terapêutica no contexto da terapia familiar sistêmica* (Dissertação de mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Recuperado de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/24079/1/Mafalda.pdf>
- Amaral, A. E. V., Luca, L., Rodrigues, T. C., Leite, C. A., Lopes, F. L., & Silva, M. A. (2012). Serviços de Psicologia em clínicas-escola: Revisão de literatura. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 37-52.
- Andersen, T. (1987). The Reflecting Team: Dialogue and Meta-Dialogue in Clinical Work. *Family Process*, 26, 415-428.
- Andersen, T. (1991). *Processos Reflexivos*. Rio de Janeiro: NOOS.
- Anderson, H., & Goolishian, H. (1993). O cliente é o especialista: Uma abordagem para terapia a partir de uma posição de não saber. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 2(3), 8-23.
- Anderson S. A., Rigazio-DiGillio, S. A., & Kunkler, K. P. (1995). Training and Supervision in Family Therapy: Current issues and future directions. *Family Relations*, 44, 489-500.
- Anslow, K. (2013). Systemic family therapy using the reflecting team: the experiences of adults with learning disabilities. *British Journal of Learning Disabilities*, 42, 236-243. doi:10.1111/bld.12048
- Barbosa, M. B., & Guanaes-Lorenzi, C. (2015). Sentidos construídos por familiares acerca de seu processo terapêutico em terapia familiar. *Psicologia Clínica*, 27(2), 15-38.
- Benetti, S. P. C., & Cunha, T. R. S. (2008). Abandono de tratamento psicoterápico: implicações para a prática clínica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(2), 48-59.
- Bordin, E. S. (1979). The Generalizability of the Psychoanalytic Concept of the Working Alliance. *Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 6(3), 252-260.

- Boscolo, L., & Bertrando, P. (2005). La Terapia sistémica de Milán. In A. Roizblatt. (Ed), *Terapia familiar y de pareja* (224-243). Santiago de Chile: Editorial Mediterráneo Ltda.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. doi:10.1191/1478088706qp063oa
- Brown, D. N. (1992). *A client-based description of reflecting team-work in family therapy* (Doctoral dissertation). Iowa State University, Ames, Iowa, USA. Recuperado de <https://lib.dr.iastate.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com.br/&httpsredir=1&article=11097&context=rtd>
- Brownlee, K., Vis, J., & McKenna, A. (2009). Review of the Reflecting Team Process: Strengths, Challenges, and Clinical Implications. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 17(2), 139-145. doi: 10.1177/1066480709332713
- Carr, A. (2006). Drug abuse in adolescence. In *Family therapy: Concepts, process and practice* (pp. 386-402). Chichester: John Willey & Sons.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter, & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed., pp. 07-29). Porto Alegre: Artmed.
- Chang, J. (2010). The Reflecting Team: A Training Method for Family Counselors. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 18(1), 36-44. doi: 10.1177/1066480709357731
- Clark, P., Hinton, W. J., & Grames, H. A. (2015). Therapists' Perspectives of the Cotherapy Experience in a Training Setting. *Contemporary Family Therapy*, 38(2), 1-13. doi:10.1007/s10591-015-9358-2

- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução nº 510/2016*. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Clarke, G., & Rowan, A. (2009). Looking again at the team dimension in systemic psychotherapy: is attending to group process a critical context for practice? *Journal of Family Therapy, 31*, 85-107.
- Davis, J. (2012). The golden pig, reflections as ancestral blessings: The reflecting process in teaching family therapy. *Family Process, 51*(3), 405-419.
- Egeli, N. A., Brar, N., Larsen, D., & Yohani, S. (2014a). Couples' Experiences of Hope When Participating in the Reflecting Team Process: A Case Study. *Contemporary Family Therapy, 36*, 93-107. doi 10.1007/s10591-013-9280-4
- Egel, N. A., Brar, N., Larsen, D., & Yohani, S. (2014b). Couples' Experiences of Vulnerability When Participating in the Reflecting Team Process: A Case Study. *Canadian Journal of Counselling and Psychotherapy, 48*(4), 20-39.
- Escudero, V., Friedlander, M. L., Varela, N., & Abascal, A. (2008). Observing the therapeutic alliance in family therapy: associations with participants' perceptions and therapeutic outcomes. *Journal of Family Therapy, 30*, 194-214.
- Escudero Carranza, V. (2009). La creación de la alianza terapéutica en la Terapia Familiar. *Apuntes de Psicología, 27*, 247-259.
- Fávero, M. H. (2010). *Psicologia do Gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações*. Curitiba: URPR.
- Faddis, T. J., & Cobb, K. F. (2016). Family therapy techniques in residential settings: Family sculptures and reflecting teams. *Contemporary Family Therapy, 38*, 43-51. doi:10.1007/s10591-015-9373-3
- Felício, I. L. G. (2013). *Relação entre ciclo vital da família e evolução da aliança terapêutica e dinâmica familiar numa amostra de sujeitos em terapia familiar sistêmica* (Dissertação

- de mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Recuperado de https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/25480/1/Tese-Irina%20Felicio_2013.pdf
- Fiorini, M. C., Guisso, L., & Crepaldi, M. A. (2017). O trabalho com equipes reflexivas: Revisão de literatura. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 57, 85-102.
- Friedlander, M. L., Escudero, V., Heatherington, L., & Diamond, G. M. (2011). Alliance in couple and family therapy. *Psychotherapy*, 48(1), 25-33. doi: 10.1037/a0022060
- Friedlander, M. L., Escudero, V., Horvath, A. O., Heatherington, L., Cabero, A., & Martens, M. P. (2006). System for Observing Family Therapy Alliances: A tool for research and practice. *Journal of Counseling Psychology*, 53(2), 214-224. doi: 10.1037/0022-0167.53.2.214
- Fry, D. (2012). Implementing single session family consultation: A reflective team approach. *The Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 33, 54-69. doi 10.1017/aft.2012.6
- Garrido-Fernández, M., Marcos-Sierra, J. A., López-Jiménez, A., & Alda, I. O. (2017). Multi-family therapy with a reflecting team: A preliminary study on efficacy among opiate addicts in methadone maintenance treatment. *Journal of Marital and Family Therapy*, 43(2), 338-351. doi: 10.1111/jmft.12195
- Grandesso, M. A. (2008). Desenvolvimentos em terapia familiar: Das teorias às práticas e das práticas às teorias. In L. C. Osorio & M. E. Pascual Do Valle (Orgs.), *Manual de terapia familiar* (pp. 104-118). Porto Alegre: Artmed.
- Griffith, J. L., Griffith, M. E., Krejmas, N., McLain, M., Mittal, D., Rains, J., & Tingle, C. (1992). Reflecting team consultations and their impact upon family therapy for somatic symptoms as coded by Structural Analysis of Social Behavior (SASB). *Family Systems Medicine*, 10(1), 53-58.

- Guimarães, N. V. (2006). Um Passeio por Milão: De Batalhas a Ballets. *Pensando Famílias*, 10(2), 101-115.
- Harrawood, L. K., Parmanand, S., & Wilde, B. J. (2011). Experiencing emotion across a semester-long family role-play and reflecting team: implications for counselor development. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 19(2), 198-203. doi: 10.1177/1066480710397122
- Heffron, M. C., Reynolds, D., & Talbot, B. (2016). Reflecting together: Reflective functioning as a focus for deepening group supervision. *Infant Mental Health Journal*, 37(6), 628-639. doi: 10.1002/imhj.21608
- Hendrix, C. C., Fournier, D. G., & Briggs, K. (2001). Impact of co-therapy teams on client outcomes and therapist training in marriage and family therapy. *Contemporary Family Therapy*, 23(1), 63-82.
- Honda, G. C., & Yoshida, E. M. P. (2013). Mudança em psicoterapia: Indicadores genéricos e eficácia adaptativa. *Estudos de Psicologia*, 18(4), 589-597.
- Jenkins, D. (1996). A reflecting team approach to family therapy: A Delphi Study. *Journal of Marital and Family Therapy*, 22(2), 219-238.
- Juras, M. M. (2009). *Papéis conjugais e parentais na situação de divórcio destrutivo com filhos pequenos* (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. Recuperado de <http://repositorio.unb.br/handle/10482/18562>
- Karam, E. A., Sprenkle, D. H., & Davis, S. D. (2015). Targeting threats to the therapeutic alliance: A primer for marriage and family therapy training. *Journal of Marital and Family Therapy*, 41(4), 389-400. doi: 10.1111/jmft.12097
- Knerr, M., Bartle-Haring, S., McDowell, T., Adkins, K., Delaney, R. O., Gangamma, R., Glebova, T., Grafsky, E., & Meyer, K. (2011). The impact of initial factors on therapeutic

- alliance in individual and couples therapy. *Journal of Marital and Family Therapy*, 37(2), 182-199. doi: 10.1111/j.1752-0606.2009.00176.x
- Labs, M. S., & Grandesso, M. (2017). Processos Reflexivos: Ampliando possibilidades para terapeutas que atendem sem equipe. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 58, 98-113.
- Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do adolescente e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm
- Lhullier, A. C., Nunes, M. L. T., Antochévis, A. F., Porto, A. M., & Figueiredo, D. (2000). Mudança de terapeuta e abandono de psicoterapia em uma clínica-escola. *Aletheia*, 11, 7-11.
- Macedo, C. I. V. Q. (2013). *Aliança terapêutica, retenção e dropout em terapia familiar: aliança dos clientes e das famílias, e os contributos dos terapeutas* (Dissertação de mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Recuperado de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/24216/1/Cristina.pdf>
- Machado, D. S., Sattler, M. K., & Baginski, P. C. H. (2012). A troca de terapeutas na instituição: Reflexões sobre os vínculos e repercussões no processo terapêutico. *Pensando Famílias*, 16(2), 11-28.
- Martins, A. N. E. (2015). *Mediação familiar para idosos em risco: Mapeamento de uma prática da Promotoria de Justiça Cível do Foro Regional de Santo Amaro de São Paulo (SP)* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Minuchin, S., & Fishman, H. C. (2004). *Técnicas de terapia familiar* (J. L. Etcheverry, Trad.). Buenos Aires: Paidós.
- Mitchell, P., Rhodes, P., Wallis, A., & Wilson, V. (2014). A comparison of two systemic family therapy reflecting team interventions. *Journal of Family Therapy*, 36, 237-254. doi: 10.1111/1467-6427.12018

- Moran, A., Brownlee, K., Gallant, P., Meyers, L., Farmer, F., & Taylor, S. (1995). The effectiveness of reflecting team supervision: A client's experience of receiving feedback from a distance. *Journal of Family Therapy*, 22(1).
- Moreira, J. O. (2013). *Evolução da aliança, expectativas e efeitos da terapia familiar sistémica ao longo do processo terapêutico. Ponto de vista do terapeuta* (Dissertação de mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Recuperado de https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/24131/1/Tese_Juliana_2013.pdf
- Morrow, S. L. (2005). Quality and trustworthiness in qualitative research in counseling psychology. *Journal of Counseling Psychology*, 52(2), 250-260. doi: 10.1037/0022-0167.52.2.250
- Netto, G. S. B. (2007). Refletindo sobre o refletir – Apresentando os processos reflexivos. *Revista IGT na Rede*, 4(7), 222-229.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (1998). *Terapia familiar: Conceitos e métodos* (3a ed., M. F. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1995)
- Papp, P. (1980). The greek chorus and other techniques of paradoxical therapy. *Family Process*, 19(1), 45-57. doi:10.1111/j.1545-5300.1980.00045.x
- Parker, N., & O'Reilly, M. (2013). Reflections from behind the screen: avoiding therapeutic rupture when utilizing reflecting teams. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 21(2), 170-179. doi: 10.1177/1066480712466810
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research & evaluation methods*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Pender, R. L., & Stinchfield, T. (2012). A reflective look at reflecting teams. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 20(2), 117-122. doi: 10.1177/1066480712438526

- Pender, R. L., & Stinchfiel, T. A. (2014). Making meaning: A couple's perspective of the reflecting team process. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 22(3), 273-281. doi: 10.1177/1066480714529888
- Pinsof, W., Zinbarg, R., & Knobloch-Fedders, L. M. (2008). Factorial and construct validity of the Revised Short Form Integrative Psychotherapy Alliance Scales for family, couple, and individual therapy. *Family Process*, 47(3), 281-301.
- Pires, C. B. S., Messina, E., Costa, H., Azambuja, L., & Mendes, V. (2007). Terapia de família e equipe reflexiva: Da dissonância à consonância em busca de um tom. *Revista IGT na Rede*, 4(6), 32-39.
- Prati, L. E. (2009). *Práticas dos Terapeutas Familiares Brasileiros: A Perspectiva da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado de <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15870/000691715.pdf?...1>
- Rait, D. S. (2000). The therapeutic alliance in couples and family therapy. *JCLP/In Session: Psychotherapy in Practice*, 56(2), 211-224.
- Rasera, E. F., & Japur, M. (2004). Desafios da aproximação do construcionismo social ao campo da psicoterapia. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 431-439.
- Relvas, A. P. (1996). A co-construção da hipótese sistêmica em terapia familiar. *Análise Psicológica*, 4(14), 563-579.
- Rezende, P. C. M., Oliveira, L. G., & Gomes, L. R. S. (2013). Cartas Reflexivas: Um recurso de intervenção em Psicologia Educacional. *Psicologia da Educação*, 37, 43-50.
- Santos, M. M. L. (2008). Equipe reflexiva em psicoterapia de família: Diferentes olhares sobre as diferentes configurações da família contemporânea brasileira. *Revista IGT na Rede*, 5(9), 143-167.

- Selvini, M. P., Boscolo, L., Cecchin, G., & Prata, G. (1980). Hypothesizing-circularity-neutrality: Three guidelines for the conductor of the session. *Family process*, 19(1), 3-12. doi.org/10.1111/j.1545-5300.1980.00003.x
- Silva, M. P. (n.d.). *Equipe reflexiva, quais as diferenças que criam diferenças?* (Trabalho de conclusão de curso de especialização). Instituto de Terapia Familiar do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado de <https://www.igt.psc.br/ojs/include/getdoc.php?id=1074&article=51&mode=pdf>
- Silverstein, L. B., Auerbach, C. F., & Levant, R. F. (2006). Using qualitative research to strengthen clinical practice. *Professional Psychology: Research and Practice*, 37(4), 351-358. doi: 10.1037/0735-7028.37.4.351
- Smith, T. E., Sells, S. P., & Clevenger, T. (1994). Ethnographic content analysis of couple and therapist perceptions in a reflecting team setting. *Journal of Marital and Family Therapy*, 20(3), 267-286.
- Smith, T. E., Winton, M., & Yoshioka, M. (1992). A qualitative understanding of reflective teams II: Therapists' perspectives. *Contemporary Family Therapy*, 14, 419-432.
- Smith, T. E., Yoshioka, M., & Winton, M. (1993). A qualitative understanding of reflecting teams I: Client perspectives. *Journal of Systemic Therapies*, 12(3), 28-43.
- Sparks, J., Ariel, J., Coffey, E. P., & Tabachnik, S. (2011). A fugue in four voices: Sounding themes and variations on the reflecting team. *Family Process*, 50(1), 115-128.
- Sprenkle, D. H., Davis, S. D., & Lebow, J. L. (2009). *Common factors in couple and family therapy: the overlooked foundation for effective practice*. New York: The Guilford Press.
- Taibbi, R. (2010). *Fazendo terapia familiar: Habilidade e criatividade na prática clínica*. São Paulo: Roca.
- Tudge, J., & Frizzo, G.F. (2002). *Classificação baseada em Hollingshead do nível socioeconômico das famílias do Estudo Longitudinal de Porto Alegre: Da Gestação à*

- Escola* (Manuscrito não publicado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Porto Alegre, Brasil.
- Vasconcellos, M. J. E. (2012). *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência*. Campinas: Papyrus.
- Vidal, A. C. B. (2006). A diferença que fez a diferença: o uso incomum da equipe reflexiva de Tom Andersen. *Pensando Famílias*, 10(2), 117-134.
- Williams, L., & Auburn, T. (2016). Accessible polyvocality and paired talk: How family therapists talk positive connotation into being. *Journal of Family Therapy*, 38, 535-554. doi: 10.1111/1467-6427.12096
- Willott, S., Hatton, T., & Oyeboode, J. (2012). Reflecting team processes in family therapy: A search for research. *Journal of Family Therapy*, 34, 180-203. doi: 10.1111/j.1467-6427.2010.00511.x
- Yin, R. K. (2009). *Case study research: Design and methods* (4a ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.

Anexo A



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar voluntariamente do projeto de pesquisa **Percepção de Clientes sobre a Terapia Familiar com Equipe Reflexiva**, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Isabela Machado da Silva. O objetivo desta pesquisa é compreender como os clientes percebem o uso de equipe reflexiva em terapia familiar. O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A sua participação se dará por meio de duas entrevistas: uma coletiva, da qual você participará junto com a sua família, e outra individual. As entrevistas poderão ser realizadas no próprio CAEP, no Instituto de Psicologia ou em sua residência, conforme lhe for mais conveniente. Espera-se que cada entrevista dure em torno de uma hora. As entrevistas serão gravadas em áudio.

Talvez você se sinta desconfortável ao se lembrar de episódios ocorridos em sua terapia. Caso isso ocorra, você pode interromper a entrevista ou solicitar não responder a qualquer pergunta que lhe for apresentada. A pesquisadora que está lhe entrevistando é uma psicóloga formada e está disponível para conversar sobre o que aconteceu ou para contatar seu terapeuta caso você prefira. Talvez você também se sinta desconfortável em avaliar os métodos utilizados em sua terapia. Gostaríamos que você soubesse que tanto os aspectos positivos como os negativos que você tenha a compartilhar sobre sua terapia são igualmente importantes para nós. Entendemos que os comentários negativos não são críticas, mas informações valiosas para que possamos melhorar o atendimento às famílias que nos procuram no CAEP e a formação dos profissionais que trabalham conosco. Além disso, esperamos que esses momentos de entrevista lhe permitam refletir sobre sua trajetória terapêutica e que lhe sejam úteis.

O(a) Senhor(a) pode desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a), sua família ou o atendimento que lhes é prestado no CAEP. Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração. Todas as despesas que você - e seu acompanhante, quando necessário - tiver(em) relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (tais como, passagem para o local da pesquisa ou alimentação no local da pesquisa) serão cobertas pelo pesquisador responsável.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você deverá buscar ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: **Isabela Machado da Silva**, no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, no telefone **(61) 995760612**, disponível inclusive para ligação a cobrar, ou escreva para o e-mail: isabela.ms@gmail.com

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br ou cepfsunb@gmail.com, horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs,

de segunda a sexta-feira. O CEP/FS se localiza na Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte.

Caso concorde em participar, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor (a).

Nome / assinatura

Pesquisador Responsável
Nome e assinatura

Brasília, ____ de _____ de _____.

Anexo B

Nome:
 Idade:
 Sexo:
 Escolaridade:
 Estado Civil:
 Renda:

Imagine que você tenha que explicar o que é a Equipe Reflexiva para uma pessoa que vai iniciar o atendimento com esse método:

- O que você considera de mais importante a ser passado?
- O que você diria sobre:
- Como a Equipe Reflexiva funciona?
- O que você percebe como os pontos positivos da Equipe Reflexiva?
- Quais você percebe que são as principais dificuldades em uma terapia com Equipe Reflexiva?
- Você já participou de outras psicoterapias além da terapia familiar com Equipe Reflexiva?
- Se sim, como a terapia com Equipe Reflexiva difere das outras?

Como você considera a participação da Equipe Reflexiva considerando o seu processo psicoterapêutico?

- De que forma você foi informado que seria utilizada a Equipe Reflexiva nas sessões familiares?
- De que forma você foi apresentado à Equipe Reflexiva?
- Quais foram seus pensamentos e sentimentos iniciais?
- Esses pensamentos e sentimentos sofreram mudanças ao longo das sessões?
- Quais?
- Qual é a sua opinião atual sobre o uso de Equipe Reflexiva em terapia familiar?
- Houve algum momento marcante, durante as suas sessões de terapia familiar, que envolvesse a Equipe Reflexiva? Descreva.
 Valor atribuído à Equipe Reflexiva pelo cliente:
- O uso da Equipe Reflexiva na terapia foi/é importante para você?
- Em que momentos?
- O que você já aprendeu e/ou aprende com a Equipe Reflexiva?
 Percepção do cliente sobre as limitações da Equipe Reflexiva:
- Já houve um momento no qual a Equipe Reflexiva não funcionou?
- Em que momento(s)? (Descreva esse(s) momento(s))
- Já houve um momento no qual você sentiu que a Equipe Reflexiva foi inapropriada ou inadequada?
- Em que momento(s)? (Descreva esse(s) momento(s))
- Já houve um momento no qual os membros da Equipe Reflexiva discordaram entre eles?
- Descreva esse(s) momento(s).
- Como você se sentiu nesses momentos?

Percepção do cliente sobre os membros da Equipe Reflexiva:

- Você mudaria algo na Equipe Reflexiva ou sua forma de atuação?
- Que tipo de relação você tem/tinha com a Equipe Reflexiva?
- Que tipo de relação você espera/esperava ter com a Equipe Reflexiva?
- Para você, importa se a Equipe Reflexiva é, em sua maioria, composta por membros do sexo masculino ou feminino? Por quê?

Percepção do cliente sobre os coterapeutas:

- Você mudaria algo nos terapeutas ou na sua forma de atuação?
- Que tipo de relação você tem/tinha com os terapeutas?
- Que tipo de relação você espera/esperava ter com os terapeutas?
- Para você, importa se os terapeutas são membros do sexo masculino ou feminino? Por quê?
- Para você, há diferença entre a relação que você tem/tinha com os terapeutas e a relação que você tem/tinha com os membros da Equipe Reflexiva? Quais são essas diferenças?